“Fazes o que tu queres a de ser tudo da lei. Lei é amor, amor sob vontade” Aleister Crowley

Prólogo:

Meu filho,

Essa minha história será contada para qualquer pessoa que precisar dela, todavia, você terá o privilégio de ser o primeiro a ouvi-la, em vista disso, eu espero que tire o melhor proveito e consiga entender, por intermédio de exemplos nítidos da minha vida pessoal, que liberdade e libertinagem são conceitos totalmente diferentes, sendo que, para mim, o primeiro é uma busca tão constante que chega a ser utópica e o segundo um modo de vida no qual insisto até hoje em carrega-lo, mas em intensidades menores a cada dia. Digo isso sem conceituar a minha vida libertina como certa e errada, boa e má, porque tais dualidades, para uma pessoa libertina, são apenas modos da sociedade controlar-nos e qualificar-nos como certo, ou seja, aquele que está enquadrado na sociedade, ou errado, a pessoa que está fora dela. Enfim, eu teria o imenso prazer se você, meu filho, chegasse ao final deste texto entendendo que toda libertinagem que vivi e ainda vivo de certo modo, foi uma construção social e que à medida que minha história avança, através de uma exemplificação clara, você perceberá que o ambiente, as amizades e minha indignação por meus pais serem quem foram me tornaram uma pessoa devassa, contudo, mais ainda eu adoraria que você não só entendesse os dois principais temas: o que é libertinagem e porque ser livre é utópico, desejo que entenda também que a vida que cada um vive é bem mais complexa do que apenas o conceito de bem e má, ou certo e errado, eu gostaria que aprendesse a não julgar ou qualificar a vida de ninguém, porque se ela vive daquele jeito tem uma razão e independente desta razão sempre respeite, seja a decisão dela viver assim ou o meio social que a influenciou.

Antes de começar o texto em si, eu já posso lhe dizer: “Cuidado! É muito perigoso o saber!” e devo acrescentar “Ele pode matá-lo ou deixá-lo doente demais”. Parece que estou me dispondo de uma hipérbole da qual todo poeta se acha no direito de usar a fim de fazer o texto ficar mais conceitual, contudo, neste caso eu não estou fazendo qualquer referência a uma artimanha literária, porque realmente pode leva-lo a loucura ou ao suicídio e eu não sei qual dos dois é o pior. Eu fui libertino. Fui machucado pela vida e antes de morrer deixo meu legado para que todos saibam quem eu fui: um grande imbecil, eu deveria ter mantido “a sanidade mental”. Desculpe-me se fui muito incisivo no que disse até agora, mas acabei me tornando um velho chato e rabugento e a única coisa que me resta é reclamar, pois eu já trabalhei demais por dinheiro que não valia apena; eu já me escondi na escuridão da madrugada onde nunca pensariam em me procurar e eu não sabia ou não me importava, por muitas vezes, em procurar a saída; já me trancafiei em casa por vários dias por milhões de motivos; já pensei demais; já li muito e escrevi pouco; já estudei por horas a fio assuntos indigestos e agora só me falta reclamar demais para morrer feliz nesse leito de hospital, para habitar o mundo dos mortos e renascer das cinzas do meu cigarro! Como uma fênix! Perdoe esse pobre enfermo por brincar com as palavras, estou me utilizando da minha faculdade mental enquanto ainda a tenho intacta.

Ass: Seu querido pai, Herr Bürgen.

PRIMEIRA PARTE: A LIBERTINAGEM.

Capítulo um.

Essa história deveria começar do começo, por isso eu acho válido expor minha relação com meus pais. Meu pai se casou com minha mãe, porque o pai dela era um militar muito rico e famoso que o levaria para o mesmo caminho se cassasse com sua filha. Minha mãe, por sua vez, era uma empresária de sucesso que levou a empresa da família para cima; era uma mulher de fibra que infelizmente acabou sendo corroída pelas ideias conservadoras do meu pai e por ordens se sucumbiu a ser uma mulher de família que ficava em casa e cuida dos filhos, isso a levou a se afogar no álcool, especificamente o vinho tinto do qual ela tanto adorava. Bem, por conta do álcool minha mãe se afastou consideravelmente da minha educação, deixando-a para meu pai, um homem bruto e cheio da razão. Meu pai me educava (ou pelo menos tentava) somente por meio de ordens o que acabou nos afastando cada vez mais até ficar nula essa relação. Para entender melhor essa relação ai vai um exemplo: meu pai para conter a raiva batia nas paredes, um dia ficou com tanta raiva que quebrou a porta do banheiro onde eu me escondia dele. Não se preocupe meu filho, eu saí pela janela antes que ele me capturasse. Já minha mãe assistia a cena da cozinha, com sua taça de vinho cheia de desesperança e fadigada. Não posso dizer muito sobre minha mãe. Eu a entendia. Seu pai a fizera casar e o casamento a consumiu, a gravidez a fadigou, a fazendo perder todas as esperanças de uma empresária de sucesso, no entanto, ela não culpava somente seu pai, culpava também a si e a todos que estavam a sua volta. Eu sentia que seu amor de mãe estava esvaindo aos poucos, deixando, assim, a depressão tomar conta da sua vida. A força que outrora existia em seus olhos se esvaziavam e pouco a pouco eu não a via mais. Ela se infortunava no quarto por dia, o que fazia com que a casa ficasse uma bagunça, por conseguinte, meu pai ficava cada vez mais violento. Várias vezes ele ameaçou bater nela e eu com apenas seis anos de idade me jogava na frente da briga para ele não bater nela. A confusão estava armada. E foi assim até o final da ditadura no Brasil quando tivemos que fugir do país.

Nasci sem consciência social, sem roupas e sem nada, mas ainda, não me lembrava de muita coisa da minha infância. Hoje, porém, sei que essa consciência social da qual tanto almejava ter, vinha primeiro dos meus pais e depois do mundo onde vivia, ou seja, Alemanha. Meus pais, por sua vez, me ensinaram a como não ser e a sociedade alemã a como ser forte, pois ser um estrangeiro em terras alemãs não era tão fácil assim, quanto mais naquela época. Ai vai um clássico exemplo de como meus pais me ensinaram a como não ser: na nossa viagem para Alemanha perguntei meus pais o porquê de estarmos nos mudando para ali, meu pai, na sua tentativa de explicar, disse em alto e bom tom para todos que quisessem ouvi-lo e aqui repito suas exatas palavras “por que Brasil é terra de ninguém”. Foi à única explicação que tive e minha primeira consciência social. Eu passava longos períodos num hotel requintado alemão, até meus pais se firmarem e comprarem uma casa no centro de Berlim, perambulando pelos aposentos e conversando com os hospedes. Já que, eu era muito pequeno para sair pela cidade e ver o mundo pelas minhas próprias lentes sociais, eu ficava ali no meu perímetro limitado por algumas paredes, dividido por aposentos onde podia observar e ouvir o mundo pelas lentes de outros viajantes ambulantes. Foi nesses desbravamentos e nessa atmosfera que tive vários “professores” que me ensinavam línguas diferentes e sobre a vida, foi também onde eu comecei a criar uma visão mais ampla da vida logo cedo. E tudo isso me promoveu uma nova consciência social, para além da visão restrita e preconceituosa de meus pais.

A primeira professora foi Frau *Giskeødegård.* Com ela *c*omecei a aprendendo norueguês, alemão e sua respectiva cultura, história e etc. depois inglês, francês, sueco, russo, árabe e outras línguas, quando eu tinha dezesseis anos eu já era fluente em pelo menos cinco línguas e intermediário em várias outras. Para deixar bem claro, foi difícil eu conseguir entrar em uma escola regular alemã por n motivos, sendo o motivo principal eu ser brasileiro. Por isso, não tinha muitos amigos fixos por estes serem viajantes noturnos. Minha turma normalmente eram casais em lua de mel, normalmente casais descompensados, e\ou vagabundos filhinho de papai que estavam de passagem por Berlim. Portanto minha vida social até meus quinze anos era muito limitada. Passaram-se exatamente oito anos desde nossa chega ao país germânico e meu pai conseguiu um emprego numa grande empresa alemã. fomos morar bem no centro de Berlim. Um belo dia de um típico verão alemão, eu vagabundava pelas ruas nos arredores de minha casa, quando um francês alto veio em minha direção para pedir uma informação. Eu deveria ter quatorze anos de idade, naquela época, e era um garoto até alto para minha idade, bem caucasiano, de olhos claros, o que provavelmente confundiu o francês. Ele pensou que eu fosse um moleque alemão qualquer, então balbuciou algo em alemão que não entendi, pouco depois perguntou se eu falava francês e disse que sim. Pediu-me a informação e saiu correndo pela rua para atravessar à calçada. Eu não tinha prestando tanta atenção nesse homem francês, por isso, eu estou dando pequenos detalhes de sua aparência, entretanto, o que me chamou mais atenção era que ele lia um livro de um escritor chamado Karl Marx. Lembro-me bem, pois não só achei o nome engraçado, mas o que me chamou mais atenção foi foto de um moço aparentemente velho e de barbas longas e brancas. Como não tínhamos a disponibilidade da internet como vocês têm hoje, fui à biblioteca pesquisar a vida desse autor. Eu já gostava de ler mesmo, normalmente livros de ficção, seria mais um aventura pela qual passaria em meu tempo livre.

Foi por meio desse francês e pela minha aguçada curiosidade que sempre a tive, graças a Deus, cheguei ao ponto crucial da minha, (e aqui repito), consciência social. Naquele ano, que pelos meus calcular era mais ou menos o final dos anos noventa e um, ano antes de eu finalmente ingressar na escola regular alemã devido ao emprego do meu pai, eu comecei ler um pouco sobre sociologia. Com a ajuda da bibliotecária, que por espanto e admiração ao ver um moleque tão pequeno lendo livros tão complexos, consegui entender a dinâmica social e além de entender que nem todos os sociólogos seguiam a linha de Karl Marx. Aos poucos e tendo somente a bibliotecária para discutir comigo esses assuntos pude compreender o mundo de uma forma um pouco mais completa. Assim passei um ano inteiro indo à biblioteca municipal de Berlim, debruçado sobre livros complexos durante o dia e quando o sol se punha saia com a bibliotecária para tomar um sorvete e discutir questões sociais. Foi o começo de uma longa jornada de conhecimento e podemos dizer que passei períodos longos em cima de livros, não somente de sociologia, porém filosofia, artes e literatura. Lembrei-me agora de um fato que encaixa perfeitamente nesse momento da minha escrita, pois envolve a bibliotecária e também corrobora com minha teoria que meus pais me ensinaram a como não ser. Bem, certo dia estava eu lendo um livro de história que relatava através do tempo todos os países que já foram socialistas e por meio desse livro descobri a história de cada um desses países. Mais tarde como habitual eu e a bibliotecária, Mary, discutíamos um pouco de Karl Marx quando entramos no assunto pelo qual percorríamos quase todas as vezes que entravamos nesse assunto. Ela achava que o comunismo era utópico e eu, não sei se pela minha ingenuidade ou não, pensava que não. Assunto vai e assunto vem, não percebi as horas passarem.

Minha mãe já estava preocupada e mesmo praticamente bêbada cambaleando pela cidade chegou à sorveteria na qual estávamos conversando, não era muito longe de casa, justamente na hora que a conversa estava fervilhando. Eu já estava exaltando e Mary tentando argumentar sob meus bufos de incredibilidade no que dizia. Minha mãe chegou exatamente na hora que explicava todos os benefícios que o comunismo gerou, não somente para a economia cubana e para seu povo. Antes de Mary opinar minha mãe apareceu, puxou-me pelo colarinho para si e perguntou: “Que merda é essa de Cuba? Está aprendendo essas coisas de vagabundo com quem?”. Para ficar claro, ela falou isso não somente num tom alto, mas em alemão. Todos olharam para nós, a confusão estava novamente armada. Ela nem olhou para quem conversava comigo, não houve tempo de Mary esclarecer as coisas, porque minha mãe foi mais sorrateira. Ainda me segurando pelo colarinho me arrastou para fora da soverteria e me levou para casa a ponta pés.

Naquele dia em diante entendi que meus pais eram apenas ovelhas que seguiam uma manada e essa manada era o capital. Dito isso, compreendi que não poderia perder meu tempo ouvindo seus berros. Todavia, as coisas ficaram difíceis para mim, depois daquele dia eu estava por tempo indeterminado preso e de castigo dentro de casa. Isso logo mudou quando o ano terminou e era provavelmente no começo de dois mil, quando finalmente eu entrei na escola regular alemã. Depois de fazer alguns testes entrei logo na mesma serie que entraria se estivesse em meu país de origem. Poupá-lo-ei de todo e qualquer detalhe maçante de ser um estrangeiro numa escola alemã, pois é óbvio que passei por poucas e boas nas mãos de alguns rapazes, principalmente do time de futebol. Não sei se é obviou para você, mas para mim que estava sendo constantemente alvo de piadas e risadinhas somente pelo fato de ser brasileiro, é um pouco redundante dizer isto. Ouvia diariamente as frases como “volta para sua terra, brasileiro imundo” ou “porque você é branco, brasileirinho inútil”.

Porém, o mais interessante fato, que me lembro até hoje e que mudou minha vida por completo, foi quando aconteceu a nevasca de dois mil e um. Eu tinha meus quinze para dezesseis anos e isso acorreu em janeiro, caiu tanta neve que a escola foi obrigada a fechar, mesmo assim tentei uma nova rota até chegar à escola, já que precisava entregar e pegar livros. Utilizei-me do mapa da cidade que meu pai tinha orgulhosamente pregado na porta de seu escritório. Descobri uma rota pela estrada que se eu for traduzir aqui, vai ficar como estrada do rei. (deixa assim mesmo). Nesta famosa estrada do rei passei por um Pub cuja placa estava escrita bem no topo em vermelho *Brasilianer* e a bandeira do Brasil pendurado na lateral. Naquele dia em especial estava tocando uma música linda no idioma português brasileiro cujo título, eu fui saber depois, era “preta pretinha” da banda intitulada Novos Baianos. Aquela música me trouxe um sentimento de liberdade, eu podia sentir o cheiro da mudança vindo, o cheiro de ideias novas e novos amigos, mas não podia perceber isso tão nitidamente como percebo hoje, e que apesar daquilo ser o cheiro da libertinagem e não liberdade, ainda tinha um odor maravilhoso de modernidade. O lugar me cativou tanto que não pude tirar aquela música da minha cabeça, fiquei o dia todo assobiando a mesma canção. Eu queria voltar naquele pub, mas meus pais não poderiam saber, portanto para que eles não descobrissem que desviaria meu caminho para escola, eu armei um plano: passei a ir ao pub somente nos dias de leitura na escola, que eram dias alternados e na semana de projeto, que era um dia que todas as turmas de várias séries se misturavam para aulas expositivas de um tema especifico e o aluno escolhia o tema que decidiria participar. Como minhas notas eram boas eu não precisava ir naqueles dias; normalmente, eu ficava na biblioteca lendo, porque meus pais não me deixavam faltar aula.

Bem, você, meu filho, deve estar agora, ao ler isso, se perguntando mil coisas ao mesmo tempo, por isso me deixe esclarecer algumas das perguntas que deve estar se passando na sua cabeça; um: meus pais não aceitavam nada que vinha da cultura brasileira, portanto, estar nesse bar e encontrar pessoas como eu estava fora do desejo deles para mim; dois: tudo isso era importante para mim não somente por fazer amigos, contudo também para ser o que mais tarde fui entender o que significava “ovelha negra da família”. Como disse, não queria ser apenas uma ovelha da manada, por conseguinte, eu teria que me rebelar um pouco, mas as coisas saíram do controle. Na escola eu não tinha muito, na verdade, não tinha amigos como disse anteriormente e na escola particular de Berlim não foi diferente só que essa vez eu fazia parceria com um garoto bem interessante chamado Frederick Müller, um grande amante de revistas em quadrinhos da Marvel. Fred tinha um típico semblante alemão e era a única pessoa que conversava comigo na escola. Mas não o considerava amigo, vai entender o motivo daqui a pouco. Nós ficávamos sentados nos intervalos entre aulas e recessos em lugares estratégicos para não levarmos uma surra dos valentões. Normalmente ouvíamos musicas alemãs ou americanas enquanto eu lia meus livros e ele seus gibis, exclusivamente da Marvel. Nós não trocávamos muitas palavras somente quando precisávamos escolher ou trocar de música*.* Como ele era meu único “amigo” e precisava de um parceiro para tomar coragem de ir ao Pub. Meio desajeitado eu comecei, tropeçando nas minhas palavras:

\_ É... Müller... É que encontrei um pub e pensei que nós poderíamos ir. Que tal?

Ele me olhou confuso sem saber se eu o estava chamando realmente para pub. Após alguns minutos de reflexão disse que aceitaria ir comigo. Chegamos lá era uma hora da tarde e já estava lotado de alunos da nossa escola dançando samba de raiz como se fossem todos brasileiros ou como se soubessem dançar samba de terreiro. Mesmo sem eu ter um patriotismo ou sabe o que era samba de terreiro aquilo me incomodou. Pegamos para nós uma mesa no fundo e pedimos champanhe para beber, como não erámos acostumados a beber álcool decidimos beber algo mais leve. O lugar era bem decorado, mas seu interior parecia como qualquer outro bar alemão, com mesinhas, poltronas, um balcão com alguns banquinhos. Eu esperava algo diferente, para ser sincero. Surpreendentemente um garoto da escola, que nos viu ali sentados com cara de tacho e obviamente deslocados, veio conversar conosco. Seu nome era Lucas e achei sua atitude um pouco estranha já que nunca falou conosco durante o período escolar. Bem, conversamos sobre coisas habituais que todo aluno conversa, ou seja, matérias, testes e fofocamos um pouco sobre os professores. Porém o mais interessante daquela conversa foi que ao papearmos senti que Lucas, que sentava na botina ao meu lado, se aproximava de mim, ao ponto que chegou tão próximo que seus joelhos tocaram no meu, depois sua mão levemente tocou minhas pernas. Eu era um rapaz consideravelmente inteligente, mas para situações sociais eu não tinha muito apreço, o que me fez procurar depois nos livros algo sobre sentimentos entre garotos e achei vários livros sobre o assunto, literários ou teóricos. Mas, na verdade, ao seu toque senti que me excitava bastante e isso nunca aconteceu comigo antes, não sabia onde enfiar minha cara, eu tentei manter a pose, contudo não iria conseguir, eu iria gozar ali mesmo, se não fosse por Lucas que levantou bruscamente e falou que iria fumar um cigarro do lado de fora.

Quando voltou me perguntou se eu gostava de ler, pois sempre me via com um livro no intervalo. Achei aquela pergunta interessante, porque ninguém tinha se interessado por mim antes. De primeira fiquei receoso em dizer, para falar a verdade, já que as pessoas não entendiam muito bem meu gosto literário por autores como Fyodor Dostoievsky ou Fanz Kafka ou Edgar Allan Poe ou George Owell. Até os entendo, porque minhas escolhas literárias são um pouco mórbidas para um adolescente. Minha mãe, por exemplo, era primeira a estranhar minhas leituras, pois ela lia essas coisas “bonitinhas”, formosas e cheias de rimas simétricas e marteladas, uma leitura, no mínimo, parnasiana demais para meu gosto. Contei-o que estava lendo Notas do subterrâneo de Dostoievsky e ele me contou que lera na revista leitura e música sobre uma intepretação de um crítico espanhol que fazia análises psicológicas dos personagens de Kafka e Dostoievsky. Não sabia que ele também gostava de literatura, lembro-me de que quando falou isso eu olhei bem para ele e pensei ”ele é até bonitinho”. Entenda que era meu primeiro contanto com meus desejos sexuais e ainda por alguém do mesmo sexo que o meu. Eu estava confuso, perdido e excitado. Controlei-me e falei com ele para qualquer dia desses me emprestar à revista, ele consentiu e saiu sem antes me lascar um beijo no rosto esquerdo.

Quando cheguei à minha casa percebi que estava sozinho. Ao primeiro momento me senti assustado, já que tinha sempre alguém em casa, mas aos poucos foi me sentindo aliviado e despreocupado. Lembrei que minha avó estava na Alemanha e ela gostava de ficar em hotéis. Meu pai, provavelmente, estava fugindo da sogra com a desculpa de reuniões em outras cidades, o que, na verdade, pouco depois fiquei sabendo que ele somente ficava num quarto de hotel bebendo ou xavecando outras mulheres da cidade em que estava. Minha mãe, por sua vez, ficava com minha avó no hotel por alguns dias, então tinha a casa para mim. Sentei no sofá, tomei o uísque do meu pai e comecei a ler alguma coisa que logo me deu sono, então fui para o quarto dormir.

Ao adormecer levemente ouvi uma pedrinha atingir a janela do meu quarto, eu levantei imediatamente e olhei ao redor, abri a porta para identificar que ninguém mais teria ouvido o mesmo barulho que eu e somente depois de fechá-la me lembrei de que não tinha ninguém em casa. A segunda pedra fez um barulho maior. Corri até a janela ainda atordoado pela adrenalina de sentir que estava fazendo algo “errado” ou “imoral”, porque ainda estavam arraigados em mim estes sentimentos oriundos de meus pais. Eu vi só uma sombra de roupa preta e branca, a pessoa sussurrou algo que não entendi, entretanto reconheci a voz sendo de Lucas. Fiz o sinal indicando que ele se dirigisse a porta da frente. Eu ainda estava de pijamas, mas não me lembrei desse fato, fui mesmo assim ao seu encontro. Meu coração batia muito forte, estava suando intensamente, apesar do frio do inverno, sentia dormência em meu corpo todo e meus pensamentos não estavam fazendo o menor sentido. Fui à porta atendê-lo e ele estava vestido com um terno sob medida branco, calças brancas, um tênis All Star preto e uma gravata preta. “Ele realmente ficou lindo naquele estilo”, pensei comigo mesmo. Eu ainda não entendia o que aquele garoto representava para mim, porém toda vez que ficava do meu lado eu me excitava todo. Ele sorriu a me ver de pijamas e copiando suas exatas palavras, ele acrescentou no bom e velho português “meu saco vai congelar nesse frio” como se dizendo “não vai me deixar entrar?”. Todavia, mal tive tempo de dizer qualquer coisa, ele me emburrou um pouco com seu corpo magro e foi entrando porta adentro como se fosse íntimo da casa. Pensei, quase resmungando baixo para mim mesmo “meu pai tinha razão em uma coisa: Brasileiro é espaçoso e folgado mesmo”. Lucas sentou no sofá importado e de couro italiano, jogou suas pernas sob a mesinha de centro e perguntou por uma bebida. Tentando me manter civilizado perguntei em alemão o que ele estava fazendo em minha casa, ele sorriu, dessa vez, seu sorriso irradiou a casa e me cativou tanto que não me incomodei mais com sua presença; e respondeu “pensei que ficaria feliz em me ver!”.

De quando em vez eu olhava de um lado para o outro ainda achando que meus pais poderiam sair do quarto a qualquer momento, contudo essa preocupação á medida que eu e Lucas conversávamos se espaçava de tempo até voltar e logo diminuir para um espaço de tempo quase confortável. Isso se chama ataques de pânico. Depois de muita conversa, a meia noite ele me chamou para irmos ao pub Brasilianer. Eu achei muito tarde para sairmos, mas ele tirou do casaco do terno branco uma revista cujo título traduzido era literatura e suas beijocas, e na capa estavam os rostos escritores mais emocionantes da literatura mundial, pelo menos para mim, que eram George Owell e Mary Shelly. Era lógico que queria a revista e Lucas me emprestaria somente se fossemos ao pub. Não tive escolha a não ser aceitar. Fui me arrumar e a cada segundo Lucas uivava lá de baixo me apressando.

Até a metade do caminho Lucas foi calado fumando seu cigarro enquanto enrolava um mato fedorento. Quando ele terminou, eu o perguntei, em português, sobre Cuba, o comunismo e Che, e fomos o resto do caminho nesta ideia. Um pouco antes de chegar à conversa se esquentou. Foi o mesmo caso que aconteceu com a Mary, bibliotecária, estávamos na parte da discussão sobre realidade ou utopia. A conversa ficou tão boa que fomos até o bar compramos uma bebida e voltamos para rua gelada para continuar a conversa. Obviamente ele queria me impressionar e eu me senti levemente seguro ao seu lado, por isso permiti a sua entrada na minha vida. Sentados no chão cálido alemão da rua do rei continuamos por horas a fios nossa discussão. Cada um, sentado de pernas cruzadas um olhando para o outro e com a bebida da escolha de Lucas no meio.

Eu discursava alto e ébrio os benefícios, por exemplo, na educação de Cuba, que o socialismo proporcionou e Lucas discursava no mesmo tom os malefícios que o comunismo trouxe para Cuba, como a pobreza e as pessoas que foram a óbito pelas mãos de Fidel Castro. Algumas pessoas que passavam na rua nos tachavam como loucos, porém, ele era a única pessoa com a qual eu poderia conversar assuntos como esses. Não sei como, porém chegamos ao grande impasse teórico. Lucas não era contra o comunismo, somente o achava um tanto utópico. Depois de um silêncio ensurdecedor, todavia produtivo, pois ele entrelaçava seus olhos no meu e eu gostava do que estava acontecendo, começamos a conversar sobre outros assuntos, partimos para filosofia e depois um ranque dos melhores literatos do mundo. Os temas voavam, abríamos muitos parênteses e não conseguíamos concluir um assunto sequer. Mal chegamos ao bar e já estávamos excitados e suados naquele inverno tenebroso.

Lucas levantou-se para pegar no maço o cigarro, que tinha enrolado anteriormente, e logo fiquei sabendo que era chamado de Cannabis. Usou a desculpa de levar-se para sentar ao meu lado. Deu um longo trago e me passou o Beck, ele olhou para mim e viu no meu rosto uma incógnita querendo saber o que faria com aquele pedaço de papel. Ele me explicou seus efeitos e me ensinou a tragar. Na primeira tentativa tossi tanto que pensei em não usar mais aquilo, todavia uma radiante onda começou a esquentar minhas entranhas, me deu uma vontade de rir do nada e um leve relaxamento nos meus músculos por completo. Já no segundo trago me senti mais livre, relaxado e meus pensamentos estavam numa velocidade supreendentemente calma, porém, intensa e tudo isso ou mesmo tempo.

Fumamos aquele Beck todo e quando acabou Lucas ainda calado recostou seu ombro no meu. Podia sentir o cheiro de coco vindo do seu cabelo, o cheiro da sua testosterona esporrando pelo seu suor, nós ficamos calados assim por uns minutos. Senti uma grande vontade de alisar seus cabelos e como ainda estava sobre o efeito do Cannabis que acabávamos de fumar me senti livre para fazê-lo. Seus cachos eram macios, sua pele um pouco áspera, uma textura perfeita. Minha mão agora já estava alisando seu rosto, meus dedos circulavam sua boca. A rua estava deserta por causa do frio. Ele me deixou explorar seu corpo levemente, enquanto deliciava a companhia e relaxava nos meus ombros. A cena se estendeu por alguns minutos quando fomos interrompidos por um vagabundo qualquer querendo nossa bebida e pedindo cigarros. Nós ajeitamo-nos, e como a bebida estava no fim demos a bebida e dois cigarros, mas o vagabundo não queria ir embora começou a fazer perguntas inconvenientes como “vocês são namorados?”, logo nos desvencilhamos dele.

Não sei se foi uma ingenuidade da minha parte ou apenas um desejo reprimido de conhecer melhor não somente as ideias de Lucas, mas também seu corpo magro, pele pigmentada, mas não tanto assim, olhos claros e cabelos lindos e cacheados, eu o convidei para ir a minha casa já que não tinha ninguém lá. Ele aceitou prontamente a ideia e decidiu ir sozinho ao bar pegar mais uma garrafa de álcool da sua escolha, na verdade, voltou com duas. No meio do caminho o perguntei como conseguia comprar bebida tão fácil, ele me respondeu que o dono do bar era parte de sua família e não se importava de agradar o sobrinho.

Enquanto enrolava outro Beck, fomos dialogando com a filosofia clássica, o que transformou em outra discussão árdua, elegante e entusiástica. Eu não era fã dos clássicos, tinha minha visão mais Nietzschiana, o que caímos na clássica discussão do que seria moral e ético. Chegamos a casa, Lucas se assentou no mesmo lugar de sempre com suas pernas descansadas sobre a mesa de centro e eu sentei ao seu lado. O silêncio se manteve pela sala, enquanto ele ascendia seu Cannabis e novamente recostava seu ombro no meu. Dessa vez sua mão foi para minha perna um pouco acima do joelho. Segurei sua mão e tentei apreciar a textura, os sabores e as suas maliciosas intenções. Com calma e um jeito mais desengonçado o disse que era meu primeiro contato com garotos, não que eu não estava gostando, no entanto, pedi paciência de sua parte. Com um tom sincero disse que não era sua primeira vez, todavia não seria por isso que desperdiçaria sua chance, e agora repito suas palavras, “com um cara inteligente e bonito como você”.

Conversa vai e conversa vem, já eram três da manhã. Caricias vão e voltam a sua origem nos momentos de absoluto silêncio. O ar estava repleto de romance e intelectualidade profana. Sentamos um bem colado no outro, seus olhos novamente interlaçaram no meu, o silêncio, às vezes vinha como uma benção, pois podia me perder dentro de seus olhos azulados meio esverdeado. Nós ficamos um tempo considerável nessa discussão sem palavras. Tudo meu corpo estava em grande excitação, um pouco tenso, contudo, os Becks que fumamos relaxava meu corpo deixando somente o prazer puro e sublime. Avancei com meu braço direito para ajeitar o cabelo dele, pelo menos foi o pressuposto, minha mão esquerda inda estava segurando sua mão em minhas pernas, fazendo carias nela. Quem quebrou o gelo fui eu disse:
\_ Você parece ser a única pessoa que me entende.

\_ Por esse motivo dá afeto a minha pessoa?

\_Acho que não.

\_ Como assim acha?

\_ Tudo isso é muito novo, e pode ser o Cannabis falando mais do que realmente eu, mas sinto coisas que nunca senti antes por um homem.

 \_E eu, juro que estou sendo sincero, sinto algo além do físico com você, algo intelectual, porém não deixa de transpassar para o físico.

E mudando de assunto bruscamente para evitar qualquer constrangimento de ambas às partes eu indaguei.

\_Pode dormir aqui essa noite, meus pais vão demorar a chegar.

Ele me olhou com uma cara de desconfiado que logo fui me explicando.

\_Eu quis dizer dormir, se quiser podemos dividir minha cama para ninguém ter que dormir no sofá, todavia, não me sinto preparado para mais do que dormir.

Ele consentiu, não antes de pensar um pouco sobre minha proposta. Isso já era quatro da manhã e ainda estávamos sentados no sofá sem reação ou desejo algum de sair dali. Lucas calmamente estendeu o braço sobre meus ombros, deixando espaço para que deitasse numa parte de seu ombro e mecanicamente o fiz. Ele acariciava meus cabelos lentamente, o que me excitava cada vez mais. Não tinha como esconder minha excitação. Ele, então, levemente subiu sua mão para minhas coxas, as apertou de leve, o que não precisa ser dito, me excitou ainda mais. Levantei abruptamente, fazendo o afastar-se um pouco de mim, todavia enrosquei meus dedos em sua gravata e o puxei para bem perto de mim. Sua boca estava poucos centímetros da minha, não sei se a situação mais o Beck me fizeram tão ágil e desvergonhado, no entanto taquei-lhe um beijo feroz, porém romântico o suficiente para ele entender que não estava atrás de uma noite louca e sem significado algum.

Depois desse acontecido, ele levantou-se abruptamente do sofá, olhou bem para meu rosto e disse que precisava ir embora. Nem sequer fingiu olhar no relógio para usar isto como desculpa. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa ele já estava na porta falando que nos veríamos mais tarde. Foi o que aconteceu realmente, quando cheguei à escola Lucas estava sentado solitário na escada lateral da escola com um bando de revistas na mão. Presumi que eram para mim, então sentei ao seu lado e perguntei sobre as revistas em sua mão, ele as entregou-me e saiu para sala antes de terminar seu cigarro em silêncio absoluto. Entrou sem falar uma palavra comigo. Já no intervalo entre classes, como sempre estava sentado com Frederick Müller, o galã que me seduzira, sem falar uma palavra sentou ao meu lado. Recostou levemente sua cabeça em meus ombros e como se nada tivesse acontecido perguntou sobre meu dia, o que respondi com apenas uma palavra: monótono. Ficamos ali ouvindo música, eu dividindo o fone de ouvido com Lucas e Frederick que estava absorto em seus gibis por alguns instantes quando Lucas decidiu quebrar o gelo. Disse:

\_Vai ter uma festa no pub brasileiro essa noite, o tema é samba de raiz e jazz. Que tal irmos todos para lá. Vai ser divertido, eu prometo.

Frederick imediatamente saiu de seu transe literário e com uma cara de desanimo falou:

\_ Não podia ser algo mais moderno do que jazz?

\_ Bem, jazz pode ser tão contemporâneo como uma sinfonia de Beethoven... Exclamou Lucas

\_ Não sei muito bem quão moderno isso pode ser, pois minhas escolhas musicais são mais modernas que isso, todavia, me sentiria totalmente desconectado com a turma que vai a esses eventos. Portanto acho melhor me abster de tais eventos.

\_Tudo bem, eu pensei que não iria mesmo. Espero que Mateus (ou seja, eu) vá me fazer companhia.

\_Bem, meus pais ficarão pelo menos até próximo sábado fora e não tenho nada para fazer\_ disse em um tom totalmente casual.

\_ É um encontro então...

E antes de ele especificar o que ele queria dizer com a palavra encontro, ele sumiu por meio da multidão de alunos que transitavam no corredor. Não foram marcados hora nem local de encontro, o que me deixou muito confuso e um pouco frustrado. Não conseguia entender a dele. Ora ele era um rapaz subitamente carinhoso e ora me tratava como qualquer pessoa da escola. Apesar disso tudo, queria muito esse rapaz perto de mim, portanto para impressioná-lo fui à quebrada (é assim como era expressada lugares perigosos que vendiam narcóticos) e comprei umas coisas novas que estavam circulando pelos bairros periféricos. Logicamente antes fiz uma extensa pesquisa sobre essas drogas. Esperei, espiando pela janela a cada cinco minutos, esperando ver Lucas com um visual novo qualquer de uma geração distinta e talvez até extinta. Passaram-se horas a fio de espera quando a campainha tocou. Corri para ver quem era e para minha surpresa Lucas tinha consigo dez pessoas, em sua maioria mulheres mulatas, bem brasileiras com trajes curtos e provocantes, logicamente protegidas por um sobretudo de várias cores.

\_A festa vai começar! ! !\_gritou ele excitado e ainda acrescentou\_ Podemos usar sua piscina, juro que nós vamos nos comportar\_ e virando para todos convidados disse\_ não é galera?

Todos consentiram, puxei Lucas pelos braços e o arrastei até a cozinha. Antes de eu falar qualquer coisa ele começou a suas justificativas que seria uma festinha particular antes de nos juntarmos a multidão do pub. Eu não estava interessado na festa e tão pouco nos convidados. Pouco me importava para eles e eles podiam destruir a casa que eu pouco ligava para isso, o que estava em mente era impressioná-lo, então o puxei novamente, antes que saísse e disse que tinha uma surpresa para ele.

\_Comprei umas paradas em Kreuzberg e parece promissor\_ Disse desajeitado, porém com algum orgulho.

\_ Sério? Pensei que fosse careta como seus pais\_ Disse ele num tom um tanto sarcástico.

\_ Bem, quero me afastar um tanto das ideias conservadoras dos meus pais e achei que poderíamos curtir a novas drogas cinéticas que comprei para nós.

\_ Cara, eu não estou a fim de ficar muito doido hoje não, sinceridade, estou a fim de descolar uma daquelas garotas antes de chegarmos à festa.

\_Claro, não vejo o motivo claro para com que se junte a mulheres tão vazias e desinteressantes, mas se é isso o que quer fazer vá em frente.

Todos meus sentimentos estavam borbulhando depois daquele diálogo, sentia ciúmes, ódio e um disperso intelectual e emocional para com aquele garoto que uma hora tanto me cativara. Tentei, todavia, me desvencilhar desses sentimentos sórdidos e um jeito perfeito para isso era tomar um doce (LSD) e encher a cara de Vodca com suco de limão ou de laranja, nem eu sabia mais o que estava bebendo. Por uma hora e meia fiquei sentando e imóvel, olhando as meninas tirarem a roupa e entrarem a água. O lugar era refrigerado, ou seja, um espaço quente, perfeito para tomar banho mesmo no inferno rigoroso que estávamos passando. Quando subitamente uma onda de calor tropical esquentava meu corpo por inteiro, minhas mãos adormeciam e a piscina estava repleta de cores diferenciadas, as meninas cada uma tinha uma aura com uma cor, normalmente, azulado e esverdeado, mas às vezes roxo com amarelo e preto, o que dava umas luzes torrenciais. Não é fácil descrever a onda, mas a cadeira na qual me recostava afundava cada vez mais, eu sentia meu corpo afundando no abismo infinito que me levava até uma luz radiante, linda e gloriosa. Fiquei ali naquele transe não sei por quanto tempo, provavelmente por muito tempo, pois as meninas já tinham saído e só ficou Lucas que, por sua vez, me tirou do transe ao sentar no meu colo.

Ele puxou meu rosto que estava fixado na piscina e fez com que meus olhos encontrassem o seu. Sem cerimonias perguntou se eu estava bem, tentei falar alguma coisa, porém nada saia da minha boca. Concordei com a cabeça. Preocupado comigo, foi até a cozinha e me deu copos e mais copos de água. Até que me recuperei um pouco e já podia falar normalmente sem dificuldades.

\_ Cara, esse foi o melhor transe que já tive\_ disse aos berros, mesmo sabendo que ele se encontrava no colo e com os braços entrelaçados em mim.

\_Acho que esse não é o melhor momento para conversamos\_ disse ele baixinho em meu ouvido.

\_Bem, não sei o que querer conversar, mas se quiser um transe maravilhoso onde podemos dialogar com nossa habitual conversa, que abrangem questões mais amplas do que você e eu, é só falar. Tenho mais doce aqui.\_ disse totalmente ébrio e fora de mim. Não ligava mais para o que ele tinha aprontado comigo. Não sabia nem o que tinha acontecido, pois estava num transe maravilhoso.

Ele olhou para mim e disse\_ deixe para outro dia, então.\_ pude sentir pelas cores da sua aura que ele estava triste. E quando ele estava quase na porta do local onde ficava a piscina comecei a discursar algo tão eloquente que até fazia sentido.

\_ Espera um instante, pois tenho algo a lhe dizer.\_ respirei fundo e o LSD me deu toda coragem de dizer tudo que estava entalado na minha garganta. Então comecei novamente.\_ Você, sim você mesmo, Lucas Castro, e não venha com surpresas de eu saber seu nome completo. Eu tenho muitas coisas a te dizer e não me interrompa. O LSD não está cobrindo ou escondendo nenhum de meus sentimentos, na verdade, ele aflora cada vez mais o mesmo. Julgo muito claro suas intenções, duvido que elas em qualquer momento tenham como intenção de me prejudicar, todavia, Cara, por várias leituras eu entendo que possa estar mais confuso do que eu. Ou está dissimulando seu sentimento para comigo. Ainda quero saber qual das duas hipóteses é verdadeira, mas antes de me responder quero que entenda que você é o primeiro homem pelo qual me apaixonei de verdade, não somente, pelo seu intelecto, mas também pelo seu jeito\físico. Vamos lá ou você está intimidado pela minha sinceridade ou sente o mesmo que eu. Então, por favor, decida-se logo, pois não aquento mais esse seu jogo de amor e ódio. A linha entre ambos é tênue e eu entendo isso perfeitamente, bem, somente teoricamente, mas entendo \_curta pausa\_ e aí o que tem a dizer?

 A cada passo que ele dava para frente, dois recuavam. Olhei aquela cena pálida, seca de sentimentos, e como não era mais aquele garoto tímido e antissocial, depois da pílula que ingerira, olhei bem para seus olhos e disse para ele se mandar, cair fora e não me procurar enquanto não tivesse uma decisão plausível para o dilema que estava passando. Um mês passou e tudo acontecendo como deveria acontecer: aulas maçantes, intervalos taciturnos com a companhia de Frederick, longas horas nos horários livres e durante momentos que não precisavam da minha presença nas aulas, debruçado sobre livros na biblioteca da escola, escrevia no meu diário, pois era a única maneira de manter meus pensamentos vivos e ter uma discussão saldável comigo mesmo. Além de ocasionais desencontros desconcertantes com valentões da escola, que me ameaçavam a qualquer custa para que eu voltasse para minha terra, como eles mesmos diziam “imundos” e “selvagens”.

Nesse mês, utilizei-me do LSD que ainda restavam, pois tinha comprado uma cartela inteira, para me refugiar das brigas corriqueiras dentro de casa. Como a casa era grande e tinha um sótão mobiliado, novinho em folha, me escondia lá, às vezes, exagerando e colocando para dentro duas ou mais pílulas, isso me fazia permanecer deitado por dia no sofá inglês ou deitado no tapete persa novinho em folha, olhando para o teto ou observando as cores passando pela rua. Não se está claro suficiente para você, meu filho, mas estava usando subterfugio das drogas sintéticas para esquecer meu primeiro amor homoafetivo. Claro que não queria pensar na possibilidade de ter me apaixonado por um homem além do mais que esse homem foi covarde demais para aceitar meu amor.

Bem, passaram-se esse mês e tudo estava acorrendo como o planejado: eu evitaria em pensar no Lucas e em meus desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo e a vida seguiria corriqueiramente. Todavia, na estrada da vida existem muitas curvas e uma delas aconteceu exatamente em cinco de Fevereiro de dois mil e dois, quando sem aviso prévio Lucas, decido marcha em minha direção, isso no meio do corredor da escola, eu estava pegando meu material na minha escrivaninha. Ele para alguns centímetros de mim, eu confesso que ainda estava numa onda ótima e um pouco fraca de LSD da noite anterior, então ele me puxa pelo colarinho e me lascou um beijo forte, porém gentil. A escola inteira estava observando aquela cena, Frederick um pouco desconcertado ao meu lado começa a bater palmas freneticamente (o que me pegou de surpresa).

Um grupo de patricinhas a nossa frente nos olhava com desprezo, mas um grupo de marginais que ali passavam juntou-se a nós, fez-se uma roda ao nosso entrono, o medo começou a espalhar pelas minhas entranhas, provavelmente o LSD estava se esvaindo do meu sistema, Lucas não importava muito com as consequências do seu ato romântico, pois sua intenção inicial era ser, obviamente, romântico e gentil e considerável com meus sentimentos. Ninguém iria acreditar, mas estes marginais começaram a gritar bem alto, “viva o amor” e os outros em coro gritavam: “viva”. Depois de um longo beijo melado e com direito a “mão boba”, os rapazes que estavam ali celebrando nosso... Como posso identificar isso... Poderia dizer amor, mas é muito cedo para isso. Enfim, eles se entre olharam como se esperassem mais do que um simples beijo e como num filme se dispersaram tão rápido quanto eles se agruparam, cada um foi para seu lado.

Fiquei parado ali por alguns instantes olhando profundamente nos olhos dele. Seus olhos me diziam muito, podia ver tristeza em seu olhar e nada mais do que uma melancolia profunda. Passaram alguns segundos que naquele dia pareciam horas a fio. Foi quando ele disse que precisaríamos conversar, mas não ali, num lugar mais reservado. Combinamos, então, de passar o dia bebendo uísque caro do meu pai, fumando uns Becks e conversando. Ocasionalmente, disse ele, poderíamos nos banhar na piscina para refrescar a cabeça. Foram exatamente suas palavras. Eu arrumei o espaço, comecei centralizando a mesa e a enchendo de garrafas de uísque caro, eu comprei uns maços de cigarro que casualmente deixei sob a mesa, caso ele não trouxesse o seu próprio maço, aqueci o ambiente e então sentei numa das poltronas e acendi casualmente um cigarro para saber como era. Já que sabia tragar não seria difícil fumá-los.

 Não preciso dizer, não é? Estava excitadíssimo com sua visita e com a promissora conversa que ele tanto queria fazer. Tudo estava arrumado e me parecia que ele também tinha tomado coragem de assumir seus sentimentos por mim. Era isso que eu pensava depois de sua demonstração de afeto em público. Vamos, então, aos fatos. Ele chegou cedo, trajando um terno azul marinho, um colete azul do mar e calças azul escuro e uma gravata que destoava todo aquele conjunto de cor, a gravata era roxa escura. Sentou e cordialmente elogiou minha arrumação para aquele encontro, que na verdade, não deveria ser formal, mas estava indo para um caminho sem volta de uma formalidade intensa. Sentei a sua frente e aquele famoso silêncio ensurdecedor cortava o ar denso que estava se formando entre nós dois. Não estávamos muito distantes um do outro, provavelmente alguns centímetros somente. Cara a cara, olho a olho, eu esperava ele me dizer alguma coisa. Ele quebra o gelo e começa a se enrolar em explicações confusas.

\_ Não, porque, tudo que sinto por você não passa de um amor intelectual e acho que não devemos prosseguir com tanta efemeridade, pois o que temos é algo além do amor carnal. Não que eu não quisesse sentir sua boca na minha naquele dia na escola...\_ antes que ele continuasse o interrompi bruscamente.

\_ Será que continuará com suas desculpas esfarrapadas? Se quiser sentir minha boca na sua, então não estamos falando de um sentimento somente no âmbito intelectual, já que tal desejo consiste num coisa amais para além do cérebro. Ou estou errado?

Para organizar seus pensamentos ele se levantou, serviu uma dose consideravelmente abundante para nós dois e puxo um cigarro do maço me oferecendo um o que aceitei. Sentou de pernas em cima da poltrona como se estivesse protegendo de mim. Continuou:

\_Bem, meu caro amigo, o que quero dizer é que meus sentimentos intelectuais contigo é totalmente solido, eu passaria dia e noite a fio discutindo ou argumentando sobre qualquer assunto e claro sob o efeito de qualquer droga lícita ou ilícita e sim... Eu sinto sim algo físico por você, mas esse sentimento eu percebo que será passageiro, não pelas suas qualidades físicas, mas sim pelo meu jeito de amar que é sazonal.

\_ entendo agora perfeitamente sua preocupação com minha pessoa física e emocional, mas entenda que nunca tive algo com alguém do mesmo sexo e a pessoa perfeita, sendo esse temporário ou não, seria você, meu caro amigo.

Com toda sinceridade do mundo chorei copiosamente ao revelá-lo meus desejos mais íntimos. Ele aproximou-se de mim e secou minhas lágrimas em seu terno. Afastou-se o suficiente, dando-me espaço para respirar novamente e recompor meu ânimo. Quando percebeu que estava de volta a minha consciência plena resmungou:

\_ Não quero perder meu melhor amigo\_ em poucas palavras resumiu nosso impasse emocional.

\_ Não perderá seu melhor amigo\_ acrescentei rapidamente\_ e mesmo tendo pouco tempo contigo para conhecê-lo veemente, entendo que somos sim melhores amigos, no âmbito não só intelectual, mas de loucura\_ dei um sorriso amarelo para ele que me retribuiu com uma risada pacata, mas sincera.

\_Não me olha assim, posso perder o controle.\_ disse Lucas já mordendo seus lábios.

\_ olha sim, e que tal um acordo verbal e se achar melhor por escrito\_ eu propus ébrio o suficiente para tirar um pouco de vantagem desse romance romântico.

\_ Que tipo de acordo está propondo?\_ curiosamente pergunta Lucas

\_ Olha bem, tempos um impasse, porém podemos resolvê-lo com um simples acordo. Você me ama temporariamente como assim acha que deve ser e nós não perdemos nossa amizade.

\_ E como propõe que façamos isso?\_ Perguntou um pouco cético meu futuro amigo colorido (na época ainda não existia esse termo.)

\_ Simples, viajamos para um lugar distante onde somente hospedará, eu e você, nesse tempo determinado de uma viagem a dois, curtiremos não somente nossa amizade, mas algo romântico. O que acha dessa ideia, Lucas?

Ele olhou para mim por um tempo, seu rosto tinha uma expressão nula, por conseguinte, não conseguia ler o que ele realmente achará da minha ideia. Passado um momento de consideração da minha ideia moderna e maluca, Lucas levantou saltitante da cadeira na qual estava enfurnado e começou a pular de um lado para outro, rodopiar minha poltrona inglesa e gritar tão alto que provavelmente os vizinhos ou talvez todo centro de Berlim o escutasse seus rugidos que passavam de “que ideia, meu caro amigo” e “moderno e fugaz, moderno e fugaz” repetia isso várias vezes. Estava excitado e eu podia ver em seus olhos, toda melancolia agora se tornou uma grande euforia. Parou em frente minha poltrona, apoiou suas mãos em meus joelhos e bem perto do meu rosto, cuspindo um pouco, disse “essa ideia se funcionar vai influenciar gerações que estão por vir”. Lascou um longo beijo na minha boca, depois nas minhas bochechas. Eu não queria desanimá-lo, então o deixei ali exagerando um acordo simples enquanto me disfrutava de meio comprimido de LSD, não queria me exaltar tanto quanto ele.

Quando ele se acalmou um pouco e sentou desta vez abusivamente e sem cerimonias no meu colo, peguei a outra metade do LSD, mostrei a ele e coloquei na minha boca. E como nos filmes, puxei seu rosto, por meio de seu queixo, para alinhar-se ao meu, casquei-lhe um beijo firme e passei levemente o meio comprimido com minha língua para ele. Lucas olhou-me perplexo por frações de segundo, mas aceitou a proposta e o engoliu. Essa seria sua primeira experiência com LSD, então comecei devagar com meio comprimido. Duas horas se passaram e dois maços de cigarro esvaziados e três garrafas de uísque terminadas, foi quando deitados no tapete persa da sala de estar que meu amado pediu para passar mais um comprimido de doce, mas como era meu último o dividimos em dois, meio a meio. Minha cede estava tão grande quanto de minha mãe em dias chuvosos, levantei cambaleando e fui até a cozinha, já que era mais próxima do que a adega do meu pai, e descolei duas garrafas de vinho importado, resfriado no congelador. Pronto para beber. Como eram duas, dividimos então uma garrafa para cada um. Justo.

Não sei muito bem como a festa foi parar na minha cama, só sei que lembro muito bem desse momento, apesar da embriagues. O corpo magro e pigmentado de Lucas reluzia uma luz esverdeada, que misturava com a cor negra da sua pele, seus músculos ficavam cada vez mais definidos ao chegarem mais próximos do meu corpo, podia sentir seu Falo ereto ainda escondido em sua cueca vermelho com tons de cinza. Sua boca recheava a minha com sabores do qual não tinha menor ideia da sua origem. Seu corpo agora nu sob o meu, acentua meu Falo que vai ao encontro do dele. E com sua mão livre Lucas esfrega ambos em conjunto, abrindo uma porta extensa de prazer. Seus beijos que agora se espalhava por tudo meu corpo nu, se estendi em meus dois mamilos e encerra sua jornada de prazer onde nenhum homem jamais estivera. Minha mão estende por todo seu corpo, em todos seus orifícios prazerosos, fazendo, assim, ambos gozarem no maior prazer já experimentado por ambos. Fato este que não precisava ser dito. E com um ato final, após um cigarro de Cannabis adormeceram os dois profundamente, um no braço do outro.

Amanhã parece ser uma manhã qualquer de um inverno rígido alemão, todavia, aquela manhã mudou minha vida por completo, mais ou vez, minha vida tinha uma curva estreita e complexa. Sim, meus pais apareceram mais cedo, eles não somente viram a bagunça que estava a casa, com garrafas jogadas para todo lado, me pegaram na cama com Lucas. Nós ainda estávamos dormindo e por estarmos não somente exaustos, mas embriagados, não ouvimos a porta abrir. Acordei com meu pai me agarrando pelo pescoço, usando somente seu braço direito, levantou-me ainda com suas mãos agarradas no meu pescoço e com a mão esquerda livre, ele apunhalou na boca do meu estomago, quando já sem ar suficiente para respirar ele jogou meu corpo, com tanta facilidade, para o lado que devo ter quebrado umas costelas. Caiu em cheio na porta do quarto, arregaçando minhas costas. Olhou para Lucas que estava perplexo com a cena, meu pai olhou bem nos seus olhos e disse “sai daqui antes que te machuque também”. Ele pegou suas coisas e caiu fora o mais rápido possível. Meu pai veio com a fúria de um touro para cima de mim, acredito que iria me matar de tanta raiva que estava sentindo. Porém minha mãe, nesse dia estava sóbria, jogou-se sobre meu corpo machucado e berrou “se for machucar ele terá que passar por mim”.

A confusão estava instalada naquela casa. Eu não poderia salvar minha mãe, já que estava todo machucado, meu pai poderia arrancar minha mãe a pauladas dali para me bater tanto que teria que para num hospital. Bem, não que eu não precisasse naquele momento de atendimentos médicos, mas sobreviveria com umas costelas quebradas. Minha sorte foi que meu pai não tinha coragem de jogar sua mulher como uma bola de futebol numa parede qualquer do quarto. Começou a chutar e blasfemar todo tipo de nome infame que passava pela sua cabeça oca. Quando estava um pouco mais calmo lá de baixo gritou “arrume suas malas, garoto, aqui você não vai morar mais. Bicha sem vergonha não tem lugar nessa casa. Venda seu corpo por dinheiro porque é isso que merece”.

Como já sabia que meus pais eram ovelhas da manada do capital ignorei seu discurso homofóbico, levantei com calma, pois estava machucado. Minha mãe abriu a carteira e me deu o equivalente a quinhentos Euros. Aceitei, já que iria morar na rua, esse dinheiro poderia me ajudar. Não para ficar em hotel ou algo do tipo, mas para comer, usar um pouco de produtos ilícitos e beber. Estava tudo pronto, usei a janela do meu quarto para sair de casa, não queria ver a cara do meu pai nem pintando de ouro. Para minha surpresa Lucas me esperava atrás da árvore, contei para ele o que tinha acontecido e tive a burrice de confiar nele, dizendo que tinha uma quantia em dinheiro para passar sei lá quanto tempo. Caminhamos em silêncio por alguns minutos, até chegarmos a um parque municipal, pertinho do parque eu gastei vinte euros em duas garrafas do Rum mais barato, então sentamos nos banquinhos, como de habitual Lucas encostou sua cabeça nos meus ombros e após um minuto mórbido de silêncio profundo ele se levanta agitado, pulando de um lado para o outro, até derrubou um pouco do Rum no chão. Eu olhava tristonho sem saber o que fazer com aquela cena. Impaciente eu indaguei:

\_ Fala logo essa ideia genial que tem na cabeça... E vê se para de pular igual um animal e comporta-se como um ser humano.

Ele parou e olhou bem fixo nos meus olhos e falou:

\_ Primeiramente, estou contigo nessa jornada difícil que passará agora em diante. Não estou preocupado como nossa relação, seja ela amoroso ou somente intelectual ou os dois. Segundo meus pais estão sempre viajando e não vou se dar conta que sumi por alguns meses. Terceiro tenho uma ideia genial para lhe contar.

\_ Fico feliz por decidir me ajudar e acompanhar nessa estrada árdua que teria de passar, além do mais, seria de grande conforto para mim. Bem, ande logo e conte-me essa sua ideia genial. Estou ansioso\_ luzes em meus olhos começaram a brilhar um pouco mais forte com as novas possibilidades.

\_ Cara, o negocio é um seguinte: minha família é bem rica e tem muitas terras espalhadas pelo Brasil a fora. Todas essas terras tem um proposito de lucro para a família, mas isso realmente não importa. O que realmente importa é que tenho a chave da terra mais fértil, mais exuberante e cheia de serventes que ajudam a deixar a casa em ordem, além de ter um casarão e algumas outras casas onde moram os trabalhadores da terra. O lugar é no sul da Bahia, teremos casa, comida, roupa lavada. Mais ainda, conheço muita gente barra pesada na cidade, então será fácil descolar algumas paradinhas ilícitas e os bares não ligam para se você é menor de idade desde que tenha dinheiro e um nome importante.

\_ Tudo bem, mas por quanto tempo poderia me refugiar nesse paraíso? E a mais importante pergunta como chegaremos a tal lugar com apenas quinhentos euros em mãos?

\_ Ah, meu caro amigo, isso é muito simples. Meu tio, Walter, que mora há dois quarteirões da minha casa é dono de uma companhia aérea. Não vou mentir para você, essa tal companhia aérea não é nem reconhecida, mas conseguiremos fácil um voo para salvador, de lá pegamos um trem para o sul e assim com mais um ônibus chegaremos ao nosso destino. E não se preocupe tanto, podemos ficar lá até enjoarmos ou pirarmos.

Ele riu de sua própria piada e olhou para mim para ver se estava rindo também. Entre meus dentes amarelos acenei positivamente para ele, apesar de ter medo de voar em aviões ainda não autorizados, além de depender da boa vontade de alguém para sobreviver. Não estava muito feliz, mas o cheiro da liberdade me contagiou e assim seguimos com o plano.

Dormi a primeira noite, depois do abandono repentino, na cama de Lucas. Como seus pais estavam sempre na estrada, podíamos dividir sua cama sem preocupações. Além do mais, seus pais tinham uma mania que eu achava estranha de ligar antecipadamente para dizer que estavam voltando para casa. Isso aconteceu algumas vezes no mês na qual passei em sua casa. A primeira noite foi tranquila, passamos até três horas da madrugada conversando assuntos, em sua maioria, intelectuais. Na segunda semana, eu estava interessado em saber mais sobre ele, coisas pessoais e familiares, por isso, dividimos quatro garrafas de uísque barato, duas cartelas de êxtase e um punhado de Cannabis para acalmar-nos no final daquela longa jornada pessoal entre irmãos. Sim, tínhamos ultrapassado a barreira intelectual, jogando-nos nas nossas vidas pessoais, o que nos tornávamos irmãos.

Então, uma rotina se estendeu. Enquanto Lucas continuava frequentando a escola regular alemã, eu organizava todo o recinto, limpava e fazia os afazeres de casa, lavava roupa e tudo mais. Quando ele chegava da escola, sentávamos perto da fogueira e ligávamos para os contatos que não demoravam muito eles chegavam com bebidas, cartela de doce e um punhado de maconha. Meu novo irmão fazia seu dever de casa e ao terminar no fim da tarde conversávamos sobre tudo. Descobri muitas coisas fascinantes sobre a família dele, do motivo, que foi parecido com o da minha família para abandonarem o país de origem, dentre outras coisas. Contei para ele como tinha me interessado por livros de sociologia, contei dos meus professores de línguas, sobre os hospedes e histórias engraçadas que não tem finalidade alguma para desenvolver o monólogo.

Ficávamos horas a fio olhando um para cara do outro, enquanto um de nós fazia longos discursos sobre nossas vidas pessoais. Às vezes, impaciente um de nós rodava pelo tapete de seu quarto falando e falando sem pausa ou vírgula. Isso se estendeu por um período curto de um mês, todavia parecia que tinha se estendido por anos. Aprendi tanto nesse pequeno espaço de tempo sobre Lucas e acredito que ele tenha aprendido também sobre minha vida, que sim considerávamos irmãos inseparáveis. Bem, mais tarde entenderei que isso foi apenas infame presunção da minha parte.

Chegou o dia pelo qual eu esperava ansiosamente. Tinha saído do Brasil muito cedo e não tinha nenhuma recordação de lá. Antes de viajar passei na biblioteca municipal de Berlim, onde não achei mais Mary trabalhando lá, agora o bibliotecário era um velho rabugento, cheio de opiniões sobre a vida das pessoas que frequentavam a biblioteca. Surpreendentemente, achei um acervo considerável sobre a Bahia. Passei os olhos em todos os livros que pude achar sobre o local, ao término de minha leitura estava fascinado pelo estado da Bahia. Levei em consideração que estava na Alemanha e seu acervo sobre um país estrangeiro não seria completo como desejava, porém o que tinha lido fora suficiente para eu querer enfrentar um avião capengado aos pedaços, uma viagem de trem e outra de ônibus.

Eu e nem Lucas estava exagerando. O avião era uma espelunca, sucata pura, cheirava a ferro velho, mas o piloto, que eu não quis perguntar por suas credenciais ou sua experiência no serviço, me garantiu que aquele avião caindo aos pedaços voaria perfeitamente até a linda capital da Bahia. Iriamos até salvador, de lá eu pagaria nossa viagem de trem para o sul da Bahia e um ônibus até a fazenda. Tudo estava combinado, mas dependia de o avião chegar e aterrissar suave e seguramente. Sentei na poltrona dura e velha de uma cabine ainda inacabada. Tão inacabada, que ainda tinham buracos o teto. Os cintos de segurança ainda eram antigos, da velha guarda e o cheiro forte de combustível penetrava todo o local, o que me fez ficar um pouco tonto.

Ao decorrer da viagem, turbulências ferozes alavancaram meu corpo de um lado para o outro, de cima para baixo, vomitei umas centenas de vezes, enchendo duas sacolas de supermercado francês, rezei para todos os santos possíveis e impossíveis, e enquanto isso, ao meu lado direito, um tanto ébrio Lucas berrava, blasfemava e depois soltava uma longa gargalhada que ecoava por todo o avião. Não quero ser dramático, mas foi uma viagem exaustiva e com certo perigo de vida. Ao aterrissarmos, Lucas saiu correndo porta gritando “terra firme... terra firme... finalmente vivos estamos em terra firme”. Eu, por minha vez, saí cambaleando, cheirava a vomito e ferro velho, por alguns segundos sentei no chão mesmo da plataforma que aterrissamos para descansar um pouco. Eu estava fadigado, fedendo e com o corpo todo dolorido por causa dos solavancos das turbulências. Não acreditava que estávamos em terra firme. Quando as coisas se acalmaram um pouco puxei meu mano pelo colarinho e disse em um tom um tanto autoritário:

\_Eu estou fedendo a todo tipo de odor mísero daquele avião maldito, não tenho forças para pegar um trem e um ônibus nesse momento, portanto vamos ficar num hotel aqui na capital, vou tomar um longo banho, trocar de roupa, comer e dormir, só então nós partiremos. E mais uma coisa, por um motivo óbvio você pagará a estada e a comida.

Ele consentiu sem o menor protesto, ele sabia, que a ideia um tanto ridícula de pegarmos um avião sem a mínima estrutura legal para comportar passageiros de qualquer espécie e trafegar por um longo período, em uma viagem transcontinental, era uma grande furada. Contudo, ambos sabíamos que era nossa única chance de chegar até Salvador, sem gastar um tostão sequer. Bem, entramos num hotel cinco estrelas, bem no coração da capital. Entenda bem, meu filho, eu estava trajando uma jeans nova, porém com grandes manhas de um liquido verde que não tinha a menor ideia de sua origem, provavelmente oriundos do meu estômago, uma camisa social azul, que com os solavancos das turbulências, estava rasgada no colarinho, não era um rasgão pequeno, mas um rasgão grande e um tênis All Star preto sujo de manhas igualmente esverdeadas. Ao chegar ao hotel em questão, olhei para minhas roupas, depois olhei para o paletó que Lucas vestia elegantemente, sem nenhum furo, uma jeans preta e um tênis esportivo branco com preto. Parei no meio do caminho e disse:

\_ Preciso me trocar antes. Olha como eu estou... Estou mais sujo que um mendigo que está na rua por longos anos. Não posso me apresentar assim num hotel chique como esse. Dá-me um segundo.

Entrei numa esquina, achei um carro grande parado na calçada que me serviu como um bom esconderijo. Peguei os farrapos que estava usando, descartei-os para de baixo do carro. Vesti minha mais bela roupa em poucos minutos, por estar preocupado em ser visto. Agora sim, eu trajava uma camisa social vermelha escura, uma jaqueta fina, por causa do calor excessivo do Brasil, preta e uma jeans azul bem escuro. Ao decorrer do caminho, tirava minhas joias e relógios importados nos quais costumava ganhar de presente do meu pai e\ou algum parente distante. Eu os esbanjava como se fosse um comerciante rico dos países nórdicos. Chegamos falando alemão um com o outro, discutindo, na verdade, o perigo da nossa viagem, mas ninguém iria entender mesmo o que estávamos falando. Entramos e fomos recebidos com muito louvor e carinho, o que prova minha teoria da qual eu e Lucas tanto discutíamos, a aparência e seu status social abrem portas que nunca se fecham, daí onde entra nosso impasse, eu acho até hoje que isso independe do capital que a pessoa tem acumulada e ele acha que o status social não sustenta ninguém por muito tempo sem o capital.

Tal discussão seria posto em prova hoje, naquele exato momento. Chegamos ao balcão e apresentamos nossos passaportes vermelhos da união europeia, o que encheu os olhos do balconista que mal prestou atenção no sobrenome brasileiro de meu parceiro, pois, na realidade, ele ficou impressionado comigo, um rapaz bem caucasiano, de olhos claros e com um sobrenome alemão. Como sempre, fui confundido com um alemão original de fábrica. (risos). Para manter a pose e continuar com nosso experimento social indaguei em alemão, como se não falasse português, para Lucas, que estava do meu lado tentando ao máximo não estragar a brincadeira com suas gargalhadas estrondosas, se precisaríamos mostrar algum tipo de cartão de credito antecipadamente e para deixar as coisas ainda mais interessantes abri a carteira para pegar o cartão, deixando a vista os Reais que havia trocado clandestinamente em Kreuzberg. Não era muito dinheiro, mas como a nota do euro valia muito mais que o Real, pelo menos naquela época, na verdade, era uma diferença realmente grande, tinha um dinheiro considerável em reais solto na minha carteira. Para ajudar nosso experimento social e amolecer o coração do balconista, Lucas disse a este:

\_ Cara, eu moro na Europa desde criança com minha família, sabe. Estudo lá e meus país trabalham em grandes empresas como negociantes. Eles viajam muito, sabe cara, e fico muito sozinho, por isso estou indo até o chalé verde, que meus pais são donos, mas queira mostrar também a capital Baiana para esse meu grande amigo\_ ele passou suas mãos sobre meus ombros e me puxou para junto de seu corpo e continuou\_ sabe como é esses europeus não sabem nada sobre o Brasil, acha que vivemos ainda como índios, soltos na mata. Sabe como é né?

O balconista consentiu com a cabeça levemente e com um sorriso malicioso acrescentou\_ pelo menos eles tem muito dinheiro para gastar com a gente, não é mesmo?

O balconista que tinha certeza de que o hotel faturaria muito com nossa chegada, liberou nossa entrada de dois quartos na suíte presidencial do hotel. Depois de muita conversa e negociação, deixamos nosso passaporte com ele e um valor de cem reais. Parece que minha teoria estava indo de água abaixo, o capital ainda mandava em conjunto com o status social e a aparência. Desculpa o palavreado, mas foda-se. Tinha meu banho quente, um vista maravilhosa para praia e um banquete espetacular de primeira classe me esperando. Esbanjei-me de comida boa e típica Baiana, com temperos e uma pimenta que achei peculiar, porém saborosa; tomei um banho de banheira quente de tirar o folego; dormi por horas incontáveis um sono maravilhoso. Eram umas sete da manhã do dia seguinte quando acordei com o uivo do meu parceiro na porta chamando aos berros meu nome, na verdade, meu sobrenome. Ele me acordou para contar uma história que achei um tanto engraçada.

\_Sabe meu caro Herr Bürgen, eu até tenho dinheiro, mas prefiro não gasta-los com futilidades homéricas e com pessoas que não a merecem.\_ continuou no seu tom mais galã possível e um tanto eloquente como sempre discutíamos, mesmo as mais simples questões da vida\_ sabe, aquele balconista que nos atendeu, sentiu-se no direito de burlar regras de segurança básica do hotel, não, ou melhor, de qualquer hotel, seja este uma espelunca de poucas estrelas ou o mais fino com várias estrelas. Eu não queria denunciá-lo já que isso se tornará uma tarefa árdua para ambas as partes. Logo pensei em me aproveitar da situação.\_ Lucas, ali em pé, fumando seu cigarro e andando pelo quarto inteiro como se estivesse eufórico demais para se sentar, fez uma pausa, o que deixou uma brecha para eu fazer meus devidos adendos à conversa.

\_ Meu querido companheiro de viagem, não acha que como trabalhador que é o balconista em questão, nós deveríamos respeitá-lo ao invés de nos aproveitarmos de sua má visão e péssima interpretação dos fatos. Não seria ele apenas um trabalhador mandado por um chefe maior, dono desse hotel e de suas respectivas franquias?

Terminei meu prologo acentuando meus argumentos ali feitos, levantando-me do sofá, dirigindo-me a ele com minha última pergunta, tirando o cigarro de sua mão e ao terminar meu argumento, eu dei um longo trago em seu fumo e soltei toda fumaça no seu rosto. Ele riu gravemente de todo aquele teatro Shakespeariano que estávamos representando naquele momento. Olhou bem para mim, voltou a pegar seu cigarro de minhas mãos e acrescentou, ainda participando do teatro do qual comecei:

\_Ora, ora se não fala aqui um comunista, de boca cheia, louco para livrar um operário de uma enrascada que ele mesmo se enfiou.

 Sua voz ecoava pelo aposento e o teatro que fazíamos ao decorrer de todos nossos diálogos encantava-se sempre o sarcasmo, porém aqui este estava escorrido como veneno que me machucou. Então repeti o começo de sua fala para atacar veneno com veneno.

\_ Ora, ora, não sabia que meu amigo fiel que um dia me disse ser também um comunista, talvez até um anarquista, agora anda de mãos dadas com porcos no chiqueiro, isto é, com liberais fanáticos.

Novamente uma longa e penetrante risada ecoou por todos os cantos do aposento. Não era uma risada sarcástica, mas esta era cativante, constante e vivida. Achei estranho ninguém ter reclamado ou vindo ver se estava tudo bem no meu quarto. Para dar fim a tal diálogo e ainda corroborando para deixar o diálogo ainda mais teatral, Lucas retalhe, dizendo:

\_ Bem, as acusações estão ficando cada vez mais de baixo nível. Eu não estou aqui defendendo, como você mesmo diz porcos no chiqueiro, estou apenas dizendo que para fazer uma omelete, devemos quebrar uns ovos e para ganhar um jogo de xadrez alguns piões terão que ser sacrificados. Mas veja só a moral sendo aplicada de um modo totalmente voltado à práxis. Logo um rapaz tão inteligente, que lê tanto o filósofo alemão, questionador de toda moral, pioneiro em argumentos lúcidos e para além de teorias vazias, e que passou horas debruçado lendo outros alemães filosofo e sociólogo que condena todo tipo de soberbos e donos de capitais que exploram piões para ficaram cada dia mais ricos.

\_\_ Cansei desse teatro antigo e ultrapassado, onde palavras são distorcidas a maneira e a vontade das pessoas que as estão discursando. Vamos logo parar de rodeios, acusações bonitas e palavras doces.\_ disse eu bufando do outro lado do quarto\_ diga logo o que está nessa sua mente profana e cheia de ideias malucas.

Lucas passou um bom tempo olhando fixamente para mim e eu desconcertado fingi estar arrumando minhas malas para partirmos para o sítio do pai dele. Ao arrumar minha mala achei um doce perdido no bolso da minha jaqueta preferida. Guardei-a para quando fosse uma emergência. Tempo passou e quando olhei para meu companheiro de viagem, ele estava na janela fumando seu cigarro e, provavelmente, pensando como seria direto no assunto\ideia que tinha para me contar. Ainda virado para janela, tentou recomeçar.

\_ Olha só, o negócio é um seguinte. Ontem à noite vagava sem sono pelo hotel, quando me deparei com a recepção totalmente vazia. Por meio das câmeras que ficam atrás do balcão, não pude ver uma alma viva vagando pelo hotel. Os funcionários do hotel estavam todos em seus respectivos quartos...

\_ o que você aprontou, Senhor Lucas?\_ disse em um tom preocupado.

­\_ Bem, fui até o escritório que também estava vazio. Vasculhei um pouco o papeis até achar a cópia do nosso passaporte e em pouco mais de alguns minutos procurando, achei nossos passaportes\_ tirou tudo de dentro da calça que estava vestindo e jogou sob a mesa central do quarto\_ está ai tudo que achei\_ acrescentou com um tom orgulhoso.

\_ É, Lucas, isso vai ser a maior besteira que já fizemos. Todos conhecem nossos rostos.

\_Claro que sim, mas, não acho que nos procuraria no sul da Bahia, em uma monótona e pequena cidade. Mas entendo que seria um risco, pois até chegarmos ao nosso destino a polícia poderia realmente nos prender.

Disse ele com um tom excitado até demais para meu gosto. Parecia que queria ser pego, ou queria passar por essa situação de perigo. Talvez, a vida maçante de um burguês estudante não era o suficiente para ele. Todavia, eu tinha muito que perder já que meus privilégios, que vinham por meio da minha família, tinham sido renegados em sua raiz. Por isso, tentei racionalizar a situação na qual nos encontrávamos, disse em poucas palavras, o que realmente sentia. Quis ser um tanto realista e muito sincero com ele:

\_Olha bem a situação que me colocou. Não tenho ninguém por mim, meus pais me deixaram numa situação deplorável. Abandonaram-me e se for pego não teria o dinheiro deles, como você o terá, para pagar advogados e etc.

Não deixei aquela situação me abater ao ponto de chorar, só queria com todas minhas forças sair daquele hotel e chegar são e salvo na cabana dos pais de Lucas. Pensei que meu argumento daria fim à discussão, mas o viajante que comigo se aventurava pelo nosso país de origem, não se satisfez com minhas palavras sinceras e de coração. Então, rispidamente, argumentou:

\_ Olha bem, você que pensa estar sozinho\_ seu tom era de indignação, porém não o ultrapassava o respeito que ele demostrava pela minha pessoa. Continuou ele dizendo\_ além do mais, apesar de ser filho de papai, burguês safado, e como diz cazuza, eu também cheiro mal. Sou um garoto fiel aos meus amigos. E apesar de ter um cartão de crédito ilimitado, prefiro gastar meu dinheiro, ou melhor, o dinheiro nada suado do burguês que é meu pai, em drogas, álcool, festas inacabáveis, garotas e garotos e coisas que me dão prazer e não com hotéis caros. Não gosto de ostentar meu dinheiro com futilidades que não me trarão felicidade.

Ele terminou seu argumento de um modo um tanto ambíguo, já que felicidade não estava nas drogas, festas e sexo com pessoas diversas. Mas eu não sabia disso ainda. Enfim, perante tal argumento que encheu meus olhos de esperança, pois parecia que este garoto metido a senhor feudal cheio de fortuna, acabara de me prometer festas inacabáveis, garotos e garotas interessantes para conversar e experimentar o que a vida tem de melhor, na união pura de dois corpos suados, drogas de seus mais variados efeitos e estímulos, e uma grande variação de álcool. Para um garoto como eu, jogado no mundo sem família e tentando afastar-se de tudo que fosse moral para pessoas como meus pais, essa promessa era no mínimo cativante o suficiente para transgredir a lei, que na minha visão, era construída pelos mais fortes para oprimir os mais fracos. Uma risada sarcástica acaba de aparecer alegremente em meu rosto ao escrever tais blasfêmias, ou tais relatos distorcidos.

O que quero dizer com isso é que todo e qualquer discurso seja ele bem intencionado ou não, contudo que excita o ódio, sendo este mesmo do lado fraco ou forte da balança social, não terá validade e nós iriamos praticar isso. Novamente digo que aprendi essas teorias com o tempo. Depois de apanhar muito da vida. Voltando para o diálogo em questão. Cheguei muito próximo ao burguês que comigo se aventurava, toquei-o suavemente, virei seu corpo para que seus olhos encontrassem os meus. Cara a cara estávamos naquele instante, então sorri e perguntei para ter certeza:

\_ Você está querendo dizer, que ao chegarmos nesta pequena cidade ao sul da Bahia, usufruirei de festas incabíveis, regada a drogas, bebidas e pessoas interessantes, não somete intelectuais, mas também pessoas sexualmente abertas a todo e qualquer tipo de experiência; além de tudo isso eu não gastarei um centavo qualquer do meu dinheirinho? É isso mesmo que me promete?

Com um beijo firme, doce e gentil ele responde minha pergunta. Empurra meu corpo com sua mão direita, fazendo me cair no sofá. Olho para ele com um ar submisso, ele morde os lábios e diz suavemente nos meus ouvidos “prometo tudo isso e mais um pouco”. Tira minha camisa, beija meu pescoço e arranca todo minha roupa. Somente eu estava completamente nu; achei aquilo um pouco estranho. Entendendo minha estranheza do fato através de minhas expressões faciais, ele, novamente, sussurra no meu ouvido “o prazer que te darei, será somente teu”. Uma longa jornada de puro prazer carnal se estende naquela tarde ensolarada de Salvador, no quarto de hotel do qual nunca saímos. A cidade parecia ser interessante, pelo menos, nos livros que tinha pesquisado, porém, aquele quarto de hotel, na prática, estava mil vezes mais interessante do que fora dele. Ao terminarmos ambos fumávamos um cigarro para relaxar quando num relâmpago de segundo, uma ideia um pouco idiota, um pouco inocente, todavia muito capciosa veio em minha mente. Tive que soltá-la da minha língua e mente antes que a perdesse por completo, por isso fui direto ao assunto:

\_ Porque ao invés de viajar de trem e ônibus, lugares pelos quais policiais tem um acesso mais fácil, pedimos carona até a famosa cabana de seus pais?\_ Lucas olhou para mim perplexo, ele não imaginaria que um garoto com vasto conhecimento teórico e somente teórico pudesse ter uma ideia tão boa quanto esta.

\_ OK. Estamos no último andar, portanto, não seria possível jogarmos nossas malas pela janela. Então, o plano é o seguinte. Conheço uns rapazes barra pesada. Não sei se conhece Brasil tão bem, mas eles são cariocas, oriundo de uma favela tão intensa que nem a polícia aprece lá, somente para ocasionalmente pegar propina, não sei se sabe, mas isso é muito comum nas favelas brasileiras. Bem, eles vão assaltar o hotel e no meio da confusão sairemos de fininho sem pagar um centavo de mala e cunha. Pegando o gancho na sua ideia, percorremos de taxi até a BR, onde tentaremos a sorte com os caminhoneiros de plantão. Fechado?

Consenti com a cabeça, ainda enrolado em seus braços. Como ele era uma pessoa bem astuta percebeu minha feição e deduziu que tinha milhões de perguntas adjacentes. Após tentar me tranquilizar com uma onda de beijos molhados e deliciosos, se desfez do meu corpo, sentou ereto no sofá ao meu lado e após acender um cigarro, antes que pudesse fazer minhas perguntas, ele, lendo meus pensamentos, começou a se explicar:

\_ Olha só, esse burguês mimado e cheirando a leite dos seios da mamãe\_ ironizou ele rindo de sua própria piada\_ também odeia o capital e todos que com ele se comunga. Não quero brincar com as palavras ou fazer um teatro eloquente para expressar minhas ideais, mas tudo que estou tentando dizer é que: sim sou burguês e sim tenho dinheiro para esbanjar, todavia prefiro ser um vagabundo que perambula pela vida ganhando amigos de todos os tipos, cores, raças, crédulo. Odeio rótulos, então não me rotule como gay ou bi e não me rotule como burguês, só me rotule como pessoa que tem um grande interesse pela vida. Como já te disse anteriormente, em uma de nossas conversas pessoais e totalmente sincera, quando eu morava no Brasil, subia morros perigosos não somente para comprar e usar drogas, mas para ajudar aqueles que ali moravam em situações precárias. Não me importava se eram estes usuários de drogas pesadas como o crack, não me importava tão pouco se eram traficantes perigosos, donos da boca ou não. Ladrões ou não e assim por diante. Quero curtir a vida e vamos ser sinceros os burgueses não sabem fazer isso.

Terminou seu argumento mais eloquente e digno de um troféu humanitário (sarcasmo). Via nele, o que depois foi conceituar como um burguês conflituoso, que não quer se desprender dos privilégios, todavia quer ao mesmo tempo curtir uma vida devassa. Ele era uma pessoa assim e ainda com signo de ares, que quer tudo aqui e agora. Ria e ria alto e cada vez mais alto dos seus próprios comentários. Elucidava para mim um lado de sua vida que conhecia pouco. Depois dessa conversa boa, mas desgastante, resolvi pedir uma comida reforçada, já que não sabia nem quanto tempo à viagem de carona até nosso destino final seria e ainda mais não tinha ideia se essa seria minha última refeição até o chalé dos pais de Lucas.

À tarde, beirando umas cinco horas, a confusão no hotel estava instaurada. Homens altos, de pele grossa, encapuzados e de ama na mão, entraram no salão principal do hotel. Não consegui contar fielmente quantos eram, mas por meio de uma olhada rápida deveriam ser uns quatorzes homens. Eles eram profissionais, esbanjavam metralhadoras automáticas, eram organizados e bem unificados. Eu estava no salão principal lendo Kafka quando eles apareceram gritando e chutando o que viam pela frente. Por um instante, olhei de relance para um deles, o que parecia ser o líder, ele olhou bem para minha cara, ao me reconhecer, tirou o capuz por completo, deixando seu rosto livre para quem quisesse ver. Sem cerimonias, chegou perto de mim e me puxou pelo colarinho da camisa, como que quisesse me fazer de refém. Não excitei, também não tive medo. Sabia que era tudo ensaiado. O líder que eu podia sentir que estava suando frio, colocou sua boca no meu ouvindo e sussurrou, em português, “corre para seu quarto, arruma sua mala e cai fora daqui”, ele me soltou, fingi-me desvencilhar dele para a cena ficar completa. No meu quarto as malas já estavam todas prontas, empurrei as até a escada e com muita dificuldade e por intermédio de muita força consegui descer todas as escadas. Era um número considerável de escadas. Ao chegar ao portão dos fundos, Lucas me esperava com a mão livre, segurando a porta de um taxi.

Capítulo dois:

Tive que deixar um capítulo inteiro designado somente à viagem que fizemos de Salvador a uma pequena cidade no Sul da Bahia, que até hoje não tenho a mínima ideia do seu nome original. Lucas se referia a cidade como “cidade da perdição” e logicamente, ninguém mais a conhecia por esse nome. Talvez alguns de seus habitantes a conhecesse por esse nome, todavia não tinha certeza alguma deste fato. Toda informação que tinha desta pequena cidade era o que Lucas me contava. Ele passou horas caminhando pela BR, sem nenhum sinal de carona, me contando detalhes sobre esta cidadela brasileira, esquecida por muitos, mas lembrada por um público alvo específico, isto é, vagabundos, prostitutas, drogados, festeiros e todo tipo de gente maluca. Era um lugar onde se reuniam pessoas de todos os grupos: Hipsters, pessoas do movimento grunge, metaleiros, a galerinha da música eletrônica, sambistas, umbandista, uma galera do Candomblé, quimbandeiros, feiticeiros, magos e todos ali reunidos em suas diferenças respeitando-se mutuamente.

Por meia hora, nós andamos reto na longa estrada da BR e durante esse tempo eu tive uma aula um tanto informativa, para o curto tempo que nos disponibilizava a falta de carona, sobre as diferenças de todos esses grupos. Mais tarde, por meio da observação empírica entendi melhor a diferença. Não sei se era porque estávamos carregando malas grandes e não mochila de viageiro ambulante, que nenhum caminhão parou para nós. Meia hora escorregando malas de alça e rodinhas no sol escaldante, era uma tarefa exaustiva, contudo, graças a Deus, avistamos um posto de gasolina que estava muito perto. Com poucos minutos amais de caminhada, paramos no posto para lavar nossos rostos e comer alguma coisa. Olhei para Lucas, como dizendo, desta vez vamos pagar o que devemos e sem uma troca de palavra, como se ele pudesse ler minhas expressões faciais perfeitamente, assentiu com a cabeça. Ficamos ali sentados, comendo num repleto silêncio contemplativo. Percebi que meu amigo olhava para todos os lados procurando uma vítima para nos dar carona, enquanto eu comia observando o rapaz que tirava os pratos sujos da mesa. Lucas não prestava atenção em mim, ele estava mais preocupado em arranjar um carona para chegarmos logo no nosso destino e fazer festas longas com muita gente bonita, feliz e drogada e eu estava mais interessado na viagem do que no destino. O rapaz que estava de olho era um menino de estatura mediana, cabelos lisos e longos, caídos sobre os ombros, eram um magro malhado, percebi isso quando foi até o balcão para pegar uns copos novos para o cliente. Sua barriga era definida, além de seus braços serem um pouco grossos, devido à musculação intensa, sem qualquer produto tóxico ou pílulas para ganhar massa. Usava um uniforme muito brega e um chapéu de baseball americano.

Desculpei-me levemente envergonhado pelos meus desejos profanos, todavia meu querido amigo não percebeu nada, ele estava ocupado demais com sua tarefa. Passei lentamente pelos corredores das mesas, olhei fixamente para o garoto de meu interesse, se ele não retribuísse nem sequer um olhar, logicamente não tinha excitação pela minha pessoa ou talvez pelo meu gênero. Ao passar, o mais lento possível, por de trás dele, ele virou para mim, tirou seu chapéu e perguntou se queria mais alguma coisa; olhei bem no fundo de seus olhos, sorri com uma malicia de um profissional do sexo, que nem eu sabia que era capaz de dar tal sorriso intencionalmente. Ele, então, colocou o seu boné na minha cabeça, sorriu com uma perspicácia adorável de se ver, aquilo se transformou em uma dança erótica, talvez a compraria ao flamengo, talvez estivesse exagerando um pouco. Mas enfim, olhei levemente para o banheiro, como dizendo para ele me acompanhar, suavemente para que ninguém percebesse nossa dança, ele apontou timidamente para uma porta que estava escrita: “somente entrada autorizada de funcionários”. Você aí pode imaginar o que aconteceu após o local ser firmado, mas vou lhe contar um pouco do que acontecera. Eu balancei levemente a cabeça para dizer que tinha entendido, fingi ir ao banheiro, que era próximo do local confirmado e parei à sua porta, olhando para o letreiro como se estivesse confuso. Ouvi uma porta se fechar a minhas costas, por essa razão eu dei meia volta e a abri. E ali mesmo numa sala que era reservada para o descanso dos funcionários, tive minha experiência, na verdade, segunda experiência sexual com uma pessoa do mesmo sexo. Sai do armário já ajeitado, com as roupas apostos no local onde deveriam estar. Voltei à mesa onde Lucas estava terminando seu café. Foi quando me perguntou em alemão:

\_ Ele era bom de cama, pelo menos?\_ sorriu para mim com a maior naturalidade do mundo.

Fiquei perplexo e com suas habilidades de leitura facial, ele entendeu e respondeu com um simples gesto, apontando para o chapéu de baseball do garoto que ainda permanecia em minha cabeça. Sem mais um mínimo de vergonha ou pudor, girei o boné para trás, como alguns jogadores faziam antes de lançar uma bola ou qualquer coisa do tipo. Lucas começou a gargalhar tão alto que chamou atenção de um bando de caminhoneiros já ébrios que faziam uma longa pausa para cerveja e fofocas de quem comprou a prostituta mais gostosa da estrada. Foi o que Lucas me disse rapidamente através da sua observação apurada, antes que eles de modo lento, cambaleassem entre as mesas, chegassem a nossa para saber o que era tão engraçado. Dito e feito, o mais gordo de todos daquele bando gritou de longe num tom até um pouco agressivo em direção a nossa mesa:

\_ Ei vocês aí... Qual é a graça?

Antes de meu caro companheiro responder, tive uma ideia genial. Olhei com uma expressão bem verissímil de que não tinha entendido coisa alguma do que eles falavam. Rápido e antes que eles falassem mais alguma coisa perguntei para Lucas em alemão:

­\_ O que esses gordos estão dizendo?

\_ Dizem que não entendem do que estamos rindo.

Olhei para um deles e disse ainda no idioma alemão:

\_ tchau, não quero confusão.

Eu sabia que não estavam entendendo uma palavra do que eu dizia e por isso eu podia me expressar de qualquer forma, todavia quis ser o mais próximo da realidade possível com intuito de me passar por um alemão autentico, porque um estrangeiro no Brasil é visto por olhos gananciosos e com intenções bastante abusivas, e tirando vantagem desta situação e se utilizando de uma lábia finíssima e bem argumentativa Lucas conseguiu uma carona para nós, dizendo que o gringo, eu, queria uma aventura nas estradas brasileiras e pagaria bem por tal aventura. Eles caíram todos de boca na conversa fiada de meu amigo e foi à carona mais fácil que conseguimos em todo o tempo que estive na estrada. Essa foi como tirar leite de criança. O caminhoneiro que pagamos carona, obviamente, não entendia uma palavra de alemão, por conseguinte, nós fingíamos que o brasileiro estava me mostrando à estrada e a beleza do país. Porém, o que discutíamos na língua alemã era como sairíamos dessa sem gastar um centavo de nossos bolsos. No entanto, Não teve jeito, eu perdi cinquenta reais, que o caminhoneiro me pediu adiantado, o mesmo que nos levaria nas respectivas vagas da poltrona da frente. Ele usou o dinheiro para comprar uma bucha de cinco gramas de cocaína pura. Sim, eu disse pura. Eu sentei ao lado do motorista e meu companheiro do meu lado. Eu nunca tinha experimentado cocaína, ainda mais puríssima, todavia me parecia que não iriamos provar nada, pois ele não gastaria sua droga conosco, além do dinheiro que gastara com ela era oriunda da carona. Tudo bem, se passou vários quilômetros rodados e o motorista que já estava bem alterado, quando estava no volante parecia um motorista profissional sóbrio e sem nenhum problema com a lei, ao contrário do momento em que estava se divertindo com seu bando numa lanchonete ou bar da estrada.

Chegamos a Prado e ele deixaria alguma carga nessa cidade. Por uns bons trezentos reais ele sairia de sua rota habitual para deixar-nos na cidade que queríamos chegar, mas o plano que bolamos, eu e Lucas, em alemão, enquanto viajávamos estrada adentro foi o seguinte: não perderíamos tempo, localizaríamos outro caminhoneiro que por sua vez, também enxeria os olhos num gringo aparentemente inocente, que achava seguro e divertido, caminhar pelas estradas perigosas do Brasil e como meu “viajante amigo” tinha olhos de águia, conseguindo achar a metros de distância, caminhoneiros tristonhos, com semblantes caídos pelo excesso de álcool ou outro substância qualquer e\ou com suas mentes abaladas e cansadas, talvez pela festa que deveria ter se afastado antes de ter exagerado, talvez pelas longas horas na estrada quando deveria ter parado para comer, isto não importa, ele conseguiria mapear os caminhoneiros mais suscetíveis a cair na nossa história, isto é, abandonaríamos o primeiro para seguir viagem com o próximo e assim sucessivamente até chegarmos onde queríamos.

No mesmo momento em que nossa primeira vítima fazia seu dejejum tranquilo e certo que faturaria uma boa grana com estrangeiros idiotas, Lucas apontava para a próxima vítima que ia ao banheiro dos homens arrastando seus pés fadigados no asfalto quente em um chinelo velho. Eu olhei para meu companheiro e com apenas alguns gestos e poucas palavras, combinamos que ele abordaria sozinho o caminhoneiro que nos levaria até a próxima parada, enquanto eu voltaria ao caminhão inicial e roubaria a cocaína. Eu aprendia rápido. Observei ao sairmos que o caminhoneiro por estar muito ébrio se esqueceu de trancar o caminhão por achar seguro onde estava já que o movimento era grande. Fingindo ter esquecido algo no caminhão e berrando xingamentos em alemão e inglês, abri a porta como se fosse dono do caminhão, não olhei ao redor para assim não criar nenhuma suspeita. Vi antes de tudo que o caminhoneiro em questão deixara a bucha de cocaína pura largada debaixo de sua poltrona, onde a achei. Voltei o ponto inicial e avistei Lucas acenando com a mão livre, com a outra ele segurava a porta de outro caminhão que seria nossa próxima carona. Lá fomos nós, contei todos os movimentos que fiz e evitei fazer ao pegar emprestado sem pedir a droga do homem que nos trouxera até Prado. Lógico que usei de uma mentira para cobrir outra e eu sabia que era roubo, todavia ele não podia chamar a polícia por cinco gramas de cocaína pura roubada assim. O viajante que me fazia uma companhia avassaladora e, por sinal, muito agradável resolveu deixar a cocaína para momentos que precisaríamos de energia amais do que já tínhamos.

Durante uma hora sem nenhum intervalo para urinar ou comer, nada, ficamos eu e ele conversando em alemão. Primeiro ele me explicou os efeitos fantásticos da cocaína e seus péssimos efeitos colaterais. Pelo menos, ele foi sincero. Os motoristas, que nos davam carona, com um todo, não tentavam fazer amizade conosco, não usava Lucas como tradutor para tentar me dizerem qualquer bobagem, por isso, tínhamos a viagem inteira para discutirmos vários temas e fazíamos isto tudo ao mesmo tempo. Discursávamos sobre as variações psicológicas de cada ser humano se baseado nos seus gêneros, grupos sociais, socioeconômicos e etc. nós tivemos tempo para aprender a deixar de lado nossas diferenças teóricas e, além disso, inventar alguns códigos para deixar nosso projeto mais eficiente. Tudo isso em uma viajem. O tempo na estrada passava muito devagar, as horas se arrastavam. Os caminhões que levavam um peso grande avançavam bem devagar, e uma hora que se passava sem nós dois vermos terra firme, parecia ser séculos. Foi o caso do último caminhoneiro que pegamos uma carona, prometendo pagar-lhe cem reais para nos deixar em nova viçosa, uma cidade também universitária e perto de nosso destino. Lá, como era uma cidade universitária, conseguiríamos uma carona fácil para nosso destino já que muitos desta cidade ia diariamente festejar no mesmo destino. Não é preciso mencionar, que esse caminhão transportava toneladas de granizo, ou seja, uma hora avançamos nem a metade do caminho. Estava ficando entediado, fadigado e sem mais assunto para passar o tempo. Lucas percebeu, logo, meu cansaço e pediu o motorista que parasse para dar uma urinada.

\_ As necessidades fisiológicas nos chamam e você não gostaria de irritar sua fonte primaria.\_ berrou Lucas entre o motor e uma sirene ao longe que indicava uma patrulha policial mais à frente.

O motorista não entendeu muito bem o vocabulário um tanto pedante de quem o clamava. Entendeu somente que precisávamos de uma pausa e então, antes da barreira policial que parecia estar logo à frente, parou num velho posto abandonado. Ao saímos do caminhão, cutuquei meu companheiro nas suas finas costelas, ele olhou para mim, tentando sem qualquer diálogo verbal, entender o que eu queria, todavia desta vez ficou a ver navios. Coloquei o boné que ainda usava em sua cabeça, tentando, assim, abrir uma comunicação não verbal um pouco mais clara. Ele entrelaçou seus braços no meu ombro me puxou para trás de uma densa mata que crescia ao redor do posto abandonado. Olhou para o motorista que parecia um pouco inquieto e gritou que iriam urinar atrás de mata e voltariam logo. Olhei para Lucas um pouco assustado e consegui balbuciar apenas uma palavra em alemão “tiras”, na realidade, a tradução exata seria “porcos”, mas com o mesmo sentido. Eu ainda ostentava uma quantia boa de cocaína pura no meu bolso da calça jeans, apontei para o local onde a escondia e meu amigo fiel e camarada, fez uma expressão facial da qual já estava acostumado a ver. Quando ele tinha uma ideia genial. Era simples de perceber quando isso acontecia, seu rosto radiava luzes de esperança e glória. Bem, a ideia era consumir toda a droga, simples assim. Nós apoiaríamos seu conteúdo na carteira lisa e de couro italiano que eu ganhara de presente do meu pai há anos, canudos feitos de notas de cem reais dariam a precisa pulsão para que o conteúdo da droga fosse inalado por nós. Ok, contudo, tinha um pequeno furo em seu plano, nós demoraríamos muito, fazendo com que o caminhoneiro se cansasse de esperar e nem pelo valor que dizíamos que iriamos pagar ele esperaria por tanto tempo. “Foda-se ele e seu caminhão lerdo. Com esse tanto de cocaína andamos tudo o caminho e ainda sem nos cansarmos. Eu já andei por mais de duas horas sem parar alterado de cocaína. Se fiz antes farei agora” falou Lucas.

A farra começou, já na metade das cinco gramas, o caminhoneiro ao invés de se mandar dali, veio à procura do seu ganso alemão e de ouro. “Dinheiro fácil ninguém dispensa” pensei comigo mesmo. Ficou olhando aquela cena por alguns segundos, quando o mais sem vergonha da nossa dupla, olhou para o caminhoneiro e disse “quer um teco?”, o caminhoneiro deu seu sorriso amarelo e saiu sem dizer nada. Pensamos que pegaria a estrada sem nós, contudo alguns poucos minutos depois ele volta com duas grades contendo seis cervejas quentes em cada grade. Sentou ao meu lado e disse “você é realmente alemão?” olhei bem em seus olhos e disse “sim, mas falo português perfeitamente”. Ele riu alto demais, estávamos preocupados com a patrulha policial mais à frente. Após recuperar o folego ele disse “eu sabia”. Eu estava muito alterado, meu corpo inteiro tremia, meus lábios estavam dormentes, meu corpo também estava dormente e minha mente trabalhava a mil quilômetros por hora. Sentados ali devoramos a cocaína e a cerveja quente, por horas que nem vimos passar, conversávamos sobre tudo: nossas vidas pessoais, nossa na Alemanha e dele na estrada. Ele contou-nos várias histórias de todos os calibres, algumas tristes, outras engraçadas e outras até assustadoras. Enquanto essa cena acorria, imagina você, meu filho, nós três: Lucas, um caminhoneiro desconhecido e eu, movendo-nos de um lado para outro, perambulando espaços pequenos repetitivamente num tempo muito rápido e no mesmo instante que isso acontecia, nós discursávamos numa velocidade impressionantemente veloz e sem embolar uma palavra. A noite foi se aproximando, sem nenhum de nós percebermos, a patrulha policial ao longe caia no silêncio absoluto da noite densa do verão brasileiro. A droga que tínhamos ingerido não esvaia de nosso sangue, pelo menos, não ainda. Um pouco distante, meu companheiro foi urinar, e ao voltar e antes de chegar próximos a nós dois, gritou, ou melhor, uivou “estou com uma puta cede de uma cerveja para descer essa droga que agarrou em minha garganta”.

Estávamos tão agitados e aéreos que não ouvimos ruídos leves vindo do sul da mata e no momento em que eles estavam em cima de nós, eles apontaram seus fuzis em nossa direção, jogaram suas lanternas com umas luzes altas nos nossos olhos, atrapalhando nossa visão, eu podia ouvir latidos de cães que logo entendi serem cães farejadores. Para quebrar todo o silêncio límpido da noite, os tiras, ratos, vermes, porcos, como quiser chamá-los gritavam aos berros “perdeu, vagabundos” e outro policial fazia ecoar a voz do primeiro, repetindo “perdeu”. Aquela cena foi assustadora, toda cocaína já fora usada, e o papel dela foi queimado por um de nós. Estávamos enfadados e conturbados pelo entorpecente, então queimamos a embalagem de plástico com um isqueiro. Somente um problema eminente, todos os três meliantes estavam com narizes abarrotados de um pó branco que não tinha como explicar sua origem. Jogaram-nos contra a parede que ainda restava do posto abandonado. Após revista os policiais, percebendo que não tínhamos nada de ilícito escondido nos bolsos das calças e jaquetas, recuaram um pouco. Pude, então, respirar um ar mais puro, sem o bafo de feijão dos tiras. Eles falavam entre si num tom quase inaudível para que não pudesse escutá-los. Não sei quanto tempo fiquei olhando para aquela parede desgastada e fedendo a mofo, até que um dos policiais tocou em meu ombro, ele queria falar comigo. Comecei a dizer algumas coisas aleatórias em alemão, desconfiado olhou bem para minha cara, olhou para meu companheiro de viagem e o perguntou o que estava acontecendo. A festa estava armada para conseguirmos sair dali todos ilesos. Eu confiava muito na lábia de Lucas, ele contou tanta mentira que o caminhoneiro ficou sem saber onde enfiar o rabo, este assentia com a cabeça e às vezes dizia alguma coisa sobre nós termos prometido pagar a ele uma quantia em dinheiro com intenção de nos levar até cidade de Juiz de Fora. Os policiais se entre olharam pela última vez, totalmente desconfiados da história, além do obviou, estávamos consumindo drogas ilegais. Final de uma história preocupante foi que; primeiro, os policiais não podiam nos prender já que não acharam nenhuma droga conosco; dois, os policias não podiam nos prender mesmo sabendo que tínhamos consumido cocaína no local por esta já está no nosso sistema; e finalmente, apesar de ter bebida alcoólica na presença de um motorista de caminhão, todas as cervejas, já estavam vazias, por esse motivo não tinha como provar que o motorista em questão consumiu álcool. Todavia, como de praxe fomos até a caminhonete pegar nossos documentos para deixar claro para os policiais que não éramos fugitivos da lei. Fim da história: os policiais se afastaram. Portanto, eu, meu irmão, juntamente com o motorista do caminhão seguíamos viagem até cidade universitária. Não queríamos pagar nada a ele, mas pelo ocorrido nós resolvemos dar a metade do dinheiro. Enfurecido, o motorista voltou para estrada, blasfemando, bufando, até meus pais entraram na roda.

Cidade prometida onde estudantes, apesar de estudarem muito, faziam também festas maravilhosas. Mas naquele momento só queira dormir. Lucas também estava cansado da estrada e o pós-cocaína tinha estragado meu corpo, tudo doía, cada musculo, juntas, cabeça e tudo mais doía, meu nariz estava bastante congestionado, portanto mal conseguia respirar, tinha que respirar pela boca. Perambulamos feitos vagabundos pela cidade, que era tão pequena, que não foi difícil achar a faculdade. Nós adentramos ao campus, eu avistei um bando de estudantes jogados nas gramas, alguns escorados em árvores grandes, lendo livros espessos, eu olhava para Lucas com um ar melancólico, não só pelo motivo de uma semelhança ao campus das faculdades alemãs (tirando as árvores que eram de espécie diferente), mas pelo fato de que nunca poderia entrar em uma universidade. Triste, cansado e com um pequeno animo de uma esperança mínima do que ainda estaria por vir, deitei-me nos peitos de meu amigo colorido e adormeci. Não faço ideia de quantas horas dormimos, pois estávamos muito cansados, porém já era noite. A lua brilhava no topo do céu, nossos relógios digitais marcavam meia noite. Olhamos para os lados e o campus estava morto, não jazia ali uma alma viva. Senti-me na grama seca para me recompor, meu amigo que ainda estava deitado, com manobras extraordinárias, conseguiu tirar dois cigarros do bolso estreito de sua jeans, sem tirar o maço inteiro. Acendi nossos cigarros com o isqueiro que estava no meu bolso da jaqueta fina, olhei bem para seus olhos e lamentei baixo, mas num tom que ele ouviria.

\_ Estou perdido no mundo, não tenho família, não posso ir à escola, o que quer dizer que não poderei frequentar á uma faculdade.

Os olhos brilhantes de Lucas encontraram os meus e sem qualquer palavra sobre o assunto ele me beijou suave nos lábios. Quando terminou disse, rindo:

\_ Isso foi para parar de falar asneiras. Você não está sozinho, pois tem a mim e em questão de dinheiro, podemos arranjar um bom dinheiro vivo para você nas ruas. Você não sabe pintar, desenhar e etc. por que não vende seus desenhos? Comece por ai, depois evolua para algo mais lucrativo.

\_ Está falando de coisas ilegais, não é?

\_ Se não o for como sobreviverá nas ruas geladas da Alemanha?

\_ E quem disse que volto para aquela merda de país ingrato?\_ resmunguei mais alto do que deveria.

\_ Nunca te ensinaram que não deve cuspir no prato no qual se come, meu Senhorzinho? \_ riu ele como de costume da sua própria piada.

\_ Sim, Sim, porém ouvi um belo ditado uma vez que diz: cavalo dado não se olha os dentes.

\_ O que quer dizer com isso, rapariga? \_ cada vez que me insinuava um nome estranho, um tanto sarcástico, ele ri mais alto ainda.

\_ Tudo que quero dizer é obrigado.

Abruptamente paramos de conversar, pois uma música animada de técnico estava ressoando por todo o campus. Rodamos mais de uma vez todo o lugar, vasculhando becos, entre prédios, e qualquer outro ambiente localizado na faculdade. Mas depois de mais ou menos uma hora incansável procurando dentro do campus, percebemos que a música vinha de uma casa, provavelmente, uma república próxima. Corremos na direção da casa, no momento em que lá chegamos dois valentões, estavam de guarda. Eles eram musculosos até demais para meu gosto, ambos com mais peito que minha mãe, altos morenos, cabelo raspado bem rente ao crânio. Lucas olhou para mim e disse “deixa comigo, só me investe cem Reais que entramos sem problemas”. Não queria gastar meu dinheiro, relutei por alguns minutos, mas a lábia de meu amigo me convenceu a gastar esse dinheiro. Todavia, antes de entregar o dinheiro fiz uma troca justa dos cem reais por cerveja gelada e LSD misturado dentro do café brasileiro. Ele aceitou minha troca e foi sozinho conversar com os valentões. Pouquíssimos minutos de conversa e cem Reais mais ricos, eles nos deixaram passar.

Mais tarde, descobri que os fortes e semelhantes á guardiões eram bem intelectuais. Mas vou tentar contar essa história cronologicamente. Entramos e todos, sem exceção, olharam para nós como se fossemos alienígenas. Observei o que estava a minha volta, parecia uma festa de despedida de alguém, tinha cartazes espalhados pela casa com dizeres que apoiava minha teoria, balões e vários elementos distintos que cada vez mais empurrava-nos para fora daquela festa, já que seria uma festa fechada para amigos íntimos da sala e\ou outros convidados mesmo assim próximos à dona da festa. Não se passou muito tempo que estávamos ali parados quando Jessica, a mulher que estaria se formando e saindo da faculdade, apareceu na nossa frente. Olhou-nos de cabo a rabo, de cima a baixo, analisando cada farrapo que vestíamos. Ela olhou para mim em específico e perguntou:

\_ Quem são vocês e o que estão fazendo em minha festa?

Antes que Lucas pudesse abrir a boca e contar mais uma de suas mentiras, eu rapidamente, forçando um sotaque germânico ao balbuciar o português disse cautelosamente.

\_ Eu sou estrangeiro... Vim dá muito longe... Da Alemanha, Berlim e estou visitando a cidade. Este é meu amigo Lucas, um brasileiro. Ele mora também faz muito tempo em Berlim.

Eu já tinha uma noção básica, neste pouco tempo que passei no Brasil, que os brasileiros enaltecem muito os estrangeiros que vem visitar seu país. Então sabia que esse velho golpe que usamos na estrada também seria de grande utilidade para ser, não só aceito na festa, mas também talvez para descolar uma carona ao nosso destino, com algum desses estudantes malucos. Nessa hora, não podia olhar para meu amigo se não desmascararia nossa farsa. A mulher olhou para nós por alguns instantes analisando a verossimilidade da minha história. Depois desse tempo suspirou e disse:

\_Entendo perfeitamente que querem uma festa para curtir a cidade, mas esse é uma festa de despedida. Um pouco pacata até demais.

Lucas adiantou o passo e disse com um ar sincero e um pouco autoritário:

\_ Perdi cem Reais para aqueles armários que ficam barrando quem entra e sai da festa e para recuperar meu dinheiro aceito em cerveja gelada, uísque, maconha e um bom papo universitário.

Todos caíram na gargalhada, após fazer completa chacota de nossa cara, duas mulheres se levantaram, foi quando avistei um livro grosso em sua mão, ela olhou no fundo de nossos olhos e com toda sinceridade do mundo nos explicou que aquela festa era um festa cristã, por isso não tinha álcool, drogas nem conversas interessantes, ela ainda acrescentou entre risos “só se for uma conversa fervorosa sobre a palavra do senhor.” Dito isto, começamos, eu e Lucas, a perceber os sinais mais óbvios de que aquela festa era mais pacata que ir à missa aos domingos. “Tudo bem, entendemos tudo” disse o meu companheiro, acrescentando\_ ”não é pecado, pelo que saiba enganar e pegar dinheiro de pessoas inocentes?”. Todos se calaram, diante a tal elusivo argumento. Os valentões da porta voltaram cheios de desculpas e já iam entregar o dinheiro de volta, quando novamente percebo o semblante de Lucas iluminar, significando uma ideia genial de sua parte. Ele gira, gesticula e muda de expressão de acordo com o que ia falando. Começou assim:

\_ Bem, somos todos dois praticamente estrangeiros, eu nasci aqui num cidadela do sul da Bahia e meu amigo aqui é realmente um gringo. Eu fui parar na Alemanha antes da guerra fria, ou seja, era muito pequenininho e hoje somo gringos procurando uma diversão na cidade antes de chegarmos a minha cidade natal. Não queria falar nada, já que esse recinto é formado por pessoas evangélicas, mas esses dois valentões estão me cheirando a festeiros. Se eles nos indicarem uma festa real, dobro o dinheiro que lhes dei. Porém tenho que esta, eu e ele, dentro da festa curtindo.

Eu achava os discursos lindos, sua eloquência soava-me num tom universitário e não pedante. E para alguém de quinze para dezesseis anos, isso parecia para quem ouvia surpreendente. Dito isto, todos da festa nos olhavam perplexos, os mais próximos perguntavam em qual faculdade alemã nos frequentávamos. A lábia de Lucas conseguiu que fizéssemos amizades com pessoas totalmente opostas á nós, o que nos fez mais tarde brindar as diferenças, tendo essa primeira festa em mente ao fazermos isto. Passados horas, já éramos amigos de todos ali, conversávamos sobre assuntos importantes, pessoais e a cada pergunta sobre nossa religião desviávamos do assunto sorrateiramente. Comemos biscoitos caseiros, bebemos chá de cogumelo, mas não o alucinógeno e nós perguntamos para ter certeza, o que fez todos rir em uníssono. Eu estava no sofá e o tédio estava começando a tomar conta de mim. Olhei a sala para procurar Lucas e ele estava no canto xavecando uma mulher bonita, loira, dos olhos castanhos claros, esquia e parecia uma modelo dos anos noventa.

Para salvar nossa noite, pois já eram três da manhã, garotos vestidos com a camisa da seleção brasileira invadiram a casa, olharam ao redor e perceberam que ali não tinha como recrutar ninguém. Levantei bruscamente do sofá para ser percebido, encontrei os olhos de alguns dos garotos e tentei chamar atenção sem uma palavra. Lucas que estava no canto, rapidamente, se pôs afrente da situação, mas antes de falar alguma coisa, um dos rapazes disse, respeitosamente:

\_ Nós não sabíamos que aqui estava rolando esse tipo de festa. Perdão, mas esses dois aqui­\_ apontando para mim e meu amigo\_ não fazem parte daqui.

Uma das mulheres se levantou para nos defender, mas antes que ela abrisse a boca Lucas, mais uma vez se exalta, e grita:

\_ É mais do que obviou, um louco reconhece o outro.

Para minha surpresa, não somente os garotos uniformizados riram como também todos das festas riram daquilo. Mais uma vez, Lucas encontra sua alcateia. Não diria ainda que era a minha também, porque eu ainda nesta ~~anaDÉLIOlogia~~ um pouco tosca diria que era um filhote. O que parecia ser o líder da turma que acabara de chegar, ele se aproximou de meu amigo, fingiu cheirá-lo como um chimpanzé, tocá-lo e rodeá-lo, enquanto isso fazia um barulho parecido ao um macaco quando reconhece outro da sua turma. Aquele teatro foi tão bem encenado por ambos os atores, que o grupo de evangélica os aplaudiu de pé, rindo alto e se divertindo. Não levantarei bandeira aqui, nem julgarei as pessoas que se divertiam à custa de nossos pecados. Apenas seguirei tranquilo na minha narrativa. Ao passar o teatro com meu amigo, um rapaz que parecia ser irmão do líder do grupo, chegou perto e mim e começou também a encenar um encontro entre loucos. Entrei no personagem tão bem que acabamos um no ombro do outro, caindo de tanto rir. Lucas olhou bem para minha cara de um rapaz sorridente, eu olhei para sua cara de feliz e entendi que ele queria passar a perna nesses loucos vagabundos. Se eles tivessem um carro podê-lo-íamos fazer-nos levar para a cidadela de origem de meu amigo colorido e com promessa de festas que não tem fim. Portanto, para fechar o show com honrarias Lucas começou um novo discurso, mas esse de despedida.

\_ senhora e senhores, a festa que aqui nos abraçaram, sem convite algum, está chegando ao fim, pelo menos, para mim e meu amigo. Espero que não fiquem tristes com nossa partida, no entanto espero estarmos em boas mãos\_ olhou para os garotos uniformizados e continuou\_ Nós partiremos, todavia, nós nunca nos esqueceremos das suas graciosas conversas e seus apelos para salvar nossas almas perdidas há muito tempo nos umbrais mais escuros e vales mais profundos, onde poucos podem chegar.

Antes que ele pudesse terminar seu discurso todos estavam o aplaudindo de pé. Ele não pode terminar, porém ouvi o resto ao amanhecer ainda naquela cidade universitária. Logo partimos como se fossemos melhores amigos do grupo que vestiam todos aqueles rapazes aparentemente fortes trajando a camiseta do Brasil e cheiravam a talco de bebê. Olhei para Lucas e ele retribuiu seu olhar significativo para minha pessoa. Estávamos, novamente, nos comunicando por olhares. Dessa vez, fui eu, quem comecei o diálogo que nós ambos estávamos ansiosos para saber. Perguntei:

\_ Então, rapazes, como é?

Eles pareciam não me entender muito bem e o cheiro de talco forte subia nas minhas narinas, deixando a entender que eram apenas filhinhos de papai, bancando os vagabundos de plantão. Retomei minha postura e tentei novamente:

\_ Será onde conseguimos descolar uma bala, por aqui? Não precisa ser bala, pó, maconha, LSD...\_falei na gíria que eles me entendiam.

Eles se entre olharam perplexos com minha pergunta. Parecia que tinha feito um erro grotesco gramatical ou qualquer coisa parecida. A pergunta ficou no ar por um bom tempo. Caminhávamos, até em tão em silêncio, quando o mais novo da turma, ele ainda estava no seu primeiro ano de faculdade de medicina, abriu caminho entre seus colegas, aproximou de mim e Lucas e disse baixinho “conheço alguém que vende múltiplos tipos de relaxante muscular, pelo o que ouvi falar, juntamente ao álcool dá um efeito e se esmagar os comprimidos para cheira-los dá uma onde sim”. Para deixar a conversa mais suave e segura, isolamos o garoto novato num canto, fizemos várias perguntas já que não tínhamos conhecimento de que drogas lícitas, usadas para recreação e misturadas com álcool, se esta pudesse nos dar o efeito desejado. Agora seria a tarefa mais difícil levar todos do grupo para a festa que nós três estávamos planejados. Aqueles garotos não cheiravam somente a talco de bebê, mas agiam como um. Depois de amplas tentativas, argumentações e suborno nenhum deles quis nos acompanhar até a farmácia que deixava estudantes comprar remédios tarja preta sem nenhuma prescrição. Já eram quatro da manhã e nossa paciência estava se esgotando. Olhei para o novato, ele era minúsculo perto de seus colegas, frangiu até, contudo percebi que tinha uma curiosidade maior das de seus amigos. Ele tinha também uma coragem que pode se dizer cega, pois dentro de alguns minutos, estaria experimentando drogas com dois desconhecidos. Foi assim, que naquele momento ele não era mais conhecido como novato por nós, mas como Carlos. E depois de alguns avisos preocupantes de seus amigos, que Carlos somente ignorou, fomos nós atrás dessa farmácia.

Andamos a esmo por uns bons vinte minutos. Curvamos aqui, entramos em becos estreitos ali, subimos morro e descemos ladeiras. Foi quando avistei uma casa disforme, caindo aos pedaços e meu coração disse “finalmente chegamos”. Não era exatamente uma farmácia convencional, todavia tinha um letreiro vermelho no topo da casa, quase caindo, indicando que era uma farmácia. Carlos bateu palmas na frente do quintal cuja frente era composta por mato e flores mortas, pretas e uma lápide singela. Não senti medo, apenas estranheza. Não era por mal, porém sabia que meu amigo andava com uma faca, e de dois gumes bem afiada no bolso, então olhando tranquilamente para porta caindo aos pedaços, vi um homem mais velho que a casa abrindo a porta. Ele apoiava-se numa bengala mais velha que ele, vestia roupões grossos demais para o clima local, e arrastava um tanque de oxigênio pesado. Ao avistar Carlos, o velho acenou para entrarmos rápido. Entramos e casa por dentro era mais feia do que por fora. O velho chamava-se Paulo, mas todos os conheciam como Paulão. Pediu gentilmente que nos sentássemos num sofá velho, cheio de buracos, sua cor já não tinha como ser definida. Olhei para Lucas que também estava espantado com o estado do sofá e com medo de sair bichos estranhos dali, por isso fingimos pressa. Antes de nos oferecer seus medicamentos, ele explicou-nos que tinha câncer, dentro outras doenças fatais, usava o dinheiro que vendia os remédios para se alimentar e bancar sua filha na faculdade. Sua história era muito comovente, no entanto não queríamos pegar nenhuma doença ou tétano. Carlos percebeu nosso desembaraço e foi logo ao assunto. Ele descolou para nós, duas cartelas de tranquilizantes pesadíssimos, duas cartelas de benzodiazepínicos, o mais forte que se chamava Xanax e umas pílulas de remédio para câncer que o velho Paulão garantiu ter um bom efeito se as cheirar.

Saímos voado daquele ambiente. Eu estava feliz gastei somente a metade do dinheiro que recuperei das mãos dos valentões da primeira festa. Olhei para Carlos tentando perceber se ele conseguiria banca as cervejas, entretanto nem precisei perguntar, ao vagarmos de volta as estreitas ruas da cidade, ele parou numa loja de conveniência, comprou duas garrafas de Vodca e uma de Rum. Voltou com um sorriso entre os dentes dizendo “não sabia o que vocês bebem na Alemanha”. Rimos juntos e antes de chegarmos ao dormitório de Carlos terminamos uma garrafa de Vodca. Para deixar bem claro isso levou apenas meia hora, pois ele morava na periferia da cidade com uns garotos festeiros. Isso animou-nos um tanto, Lucas um pouco ébrio saltava de um lado para o outro cantarolando velhas canções germânicas que aprendera nas aulas de história. Chegando à casa de Carlos, dois garotos mal encarados ocupavam toda a entrada. Ao nos aproximarmos nós podíamos, eu e meu querido amigo, ver que eles não estavam mal encarados. Aquilo era apenas abstinência do que eles mais usavam como subterfugio, álcool. Ao verem Carlos acompanhado de dois estranhos eles gritaram de longe: “lá vem o puritano Carlos, trazendo mais amigos para estudar anatomia de um modo completamente errado.” Ou ouvir isso, nós três começamos a rir alto, tão alto que os dois guardiões da porteira, vieram ao nosso encontro. Um deles viu nossa sacola branca, escrito farmácia cidadã e o outro rapaz estava de olho nas garrafas cheias que Carlos trazia. Mas antes deles começarem a fazer suas perguntas curiosas, tomei coragem, porque como disse ainda era um filhote para essa alcateia, gritei em alto e bom tom “trazemos mantimentos, para fazer a cabeça de todos, vamos esquecer o passado, presente e futuro, neste momento entraremos num transe onde nossas mentes habitam, ou melhor, comungam de um mesmo pensamento e uniremos o que é de mais sublime que é o nosso intelecto”, pela primeira vez tive coragem de gritar em público coisas eloquentes e fazer um discurso breve. Lucas olhou para mim com orgulho e admiração, os dois desconhecidos ajoelhados sob meus pés gritavam “viva, viva”, enquanto o médico novato dava uns goles no Rum e esperava aquele teatro patético acabar. Entramos todos no barraco, não tinha muitos imóveis, nem uma televisão ou um rádio de pilha. Era apenas um cômodo, onde três colchonetes jaziam no chão, estes estavam em estados deploráveis. A casa era limpa, não se via guina de cigarro jogado pelo cômodo, nem outro lixo. Fiquei por alguns minutos, enquanto a garrafa de Rum rodava, me perguntando onde eles comiam, mas um deles foi logo explicando que aquele barraco era temporário e a universidade provinha todas suas necessidades básicas. Achei aquilo interessante. Quis saber mais sobre as faculdades brasileiras, principalmente, as públicas. Ficamos, então, nesse assunto por algumas horas até sobrar somente uma garrafa de Vodca. Foi nesse instante que pausamos a conversa que tinha monopolizado e um dos garotos perguntou “que presentes trás nessa sacola do SUS?”, como sempre de forma eloquente e teatral Lucas levanta, olha nos olhos de cada um da sua audiência, e começa a discursar:

\_ Senhores e Senhores, nessa noite, exatamente as\_ e olhou no seu relógio digital as horas, fazendo assim sua pausa dramática e desejada\_ cinco e quinze da manhã trago-lhes regalos de um velho chamado Carlão\_ aplausos fortes, ele espera o aplauso diminuir e continuar\_ Xanax, um fortíssimo benzodiazepínicos, que quadraremos para mais tarde, já que o sono não é nosso amigo mais fiel. Bem, lhe trago drogas de todo o tipo\_ ele vira a sacola no chão deixando dramaticamente todos os remédios caírem\_ escolham amigos seus venenos, pois a manhã só está começando.

Todos se exaltam com seu discurso e depois de cair os remédios no chão parecia ser cada homem por si. Como já estava de olho nos benzodiazepínicos, antes que alguém o pudesse pegar, agilmente enfiei minha mão entre a deles e puxei todas as cartelas. Não sabia seu efeito real como usa excessivo de álcool, portanto cai no descuido e exagero. Não fui parar no hospital, não dessa vez. Mas tive meu primeiro Black out, ou seja, não me lembrava de nada que acontecera depois do discurso do meu amigo. Acordei no minúsculo banheiro do barraco. Impressionantemente, existia ali uma banheira, onde se encontrava: eu, Carlos e Lucas, todos completamente pelados. Olhei ao redor para ver se achava minhas roupas, mas somente as fui encontrar pendurada atrás da geladeira quando alguém me explicou que era assim que se secava mais rápido as roupas em algumas cidades do Brasil.

Agora sim, estava eu completamente nu e de falo ereto, tentei perceber se algum de meus companheiros do banheiro iria acordar também, contudo estavam dormindo como pedra. Fui à sala tentando esconder o fato de estar excitado, olhei ao meu derredor e os dois garotos, que nunca descobri seus nomes verdadeiros, tinham desaparecido. Pensei, logo, na minha carteira recheada de reais. Ainda preocupado sentei no sofá, aliviei minha excitação ali mesmo e gozei num dos colchões imundos. Foi quando os dois moradores da casa voltavam vestindo roupas estranhas, largas e que serviriam somente de pano de chão, traziam consigo pão e comidas diversas, que nunca ouvi falar. Minha cara de aliviado foi rapidamente pega de surpresa. Um deles disse que os colchões eram podres e se gozasse nele não os fariam mais imundos que já eram. Sorriram e casualmente me informaram que pegaram vinte reais para compras na minha carteira. Um deles ainda brincou “não se preocupe foi apenas uma nota de vinte”.

Os dois garotos pareciam bem astutos, vividos e bem educados. Disseram-me que a noite foi muito proveitosa e um deles ainda acrescentou “não recomendo fazer orgia naquele banheiro de novo. É muito pequeno.” Riram um pouco da situação e começaram a preparar o café da manhã. Eles encheram-me de perguntas, eu não sabia responder a maioria. Disseram que conheciam um rapaz que adorava uma festa e sempre ia para cidade de nosso destino, disse-me também que ele fora jubilado duas vezes da faculdade, mas sempre voltava, pois ele conhecia as pessoas certas. Foi assim que me explicaram o que era ser jubilado de uma faculdade, eu pelado com o falo ainda molhado, sentado numa das camas, eles vestidos a trapos manuseando garfos e facas para organizar um café da manhã para seus hospedes.

Não demorou muito Lucas e Carlos acordaram, saíram pelados e de falos também eretos, todavia nenhum deles sentia vergonha disto. Comemos pelados, fumamos um baseado que um dos garotos comprara na boca de fumo mais próxima. Olhei para meu amigo, ele olhou para mim e depois para seu falo ainda semiereto, passei o olho para Carlos que ainda estava com o falo bem ereto. Os três olhares se cruzaram, passaram reto no corpo e foram direto para os respectivos falos. Olhamos os três, como se fosse combinado, para os garotos que sinalizaram com a cabeça que depois da refeição cairiam fora. Antes de eles saírem perguntei se poderia entrar em contato com o rapaz que conheciam para ver se nos dava uma carona. Eles assentiram com a cabeça e a festa a três começou novamente.

Ao anoitecer daquele dia, já perdera a noção cronológica dos dias, os garotos voltam como dois quilos de maconha, o que é muita coisa, cocaína industrializada numa quantidade boa e um LSD para cada um “virar”. Confessaram que eles assaltaram minha carteira de novo para comprar tudo aquilo. Dei os ombros para o fato, mas ainda disse em tom desacreditado “porque não compraram álcool para acompanhar o banquete?”. Eles fizeram o mesmo que eu: deram-me os ombros. Assim foi mais uma noite naquele barraco. Lucas, Carlos e eu ainda estávamos encucados com o fato de não sabermos onde encontravam nossas roupas. Sentamos em círculo, primeiro tomamos o LSD, esperamos o tempo necessário para que fizesse efeito. Agoniado com o mistério das minhas roupas perguntei para os dois garotos. Eles riram bastante antes de me dizer que ficou atrás de geladeira esse tempo todo. Levantei e fui buscá-las, achei também lá as roupas de meu amigo e de Carlos. Entreguei-os suas roupas. Depois de que todos estavam novamente ou praticamente descentes. Opinei, tentando fazer um discurso:

\_Por que não saímos desse barraco, como todo respeito, deprimente e rondamos as ruas de nova viçosa? E... Aventurarmo-nos por ai a procura de outros semelhantes. Pode ser que temos a chance de achar semelhante com outras opções de narcóticos ou talvez nós achemos semelhantes para trocarmos o de que temos de mais valioso nosso saber.

Todos olhavam para mim como se acabasse de dizer uma bobagem, mas isso porque já estavam no transe do LDS. Por isso, para ser ouvido gritei novamente o mesmo discurso, o que fez com que todos olhassem para mim, agora com sua atenção eu pude continuar meu discurso:

\_ Vamos, meus camaradas, levantem desses colchões imundos, enrolaremos Beck suficiente e esconderemos no maço de cigarros, e a cocaína deixa que eu levarei no bolso. Vamos, levantem-se.

Lucas olhou perplexo para mim. Eu sabia o que ele sabia. E tinha certeza de que ele entendeu meu enfadamento de ficar ali olhando para aquele barroco de madeira o dia todo. Ele podia sentir minha depressão, mesmo dopado de LSD. E ele pressentia uma onda de viagens deprimentes se ficássemos ali sentados, olhando para cara um do outro, sem dizer uma palavra. Portanto, ele veio em minha ajuda. Saltitou entre os colchões, gritava “vamos, cadê o movimento”, tentou por longas meia hora sinalizar vida entre aqueles que moravam no barraco, mas eles estavam taciturnos. Individualistas! Cada um em sua onda particular.

Mais uma vez, tentei me comunicar por meio de gestos sutis e expressão fácil, com meu querido. Parece que ele me entendeu, pois sorrateiramente passou a mão leve nos completos dois quilos de maconha, suavemente levantei e sob a mesa, peguei o saquinho de cocaína industrial, sem antes me lembrar de pegar o telefone que os garotos deixaram para mim pendurado na geladeira da carona prospera. Todos estavam num transe tão completo que não sei se desistiram ou não viram a gente saque-los. Não foi realmente um roubo já que eles usaram do meu dinheiro para comprar tudo aquilo.

Minha onda do LSD estava melhorando, podia sentir novamente meu corpo aquecer e as cores vívidas se exaltarem, pularem nos meus olhos. Lucas era a cor azul, pois esta sobressia em sua aura, os campos verdes da faculdade estavam agora um pouco amarelados e assim por diante. Andamos, ou melhor, vagueamos pela universidade sem conhecer ninguém. Meu caro abraçado comigo, um guiava o outro e ninguém nos guiava. Éramos almas livres e era assim que nos sentíamos. O ar quente do verão esvoaçava nossos cabelos e a lua posta sob nossas cabeça iluminava nossos caminhos. Procuramos por um beco escuro e quando achamos percebemos que não tínhamos papel nem tesoura para fazer o Beck. Naquela noite em específico, além de não ter ninguém rondando o campus, não ouvíamos nenhum barulho.

Bem, foi somente perceber tal fato que ouvimos sussurros as nossas costas. Tínhamos medo de ser a polícia de novo atrás da gente, então nos escondemos atrás de uma árvore. Dois estudantes saiam da mata, ajeitando suas roupas. Rimos baixo para não sermos vistos. Lucas decidiu interagir com o rapaz, mesmo sabendo que ele era heterossexual. Demos um tempo para eles se afastarem, assim não parecesse que estávamos os seguindo. Depois de alguns minutos continuamos nossa caminha em direção ao casal. Comecei a cantarolar velhas canções germânicas sobre garotas e bebidas. Ainda debruçado em meu amigo, cabeceávamos felizes e cantarolando. O casal olhou para trás, não tinha do que eles se assustarem. Era óbvio que éramos apenas bêbados ultrapassando o horário de silêncio. Eles, à primeira vista não se importaram conosco. Mas a menina que os acompanhava parou e deu mais uma olhadela para nós.

Ela não perdeu tempo deu meia volta, deixando seu sei lá o que para trás, que rapidamente a seguiu. Ele não perguntou o motivo dela estar voltando, parece que ele já o sabia. A uns metros de distância de nós ela finalmente reconheceu a canção e juntou-se no coro conosco. Ao cruzarem nossos caminhos, sorrimos para ela e meu companheiro surpreso perguntou onde ela tinha conhecido aquela velha canção. Ela disse que seu pai era um velho alemão e adorava cantar cantigas antigas para alegrar os dias na pobreza. Eu, curioso também, perguntei se ela sabia falar alemão fluente e em alemão disse que sim e que aprendera com seu pai. Passei meu olhar para Lucas e ele para mim. Ainda no idioma do alemão perguntei se ela tinha tesoura e papeis para enrolar um Beck. Ela continuou a conversa no mesmo idioma, dizendo que não usava drogas, porém que seu namorado usava maconha e cocaína, e acrescentou “cocaína somente em festas”.

Ela se virou para o namorado e em um alemão, somente falado no sul, por isso não entendíamos nada, perguntou, pelo menos acho que perguntou se queria fumar um Beck conosco. Ele parecia um pouco desconfiado. Ele tinha um ar de brutamontes dominador que adora entrar em brigas, o que mais tarde descobri ser o total oposto. Depois de discutirem um pouco neste alemão do qual desconhecíamos, ele olhou bem para nossa cara e disse em alemão inteligível para nós “vamos sim, mas se aprontarem alguma, vão se ver comigo”. Mas antes de irmos tinha uma pergunta crucial para lhe fazer. Suspirei profundamente e então tomando coragem disse ainda em alemão.

\_ somos um casa homoafetivo, isso mudará sua visão de nós?

Minha voz saiu um pouco tremula, era a primeira vez que impunha minhas ideias assim para um desconhecido. Antes que respondesse dei uma olhada para Lucas que estava ali parado, com uma cara de tacho. O rapaz em questão riu alto da minha pergunta, o que levei na ofensiva e antes que ele falasse alguma coisa me expressei mais firme, por isso disse:

\_ Olha bem, não fui aceito pelos meus próprios pais, não quero passar por isso novamente, por essa razão lhe fiz a pergunta. Rir não vai ajudar muito nosso caso. Quer-me como amigo, bem, todavia me aceitará do jeito que sou.

Agora como apoio moral, meu companheiro, joga seus braços novamente sob meus ombros. Ficamos ali num silêncio, não passou muito tempo o namorado um pouco envergonhado disse para mim ainda em alemão que não teve intenção de me ofender, explicou também que sentia muito pela minha situação e que gostaria de sentar conosco, fumar vários Beck e dialogar sobre a vida. Aceitei de prontidão sua proposta e lá fomos para um dormitório moderno, bem equipado, um pouco bagunçado, mas totalmente diferente do barraco onde nos encontrávamos até agora. A garota sentou na cama, abriu uma revista sobre moda e a ficou folheando, enquanto os rapazes trocavam algumas palavras conosco.

A primeira pergunta que saiu da boca de Jonas, esse era seu nome, mas o chamava de Jane, e sua namorada era Beck, o que achei engraçado, pois era o nome que dávamos para a maconha enrolada, foi quanto de maconha nós tínhamos. Lucas tirou do seu bolso o pesado tijolo de maconha que fez os olhos de Jonas saltarem. Beck nem reparou na gente. Enrolamos dois ao mesmo tempo e rodamo-los entre a gente. Já era tarde da noite e não queríamos incomodar, contudo antes de tentarmos arranjar um desculpa para cairmos fora dali o anfitrião nos perguntou onde estávamos hospedados. Eu me levantei, joguei meus cabelos para trás e numa pose teatral o respondia:

\_Sou do mundo, Jane, eu não tenho lugar algum para ir, porém, meu caro, não se entristeça por isso. Minha alma foi sempre livre e quem não me quis somente deixou o pássaro voar livre pelas ruas de qualquer lugar, vagabundando por ai e assim sou feliz. Esse, por sua vez,\_ eu puxei Lucas para meu palco particular\_ é um burguês safado, todavia mais livre que eu, pois é vagabundo por escolha. Dormimos onde dá, comemos o que vier a nossa frente. Iremos ganhar nosso pão na rua e onde também o ganharemos. De regalo obtive uma grana de minha mãe antes de ser expulso e esse burguês está de férias.

A plateia foi ao delírio todos me aplaudiam, até Beck parou de ler sua revista para prestar atenção em mim. Depois do discurso ele nos convidou para dormirmos aquela noite num dormitório vazio, o que aceitamos de prontidão. Foi meu parceiro que começou a ficar fadigado daquele quarto burguês, talvez porque se lembrava da sua vida na Alemanha. Bem, como de costume levantou, arranhou sua garganta para prestarem atenção nele e depois de uma pequena pausa começou.

\_Sou um passarinho solto e não nasci para ficar em gaiolas, não nasci para ficar em quatro paredes, quanto mais no estado mental que nós nos encontramos, devemos ir para rua, cantar e sentir o ar puro, respirar todos os cheiros possíveis e impossíveis, saboreá-los um á um. Desculpe-me a todos, mas partirei para curtir a cidade. Quem vem comigo?

Levantei e disse eu vou, Beck parecia cansada, porém jogou a revista para o lado e também se levantou. O único indeciso deles era o Jonas que queria ficar jogando jogos online. “Então vamos” disse Beck levantando, enrolamos mais uns cigarros de Cannabis para viagem e escondemos no maço de cigarros vazio. A garota olhou para nós como se soubéssemos a direção. Como ela percebeu que éramos novatos na cidade, ela mesmo decidiu para onde iriamos, á um bar. Falou que não tinha dinheiro para bebidas, perguntei a em alemão se queria beber e ela disse um talvez chocho. Corremos cambaleando para o bar cantarolando músicas de velhas canções alemãs. Chegamos ao bar e tudo era diferente, as cadeiras de plástico e a mesa de plástico com uma propaganda de uma cerveja local, a multidão que se aglomerava ali; mesas eram expostas dentro e fora do bar, aquilo me assuntou.

Beck olhou bem para minha cara de espanto e disse “bem-vindo ao Brasil de verdade”. Como era a mais ágil entre nós entrou, descolou uma mesa para nós do lado de fora e ainda voltou com duas cervejas geladas na mão. Perguntei-me mentalmente como tela tinha conseguido as cervejas já que falou que estava sem dinheiro, todavia não tive coragem de perguntar, então bebemos nossas cervejas. No iniciou era um silêncio gélido, mas logo com as cervejas esquentando nossos corpos e mentes a conversa começou a fluir. Ela começou a falar que tinha começado a cursar direito, contudo não gostou, por isso mudou de curso para moda. Todo momento eu pensava se conseguiria vender meus desenhos na praia. Eventualmente, tive coragem de perguntá-la isso. Ela riu e disse que artistas no Brasil normalmente passam fome. Claro, mais uma porta que se fechara.

Beck, a moça, era uma menina muito inteligente o que fez nossa conversa fluir bastante. Quando percebemos já estava amanhecendo. Acompanhamo-la até seu quarto e na caminhada fumamos mais um Beck. Ao chegar a seus aposentos seu namorado já tinha fumado metade da nossa maconha jogando a noite inteira. Depois de alguns minutos sentados em silêncio, rodava mais dois Beck para fechar a noite. Não conversamos muito, ao terminar os Becks, Jonas nos mostrou onde dormiríamos e o fizemos até mais tarde, levantamos umas cinco horas da tarde. Fui sozinho ao quarto de Jonas e Beck, bati na porta e ele me a atendeu vestindo somente suas cuecas. “desculpa não queria incomodar”. Ele escancarou a porta e percebi que estava ali sozinho. Perguntei se ele tinha aquele aparelho telefônico portátil. Ele olhou perplexo para minha cara e disse “um celular?”. Respondi positivamente. Ele foi até sua escrivaninha tirou um tijolo pesado de lá e me deu. Eu não sabia usar aquilo, pois nunca tive paciência para tecnologia. Jonas fez a ligação para mim e fui até o corredor tentar negociar uma carona.

A conversa foi extensa, prometi um bando de coisas que nunca vou me lembrar, mas sei que envolvia festas, eventos, bar, música e drogas. Deve ser por isso que concordou com tudo rápido e sem me conhecer direito. Voltei para o quarto para informar Lucas que tinha arranjado nossa carona. O encontrei melancólico e pelado, fumando na janela totalmente aberta. Cheguei excitado pelo papo que tive com Steve. Contei todos os detalhes para ele que me deu somente os ombros. Cheguei mais perto dele, envolvi meu braço em sua cintura, deixei meu pescoço apoiado no seu ombro, tudo isso de uma forma bem carinhosa, levemente peguei o cigarros entre seus dedos, traqueei-o e devolvi para o dono. Entre sussurros tivemos uma conversa intima, de coração para coração. Foi bem assim:

\_ O que está de errado, baby?\_ ele não estranhou eu tê-lo chamado de baby somente sorriu.

\_ Essa droga de vida. Acaba o inverno rigoroso e entra mais um ano letivo, eu fico triste só de pensar nisso.

\_Todos nós temos a oportunidade de sermos livres, veja só, eu fui empurrado do ninho, mas você pode voar dele, sair fora e voar sozinho pelas ruas ébrias e cálidas de Berlim.

\_ Não é tão fácil assim, meus pais vão me procurar.

\_ E quem disse que te pegarão? Estou sempre ao seu lado. Ainda mais, Brasil é enorme e América do sul ainda maior. Como eles te acharão?

\_ Tem um problema no seu plano\_ ele sorriu.

\_ Qual?

\_ Falamos várias línguas, mas nenhuma delas é o espanhol.

\_ Ahhh, quem tem boca vai a Roma\_ ele riu novamente.

\_ Tá, mas você não pensa em voltar para Alemanha?

\_Não.

\_ O que fará da sua vida?

\_ Vagarei livremente pelo meu país de origem.

\_Pensarei na sua proposta\_ disse ele sério e acrescentou sorrindo\_ bem, vamos tratar de esquecer essa tristeza e pegar na estrada.

No dia combinado conhecemos Steve, um inglês cortes que morava no Brasil fazia anos, ele ainda tinha o sotaque britânico e insistia para que falássemos em português com ele. Seu semblante era do típico jogador de rúgbi, até os dentes quebrados ele tinha. Era o cara mais festeiro que nós encontramos na estrada da vida. Disse estar sem dormir a dois dias e ainda teriam uma grande Rave para ir alguns quilômetros da cidade onde nós estávamos e somente depois pegaria a velha estrada, porque não confiava nas rodovias BR.

Perguntei se planejava dormir antes de dirigir. Ele riu e então disse “quem dirige para mim é minha companheira, ela não gosta muito de festas, porém não reclama quando emendo uma festa na outra. Às vezes fico dias sem chegar a casa. Eu sei que ela faz relação amorosa com Deus e o mundo, mas eu também. Fica elas por elas”. Ele perguntou qual era a relação entre mim e meu amigo colorido, então disse que éramos amigos, companheiro e às vezes fazíamos um sexo gostoso. Lucas consentiu com a cabeça, entendo que eu queria provocar uma reação x no rapaz. Mas tudo que o Steve falou foi “isso que é felicidade” e depois riu bem alto. Nosso primeiro encontro foi breve, marcamos de nos encontramos na festa que ele mencionara. Deu-nos outro telefone, dessa vez de uma vã e disse “essa vã levará milhares de malucos como a gente” e antes de perguntarmos o preço total da festa mais a vã, ele disse “pode deixar, eu conheço tudo mundo, portanto sairá o pacote todo de graça para vocês que são amigos de amigos”.

A festa começaria pela manhã do dia seguinte e a vã sairia às oito da noite. Naquele dia foi bem corrido. Fomos até o apartamento de Jonas, única pessoa que conhecíamos que tinha um celular. Chegando lá, ele gritou de dentro do apartamento para entrarmos sem cerimonias, pois ele estava jogando. Parecia que passava grande parte do seu tempo preso no quarto enfurnado naquele jogo. Quem sou eu para julgá-lo cada um tem seu vício. Perguntei sem muitas delongas pelo celular, ele apontou para a gaveta do meio, depois de alguns minutos desvendei os mistérios dessa nova tecnologia, consegui ligar para o cara da vã, disse á ele de quem nós éramos amigos e ao mencionar seu nome, o rapaz da vã mudou o tom para um mais respeitoso. Disse-me o horário e onde a vã nos pegaria. Sem muitas esperanças perguntei se tinha vaga para mais amigos de amigos. Ele riu e disse “essa vã é igual coração de mãe sempre tem espaço para mais um”. Desliguei a ligação e olhei bem para Jonas e disse com um ar autoritário que nascera dentro de mim abruptamente.

\_ Levanta-te. Não quero desculpas, vai ter uma Rave alguns quilômetros daqui. Nós temos a vã que leva e trás free, a entrada também será grátis, além de termos cocaína industrial suficiente para todo comboio. Vamos, se vista, a vã sai daqui a pouco e temos que andar até lá. E não me olha assim. Não gosto desse tom de voz, mas se precisar usarei de novo.

Sem dizer uma palavra sequer de protesto Jonas levantou, tomou um banho rápido, se arrumou umas duas vezes, sendo nessas duas vezes ele pediu nossa opinião sincera. A primeira opção que escolhera estava mais para praia do que uma Rave e a segunda eu senti falta somente do agasalho, porque mesmo no verão faz um pouco de frio anoite. Jonas escreveu um bilhete para sua namorada, explicando que estava sendo intimado a comparecer em um evento e voltaria só Deus quando. Achei-o um pouco dramático. Depois foi nossa vez, Lucas e eu tomamos um banho juntos com muita pressa, pois tínhamos medo de perder a vã. Em um piscar de olhos nos vestimos, sem pedir opinião de ninguém já que pássaro livre faz o que quer e veste o que deseja. Corremos pelas ruas da cidade universitária, paramos um boteco sujo para comprarmos umas bebidas baratas e fortes, chegando a tempo. A vã ainda estava parada.

Quando entramos na vã foi que entendi o que seu dono quis dizer com coração de mãe. A vã estava abarrotada de gente e se chegássemos um pouquinho mais tarde não teria mais lugar para sentar. Pegamos lugares péssimos, na traseira onde ficar o motor e o banheiro. Aproveitamos que estávamos perto do banheiro para darmos vários trecos daqui até a Rave. Compramos cinco garrafas de uma bebida estranha e um gosto sêmen azedo. (os homens gays me entenderão). Todavia, estava escrito na garrafa que seu teor de álcool era altíssimo e logo comprovamos que a informação era verossímil. Chegamos a Rave todos: Jane, Lucas, Steve e eu, alteradíssimos. A música batia dentro de meu corpo, podia sentir regular meu coração em suas batidas fortes, compassadas e ébrias. Meu corpo gemia juntas as batidas do Techno. Arrastei todos para pista de dança e dançamos por horas sem uma mínima pausa. E o que mais me surpreendia era a energia de Jane dançando, rodopiando na pista.

A música não parava e fiquei sabendo que essa Rave duraria dois dias seguidos. O que não desanimou ninguém da minha turma, muito pelo contrário, isso nos excitava ainda mais. Ao cair da noite, ainda não fadigados, mas precisando de uma pausa, por causa do corpo mesmo ébrio e alterado pedia por uma folga, sentamos todos juntos em canto, não tão longe nem tão perto da multidão. Era um lugar perfeito que poderíamos dialogar um pouco. E nesse momento sublime que nós descobrimos que Jane estudara vários períodos com Steve. Até ali não tinham prestado atenção um no outro. Conversa muda de lado no instante que um garoto aparentemente jovem veio nos oferecer bolo de maconha. Lógico que não era de graça, antes que todos começassem a vasculhar suas economias, tirei uma nota de cinquenta e dei ao comerciante. Gritei “hoje é por minha conta o bolinho sagrado”. Todos sorriram com minha piada, então foram distribuídos pedaços consideravelmente grandes entre nós.

Voltamos para pista de dança e lá ficamos até o sol amanhecer. Primeira parte do dia, terminada com sucesso e muita diversão. O bolo caíra muito bem em meu estomago e ajudou meu cérebro a processar informações pelas quais meu ego não me deixava ter acesso. Logicamente, esqueceria novamente todas essas informações, mas me deleitava com elas mesmo assim e ao compasso da música. À tarde do primeiro dia, passamos um pouco isolados, curtindo nossa onda em conjunto. Olhei para aquela turma na qual me remeteu a um livro que lera num dia qualquer e este era intitulado “*on the Road*”, isto é, “na estrada”. Um livro grosso até, todavia tão interessante que passei o dia e noite lendo, terminando somente na aurora do dia seguinte. Olhei novamente para a turma com a qual estava envolvido. Sabia pouco sobre eles, portanto, usando o jogo da verdade do livro em questão, eu introduzi esta ideia, sem antes esperar pelo silêncio.

\_ Sério, caras, eu estou com uma ideia fixa na minha cabeça e preciso dividir com todos vocês.\_ fiz uma breve pausa para ver se me escutavam.

\_ O que foi, meu querido pássaro?\_ disse carinhosamente Lucas. E os outros em coro, seguiam perguntando o que se passava pela minha cabeça.

\_ Bem, preciso de um gole desta merda\_ peguei a última garrafa e o último gole então com a coragem que precisava continuei\_ passou uma noite em claro lendo um livro muito sapiente e eu não sei se vocês o conhecem, este é intitulado “on the Road” ou “na estrada” \_ alguns consentiram com a cabeça afirmando que já tinham lido o livro, mas todos tinham pelo menos visto o filme.

\_ Magnifico livro e filme\_ gritaram excitado Lucas e Jane ao mesmo tempo.

\_ O que passa na minha cabeça é oriundo deste livro. Não sei se lembram da parte em que o personagem Dean e Carlos sentam sob a cama e começam um diálogo sincero, sem enrolação. Pois bem, gostaria de propor um jogo parecido. O que acham?

Todos me olharam por um instante tentando entender o que eu queria propor um pouco apreensivo, Steve tira do bolso uma cartela cheia de doce, LSD, quando vi aquilo achei essencial para o jogo. Peguei das mãos de Jane sua cartela cheia de LSD, virei para turma e prossegui minhas explicações, sem antes prometer que devolveria a droga.

\_ olha só, galerinha, eu acho valido nós realmente nos conhecermos, sem máscaras ou rótulos\_ e quando disse a palavra rotulo olhei diretamente para Lucas que me retribuiu com um sorriso\_ sem teatrinho ou nada. Somente isso. Então, para organizar o jogo, vou colocar um LSD na boca da pessoa e esta estará com a palavra e assim sucessivamente. A pessoa com a droga fará um breve discurso sobre sua vida pessoa, contar-nos-á (adoro usar mesóclises) um pouco pelas estradas pelas quais vocês passaram e as dificuldades com a família, por exemplo, dentre outras coisas desse tipo.

Ao terminar minha exposição do jogo, o povo ficou excitado demais, por isso todos começaram a falar o mesmo tempo. Esperei pacientemente que me visse ali em uma pose bem “bixa”, segurando a cartela que continha a droga. Quando todos se acalmaram, olhei para Steve que me olhava com uma expressão fácil de ser lida falando “comece por mim, pois sou dono da cartela, se não darei na sua cara, bixa louca, como todo respeito”. Tirei um LSD da cartela e pedi para que todos ficassem com a língua para fora, então introduzi lentamente, fazendo um pequeno suspense, na boca de Steve.

\_ Bem, até o término da minha história o LSD fez efeito\_ todos riam de sua piada\_ não tem muito que dizer sobre minha pessoa. De dia eu sou um rapaz respeitado, trabalho responsavelmente, junto a advogados de renome. Sumo às vezes por conta de Raves e festas que se prolongam por dias, mas sempre tenho uma desculpa boa para cair fora do velho escritório e me jogar nas festas. Ganho o suficiente para me bancar, apesar de gastar muito com coisas de festivas e pouco comigo mesmo, vou levando a vida\_ deu uma pausa dramática e prosseguiu \_ por motivos de estar sempre em Raves alterativas, festivais e etc. conheço muita gente, o que economiza meus gastos com entradas e por ai vai. Tudo bem, estenderia meu discurso mais um pouco, já que esse exercício é para nós conhecemos melhor. Cursei direito e parei, cursei artes e tranquei, comecei filosofia e fui jubilado por não aparecer um ano letivo inteiro, minha desculpa era boa, mas não colou com o reitor. A desculpa não vem ao caso, porque não passa de mentiras, todavia fui chamado no mesmo ano para fazer uma viagem espetacular, a mesma viagem que Che fez, passei pelos seus mesmo passos. A única diferença era que eu estava ébrio e ele não.\_ mais risadas\_ bem, eu acho que isso é tudo.

Olhei para todos ali presentes e perguntei “alguém quer acrescentar algo ou perguntar algo ao nosso querido amigo?” silêncio. Por alguns minutos rodopiei com a cartela na mão para gerar outro suspense, e então coloquei o LSD na boca de Jane. Alguns gritaram em português mesmo “é marmelada”, foi Lucas que esperava ansiosamente sua vez.

\_ Bem, eu acho que a maioria me conhece um pouco e agora vão conhecer ainda mais. Assim espero. Curso uma faculdade muito monótona, que não preciso mencionar diretamente o curso. Não fui eu exatamente quem escolheu o curso, foram meus pais. E como um filho obediente, eu tive que aceitar suas regras sem reclamar. Passo grande parte do tempo, ou debruçado em um livro que odeio ou seguindo todas as novas tecnologias, principalmente jogos eletrônicos. Sigo-os desde os fliperamas até o que hoje tem de mais new-tech e sim gasto grande parte de uma mesada da qual não mereço em jogos e qualquer coisa que for relacionado à tecnologia. Para falar verdade, queria estudar computação, programação e coisas desse tipo, mas a vida não é justa. Não sou o filho que se rebelaria, jogaria tudo para o ar, porém tenho todo respeito a estes que tem coragem e peito.\_ ele fez uma pausa, bebeu sua agua mineral e voltou ao seu raciocínio lógico\_ uma vez, alguém me disse que também existe uma grande coragem naqueles que sofrem para agradar os pais.\_ consentimos todos com a cabeça concordando com ele\_ mas a grande verdade que doí ser tirado privilégios que desde de criança aprendera a lidar com eles. Discurso bem filho de papai, eu sei disso. Todavia eu gosto de uma festa, umas drogas ocasionalmente para sair da realidade e etc.

Na sua pausa para pontuar sua melancolia, deu seu longo suspiro e deixou o ar longo tirar a tristeza de si. Como era o comandante deste navio iria por último, porém antes de passar a palavra para meu companheiro quis dar uma palavra e pedindo licença ao próximo da fila, comecei:
\_ todos nos sentimos dor, todos nós estamos insatisfeitos com algo e todos nós erramos e muito, todavia devemos lembrar que cada fracasso, tristeza e ódio nos ensina algo valioso. E esse ensinamento nos fará vencermos mais à frente. Nosso passado pessoal é a razão da pessoa mais forte que ontem e mais forte que a amanhã.

Todos que estavam sentados levantaram para me aplaudir, achei aquilo maravilhoso. Passei mais uma vez com a cartela na mão e repousei o LSD na boca de Lucas. Que se levantou pediu calma a todos que ali se encontravam, pois de acordo com ele e usando suas palavras “aí vem bomba”.

\_ Chutem vocês minha idade verdadeira?\_ todos diziam uma idade entre dezoito e vinte. Quando ele revelou sua idade verdadeira, baixinho para não ter problemas. Ele pulou um ano é claro e disse dezessete, que logo faria dentre uns meses.

\_ por favor, lhe peço que não me denunciem, pois tanto mereço a diversão, embriagues e não lucides como todos vocês\_ ele deu uma pausa e todos num gesto único de fechar o zipe da boca e jogar a chave imaginaria fora. Portanto sorrindo ele contínuo\_ bem, odeio a escola, provavelmente mais que nosso amigo Jane\_ ele balançava a cabeça ferozmente negando a afirmativa de Lucas rindo e continuou\_ apesar de odiar o ambiente escolar, sou um aluno exemplar. Bem, para nós que moramos e estudamos da Alemanha \_ olhou agora em meus olhos\_ é muito clara a grande xenofobia, muito mais a xenofobia do que a homofobia em si. Não quero deixar todos vocês com sentimento de raiva e\ou depressão dos exemplos xenófobos que lhe darei. Mal me sentia bem na escola quando encontrei a luz do final do túnel. Um rapaz não só elegante, bonito, que se mostrou uma cabeça aberta, intelectual de primeira classe que não se acha o melhor e assim por diante\_ ele pegou na minha mão, me levantou e me mostrou aos seus novos amigos como se eu fosse um troféu. Não que não gostasse disto.

\_ Bem, já terminou assim tão curto discurso para alguém que sempre tem diálogos longos e profundos?

Ele olhou nos meus olhos e disse\_ Não falarei mais de você, então. Terei que falar de um amigo que é parceiro, irmão e amante que gosto de passar meus tempos livres....

\_ Epaaaa...\_ o interrompi\_ ok, agora é minha vez\_ Deliciei-me com o gosto doce do LSD dissolvendo, aos poucos, em minha língua\_ ora, ora tenho somente histórias triste e em sua maioria não tem começo nem fim, já que minha memória é falha. Mas vou tentar cativá-los com os grandes asserenais de livros que já li, porque todos me ajudaram a ser quem eu sou hoje. Somente preciso de experiência na práxis, o que terei um longo caminho pela frente nas ruas brasileiras, nos becos escuros, nos umbrais da vida. Espero que no Brasil eu consiga entrar num biblioteca pública, pois minha paixão são os livros. Não vou ficar aqui fazendo com que os senhores percam seu tempo me ouvindo e também não bajularei ninguém\_ sorri na direção de Lucas que me retribui o mesmo sorriso carinhoso e generoso\_ findo meu discurso e comando todos que vão dançar, porque está anoitecendo e teremos somente amanhã de manhã juntos para curti.

\_ Bem , como foi curto em seu discurso declaro temporada de dança\_ Steve disse, abrindo a cartela e distribuindo, por meio de sua língua, onde todos nós deveríamos passar para obter nosso desejado LSD.

Fomos fervendo para pista, a lua sob nossas cabeças iluminava a todos da pista de dança, fomos dançando até o amanhecer sem parar, excitados todos pelos dois LSD, porém eu ainda podia sentir o bolo sagrado remexendo em meu estomago e brincando com minha cabeça, com menos intensidade, mas inda lá. Vi alguns jovens passarem por mim carregando bandejas pesadas, parei todos eles, mas era apenas comida, o que meu estomago urgia e meu estado mental rejeitava. Foram dois dias intensos de danças, drogas, discursos e etc... Eu digo mais, ao término dessa Rave todos nós estávamos extremamente fadigados, sentamos na entrada e olhávamos uns para os outros, cada rosto suplicava por algo, um pedia comida, o outro pedia água, o outro uma cama e assim por diante. Mas sem sombra de dúvidas a pessoa mais animada de todas, era Steve que gritava para qualquer um ouvir “que festa boa”, “oi, eu quero mais”. Parecia ter uma energia infinita. Pulava entre a nós e esbarrava em alguns convidados que saiam. Ele chegava a rodopiar como um cowboy fora da lei, louco para entrar em outra festa como aquela. Olhei para cima, ainda tonto de ver Steve pular, rodopiar e saltar entre a gente e ao fazer isto tentava com esforços excruciantes organizar um pensamento, todavia, eles estavam todos embaraçados na minha cabeça.

Arrastamo-nos para lanchonete mais próxima, os nossos corpos suados de tanto dançar, fadigados de ficar em pé e famintos por, não somente passar duas noites em claro, mas também sem comer nada. Para não dizer que não comi, ingeri um bolo mágico. Ao sentarmos, a garçonete sorridente perguntou o que queríamos comer. Olhei para meu estomago vazio, porém com um tanto de cocaína, que usara, mesmo sendo indústria, não teria fome até o amanhecer do outro dia. Estávamos todos no mesmo barco, com o rabo entupido de narcóticos inibidores da fome. Com minha mão livre apalpei meus bolsos a procura de algo que levantasse meu humor. Acho que ficarei com xicaras e mais xicares de café, porque nesta Rave consumimos tudo que tínhamos.

Lucas, depois de umas xicaras de café, estava mais animado. Começou a lembrar das festas e Raves de sua cidade natal. Steve que também as frequentava, pintou um quadro fantástico, onde drogas são baratas e boas, cerveja quente e barata e festas que enquanto estávamos na companhia de Steve seria a entrada grátis e ainda se tivermos sorte, conseguíamos um cover de cinquenta a cem reais. Não estou exagerando, foi ele mesmo que prometeu. Disse que ficará nesta cidade por um tempo indeterminado, já que seu trabalho, por meio das novas tecnologias está se transferindo para o computador, por tanto pode trabalhar de qualquer lugar. Quando ele disse isso, todos nós olhamos para Jane que sorriu e disse “viu, toda praticidade está nessa nova invenção chamada internet”. Para quebrar o assunto Lucas e eu começamos a cantarolar, novamente, velhas músicas alemã. Essas sobre vinho quente para aquecer-nos do inverno e um par de pernas para manter o calor vivido.

\_Olha, minha vida está uma merda e preciso de férias.\_ choramingou Jane\_ será que cabe mais um para essa famosa cidade festeira?

\_ Mas e Beck?\_ disse eu preocupado com sua namorada gentil.

\_ Bem, não fui completamente sincero com vocês, eu sou apenas um amante de Beck, ela tem um marido rico, famoso advogado.

\_ Ahhh que pena, cara, por acaso sabe o nome do corno?\_ Steve disse, rindo da situação.

\_ Porque quer saber, rapaz? Como todo respeito, eu não vou expor a vida dela assim.

\_ Faz bem, garoto.\_ exclama Steve, e depois de uma pausa para tomar mais outro xicara de café falou\_ bem, vou eu, esses dois malucos aqui e minha patroa dirigindo. Eu vou ao banco da frente e o casal moderno demais para o começo dos anos vinte vai atrás, então acho que cabe mais um no banco de trás.\_ tomou outra xicara de café, já estava na sua decima ou milésima não sei bem\_ quer um conselho?\_ e antes que ele negasse ou não, acrescentou\_ não se perca em festas e barulhos em vão. Perdi e ainda perco muito tempo com isso. Hoje deveria ter um PHD, e ou invés disso, gasto todo meu dinheiro em LSD.\_ todos nós rimos com seu trocadilho.

\_ Não sei aonde vou, nem como e onde vou parar, só sei que quero chegar á algum lugar, sem pressa, sem corrida pelo o capital inútil. Quero mesmo descobrir meu talento e lutar por ele\_ cada vez que Jane falava, exaltava sua voz, erguia sua cabeça orgulhosamente\_ foda-se pai e mãe, o dinheiro deles podem enfiar no cu que lá vale mais do que em meu bolso.\_ terminou o ato batendo na mesa, fazendo com que o café de todos balançasse.

\_ Não quero duvidar de sua pessoa, todavia, falar foi bem mais fácil do que fazer\_ exclamou Lucas.

Meu querido amigo expressou claramente seu ponto de vista com meu respeito e carinho. E Jane sabia disso, mas a fúria de outra pessoa que o mal conhecia estar certo, o corroeu. Ele olhou para garçonete e pediu uma tesoura com ponta. Todos nós olhávamos perplexa aquela cena, mesmo sabendo que a qualquer momento ele poderia fazer outro cartão, mesmo assim era um passo grande para um burguês, filhinho de papai e controlado por eles. A garçonete desconfiada entregou a tesoura com ponta e quando viu vários cartões de crédito sob a mesa entendeu. Mas antes que ele começasse seu ritual, Lucas o interrompeu e disse “a cada um que corta, eu cortaria o meu”, antes que conseguisse a liberdade de voar do ninho eu disse:

\_Lucas e Jane, porque não faremos um pacto de sempre apoiar um ao outro, não importa em que, além do simbolismo que o ato da liberdade que é cortar o cordão umbilical, isto é, os seus cartões de créditos e débitos que os ligam a uma fortuna que não é sua, podíamos também assinar um contrato de lealdade. O que acham?

Os dois me olharam bem nos fundos dos olhos, percebi que a partir daquele momento ambos se sentiram, não só desejados e amados. Consentiram levemente com a cabeça que gostariam sim fazer isso. Steve pulava de um lado para o outro ainda mais depois desse tocante momento. Dava cotoveladas em minhas costelas e gritava “família é quem escolhe não a de sangue”, rodopiava na mesa para ter um melhor ângulo daquele comovente simbolismo da quebra de todo mal trazido por famílias ricas e mal estruturadas. Nesse exato momento Lucas se localizava na mesa ao lado direito de Janes e eu em seu lado esquerdo, este olhava seus inúmeros cartões de crédito espalhados sobre a mesa e aquele, que tinha somente um cartão de crédito ilimitado, segurava-o firme com sua mão livre.

Olhei para ambos fixamente, uns bons dez minutos no olho de cada um e podia sentir o ódio fervilhar em suas veias, mas também podia detectar ânsias tenebrosas de medo para com que irá por vir. No momento crucial, ambos olharam para mim, como se perguntassem o que deveriam fazer. Eu escolhi os ombros e disse “eu já estou nesse barco sozinho, se a coragem hoje vencer o medo, terei uma família com quem contar”. Não era de meu caráter ser imparcial, todavia não queria influenciar ninguém para depois apontarem o dedo na minha cara e me acusarem de forçá-los a qualquer decisão.

Passaram-se horas e muitas xicaras de café, decidi intervir. “Olha, só me parece que ambos não estão preparados ainda para esse grande passo, deixemos, então, para outro dia. Que tal?” ao dizer isso, Lucas, com as próprias mãos cortou seu cartão de crédito ilimitado. Não depois de uivar a toda força “prontooooooo... está feito... foda-se meu sangue impuro e insensato. Vou cair e na estrada com meu amor”, gritou tão alto que todos na lanchonete, que estava observado, aquela cena, aplaudiram-no de pé. A garçonete mal humorada, principalmente, porque somente pedimos refis e mais refis de café, veio a nossa mesa perguntar se queríamos algo da cozinha. Olhamos para ela com a cara mais lavada do mundo e pedimos café outra vez. Todos da lanchonete, que não eram muitas pessoas, era apenas um punhado de jovens floricultores ou rebeldes, que observavam cautelosamente o movimento dos vagabundos de plantão. Enquanto isso na nossa mesa, Jane olhava aqueles inúmeros cartões de crédito e débito sob a mesa e resmungava algo a si mesmo. Levantou, ele, abruptamente da mesa, foi para o lado de fora, achou uma lata de lixo segura para ser usada de fogueira, jogou todos os cartões dentro, e tacou fogo em tudo.

Era uma quarta feira, vinte de agosto de dois mil de dois, quando começamos a subir costa acima para o sítio do pai do meu amor. A casa era imensa e cabeira todo turma. Fazíamos promessas de fazer festas dentro da casa e chamar a cidade inteira, bem, não a cidade inteira, somente os interessados em fazer festas longas, regada a tudo que possível. A mulher de Steve era meiga, com uma carinha de sonsa, que come calada. Era magérrima, esquia e mais alta que todos os homens dessa encruzilhada. Tinha um cabelo bem curto, o que chamava atenção, pois mulheres daquela época não tinham a coragem, que mulheres hoje têm de cortar o cabelo bem rente. Ora ela trocava de rádio para irritar seu marido ora beijava seu rosto suado, sem a menor preocupação de olhar para estrada. Ela dirigia a cento e vinte por hora e durante nossas uma hora e meia de viagem, não parou uma vez, nem se implorássemos, o que tentamos algumas vezes. Graças a Deus, podíamos fumar dentro do carro e ocasionalmente Steve, escondido de sua mulher, passava um franco de aço com um uísque bem forte e barato.

Capítulo três:

Chegamos finalmente no nosso destino. Onde Lucas organizou passar as férias comigo, todavia o jogo virou, tínhamos um suporte bom de vagabundos, andarilhos, festeiros e rebeldes com causas justas. Chegamos e fomos todos, inclusive sua esposa que dormiria lá por apenas um dia para assim fazer a viajem de volta, direto para cama, acho que todos nos dormimos por dois dias diretos, pois a esposa de Steve não estava mais lá, já tinha se mandado para sua cidade universitária. Acordamos, não somente quase na mesma hora, mas todos sentiam uma fome de cão. Na cozinha, eu podia ouvir a voz de Lucas, dando ordens as serventes da casa. Quando saiu da cozinha, já estava reunida toda a galera na sala de estar número um, já que eles tinham duas salas de estar, nós numeramo-las.

Lucas saiu feliz da cozinha, o que parecia ser um bom sinal. Olhou para turma reunida mais uma vez, parecia orgulhoso de termo-nos como amigos, camaradas e amantes. Sua pausa dramática estava nos matando de fome, então antes que conseguisse falar começamos todos a perguntar ao mesmo tempo por comida. Simples matemática, as drogas já haviam se esvaído do corpo, portanto a fome voltou e com tudo. Ele sorriu novamente e explicou que a outra sala de estar é onde será servido o desjejum. Então alguém gritou “é no número dois então, porque estamos iguais uns besta na um?”, meu querido não entendeu a indagação, então cheguei perto dele e o expliquei que tínhamos numerado os cômodos que eram repetidos. Ele achou graça daquilo.

Chegamos à sala de estar número dois e a mesa estava posta com pães feitos na hora, todo tipo de fruta, todo tipo de geleia, pão de queijo (que foi a primeira vez que tinha experimentado), além de uma variação enorme de comida e bebida. Até o filhinho de papai do Jonas esqueceu sua educação atacou ferozmente tudo que via pela frente, todos se comportavam do mesmo jeito, até eu e o próprio proprietário. Você não tem noção da fome, ou melhor, larica, que estávamos sentidos. Poderia ser uma vasta variação, mas quando terminamos o desjejum sobrou pouca coisa paras servente recolherem de comida, já as migalhas eram muitas, espalhadas pela mesa, chão e até ocasionalmente no ventilador de teto. (pasmem). Éramos selvagens naquele momento.

Lucas foi mudando seu jeito comigo, não era mais carinhoso e na hora da raiva deixou seus pensamentos mais sórdidos saírem pela superfície, me chamou de mentiroso, canalha e maligno e que ele não sairá do berço dos pais por causa de um Zé ninguém como eu. E tudo que perguntei foi sobre nossos planos para um futuro próximo. A casa inteira ouviu, não somente nossos colegas que presenciaram toda a conversa, já que esta foi na sala de estar número dois ainda enquanto todos comiam felizes.

Sai de lá bufando, “canalha, covarde, ainda me chamando de maligno”, eu cheguei ama aquele homem sabe, mas professas soltas ao vento, não valem de nada, “prefiro estar sozinho e além de mentiroso, é um covarde, filho da puta”, “pois, até eu ter tudo eu era útil para ele e quando perdi tudo, minha família, meus privilégios, o capital deles e tudo mais sou um nada, apenas um brinquedo para ele” falava alto para todos ouvirem. Steven do meu lado, apenas consentia com a cabeça. Depois de estar de saco cheio de me ouvir ele disse “quem liga para um burguês de merda, fedendo a talco de bebê e leite da sua ama de leite.” Concordei com um grito “yeah”, então ele continuou “quem precisa dele já estamos aqui vamos nos divertir sozinhos”. Olhei bem para cara de malandro do Steven e perguntei “Tem uma grana aí?”, ele se ofendeu “tá achando que sou quem?”. Quando disse isso para mim, eu não acreditei, puxei-o para minha frente e cara a cara olhei profundamente em seus olhos, ele na mesma hora abaixou o tom de voz para mim e disse sorrindo “somente para álcool e drogas e você?”, “o mesmo, somente para o primário” respondi. Rimos alto em conjunto da nossa situação

Steve e eu estávamos sentados numa praça principal quando ao longe vimos Jane vagando pela cidade, também sem saber o que fazer. Ao nos encontrar disse subitamente que não voltaria para a mansão dos pais como Lucas fez e fará, além de que ficou pasmo com a atitude de Lucas, terminando algo que perecia ser tão real. Nós dois acreditávamos em seu potencial de resistir ao capital que não é dele e sobre Lucas não queria mais papo. Fizemos a mesma pergunta sobre dinheiro ao nosso novo recém-chegado que balançou a cabeça negativamente. Disse que talvez tivesse cem reais na camisa de flanela que se encontrava no fundo da bolsa de viajante. Eu era muito burro ainda carregava de cima para baixo aquela bolsa com rodinhas e alça.

O festeiro inglês conhecia bem a cidade e alguns de seus habitantes, fomos até uma linha telefonia pública mais próxima e ele tentou algumas coisas. A maioria já tinha alugado os quartos vazios para temporada, uma tinha um quarto para duas pessoas e éramos três. Jane, não entendeu por que não o deixaram para trás. E eu disse “não deixou um homem sequer para trás” e ainda continuei a citar qualquer filme de guerra “salvaremos todos se possível”. Olhamos um para o outro e rimos alto, ecoando nossa risada na praça vazia. “Vem cá, conhece pessoas que não são daqui, porém alugaram uma casa de “verão” por aqui?” ele riu ainda mais alto ainda, “casa de verão não tem nem praia aqui”, olhei para ele com um ar desacertado que não me entendeu. Depois que a ficha caiu nosso novo amigo inglês recomeçou a fazer suas ligações, ele ligou para tanta gente que eu devo ter gastado uns trinca reais. Funcionava assim eu dava o dinheiro, Jane trocava em ficha e Steve fazia as ligações.

Quando já estava ariando, não aquentando mais gastar fixa telefônica de um real cada, foi o momento em que um amigo muito antigo retornou a ligação para o orelhão, já estávamos indo embora. Trocaram endereço, falaram por um bom tempo ao telefone e desligaram prometendo se falar de novo. Ao sair do telefone disse para Jane “tire esse cem dólares de sua blusa que precisaremos para beber no bar, mas fique tranquilo um litro de cerveja custa quatro e cinquenta, com cem reais, podemos beber bem certo?” esse brasileiro filho de alemão parecia ser um peso morto, mas continuava olhando bem para ele para ver se não perdeu nada. Foi quando ele me surpreendeu respondendo “não vai não, pois se dividir cem por quatro e cinquenta vai dar exatamente, vinte e dois vírgula dois infinito”, eu que estava observando essa cena de perto perguntei “como você sabe disso?” ele se explicou “sou bom em números”.

Foi no instante em que falei para ambos “não saem daqui”, voei até uma banca de jornal e pedi por uma calculadora emprestada. Ele disse que ela não podia sair dali. Então, com a lábia que aprendi com Lucas, falei para o rapaz que cuidava da banca, “você quer ver algo surpreendente.” capitei seu interesse, portanto continuei “tem um rapaz que conheço que faz cálculo de subtrair ou somar difíceis como decimais enormes sem o uso da calculadora”. O rapaz da banca disse “duvido” retruquei “quer apostar quanto.” E ele recuou um pouco e falou que poderia me dar cigarros, aceitei os cigarros e acrescentei algumas garrafas médias de uísque. Ele aceitou. Enquanto o levava até onde meus amigos estavam parei num local com pretexto de urinar, mas fiz uma rápida ligação para onde meus amigos estavam e disse o local que a banca se encontrava desguardada, além de pedir para deixar Jane no posto telefônico que o usaria como isca. Nenhum dos dois entendeu muito bem suas tarefas, ao chegar com o rapaz da banca introduzi os dois lentamente e falei que ele era um gênio da matemática. Foram feitas várias perguntas para ele e ele não poderia usar a calculadora. Fez com mérito acertou noventa por cento.

Não vi Steve voltar será que tinha armado uma contra a gente? Fiquei a tarde toda encucado com o fato, mas não disse nada para nosso novo gênio da matemática. Não queria preocupar ninguém. Vaguei pela praça municipal a tarde toda a espera do nosso companheiro inglês, enquanto nosso amigo braseiro fazia algo parcialmente útil que foi procurar pensão para alugar, mesmo depois que Steve dissera que estava tudo cheio. Dez horas da noite chega quem: Steve, exuberante de terno novo. Olhei para ele como se disse “esqueceu-se de seus amigos?”, sem mais delongas tirou do fundo falso uma cartela com vinte maços de cigarros, ainda acrescentou “de onde veio esse tem mais”. Falou ainda que além do terno sobraram uns quinhentos e cinquenta e adicionou “mais seus cem vão ser seiscentos e cinquenta, quantas cervejas poderemos tomar?” ele demorou um pouco para calcular, mas disse cento e quarenta e quatro cervejas. Todos nós estávamos contentes com o cálculo e com o tanto de cerveja que beberíamos.

Steve falou que o seu amigo iria os encontrar e perguntei e ao mesmo tempo percebi que foi a primeira vez que questionamos quem sentaria conosco á mesa do bar. Com uma simples resposta ele diz um nome estrangeiro como se eu soubesse de tudo que se passa no mundo da música, então repeti minha pergunta. Ele disse “ele é um pop star da música Techno”, olhei perplexo para ele, não entendendo o que me falava e eu sem cara para dizer ficamos assim por um tempo, então disse “não tenho roupa para conhecer astros”. Ele me respondeu “Tudo bem, você fica com a metade do dinheiro, além dos cigarros e eu vou encontrar meu amigo”. Não senti enjoou, ciúmes nem nada. Perguntamos juntos para Jane a mesma pergunta e ele teve a mesma resposta que a minha. Achei valido, perguntei onde teria um bar menos chique possível. Ele me responde aos berros e risos “essa cidade é tão pequena que tem dois bares e ambos são botecos”. Rapidamente, ele tirou minha dúvida um ficava morra acima e outro morro abaixo. O artista preferiu descer á subir. Pequei a metade do dinheiro e os cem reais que Jane tinha escondido e comecei a subir morro acima, Jane queria procurar um teto para nós e eu mais preocupado com o nível do álcool no meu sague. Apesar de protestos Jane veio comigo. Quando chegamos à frente do bar me surpreendi, estava totalmente vazio. Entrei e perguntei a atendente porque aquele boteco estava vazio, ela me disse “hoje o boteco de baixo toca jazz a noite inteira, não posso deixar aberto por muito tempo”. Sai blasfemado em alemão, Jane que também falava alemão, me disse em alemão “aqui se pode beber em praça pública”. Olhei para ele agora com admiração e gritei com os braços erguidos para cima “existe uma esperança, senhor. Existe um vagabundo dentro desse burguês”, então nós dois rimos e nossas risadas ecoaram pelas ruas estreitas da cidade.

\_ você sabe mesmo que vou fazer?\_ indaguei um tanto frustrado com aquela cidade\_ você, meu caro, vai me ajudar mesmo tendo pouca ideia do que irei fazer.

A cidade era realmente pequena e àquela hora achei uma papelaria aberta, comprei matérias inferiores ao que realmente deveria estar usando para pintura e desenho. enquanto eu comprava os materiais, pedi para Jane ir comprar os mantimentos que não só me manterão quente, mas também fazem parte do meu material e quando me perguntou, eu o expliquei que era com finalidade de me inspirar, além de ser uma ótima bengala, um ótimo atrativo para riquinhos nos dar dinheiro de troco nos seus bolsos. Ah esqueci-me de falar esses mantimentos eram Vodca, Rum ou cachaça mesmo.

Voltou, ele do bar, cambaleando, trocando as pernas. Dei aquele riso forte, alta e sonora, tive assim que falar um pouco mais alto: “você foi beber os mantimentos que pedi ou deixou algum para mim?”, num ato súbito ele tirou duas garrafas de uma cachaça famosa chamada cinquenta e um. Antes que protestasse ele disse “ganhei a aposta da calculadora com a dona do bar’’”. Eu disse “e o que ela perdeu?”. Ele me olhou incrédulo. Continuei me expressando livremente, falei “devemos ser mais espertos do que os outros, pois vivemos na rua.”. Ele entendeu o que eu quis dizer, contudo ainda achava que saiu ganhando. Coloquei as cachaças uma a minha direita e outra a minhas esquerdas ainda ambas fechadas. Olhei no fundo dos olhos de Jane, isso nunca costumava falhar. Ele, logo, desembuchou que ganhou várias doses desta cachaça, por isso estava embriagado. “Ok. Pensa comigo. O que riquinhos filhinhos de papai, amadores de tetas das suas amas de leite, comprariam de um desenhista de rua?”. Jane era, além de bom em matemática, muito astuto em raciocínio logico. “Eu sei que não gosta deles, mas pensa como eles aqui? Curtir todo tipo de música, drogas e sexo, é disso que eles gostam.” Olhei novamente para ele, mas dessa vez com um ar malicioso.

“Não gostei desse seu olhar” confessou ele “bem, se querem sexo, sei desenhar muito bem pinturas profanas” disse feliz da vida por estar desenhando novamente. Ele não queria perguntar, todavia perguntou mesmo assim “porque esse olhar malicioso?”. Expressei minha ideia ”Bem, não tem ninguém nessa merda dessa praça e você pelado naquele chafariz seria o ponto alvo, não só do meu dia, mas das turistas, tanto mulheres como homens.” Nós estávamos sentados lado a lado no banco da praça, tentava olhá-lo com olhos de artistas, queria aprender novamente essa arte outrora esquecida. Na realidade, eu tinha um extinto para coisa e quando vi a lua iluminando o rosto de Jane de uma maneira fantástica e como ele estava pouco inclinado sua cabeça para mim, ou seja, para o lado, suas mãos repousavam calmas no seu colo. Disse suavemente “pausa nessa exata posição e não mexe”.

Como ele estava bêbado estava fácil de ser instruído. Comecei a desenhá-lo rabiscando, sem sentir sede alguma, contudo na metade do desenho já tinha bebido um terço de álcool. Aos poucos ia comandando-o. “agora tira a camisa” e ele obedecia “agora muda de pose, bem, já que estava sem camisa melhor ter outro desenho com outra pose” falei. “vai mudando de pose até dizer para”. Acrescentei “agora estatua”. Seus músculos descansavam sob sua pele lisa, seu rosto estava sério, mas suas mãos brincavam com seus cabelos quando a outra repousava tranquila na sua genital. Quando acabava cada esboço que fazia ele gritava excitado querendo ver. “agora tira essas calças imundas”, ele olhou para mim e depois para o papel, demorou um pouco e eu pacientemente o esperava tirar as suas calças que nem de pano de chão serviam mais. Sem mais pudor ele estava de cueca em uma pose magnifica, portanto iniciei a fazer meus esboços, quando senti uma respiração na minha nuca.

Sem virar para ver ou ter certeza de quem era disse “o que quer Steven?”, a pessoa era feminina, sua voz era doce e suave. Não podia virar, pois estava concentrado em minha arte. “Esboços, huh?” falou ela ainda me encostava os ombros e por esse ângulo espiava meu trabalho. Então ela disse “como aprendera a desenhar?” eu resumi a longa história em “tive uma professora desde cedo e o resto pego de olhômetro”, senti seu suspira e perguntei, “o que a aflige?” com um ar triste disse “pessoas talentosas fora da faculdade de arte ou música ou qualquer outra forma de arte”. Virei-me para estar olho a olho na minha nova conhecida. Como gosto de fazer, olhei profundamente em seus olhos, antes de pedir o modelo que ficasse nu, o que ele não rejeitou, somente excitou. Naquele momento meus olhos encontraram o dela entendi que ela podia me ajudar. Eu deveria ter algum sexto sentido, porque pessoas que olham bem no meu olho raramente mentem para mim e quando olho profundamente nos olhos das pessoas posso sentir coisas.

Enfim, desvie meu olhar dela e passei para meu modelo que estava confortavelmente nu ainda no banco da praça municipal. Joguei meus lápis nos papeis e comecei outro esboço, não podia olhar sob meu ombro, portanto disse “ainda está aí me observando?” Ela riu e disse que sim e eu repliquei “que bom”. E acrescentei para uma completa estranha, na qual mal via os seus semblantes “você acredita no sobre natural?” ela sorriu gentilmente para mim e disse “parece que seu modelo está sobrenaturalmente excitado.” Olhei para ela, desviando os olhos do meu modele e disse “acho que esse modelo é heterossexual”, ela deu outra risada e perguntou para minha surpresa “ e o pintor?”, fiquei completamente vermelho da cor de um tomate , mas criei forças para responder “mais moça que muita mulher por ai, infelizmente” ela deu uma gargalha muito alta. Olhei novamente para ela e perguntei o que estava fazendo naquela cidade pacata e pequena?” E ela disse “pacata esta cidade não tem nada, mas concordo é minúscula e frequento aqui todos os verões e nunca vi um tira entrar ou sair dessa cidade” e adicionou “É o fim do fim da Bahia.” Eu disse então para gozar de sua cara um pouco como uma piada óbvia “bem vinda aonde Judas perdeu as cuecas...”, ele riu, porém dessa vez foi forçado, de relance olhei para seu rosto, ela era de origem asiática, um rosto fino, cabelo também fino e olhos negros como a noite. Repliquei sua última risada “não vala apena rir por rir, sem achar graça”, pareceu que ela se sentia reprimida, porque novamente de relance percebi que suas bochechas estavam vermelhas, por isso acrescentei minha última frase do jogo que estávamos fazendo “se é o que penso que é você não deveria levar as palavras de outro pintor tão a sério”. Desta vez senti que sua risada vinha de dentro. Será como ela me ajudaria? Fiquei com isso na cabeça o tempo todo que fazíamos um famoso, flerte artístico.

Ela não parecia com pressa nem tão pouco eu tinha. Com minha mão livre, sem olhar peguei a garrafa de cinquenta e um. Com minha mão, ocupada enquadrava como maestro a forma nu de meu amigo heterossexual. ‘“Cansei” disse alto, o garoto nu pediu permissão para voltar a usar seu trapo que chamava de calças, olhei para ele, a noite estava bem quente, seu falo meio ereto sairia não tão bem quanto o mesmo ereto. Falei isso para ele, ele olhou para mim e disse “sério?” respondi apenas com a cabeça, assentindo. Ele rasgou mais suas calças, punha um show nu enquanto eu bebi com uma mão livre, verei bruscamente para ver se ainda estava sendo observado. Ela estava um pouco afastada conversando com outro garoto que estava encostado a porta da limusine preta. Pensei comigo mesmo, resmunando baixo “ a cidade é minúscula, pode ser do tamanho da limusine toda. Enfim, até pouco tempo ela me chamava atenção mais agora vendo essa cena de fora, não gostei. Todavia, tudo estava acontecendo ao mesmo tempo, quando Steven apareceu, contei o que tinha acontecido, mostrei os esboços e apontei para garota que elogiara meus desenhos. Ele olhou firme e de modo muito observador para garota, depois olhou para Jane que tinha escolha, mas usava um farrapo de roupa e sabíamos que o garoto tinha roupas boas, todavia usava roupas sujas em casa, ou seja, na rua que era sua casa. Desde as festas, viagens incansáveis, tornam nossos trajes lixos, cada dia mais fedorento. Eu uivava de fúria quando criticavam minhas roupas, contudo quer me tirar do sério era dizer que estava fedendo, virava o cão, culpava o mar que ali era inexiste, e qualquer um, até minha família entrava na roda.

Voltando aqui a uma parte interessante e importante na cronologia dos fatos. Após observar lentamente e cautelosamente a asiática em questão, Steve chegou perto de mim e disse “lh rapaz, parece rica demais para homens vestido trapos.” Eu olhei intensamente para ele e em alemão disse “ainda há esperança, pois esta é a última que morre”. Agora foi a vez de nosso mais novo burguês observar a dama que conversava gentilmente com o garoto ainda na porta de limusine preta. Jane chega perto de mim e entre num transe maluco. Estávamos sem usarmos drogas há alguns dias. Sempre acreditei numa força sobrenatural, não podia explicar o que era, mas sei que estava ali. O ex.burguês confirmou meu pressentimento. Ele balbuciava palavras que às vezes faziam sentido e outras não. Foi exatamente isto:

\_ aqui as estrelas caem do céu e com elas anjos, ou formas parecidas com as dos anjos vieram para te ajudar. Sabe aquela garota ali? Por meio da ajuda dela você ganhará uma quantia aceitável de dinheiro por mês\_ quando volto a si, sua voz não era mais oca e seu semblante que outrora estava assustado, agora estava calmo. Como vi de fato que era um transe não falei nada sobre o assunto.

A menina asiática vestia um vestido de cetim azul, só faltava ser transparente por completo, pois por meio do vestido poderia reparar que não usava nenhuma roupa intima feminina. E por intermédio da gola V qualquer um via mais da metade dos seus seios medianos, reparei, também, que o vestido era curto demais na borda e podia de vez enquanto ver não somente suas pernas lisas, mas uma pequena amostra de seus pelos pubianos. Seus braços eram longos como seu corpo, devia ter um metro e noventa, sua unha pintada de cores coloridas e ela usava um cabelo curto com as cores do arco-íris, o que para uma mulher no começo ainda do século vinte era muito corajoso e ousado de sua parte e tive minha invejinha branca. A coisa que senti falta foi de buracos no ouvido, orelha, sobrancelha e em todos os lugares cabíveis ou não e tatuagens na mesa intensidade que os furos. A juventude agora está furando todos os buracos do corpo e tatuando tudo quanto é coisa estranha. Bem, cada corpo sua regra. Ela voltou rebolando da limusine, olhou bastante para mim e disse:

\_ Pena que gosta de mesmo time que eu, né gatuuuuuu?

\_ Porque, gatã?

\_ Nem quero te falar o que faria com você para não te espantar de verdade.

­\_ Que bom... Porque a visão do inferno já basta.

\_ Como terminaria essa frase?\_ me perguntou ela.

\_ Acho que diria sendo rico\_ ri alto até demais, pois pessoas dos apartamentos gritavam para eu calar minha boca.

\_ Vem cá, sabe de alguma festa, Rave ou algo do tipo?

\_ Olha só, nosso booker para festas, Rave e derivados era Steven\_ falei um pouco mais alto para que ela pudesse-me ouvir\_, mas acho que deveremos demitir Steven de seu cargo de booker. Ele está muito fraco.

Ao ouvir seu nome ele para de conversar um pouco comigo e volta-se o olhar diretamente a Jane e ainda em um tom bem alto de voz diz

\_ É que eu terminei um namoro há pouco tempo, na verdade, pedi um tempo, só estou tentando esquecer o dito cujo e para isso preciso de uma agitação, se ficar pensando demais na vida e suas realidades nós vamos todos é para debaixo de sete palmos.

 Todos fizeram o sinal da cruz dai terminei falando:

\_ Vamos, homens arredem esse rabo dessa praça vamos nos divertir.

 Antes de nosso booker fazer uma reserva gratuita numa festa que daria uma recarregada em nossas energias e também estaria cheia de devaneios, eu perguntei se a nossa nova amiga falava inglês, ele disse que sim e achou minha pergunta um tanto curiosa e peculiar. Quis-me explicar rapidamente para não criar duvidas.

\_ Porque alguém vai perguntar idade, nome, cor preferida e mais sei lá o que, todas essas perguntas que se faz no primeiro encontro \_ eu gritei para enfatizar a próxima fala\_ estão proibidas e são todas overated

 Todos consentiram como a cabeça assinalando que concordavam comigo. Nossa nova amiga asiática olha bastante para Jane e antes de ela perguntar por nosso destinatário daquela noite ou daquela semana. Ele, Jane, mesmo com um sorriso malicioso disse:

\_ Bem, somente nessa semana acontecerão cinco eventos simultâneos: Os festivais de jazz na cabana do Ricardo lá, nós teremos que gastar cada um com algum alimento perecível para ajudar.

Ele estava com a lista na mão escrita á punho que tirara do bolso de trás e continha todas as informações dos eventos que estavam acontecendo, ele conseguira aquelas informações com o dono da banca de revista. Riscou este festival e falou alto “próximo evento”. Nossa nova amiga olhava sob os ombros de Jane e ela estava perplexa dele saber de tanta coisa ao mesmo tempo e misturado.

\_ Bom, temos uma festa pertinho na fazenda vizinha a fazenda que queremos evitar, por isso cortar da lista?\_ ele indagou, continuando sua tarefa de booker do grupo.

\_ Pera aí\_ disse\_ não o corte da lista por ter alguma proximidade do chalé verde, primeiro são quantos quilômetros?

\_ A casa ao chalé dá uma meia hora andando.\_ explicou Jane.

\_ E qual a programação?\_ perguntou a asiática e novata.

\_ Ora, a programação varia de muitos estilos de música Techno, com presença ilustre de Tata, peitinho de seda, Felipe, metralha e outros traficantes de renome, alguns vindo do Rio.

\_ Para tudo, me parece que essa festa está na frente.\_ disse a asiática.

\_ Moça, você não ouvir todas as opções ainda.

 Mas antes que continuasse ele foi interrompido pela linda asiática que falou:

\_ Só para ficar claro, todos durarão uma semana?

\_ Sim, senhora, começa hoje e vai até sexta-feira à noite.

\_ Ah, pensei que fosse até domingo.\_ acrescentou ela.

\_ Dá-me pelo menos o sábado e domingo de descanso.\_ indaguei, gargalhando tanto que me urinei acentualmente e pouco.

\_fracotes\_ ela disse.

\_vamos lá senão não acabará a lista nunca, falarei direto e depois vocês votam. Recapitulando a primeira festa tem que pagar com alimentos não perecíveis e estamos pobres demais para isso, além de tocar sertanejo que odiamos com todas nossas forças, pelo menos, sua grande maioria. Festa número dois perto demais onde nós divergimos, porém a festa será marcada por traficantes de renome. Apesar de que não vamos lá para tirar fotos com eles. Só lembrando mesmo. Festa três, essa estenderá até segunda, vai ser camping\Rave, portanto riscarei logo a festa três da lista. Festa número quatro será um Surubão na suíte quatro do único hotel da cidade, convidados homens e mulheres de qualquer orientação sexual. O que me lembra de que teremos uma festa que seu início será no sótão do hotel da cidade, apenas um grupo fechado e todos nós estamos chamados para ir, após algumas horas de confraternização do grupo fechado, o mesmo se escancarará e teremos blocos fora de época na rua, basicamente essa cidade será sexo, amor, drogas tudo livre.

Cansado de expor as festas Jane se sentou, sob a mesa da praça acendeu seu cigarro e fumou em silêncio, dando-nos tempo para pensar no que faríamos. A novada do grupo quase nos pressionava para cairmos novamente na estra e acháramos um lugar melhor para curtir as noites. Eu não queria mais ficar ali também. Estava entediado da cidade, não me mostrava nada de novo. Quando passou esse pensamento em minha cabeça a uns quinze minutos de distância da praça onde estávamos vinha o garoto mais lindo de Nova Viçosa, quando meus olhos cruzaram o seus, no primeiro e exato momento, em que comecei a correr em sua direção e ele ao mesmo ritmo, ao nos encontramos no meio da rua nos abraçamos feito irmãos de sangue. Segurei seu rosto e lasquei um beijo gostoso em sua boca e sussurrei no seu ouvido querendo saber se tinha raiva de mim pelo do que tínhamos saído, sem menor rodeio, desconsiderando que surrei , ele, por sua vez berrou “claro que não e todas aqueles entorpecentes foram comprados com o seu dinheiro “. Fiquei vermelho não sei se era realmente vergonha, entretanto ele percebeu sua indelicadeza e tentado se concertar, carinhosamente, me abraçou, afogou meus cabelos em seu ombro e com mil beijinhos no rosto, esperou paciente meu sorriso. Ainda estávamos no meio da rua, mas nenhum carro estava ali passando. Perguntei a Carlos o que estava se passando? E ainda no meio da rua, me relatou que tinha cansado de ser médico por opção familiar e pressão social, odiava o barroco que morava, ainda fez uma brincadeira comparando a rua sendo melhor para morar do que aquele barraco fedido e podre. “Venha e você se juntará a nós os mais eloquentes, ébrios, alucinados e ao mesmo tempo cientes, além de viajantes perambulantes do Brasil” disse com carinho e amor fraterno pelo meu querido Carlos.

Puxei–o pelo braço, parecia que tinha cheirado muita cocaína, mas estava apenas excitado por ver Carlos saltava entre os meus amigos apresentando com uma história quase completa, gritava uivos forte, nossa recém-chegado perguntou se eu tinha usado alguma coisa e alguém falou que ainda não. Eu estava tão excitado que o contagiei, então nós saímos rodopiando a praça e gritávamos de felicidade e no momento que conseguimos nos acalmar, pelo menos um pouco, olhei para todos do pequeno grupo que formávamos. Jane e eu éramos os mais decididos do grupo e agora estamos em cima do muro, sentei ao seu lado sob a mesa, pedi um cigarro do seu maço e ele me deu, fumei olhando para o nada por algum tempo, a asiática que me parecia muito inteligente entendeu que quem decidiria estava também em cima do muro, por tanto ela teria que se aliar ao recém-chegado, Carlos, para pôr fim a essa indecisão e colocar o pé na estrada novamente.

Alianças foram feitas e os dois mais dominadores de opinião estavam calados, taciturnos e fumavam um cigarro na bica do outro, olhando para o nada. A garota queria fugir de qualquer jeito e Carlos tinha um tio desprendido da família que mora uma fazenda isolada de tudo e apesar de isolados do mundo tinha vários aperitivos deliciosos daquela fazenda para animar a galera toda. Certo dia, nosso antigo estudante de medicina, começou a nos contar de verdade completa que aquela fazenda poderia nos trazer de benefícios. Estávamos todos sentados ao redor na mesa da praça onde passávamos um bom tempo e Jane conseguira com um traficante qualquer, que ficava rondando a praça, uma cocaína da pura. A noite começou e cada pessoa do grupo, utilizando de seus míseros reais, que ainda nos restavam, para comprar individualmente uma quantia até boa da substância da mais pura, esta vinha com caminhões da Colômbia e antes de chegar nos pequenos traficantes que adulteravam o produto, esse traficante conseguiu uma quantidade grande para si. Claro, que vendia mais caro que os traficantes menores, por motivos óbvios: a pureza de seu produto. Não importa, começamos a cheirá-la ali na praça mesmo. Abrimos minha mala que continua livros e os usando como apoio, colocávamos a substância toxica para dentro. Ninguém naquela cidade se importava e os tiras nunca chegariam num lugar tão longe e pequeno. Às vezes, um fila boia ou outro vinha pedir, mas falávamos que estava contado.

As três da manhã, nós ouvimos um barulho de música boa e alta nos primeiro andar do hotel. Provavelmente as machas e trio elétricos com seu som tosco e de baixa cultura e moral, pelo menos para mim, logo começariam. Levantei e avisei que estaria dando uma volta por aí, Carlos aproveitou a chance de me ter com ele sozinho, porque prontamente ele perguntara se queria uma companhia. Os outros queriam participar da farra de rua, mesmo que ninguém ali gostasse da música. A novata asiática confessou que procurava um marido mais rico que ela, velho e caindo aos pedaços, para ela se aproveitar do seu dinheiro e viajar descentemente pelo país e fora dele também. Quando disse isso todos se entreolharam e acho que todos nós estávamos pensando a mesma coisa, que naquele fim de mundo, não acharia ninguém com essas características. O alemão pensava em dormir, mas falei com ele que com toda aquela cocaína no sistema não dormiria por, pelo menos, alguns dias, portanto decidiu procurar uma boca na multidão para lhe tirar do tédio. Nós nos separamos o que eu não sabia que seria por um tempo indeterminado, contudo fingimos combinar de nos encontramos na praça ao amanhecer.

Ao sairmos, Carlos debruçou carinhosamente seu braço no meu ombro direito. Contou-me dos seus encontros amorosos na estrada até aqui e falou um pouco da conversa que tivera com o pai sobre deixar a medicina e tirar um ano sabático para se encontrar. O pai não gostou muito dessa conversa mole de se encontrar nas estradas brasileiras, mas como não iria deixar seu filho morrer de fome depositava sempre um dinheiro em sua conta bancária. Curioso, perguntei:

\_ Quanto seu velho deposita para você mensalmente?

Um pouco atordoado com minha pergunta, respondeu mesmo assim. Parecia-me que ele confiava em mim fielmente.

\_ AH, sei lá uns quintos reais\_ disse de cabeça baixa.

\_ Tudo bem, não precisa se envergonhar de ter um pai responsável.\_ Falei sorrindo ao levantar levemente com minha mão esquerda seu queixo.

Nós rimos muito, fomos para num beco escuro e sem saída. Um lugar perfeito para conversarmos sem interrupções. Não sei quantas vezes nós andamos aquele beco estreito. Bebíamos um Rum velho e barato que achamos no chão do beco, ainda tinha boa parte do líquido. Conversamos sobre nossas vidas pessoais, demostramos afeto um pelo outro, sem erotismo, falamos do complexo de Édipo e das leis que regiam a droga do capital, sobre a mão invisível, que eu achava um conto de fadas, porém as explicações eloquentes e lúcidas de meu companheiro me levaram a ter um pouquinho mais de fé que a tal mão existisse. Escorados, cada um de um lado do beco, nossos joelhos se tocavam levemente e então ele estendeu sua mão para mim, acariciamos nossas mãos, depois braços e assim por diante, até chegar à boca. Quando acabamos a garrafa de Rum e nosso pó estava por acabar, todavia seu efeito perduraria mais tempo, foi quando ele tomou coragem para me fazer sua proposta:

\_Olha bem, tenho um tio que mora numa fazenda, nas longínquas matas da cidade de Minas Gerais. Eu sei que parece monótono e uma furada, mas me ouça primeiro e quando terminar você fala sua opinião\_ fez uma pausa para ver se tinha entendido, assenti com a cabeça, então ele continuou\_ esse meu tio é a ovelha negra da família, portanto sempre tem algo escondido entre as mangas...Bem, meu último contato com ele foi por meio de cartas, já que sua fazendo fica muito isolada. Nessa carta, contou-me que os pés de maconha cresceram bastante nesse verão, estão maduros e prontos para colheita. Disse mais, um caminhão que ele pagou para ir até lá estava recheada de livros novinhos em folha, ele tem uma biblioteca no porão, onde antigamente escondiam judeus e depois escravos. A fazenda ainda tem uma velha senzala feita à pedra por dentro e por fora, ele a conservou bem e hoje usa de escritório de leitura, onde lê seus diversos livros debaixo de uma construção histórica.

Ele fez uma pausa, pois achou que não estava escutando, mas antes dele perguntar se estava prestando atenção eu dei um pulo alto de excitação. Comecei a me agitar novamente e perguntar tanta coisa ao mesmo tempo em que ele não conseguia acompanhar. Ele olhou para mim por um tempo deixando minha euforia nascer e morrer livremente. Quando estava mais calmo ele continuou sua narrativa:

\_ Meu tio, ocasionalmente cheira como nós, e compra direto dos caminhões vindo de lugares distintos do país, mas é muito ocasional, seu veneno real é a chá de cogumelos, ele planta ou pega das fezes dos cavalos. O lugar pode ser pacato, mas meu tio tem três doutorados, um em sociologia, outro em literatura e outro em psicologia. Acho que vai gostar dele sim e a onda do cogumelo é fenomenal. Com ele podemos ser quem nós somos, podemos nos beijar na sua frente e tudo mais. Acho que vou me enfiar por aquela banda e penso que você se beneficiará de um ar puro do campo, a calmaria, porém não tão monótona, pois você estará no meio de intelectuais, livro e um arsenal de verdinhas ilimitadas e tiradas do pé.

\_ Qual é a pegada disso aí?\_ perguntei um pouco desconfiado.

\_ Bem, tudo na vida tem limites. E o meu e de meu tio é que queremos somente você conosco.

Olhei de um lado para outro, como se a respostava estivesse ali a minha espreita. Falei que decidiria no correr da noite, estava cedo, eram apenas meia noite, e tínhamos a noite toda pela frente. Ele concordou comigo apesar de ter pressentido em sua expressão facial certo desespero, querendo muito que essa viaje aconteça. Antes que entrássemos em outro assunto puxei sua mão para sairmos daquele beco. A multidão ocupava as ruas e os bares provavelmente estariam lotados. Entrelacei meus dedos nos seus como namorados para não nos perdermos, fui à frente abrindo caminho entre bêbados, malucos e vagabundos, que são hoje sinônimos para mim. Eu já conhecia aquela cidadela bem, então agilmente entrei na única loja de conveniência da cidade. Sentamos no sofá lado a lado, levantei somente para comprar duas garrafas de um Rum barato, depois sentei ao seu lado e começamos a beber no bico mesmo, não queria incomodar ninguém. O frentista de plantão ficou um tempo nos repreendendo por estarmos bebendo dentro da loja. De tempo em tempo apontava para o sinal que dizia que consumo de álcool dentro da loja era ilegal. Já a metade da garrafa ele desistiu e como não tinha mais ninguém na loja juntou-se a nós, a famosa frase “se não pode com eles, junte-se a eles”. Chegou abrindo uns parênteses dizendo que formávamos um casal lindo, o que estava na cara, já que estávamos nos comportando como casal. Estava ficando bastante embriagado e Carlos também, tão bêbado que me levantei subi na mesa e comecei a gritar bem alto: “Sou um pássaro livre, viajante do mundo, se minha família não me quer, foda-se eles, se o mundo me cuspir, os faço engolir de novo, assim sucessivamente, até aprenderem a respeitar o mundo pluralista.” A cada palavra Carlos tentava me fazer descer da mesa enquanto o frentista não sabia se ria ou concordava comigo. Puxei meu ex-medico pelas mãos e disse para que deixasse de ser frouxo, “venha gritar sua paz para o mundo” berrei “e o frentista aqui como testemunha”. Ao dizer isso o frentista riu tanto que caiu do banco. Depois de uma longa insistência Carlos sobe a mesa e começa a gritar “foda-se, não vou fazer mais medicina, não quero saber de cuidar de gente, não cuido nem de mim direito” tentei incentiva-lo a falar coisas mais excitantes e libertadoras, então ele continuou “vou fazer, agora, o que eu quiser, viajarei pelo mundo com um companheiro de viagem maravilhoso e depois sei lá... Foda-se...” Pensei que o frentista se assuntara com nossa terapia, mas ele nos achou tão loucos que resolveu nos presentear com uma garrafa do uísque mais caro da loja. Olhei para ele ainda perplexo, meu futuro companheiro de viagem me agarrava excitadíssimos. Perguntou se poderíamos quadrar a garrafa para quando chegarmos à fazendo do seu tio. Olhei para ele e antes que voltássemos para a rua, lhe disse:

 \_ Podemos morrer amanhã num acidente ou sei lá, temos que aproveitar o hoje, Carlos\_ disse isto entrelaçando meus braços nos seus ombros.\_ vamos, vamos que a noite ainda nem começou.

Rodopiamos de um lado para o outro entre a multidão e fora dele, nos escondendo, às vezes nos becos escuros da cidade. Certa hora da madrugada, a lua caia lindamente sob o céu estrelar e os galos cantavam, foi quando passando pela traseira do hotel e descobri uma fresta estreita, mas me cabia certinho. Olhei para um lado e para o outro, não vi ninguém á vista, pedi para que Carlos ficasse de olho ali para mim. Com medo perguntou se iria roubar, disse que não, eu queria apenas tomar um banho de banheira, deitar em uma cama limpa antes de partirmos para Minas Gerias. Ele ficou surpreso com minha decisão, ficou tão atordoado, que entrou comigo no hotel. Sussurrando, falei que não tinha coragem de ir aos quartos de dentro do hotel, mas tinham quartos que ficavam do lado de fora. Passei o mais silencioso que pude, todos os quartos estavam fechados, porém o último quarto do fundo estava aberto. Entramos com cautela. Tinha coisas espalhadas pelos quarto todo, isto é, o hospede ainda estava dormindo no quarto. Carlos advertiu que devem estar na farra. Comecei a vasculhar seus pertences para ver se achava algo interessante e achei escondidos dentro de um par de meias tinha trezentos reais. Meu futuro viajante me olhou com cara de repressão, todavia retruquei “sou Robin Wood, pego dos ricos e dou pros pobres”, ele me deu os ombros, como se consentisse. Vagarosamente, fui ao banheiro liguei a banheiro e a esperei encher. Enquanto isso vasculhava para achar mais esconderijos. Estava distraído olhando um quadro qualquer pendurado na parede central do quarto, quando Carlos vem com um punhado de joias na mão, dizendo “podemos penhorar na estrada”. Repreendi-o calmamente, expliquei que não sabíamos se eram verdadeiras e podia ser absolutamente nada. Ele consentiu novamente, então disse hora de nosso banho. Fomos ao banheiro e sentamos juntos na banheira. A água estava quentinha, todavia a garrafa de uísque estava mais. Tomamos banho, fizemos um sexo gostoso na banheira e saímos com exatos trezentos reais amais no bolso.

Estava feliz, amanhecera e por isso fui para praça esperar a galera como combinado. Disse a Carlos que não sairia sem me despedir primeiro. Esperei até às dez da manhã quando percebi que todos já tinham saído da cidade, me senti solo por algum momento. Mas tinha Carlos, voem em seus braços casquei-lhe um beijo quente para animar a viajem e lá íamos nós para o extremo sudeste. Compramos um mapa na loja de conveniência, antes de sairmos da cidade. Andamos por pelo menos uns vinte minutos até chegarmos novamente até a velha BR, sentamos ali mesmo sob nossas malas e fumamos um cigarro, planejando nossa viagem até o sítio de seu tio, sem antes fazer umas paradas contemplativas. Iriamos até Salvador e com o resto do nosso dinheiro nós pegaríamos um trem, por ser mais barato, para Ouro preto, pois Carlos me falou que era uma cidade maravilhosa e historicamente riquíssima. Depois o itinerário seria conhecer a capital mineira onde não só curtiríamos a noite e lá tentaríamos ganhar uma grana vendendo meus desenhos, finalmente pegaríamos um trem para o norte de minas, já que a fazenda de seu tio ficava quase na divisa com a Bahia. Deve estar aí, meu filho, se era divisa com a Bahia onde estávamos porque não iriamos direto. Bem, depois de uma longa discussão ali, nós sentados sob nossas malas, concordamos que não só precisaríamos de mais dinheiro como também por eu nunca ter explorado o Brasil, seria interessante aproveitar essa chance.

Capítulo quatro:

Enquanto discutíamos nosso plano na beira da estrada, um Honda Civic vermelho parou para perguntar se precisaríamos de uma carona. Foi uma grande sorte, ele estava sozinho no carro e precisava de companhia até Nova Viçosa, de lá faria uma parada rápida e seguiria viagem até Ilhéus. Perguntamos a ele, se ele não se importaria de nos deixarmos em Ilhéus, pois ficaria mais próximo do nosso destino. Ele aceitou, contudo, teríamos que rachar a gasolina. Não pensamos duas vezes, colocamos nossa mala na parte traseira do carro e fomos com ele, primeiro, até Nova Viçosa. Durante o trajeto fomos conversando coisas triviais da vida, ele se interessou pela nossa história de vida, ficou muito surpreso ao saber que eu era menor de idade, viajando com um estudante universitário e fixou nessa ideia até Nova Viçosa. Chegando lá ele foi fazer as coisas que precisava, deixou-nos na pracinha e disse que voltaria às dezessete horas em ponto. Tempo suficiente para irmos à praia, que nunca tinha ido, e tomarmos uma caipirinha, olhando o mar. Seguimos a pé até a praia mais próxima, o mar estava revolto e não tinha uma alma viva à vista. Os quiosques, por sua vez, estavam fechados, o que estragou nosso plano inicial. Demos meia volto, não antes de sentarmos um pouco na área para fumar um cigarro, e seguimos novamente pelas ruas de Nova Viçosa. Avistamos uma lanchonete e pensamos que seria um bom lugar para passar nosso tempo.

Até em tão todos que eu encontrava pesavam que eu fosse maior de idade, mas a garçonete da lanchonete nos fez mostrar nossas identidades. Mostrei meu passaporte vermelho europeu para ela e Carlos sua identidade, após analisar o documento, serviu-nos uma jarra de cerveja preta. Não entendi muito bem a dela, nos meus documentos tinha minha data de nascimento, ou seja, era obviou que eu era menor de idade. Bem, não liguei muito para isso, pois tínhamos o que queríamos. Três jarras de cerveja preta e um maço inteiro de cigarros depois, saímos cambaleando, como sempre, pelas ruas de Nova Viçosa, a procura da praça. Estávamos tão bêbados que não conseguíamos achar e às vinte horas ainda rodávamos feito pião pela cidade. Logo ao ver as horas desistimos da tarefa e fomos atrás dos nossos velhos amigos universitários: Jonas ou como o chamava Jane e Beck. Estávamos tristes por perder toda nossa roupa que ficou na traseira do carro, mas não importava muito. Somete com a roupa do corpo que eram até novas, poderíamos viajar tranquilamente, além do mais o dinheiro estava na carteira e esta era a coisa valiosa que tínhamos em nossa posse. O resto era apenas roupas.

Fomos, então, até seu dormitório, batemos á porta por alguns minutos e Jane apareceu, novamente, sem roupas, acabelando de sono. Quando me viu só faltou saltar de tanta alegria, abraçou-me forte e praticamente nos puxou para dentro. Explicou-nos que estava numa maratona desde ontem cedo jogando online com uns caras de outro estado brasileiro e não tinha dormido ainda, olhei para cama e Beck dormia silenciosamente sob os gritos de Jonas. Calorosamente nos fez sentar no sofá e ofereceu-nos dois Beck, foi até o frigobar, pegou duas cervejas chocas e nos deu. Sentimo-nos em casa, ele era realmente uma pessoa maravilhosa. Beck acordou e juntou-se a festa, conversamos por horas em alemão sobre assuntos diversos, eu falei sobre minha experiência na estrada, como tinha brigado com Lucas e etc. ela me falou sobre as suas decepções com a faculdade e como estava tudo muito monótono. Horas se passaram e quando fui ver já eram meia noite, perguntei primeiro se havia alguma festa no campus e eles me falaram que as aulas já tinham começado então o campus estava calmo. Não tinha percebido que já era março de dois mil e três, tínhamos chegado ao Brasil, no início de janeiro de dois mil e dois. A segunda pergunta seria se podíamos dormir ali essa noite, porque pegaríamos a estrada logo cedo para Salvador. Eles se entre olharam e tentando mudar de assunto perguntou “o que vão fazer em Salvador?”, eu expliquei que de lá pegaríamos um trem para Minas Gerais, ouro preto, pois sempre quis conhecer a cidade. Mentimos o suficiente para a história ficar plausível, já que não queríamos mencionar a fazenda do tio de Carlos. Eles consentiram que nós pudéssemos dormir no sofá-cama por aquela noite, se não nos importarmos em ouvi-lo jogar noite adentro. Aceitamos a proposta.

Logo cedo partimos para estrada, sem antes fumarmos pelo menos dois Beck com Jonas. Saímos em passos lentos até a BR, andamos por algumas horas sem conseguir uma carona, mas conseguimos comida na lanchonete do posto. Nós estávamos famintos, principalmente por causa da maconha que fumamos, comemos tanto que a garçonete ficou nos observando de longe por um bom tempo. Pagamos e voltamos à estrada. Para nossa sorte, um velho, que dirigia um Opala caindo aos pedaços, nos deu carona, ele estava indo á Salvador visitar os netos. Aquele velho, que pensamos ser um conservador barato como os outros, começou a nos elogiar pela iniciativa, e aqui repito suas palavras, “de sair pelo Brasil a fora e conhecer tudo”. Durante a viagem contei a ele nossas aventuras em detalhes, o velho, que se chamava Adolfo, interagiu à nossa história de uma forma sublime e a cada pausa surgia uma pergunta interessante da parte dele. Assim fomos até Salvador com poucas paradas para banheiro e comer. Chegando lá Adolfo fez questão de nos deixar na estação ferroviária onde pegaríamos um trem para capital mineira e de lá um ônibus até Ouro Preto. Sim, tivemos que mudar o itinerário, pois não tinha como conseguir um trem que fosse direto para Ouro Preto. Durante a viagem de trem, terminei os desenhos sensuais que tinha feito de Jonas e desenhei mais algumas coisas simples. Chegamos à capital mineira cedo e Carlos ao ver meus desenhos disse que seria mais produtivo vende-los na UFMG, universidade federal local, já que o público alvo teria mais interesse. Concordei com ele e dei a ideia de ficarmos em frente ao prédio de artes, o que nos daria maior chance de faturamos um grana. Pararmos numa padaria para fazer o desjejum e pedir informação de como chegar a UFMG, depois pegamos um ônibus que nos deixou na porta da faculdade. Perambulamos por um tempo até achar um estudante para pedirmos informação de onde ficava o prédio de artes. Não demorou muito já estávamos sentados no chão da entrada do prédio com os desenhos cuidadosamente espalhados. Na hora do intervalo, muitos estudantes pararam para ver meus desenhos, recebi muitos elogios, todavia o que realmente queria, era o dinheiro e nada. Já era duas horas da tarde quando uma professora de artes que passava por ali parou para ver meus desenhos. Ela vestia um vestido longo azul sem alça, jeans justa, um sapato de couro e muitas joias, ela parecia uma mulher fina da alta sociedade. Olhou bem nossos desenhos, um por um, pegou, analisou-os contra a luz e finalmente trocou uma palavra conosco, ela disse “quanto querem por todos esses desenhos?”. Carlos olhou para mim como dizendo “você quem desenhou, agora fale”, eu engoli o cedo e disse o preço de cem reais. Achei que a mulher acharia meu preço muito caro para alguns desenhos mal feitos, todavia ela abriu a bolsa de couro dela e tirou uma nota a quantia, nos entregou e disse “vocês têm onde dormir esta noite?”. Neguei levemente com a cabeça sem dizer uma palavra. Julia, esse era seu nome, se apresentou, dizendo ser professora de artes da faculdade, elogiou bastante meus desenhos e disse que valiam muito mais do que tinha pedido. Acrescentou mais algumas coisas pessoais sobre ela que não valem apena aqui mencionar e disse que poderíamos dormir na sua casa aquela noite se quisemos, mas com uma condição eu teria que fazer um desenho para ela. Julia não disse que tipo de desenho até o último minuto, quando tirou as roupas na nossa frente sentou no sofá e fez a pose da Rose do filme Titanic. Esforcei-me para não rir de seu fetiche estranho, puxei uma cadeira para perto do sofá, então com o mesmo entusiasmo de Julia fiz a pose de Jack ao desenhar Rose e comecei o esboço.

Enquanto a desenhava, Carlos sentado ao meu lado, bebendo vinho no gargalo, fazia comentários em voz alta acerta da situação que nos encontrávamos. Ele analisava a situação de forma eloquente e engraçada, porém sem preconceitos, o que fazia Julia de quando em quando se desconcentrar e rir alto. Nesses momentos de descontração, eu tirava da mão do meu novo companheiro de viagem a garrafa de vinho e dava goles longos e tragava o cigarro que tinha deixado acesso no chão. Após longas horas, terminei por completo o desenho, enquanto Julia, que já tinha saído da pose, porque eu tinha acabado o esboço e estava dando os toques finais, olhavam sob meus ombros curiosos para saber como tinha saído. Mostrei-a o desenho pronto, mas antes de entregá-la e disse de forma teatral: “troco o desenho por uma garrafa de vinho”. Ela riu e disse que era justa a troca, mas sem antes perguntar minha idade. Menti dizendo ter dezoito anos, ela acreditou rapidamente na minha mentira e foi à geladeira pegar mais uma garrafa de vinho para nós. Passamos a noite toda acordados, eu, Carlos, e Julia, que estranhamente ainda estava nua e parecia se sentir totalmente à vontade. Ela não teve intenções sexuais alguma para conosco, além do mais, Carlos e eu, para evitar tal distração, demostrávamos o tempo todo afeto um com o outro. A noite foi regada a muitas garrafas de vinho importado, várias pílulas de um remédio chamado Ritalina e conversas quentes sobre o mundo da literatura e arte. Ao amanhecer, apagamos todos juntos em sua cama king size e acordamos no dia seguinte umas três horas da tarde, nossa anfitriã colocou todo tipo de comida à mesa para fazermos um desjejum tardio.

Durante o café da manhã, ela disse que era realmente professora de artes, porém somente lecionava no período da tarde, o que significava que seu salário era pouco, então fazia programa anoite perto das boates mais requintadas da capital mineira. Falou de seus clientes fixos que em sua maioria eram velhos casados que gostavam apenas de sua companhia e às vezes, poucas vezes, queriam uma sacanagem branda. Por conta da sua sinceridade, não só disse a ela minha idade verdadeira, como também toda minha história de vida. Julia ouviu calada e no final pontuou “É, a vida não está fácil para ninguém, né?” olhei para ela fixamente por alguns minutos profundamente nos seus olhos como sempre fazia e percebi que ela tinha uma grande melancolia alojada em seu peito. Era sábado e nossa nova amiga não trabalhava nesse dia, porque de acordo com ela seus clientes fixos, normalmente, passavam esse dia com a família. Como ela estava livre, perguntei se queria curtir a cidade conosco e pontuei que precisávamos de um guia que soubesse dos lugares mais badalados da capital. Sem pestanear, ela aceitou nossa proposta, levantou-se, foi se arrumar enquanto terminávamos de comer, e voltou belíssima, maquiada, trajando roupas lindas e confortáveis de verão, além de uma quantidade excessiva de joias. Falou-nos sobre a Rua Savassi, um lugar bem badalado e cheio de bares. Ela estava tão excitada com nossa presença cativante que disse que a noite seria por sua conta, o que aceitamos prontamente, além do mais ela tinha Ritalina suficiente para nós três.

Fomos, então, para tal Rua Savassi de taxi, pois ela insistiu que chegássemos a grande estilo. Julia escolheu o bar que começaríamos a noite, antes de entrarmos no bar disse, voltando seu olhar para mim “Não se preocupe, eu conheço os donos desses bares todos, são todos meus clientes, portanto se alguém te perturbar pela sua idade, deixa que eu resolvo isso rapidinho”, piscou levemente o olho para mim e nos arrastou bar a dentro. Tudo que nos declarara era verdade, todos os funcionários do bar sabiam quem ela era, cumprimentaram-na com beijos no rosto e sorriso na cara, ocasionalmente um ou outro arrastava suas mãos na bunda dela, o que ela recebia como elogio. Foi uma noite maravilhosa, bebamos muito vinho francês e usamos quase uma cartela inteira de Ritalina. Quando um bar fechava cambaleávamos pela Rua Savassi de braços entrelaçados até achar outro aberto e assim suscetivelmente até o amanhecer, pareceu-me que as horas voaram, porque *as* conversas eram mais quentes que nossos vinhos e a Ritalina me dava à sensação que tinha usado uma cocaína mais potente. Acabamos a festa, sentados no meio fio, já que todos os bares estavam fechados, conversando sobre diversos assuntos ao mesmo tempo, sem cronológica alguma. Pessoas arrumadas passavam por nós e nem nos notavam, os carros da polícia que faziam ronda pela Rua Savassi passavam por nós sem se importar conosco, mesmo vendo nosso estado de embriagues, eles ignoravam não somente o fato de estarmos bêbados, mas também o fato de estarmos muito agitados e falando muito alto.

Subitamente Julia levanta e diz estar cansada, mentira pura estava tão agitada quanto nós, queria ir para casa. Levantamos para seguirmos para sua casa, todavia ela disse que não poderíamos ir, porque tinha cliente mais tarde. Vimo-la partir no carro de luxo que chamara por telefone, agora nos encontrávamos sozinhos e perdidos no meio da capital mineira. Não conhecíamos nada nem ninguém em Belo Horizonte, olhamos um para o outro sem saber o que iriamos fazer quando um vagabundo por escolha parou na nossa frente para pedir um cigarro, sem pedir licença ele sentou junto á nós no meio fio e logo foi dizendo “prefiro fumar parado, mas não quero incomodar ninguém”. Respondi que não estava atrapalhando nada e que estávamos apenas vagando, ele ficou interessado na minha replica e foi rapidamente pontuando:

\_ Sério... Que legal... Sou Victor e vocês como se chamam?

\_O vagabundo que lhes fala se chama Herr Bürgen e meu companheiro aqui se chama Carlos mesmo\_ respondi-o já de pé fazendo altas poses teatrais que fez nosso novo companheiro rir muito.

\_ Também sou vagabundo, todavia por escolha. Meus pais têm dinheiro de sobra, eles são empresários de sucesso, eu, por minha vez, prefiro vagar pela cidade, jogado aos ventos bebendo, usando drogas pesadas e conhecendo pessoas novas. Sabe como é, SOU DO POVO.

No final de seu discurso levantou e berrou para os ventos a última parte. Parecia-me que ele também queria participar do teatro que eu acabara de criar e isso me fez ter um apreço por ele. Terminamos nossos cigarros enquanto trocávamos algumas pequenas informações pessoais sobre nós mesmos para assim nos conhecermos melhor. Isso levou horas de conversa e o nosso último maço de cigarros inteiro. Dissemos que teríamos que ir, pois precisávamos comer alguma coisa e comprar mais cigarros. Quando o informamos disso seu semblante se transformou de excitado para tristonho e percebendo tal fato perguntei se ele poderia nos indicar alguma diversão pela cidade, somente para estender o papo mais um pouco. Ao fazer-lhe a pergunta, uma nova empolgação tomou conta de seu corpo, ele saltava de um lado para o outro balbuciando algo que não conseguia entender, e no momento em que ele se acalmou um pouco, respirou fundo e disse:

\_ Olha só, não sei vocês, mas tá rolando uma festa de arromba na casa de um amigo meu. Já faz dias que eles estão festejando, dormem jogados em qualquer cômodo da casa e quando acordam voltam a beber e se drogar.

Desconfiado perguntei:

\_ E qual é dessa festa aí?

\_ Olha só, cada pessoa que entra na festa tem direito a tudo: drogas, álcool, mulheres, que na verdade são prostitutas que eles compraram e também garotos de programa, para quem prefere homens, nada contra, sabe como é, além disso, podem ficar o tempo que quiserem hospedados lá. Para falar verdade, a casa desse meu amigo não passa de um prostibulo barato. Ele vive disso.

\_Tá, parece legal, mas e ai qual é a pegada?\_ indaguei ainda desconfiado.

\_ Então\_ ele começou se sacudindo de um lado para o outro\_ quem entra tem que pagar um valor simbólico de quintos Reais.

Agora foi a vez de Carlos intervir.

\_ Como ele sobrevive se hospedes podem ficar o quanto querem, além de ter que pagar prostitutas e prostitutos, bebidas, drogas e etc.?

\_ Cara isso eu não sei, mas eles começaram faz uma semana e não pararam de chegar gente\_ respondeu ele sinceramente.

\_Tá bom, mas acho que vamos cair fora desta cidade logo, então não nos interessaríamos por tal festa. Além do mais, não temos essa grana\_ interpelei por Carlos e eu.

\_ AHA... Eu te falei que ele é um amigo, não falei?\_ e antes que pudéssemos confirmar ou não Victor prosseguiu aos berros\_ Pois bem, não é certo, mas acho que eu posso enfiar nós todos nessa festa de graça, não pagariam um centavo, só o taxi para nos levar até lá. Adianto a vocês que é longe, fica localizado no interior do interior da cidade.

Olhei para meu companheiro de viajem com uma cara que dizia “nem vamos, parece-me ser furada”, mas ele ou ignorou minha expressão facial ou não a entendeu, porque foi logo tirando o cartão de credito do bolso e perguntando onde encontraríamos um taxi que não só levaria todos nós para um lugar longínquo, mas também que aceitaria cartão. O vagabundo por opção feliz por ouvir a resposta de Carlos, pegou seu celular que estava escondido na cueca e fez alguns telefonemas. Ele distanciou de nós para fazer as ligações, o que me deu tempo de ter uma conversa franca com Carlos. Disse a ele que não estava feliz com sua decisão e que toda aquela conversa para boi dormir parecia furada, meu amigo já totalmente fora de si levou-se e disse “bem, se quiser vou sozinho”. De uma forma melancólica lembre-lhe de que estávamos juntos, por isso ele não poderia tomar decisões sozinho, ao ouvir minhas palavras ele não se comoveu e perguntou de forma irônica e ríspida “não nascemos grudados um no outro, além do mais não é você quem me incitou a essa vida que levamos?”. Não quis discutir com ele, calado consenti a mais um dia festa. No taxi o clima estava pesado, Victor não entendia o motivo, todavia compreendeu que o casal estava brigado e manteve-se calado durante todo o percurso. Carlos, por sua vez, dormia em meus ombros tranquilamente como se nada tivesse ocorrido e eu contava os carros vermelhos que passavam voando pela estrada para passar o tempo. Chegando a casa do tal amigo dele, percebemos que era, na verdade, uma mansão linda. Nosso novo amigo nos deixou na estrada enquanto iria tentar nos colocar para dentro de graça. Nesse tempo, olhei para meu companheiro de viagem e disse que estava desapontado pelo que tinha feito comigo. Agora já mais calmo, ele se desculpou, jurou amor eterno a mim e finalizou dizendo que nunca mais faria aquilo, porém queria se divertir enquanto havia tempo, já que teria que voltar para faculdade no ano seguinte.

\_ Então é isso?\_ disse criando uma cena emotiva\_ me deixará sozinho no ano que vem para seguir sua vida enquanto eu, que me dediquei a ti, não terei para onde ir.

\_Ó minha vida\_ começou ele de joelhos num tom teatral para gozar da cena ultrarromântica que tinha armado\_ nunca te deixarei, tenho planos para nós dois e eu nunca me importei que fosse mais novo do que eu, pois seu intelecto me cativa.

\_E que planos são esses?\_ disse sério, ignorando seu teatro.

\_ Olha bem\_ disse ele agora de pé segurando em minhas mãos\_ Estamos nós aqui no Brasil, você é brasileiro, pode, portanto, ingressar num escola pública, se formar e seguir para uma faculdade também pública. Simples assim.

\_ Pode até ser\_ concordei com ele, admirado pelos seus planos\_ Mas e minha liberdade?

\_ Vamos ser sinceros nesse momento\_ então, ao dizer isto, agarrou-me pelos braços, inclinou-se para junto de meu corpo suado e ele sussurrou em meus ouvidos\_ nós já ultrapassamos a faixa da liberdade, agora estamos na faixa da libertinagem pura e crua.

\_ NUNCA\_ Gritei em seus ouvidos.

Rimos juntos de cair no chão. Foi nesse exato momento que Victor chegou, junto a um rapaz obeso, vestindo um terno sob medida e um relógio de ouro. Este era caucasiano e tinha um odor forte de cachaça misturado com cocaína e lubrificante. “AHA, eles finalmente fizeram as pazes” berrou nosso amigo vagabundo ao nos ver sorridentes e jogados no chão. Levantamos rapidamente do chão para cumprimentá-los e depois de trocarmos algumas informações pessoais a fim de conhecermo-nos melhor, Diego, o amigo de Victor, disse olhando profundamente em nossos olhos:

\_ Olha bem, minha casa não é casa da mãe Joana. Podem tirar seus cavalinhos da chuva. Não quero briga nem encrenca na minha casa, eu quero respeito por todos que ali estiverem e carinho pelos profissionais do sexo que rondam pelados pela casa. E tem mais vou querer, pelo menos, cem reais de cada. Estou fazendo um preço amigável porque são amigos do meu compadre aqui\_ apontando para Victor que se mantinha calado todo o tempo\_ Tem mais, eu ando armado, então tratem de se comportar\_ ao dizer isso, tirou duas pistolas escondidas em seu terno. Quando Diego terminou seu discurso, Carlos, sem dizer uma palavra, pagou-lhes os duzentos Reais e tirou trezentas cartelas de Ritalina que tinha roubado da professora prostituta. Fique surpreso com aquilo, mas não disse nada. Diego, por sua vez, aceitou as cartelas de bom grado e com um sorriso de ponta a ponta. Parece que tínhamos ganhado o coração do grandalhão, que rapidamente foi nos puxando pelo braço até sua mansão. O lugar por dentro era tão fascinante e de uma beleza tão esplendecente que até eu, garoto que um dia fora rico, fiquei pasmo. A casa tinha três andares, todos os cômodos da casa eram bem mobiliados, apesar das inúmeras garrafas de bebidas variadas espalhas no chão e baganas por todos os lados, me pareciam ser arrumadinhas.

Posso lhe relatar aqui somente o que lembro que é pouca coisa, pois passei dos limites cabíveis ao meu corpo físico nesta festa. Somente sei que noite virava dia e dia virava noite naquela casa, íamos dormir ao nascer do sol, jogados num canto qualquer e acordávamos com uma bebida cada dia diferente nas mãos. É redundante dizer que o consumo de drogas, seja elas lícitas e ilícitas, eram em quantidades que até eu achava exagero. E assim se passaram semanas, talvez mais que isso, já que não me lembro de muita coisa, todavia, mais tarde num leito do hospital, fiquei sabendo em detalhes sórdidos o que vou aqui lhe relatar. Porém antes devo lhe dizer, meu caro filho, que não me arrependo do meu passado e como disse anteriormente, é este mesmo passado que me tornou uma pessoa forte e capaz que sou hoje. Pode ser um choque para você, mas foi nesta festa que você foi gerado, de um threesome, ou o famoso a três. Não irei esconder-lhe nada, prefiro ser sincero com você, a deixar lacunas em sua e minha história. Pois bem, aí vai o que me foi relatado por Carlos:

\_ Baby\_ ele me chamava assim de vez em quando\_ que festa foi aquela\_ começou dizendo e pulando da cadeira de excitação, ele estava provavelmente ainda bem alterado\_ não sei se você se lembra, mas em todas as salas de estar, que eram pelo menos umas três, tinha uma montanha de cocaína da mais pura que já experimentei. De quando em quando, prostitutos e prostitutas nus paravam a nossa frente, colocavam um LSD na boca e nos puxava para junto deles, lascavam-nos um beijo gostoso e depositavam a droga no nosso sistema. Juro por Deus\_ dizia ele saltando de um lado para o outro num corredor qualquer do hospital onde eu estava tomando soro e outros remédios\_ PUTA QUE PARIU, que festa mais maluca. Nem eu sei quanto tempo ficamos lá nem sei que dia foi que passou mal, só sei que nesse dia eu acordei nu entrelaçado por seu corpo, também nu, de uma mulher lindíssima, por sinal, e um rapaz tão lindo quanto à mulher. Ainda deitado, olhei para o lado e vi o corpo nu de Victor jogado ao lado da cama...

\_ Precisa de tantos detalhes? Acho que o hospital inteiro não precisa saber disso\_ disse um tanto envergonhado.

\_ AHA, EU VEJO NESTE CORREDOR, SOMENTE VAGABUNDOS QUE POR SINAL TÁMBEM ESTAVAM NA FESTA.

Tentei me inclinar para ver se ele dizia a verdade, mas não consegui por falta de energia, ao perceber isso, Victor começou a se mover ligeiramente entre as camas para me apresentar com nome e qualidades de cada enfermo que ali, também como eu, recebia medicações diversas. Perplexo eu perguntei o que tinha acontecido naquela festa, meu companheiro de viagem voltou para seu lugar junto a mim e disse:

\_ Ora, você não me deixou terminar a história\_ consenti com a cabeça e com a voz ainda franca eu lhe pedi para continuar, o que ele fez prontamente\_ onde eu estava mesmo? Claro, estava na parte na qual acordava ébrio do lado de corpos estranhos, sendo eles um masculino, o outro feminino e o seu. AHA, pode deixar que eu não me esqueci do último elemento, que era Victor nu, o mesmo Victor que esta na cama atrás de você.

Tentei olhar novamente, desta vez por curiosidade, mas não tive êxito algum, todavia escutei a voz do vagabundo por opção que ao ouvir seu nome deu um gemido alto para dizer que estava ali e acordado. O rapaz que estava no leito ao meu lado, já impaciente com aquele falatório todo, deu um grito rouco, indicando para que Carlos continuasse sua história.

\_ OK, OK, vou terminar minha história logo, Pedro\_ disse Carlos\_ onde eu estava mesmo, AH sim, sim, eu estava no momento exato que percebi\_ ele fez uma pausa dramática e continuou no mesmo tom ébrio e excitado\_ um cheiro muito forte e de origem desconhecida. Senti-me a cama e ainda desconcertado pela noite agitada que tive, percebi que além de suor e sêmen minhas partes íntimas estavam molhadas de um vomito espeço e com traços de sangue. BEM, DESCULPEM-ME PELOS DETALHES NOJENTOS\_ gritou ele olhando para todos os lados\_ Mas estes detalhes são importantes, enfim, tentei ver de onde vinha aquele vomito, ou melhor, quem era o dono dele. Foi quando senti algo tremer. Era o corpo de meu querido amigo que convulsionava freneticamente, apavorado corri a procura de Diego. Achei-o na cozinha com uma faca na mão olhando para o nada, ele cortava o vento enquanto balbuciava alguma coisa em francês, pelo menos eu acho que era francês. Logo percebi que ele não poderia ajudar. Mudei de plano comecei a correr pela casa gritando “AJUDA” para ver se achava alguém sóbrio o suficiente para nos ajudar.

\_ E alguém nos ajudou?\_ perguntou com uma voz rouca meu companheiro de leito.

\_Ora, ora, senão é Pedro interessado na minha história\_ ironizou Carlos.

\_ Fala logo, porra...

\_ TÁ BOM, EU VOU FALAR. Bem, aconteceu assim: Todos da casa estavam doidos demais para me ajudar e meu grito de socorro foi, no mínimo, ignorado por todos que ali jaziam. Procurei um telefone mais próximo e depois de uma longa conversa com uma enfermeira e um médico de plantão, consegui a ajuda necessária.\_ antes de perguntarmos o obviou ele acrescentou\_ vocês, meus caros ouvintes, devem estar se perguntando: Como consegui informar o lugar que estávamos e ainda devem estar se perguntando como não fomos parar todos na cadeia. E eu os respondo dizendo que não posso revelar tal coisa no momento por motivos óbvios.

Capítulo cinco:

Exatamente no momento em que meu companheiro terminou sua história, uma enfermeira carrancuda, que provavelmente ouvira toda a história, chegou berrando aos ventos. “Bonito, né. Vocês acham isso bonito, não é mesmo?” na sua expressão podíamos notar um leve sorriso sarcástico e no mesmo tom de desaprovação dos nossos atos ela continuou: “drogas, álcool e sexo sem proteção”, ao dizer isso bateu uma palma lenta e carregada de decepção e preocupação não só no seu tom de voz, mas em todo seu semblante prosseguiu seu discurso: “metade de vocês saíram ilesos desta farra, bem, não tão ilesos assim, já que todos passaram por comas alcóolicos e barra ou overdoses intensas; contudo não se preocupem tanto, pois todos passam bem, a medida do possível; onde quero chegar com esse pequeno discurso? Quero dizer que metade de vocês não pegaram nenhuma doença sexualmente transmissível ou coisa do tipo, mas, infelizmente, a outra metade conseguiu aglomerar um recorde infalível de doenças sexualmente transmissíveis”. Parecia-me que ela estava gostando de nos informar aquilo tudo, senti que ela tinha o prazer de fazê-lo.

\_ ORA SE NÃO É MINHA CARA METADE\_ meu companheiro interrompeu o discurso da enfermeira, num tom teatral e gozador. Ele levantou, foi em sua direção em passos lentos e continuou aos berros\_ SE NÃO É A RAZÃO DA MINHA LIBIDO.

\_ Engraçadinho, você, em senhor Carlos Teixeira\_ repreendeu a enfermeira.

\_ Talvez não tão engraçado quanto seu discurso, mas não lhe tiro a razão, Paola Siqueira\_ disse meu amigo e companheiro agora em um tom mais sério\_ ORA, ORA, vejamos o que temos aqui\_ ele volta ao seu tom teatral e começa a perambular pelas camas que estavam espalhas no largo corredor do hospital\_ VEJO SOMENTE VAGABUNDOS SEM NADA A PERDER. Este aqui não tem uma mãe e o pai é mais bêbado que o próprio filho. Aquele outro, com seus apenas míseros quinze anos já é portador do vírus HIV e vive jogado na rua sem ter o que comer. Será que precisa de mais exemplos?\_ antes que a enfermeira, que cheira a pura raiva, pudesse dizer alguma coisa, Carlos prossegue seu discurso\_ VEJA BEM, este que está a minha direita, me confessou várias vezes, por não me reconhecer em nenhuma delas, Já que estava drogado e ébrio demais para isso, que já havia feito inúmeros assaltos à mão armada em várias cidades de Minas Gerais, o da minha esquerda, por sua vez, vem de uma família milionária, de acordo com ele, todavia perambula pelas ruas de Belo Horizonte, trajando somente farrapos que chama de roupa. Sua família nunca o deu como perdido, além do mais, o mesmo meliante já passou várias vezes pela policia, e de acordo com ele, todas elas sua família pagava a fiança e o leva-o pra casa. PASME VOCÊ, todas ás vezes que ele ia pra casa não passava um dia já estava na rua.

\_ Tudo bem, eu entendi o que está querendo me dizer, mas nada disto justifica o fato de estarem na sarjeta. Acordem para a vida, garotos.

 Meu amigo não a deixou terminar seu discurso repreensivo e foi logo falando alto, em um tom sarcástico e abrindo bastante os braços entre as camas dos dois garotos que acabara de usar como exemplo:

\_Deus, perdoa-vos eles não sabem o que fazem\_ e se voltando para os dois, prosseguiu\_ eu os perdoo e logo estarão comigo no reino dos Céus.

Paola, a enfermeira, acalmou seus ânimos ao ver que o médico de plantão tinha chegado. Não a podia ver, mas jurava que ela se sentiu envergonhada. Bem, Matheus, que era o médico muito charmoso de plantão, sem pressa alguma passou individualmente em cada leito para informar à situação que cada um se encontrava. Na minha vez, os olhos verdes de Matheus, que faziam um belo contraste a sua pele negra, pareciam muito tristes, o que me deixou preocupado. Suas palavras, naquele momento, pesaram minha mente por completo, porque eu era um dos “sortudos” que pegara o vírus do HIV. Calmamente, ele me explicou que aquela noticia não era uma sentença de morte, falou várias coisas para tentar me tranquilizar e terminou dizendo que o SUS me daria todos os remédios necessários, eu somente precisava de um laudo e uns papeis que ele iria me dar. Agradeci e perguntei se meu parceiro também era portador do mesmo vírus.

\_ AHA, EU NÃO TIVE TANTA SORTE ASSIM...\_ gritou Carlos, que conversava com Paola do outro extremo do corredor.

Matheus balançou a cabeça negativamente repreendendo a fala de meu amigo e eu calado consenti. Ele chegou mais próximo de mim para não ser ouvido pelos outros e me aconselhou “deve achar um parceiro melhor que esse, em garoto”. Antes que pudesse justificar o ato de meu parceiro ele saiu para atender o próximo vagabundo de plantão. Quando terminou de atender a todos nós, advertiu-nos, em alto e bom tom, que daquela vez não chamaria os tiras, usou exatamente esse léxico, mas se os vissem novamente na mesma situação teria que chamá-los. Ou ele blefou ou foi enfermeira que chamou os vermes. Dois tiras obesos passeavam pelo corredor com cara de mal encarados, blasfemando alto. A maioria de nós já estava recuperada dos comas e overdoses que tivemos e somente tomávamos soro na veia. Na hora exata, que os policiais passavam pelo corredor, eu estava sentado no meu leito conversando com o cara que estava na cama ao meu lado, com Carlos e Victor que estava de costas para entrada do corredor, apoiado no instrumento que tomava medicação. Não percebemos a presença dos senhores da lei e fofocávamos sobre Diego. Por pura sacanagem, os policiais ficaram atrás de Victor ouvindo nossa conversa.

\_ Quer dizer que esse tal de Diego é dono da casa e da porra toda?

Disse um dos policiais. Assustamo-nos, mas com bastante astucia, Carlos se recompôs rapidamente do susto e disse:

\_ Nada disso, Senhor policial, Diego é uma vítima da sociedade e de uma família displicente como qualquer um de nós presentes.

\_ Não vem com suas desculpinhas esfarrapadas não, garoto. Ninguém apontou uma arma na sua cabeça e falou para festejarem como se não houvesse amanhã\_ disse o outro policial que até então estava calado.

\_ Olha bem nos meus olhos, senhor policial\_ clamou um dos rapazes, arrastando o pedaço de ferro que sustentava seu medicamento pelo corredor a fora\_ olha senhor policial, se o fizer vai ver que não sou uma má pessoa. Sou apenas um vagabundo por escolha, mas não escolha minha. Ah não mesmo, veja você minha história e só depois me julgue se possível\_ um policial protestou, todavia ele ignorou o protesto e continuou sua história\_ Minha mãe odeia meu pai, porque ele bebe mais que eu. Ela toda noite o perdoa, porque Jesus a ensinou perdoar, mas toda amanhã quando acorda solitária na sua cama gelada e encontra seu marido jogado em qualquer canto do nosso casarão cheirando a prostitutas e uísque caro, começa tudo de novo: gritaria, confusão e tudo que o senhor possa imaginar. Meu pai já a ameaçou de morte várias vezes, apontou um revolve antigo que tem quadrado desde a guerra fria nela, e então para evitar o climão do meu lar afluente, vago sem rumo pelas ruas da cidade.

\_ Sua história é muito comovente\_ ironizou o policial da direta,\_ mas seu papinho bonito e cheio de palavras difíceis, que deve ter aprendido com aqueles comunistas nojentos da universidade federal, não me convence.

\_ Calma, senhor policial,\_ interrompeu meu querido. Ele olhava no fundo dos olhos dos policiais\_ Nós todos aqui não temos nada de ilegal em nossa posse, não sei se pode provar alguma coisa por meio de nossos exames de sangue, todavia tudo que ingerimos já foi consumido pelo nosso sistema. Irônico ou não, acho que não podem nos levar em cana, estou certo ou estou certo?

\_ Acho que teve um engano da sua parte, porque tem moleques menores de idades aqui e com os exames de sangue que justamente mencionou podemos provar que beberam álcool e isso é ilegal\_ respondeu o policial da nossa esquerda.

\_ Mas é claro, senhor policial, esqueceu-se de um pequeno fato\_ Carlos continuou a discursão no mesmo tom dos tiras.

\_ Esclarece pra nós aí, sabichão\_ gozou um dos policiais.

\_ Bem, primeiro diga-me quanto vai ser a fiança de cada um por estar alcoolizados e serem menor de idade.

\_ Está querendo nos subornar, moleque?

\_ NOSSA. Isso está bem longe da realidade, mas queria saber, porque a maioria desses vagabundos menores de idade têm famílias abastardas e posso lhes garantir que nenhuma delas dá à mínima para o filho que tem, isto é, perderão seu tempo levando-nos em cana já que a fiança será paga e dentro de poucos dias, posso lhe garantir que estaremos todos de volta ás ruas.

Um silêncio caiu sob aquele corredor após meu amado fazer o argumento mais coerente e pontual que o já vi fazer. Aquele foi de longe o seu melhor discurso e foi tão bom que convenceu os policiais a não nos prender. Vi os policiais saírem calados após a fala de meu querido companheiro, eles estavam taciturnos e para piorar a situação todos os enfermos gritavam juntos festejando a vitória. Mas, na verdade, não era uma vitória solida, porque perdemos muitas coisas naquele dia, metaforicamente falando, além de coisas solidas como nossa saúde, dentre outras coisas menos importantes como meu passaporte. Bem, o último estava na posse da enfermeira que ilegalmente me cobrou cem reais para tê-lo de volta, fez isso com todo mundo, acho que discurso de Carlos encheu os olhos da enfermeira. Nós saímos do hospital numa manhã calma do inverno brasileiro, eu cheio de remédios para doença que tinha adquirido na festa e papeis para conseguir mais e Carlos. Olhei para ele, nos meus olhos ele pode ler os meus sentimentos ambíguos e ele percentil que teríamos nossa primeira discussão de relacionamento, a famosa DR. Puxou-me para um canto para não sermos interrompidos pela turma que também tivera alta no mesmo dia. Abracei-o e sussurrei em seu ouvido:

\_\_Qual valor eu tenho para ti? Pois, estou aqui me doando por completo...

Com um gesto carinhoso ele coloca o dedo em minha boca, interrompendo o que estava para falar e completou minha fala assim:

\_Sim, eu sei que está se doando e que eu não estou te seguindo, ou pelo menos é isso que acha de mim, mas está bem claro para mim que quero uma vida ao seu lado...

Desta vez foi minha vez de fazer o mesmo gesto que fizera para me calar e adicionei exatamente estas palavras:

\_ Estou enfermo e preciso de alguns medicamentos para sobreviver, logo não poderemos ir para um lugar distante, sem um hospital público por perto, quanto menos viajar por ai sem rumo, pelo mesmo motivo. Agora é hora de nos firmarmos num lugar e colocar seu plano, que é eu terminar a escola regular e você se formar na faculdade num curso de sua escolha.

\_ É... Você tem razão\_ ele começou a chorar copiosamente, molhando minha blusa toda e entre choros e soluços continuou\_ tenho outro tio em Vitória, Espírito Santo que pode nos ajudar com tudo isso.

\_ É isso que quer fazer? Tem certeza disto?\_ disse, enquanto secava suas lágrimas.

\_ A vida é cheia de curvas e mistério, e o amor nos arrebata quando menos esperamos. O que, realmente, quero dizer é que apesar dessa situação, que nos encontramos nesse exato momento, seja difícil e inesperada, pelo menos para mim, eu nunca lhe deixaria solitário vagando no mundo. Temos um coração livre e vagabundo por natureza, porém desde o começo, eu sabia que a libertinagem, alguma hora, nos cobraria um preço muito alto e chegou a hora da colheita. Bem, não pense que somente você está a pagando, eu também a pago um preço similar ao seu, apesar deste não ser por meio de minha saúde, todavia tão grande quanto.

Desta vez foi eu quem comecei a chorar muito, soluçava de tanto que chorava. Eu ainda estava abraçado a ele meu corpo todo tremia e para me tranquilizar ele apertava seu corpo ao meu cada vez mais forte. Fomos interrompidos por um dos nossos companheiros de leito, o camarada que Carlos descrevera no momento em que ele queria exemplificar para a enfermeira o motivo de sermos assim: vagabundos de coração e de berço. Esse camarada se chamava Nicollas, e nos interrompeu por um bom motivo, pelos menos o interpretei que fosse. Começou dizendo:

\_ Estamos todos comovidos por esse papo intimo que estão tendo\_ apontou para uma turma que nos observava sentados a porta do hospital, então prosseguiu dizendo\_ Olha, não quero me meter na vida de vocês, longe de mim, fazer isto, mas entendemos aqui que partirão para Vitória, Espirito santo. Sou bom em ler lábios\_ ao dizer isso deu um sorriso amarelo e sem deixar espaço para nós adicionarmos nada, seguiu com sua fala\_ É o seguinte, a situação está feia para todos nós aqui e a maioria não tem para onde ir, melhor dizendo, não seremos aceitos nem na casa de nossos pais nem em lugar algum. De novo, longe de mim, querer que nos sustente, a grande parte desse bando de vagabundos de coração livre e puro, ganham mesadas substanciais e levará um bom tempo para nossos pais bloquearem nossos cartões de crédito, pois os mesmos nem sequer ainda notaram nossa ausência. O que quero dizer é que unidos poderemos ser invencíveis...

Interrompi-o abruptamente com um abraço apertado e caloroso, Carlos, por sua vez, juntou-se a nós sem pestanear e depois veio os outros. Aquele abraço grupal acalorou meu coração temoroso pelo nosso futuro, agora tínhamos não só um ao outro, mas uma manada inteira. E esse futuro que outrora parecia cinzento, tornara-se mais ensolarado. “Feliz é o homem que anda em bando” berrou meu namorado aos quatro ventos. Desvencilhamo-nos uns dos outros, depois de um longo período nos consolando por meio do abraço em conjunto, e para não deixar o silêncio cair sob nossas cabeças, Nicollas começou um novo discurso:

\_Não posso discordar de ti, meu caro, porém precisamos de um plano solido para assim obtermos um sucesso considerável. O que acha disso, pessoal?

\_ Não sei vocês, mas a primeira coisa que vem a minha mente neste exato momento, antes de planos e qualquer outra ideia que possamos fazer para tornar esse grupo forte e coeso, é um banho quente e comida fresca.

Depois que Carolina, esse era seu nome, fez sua colocação muito plausível para aquele momento, pois todos nós estávamos com muita fome e fedendo a todo tipo de odor, conhecido e desconhecido, Nicollas deu uma ideia genial, que por N motivos, seria de difícil execução. Entenderá o motivo da dificuldade de colocar esse plano em ação logo mais a frente.

\_ OK, eu concordo com você minha linda Carol, e se todos concordarem, nós podemos fazer o seguinte: Sei que todos nós temos dinheiro no bolso, mas alguns podem gastar, já que sabem que as respectivas fontes o manterão por tempo indeterminado, e temos nesse grupo outros que não podem gastar, porque suas fontes de dinheiro já se esgotaram. Bem, não quero fazer um discurso muito longo, por isso vou resumir minha prosa. Quem puder gastar, de preferência em dinheiro vivo, para assim não termos problemas com a lei, porque o cartão de crédito é de fácil rastreamento, pagaria um hotel para todos nós. Calma lá. Antes de vocês atirarem pedras nesse pobre homem, ouçam-me até o final. Isso seria dividido entre quem pode gastar o que não ficaria pesado, e não precisa ser um quarto individual, podemos muito bem dividir os quartos...

Esse discurso referido por um rapaz chamado Brian que não era para ser longo, mas foi, causou um alvoroço. Todos falavam ao mesmo tempo e pelo que eu percebi, nós todos concordávamos com a ideia que acabara de ser exposta, porém cada um tinha algo a acrescentar. A confusão só terminou quando Carlos começou a gritar feito louco, ele rodopiava ao nosso redor, falando coisas, que acho que só eu entendia, porque eram em alemão. Quando todos se calaram e ficaram olhando-o, que agia como um animal irracional pegou a palavra para si e começou dizendo assim:

\_ Sim, agi como um animal para exemplificar por meio da minha ação, que vocês ao falarem todos ao mesmo tempo, também estão agindo feito animais no cio. Perdão, não quis ofender ninguém, só quero me fazer entendido. Olha só, vamos organizar isso senão vou ficar mais louco que já só.

Todos nós sorrimos silenciosamente, consentimos com a cabeça e começamos a levantar a mão para falar. Assim que todos levantaram a mão ao mesmo tempo, Carlos indicava quem falaria primeiro já que foi sua ideia. Ele apontou primeiro para um rapaz, que se encontrava na fileira da frente e se chamava Thomas que rapidamente e antes de termos chegado a casa em Vitória se distanciara do grupo. Não reparei muito em sua aparecia incialmente, então ai vai o que ele queria acrescentar a conversa:

\_ Antes de qualquer coisa eu quero dizer que não sou estudado como a maioria aqui é, e não sei usar essas palavras bonitas e enroladas que vocês usam. Eu estudei até o ensino fundamental e depois disso comecei trabalhar com meu pai no campo. Sim, temos dinheiro e terra, mas o estudo não é tão importante assim pra nós. Sou caipira e com orgulho\_ quando disse isso todos nós o aplaudimos por ter coragem de dizer isto e respeitosamente ele esperou que os aplausos diminuíssem para prosseguir\_ obrigados pelos aplausos, achei eles bacanas e sinceros, mas o que quero dizer é o seguinte: para organizar a parada, levanta a mão quem pode ajudar\_ de mais de dez pessoas, cinco levantaram a mão e falaram à quantia que poderia colaborar\_ OK, não sou bom de matemática, mas acho que dá para pelo menos cinco quartos e se somos em mais de dez, vai dar... Eu acho que cada um vai dividir o quarto com duas pessoas mais ou menos. Parece muito bom pra mim isto aí.

\_ Ok, camarada, tem algo amais para dizer?\_ disse Carlos para organizar a conversa que levou uma tarde inteira.

\_Eu não. Era só isso mesmo.

\_Então vamos ao próximo.

Ele apontou aleatoriamente para uma pessoa que disparou a falar como se estivesse sob o efeito da cocaína, mas futuramente descobri que este sofria de uma doença chamada TAG, transtorno de ansiedade generalizada.

\_ Camaradas (acho estranho lhes chamar desse jeito, mas como todos estão usando esse termo, vai ficar assim mesmo), nós devemos mais que nunca nos unir mesmo e acho válido querermos um lugar quentinho para deitar e comer. (Não sei como falar isso sem machucar ninguém, então eu serei direto e espero que ninguém leve para o lado pessoal, porque também sou um desses...). Estou de novo saindo do que quero dizer. DROGA CONCENTRA-SE CARA \_ disse isto mais alto que o normal, enquanto socava a própria testa, como se estivesse se punindo por algo que fizera, levou um tempo para voltar ao seu normal, então prosseguiu \_ olha bem para nós. Olhe para a pessoa ao seu lado e me diga se alguém em sã consciência nos daria um quarto, mesmo pagando? A metade veste roupas mais sujas que o próprio esgoto, e eu sou uma destas pessoas, a outra metade cheira muito mal, pois não tomam um banho sabe Deus faz quanto tempo e eu estou incluso nesta também. (Acho que bati meu recorde, devo estar mais de uma semana se ver o chuveiro, não sei como alguém conseguia chegar perto de mim para me beijar), enfim, ainda existem neste grupo poucos, que perderam a identidade ou na festa ou bem antes dela. E aí camaradas como fica?

\_ AHA\_ disse Carlos que começa a se excitar com o papo\_ Não posso lhe tirar a razão, esse grupo tá mais para um grupo de esfarrapados e sem teto, mas gostaria de ver a cara DELES quando nos vissem e ainda mais gostaria de ver a cara deles quando descobrissem que temos dinheiro no bolso. AHA, ISSO SERIA MUITO GENIAL.

\_ Não tão genial quando a polícia aparecer para nos expulsar de lá.

Gritou um do fundo e antes que começasse a confusão novamente meu namorado gritou bem alto.

\_ APLAUSO PARA O GAROTO OU GAROTA OU GAROTIX DO FUNDO\_ e ao perceber que tinha evitado uma nova confusão, abaixou seu tom de voz e continuou\_ Não estou gozando da sua cara, estou sendo sincero, pois todos nós precisamos de um choque de realidade. Bem, em frente à todas essas ótimas colocações, quem tem uma ideia melhor do que a inicial?

Agora poucos levantaram a mão e a essa altura já estávamos discutindo com todos sentados em círculo, pela excessiva fadiga. Meu namorado olhou paras mãos levantadas e escolheu, julgando pelos seus rostos, o mais responsável deles que começou a falar assim:

\_Vou direto ao assunto, sem muitos rodeios. Eu conheço uma vasta quantidade de pessoas de todos os tipos, sendo elas um corretor de imóveis. Dito isto, posso ver se ele está no momento vendendo um imóvel, porque provavelmente o mesmo ficará vazio até a papelada ficar pronta\_ e para organizar melhor a discussão, ele mesmo perguntou\_ quem tem objeção ao meu plano?\_ e desta vez ele mesmo escolheu o próximo a falar.

\_ Esse plano parece bom, mas como entraria em contato com esse tal corretor?

­\_ Eu tenho um celular aqui\_ gritou um rapaz de uma beleza fenomenal.

Bem, nada de tão interessante ocorrera nesse dia, nós fomos para casa que o corretor indicara e esta estava vazia por ainda faltar algumas papeladas para venda. Todos nós nos comportamos muito bem, tomamos nosso desejado banho e comemos algo que alguém comprou na loja de conveniências, dormimos todos no mesmo cômodo juntos por medo de aparecer alguém que nos desejasse o mal, nunca se sabe. Eu tinha passado antes numa loja e gastado alguns reais com roupas usadas e uma mochila fina para carregar meus remédios, algumas pessoas do nosso grupo também me seguiram a fim de fazer o mesmo. Ao amanhecer partimos todos para rodoviária e pegamos um ônibus rumo a Vitória, Espírito Santo. A viagem foi tranquila e numa das paradas Carlos usou o telefone público para contar ao seu tio, que morava no Espírito Santo, o que tinha acontecido. Achei que ele se utilizou de muitos detalhes na sua explicação, mas o tio aceitou a história prontamente, pelo menos foi isso que me contou mais tarde. Disse-me ainda que o mesmo Tio, que se chamava Paulo, tinha uma casa na cidade chamada Jacaraípe e para mim o mais emocionante disto tudo era que ficava muito próxima a praia. Soube posteriormente que a tal casa em Jacaraípe era uma casa de praia de dois andares, bem mobiliada e ao chegarmos estava cheio de presentes para a turma toda. Vai entender isto mais tarde. Bem, parece-me que Paulo era uma pessoa boa.

 Capítulo seis:

Neste ponto da história já tínhamos chegado bem em Jacaraípe e a data era primeiro de dezembro de dois mil e três. Podia-se sentir no ar uma euforia imensa da parte de todos nós, ninguém parecia cansado da viagem, porque ao chegar a casa, que ficaríamos temporariamente, cada um foi para um canto, vasculhavam cada cômodo da casa e corriam como loucos. Victor, Carlos e eu ficamos na sala abrindo os presentes, que já havia mencionado, enquanto isto nós podíamos ouvir os gritos: “tem água quente aqui” berrava um no banheiro, “tem água filtrada na cozinha, pessoal” informava o outro em voz estridente, “Isso não é nada, temos camas de verdade” exclamava um deles ao entrar nos quartos, outro que provavelmente fuçava a geladeira gritou “Mas, camaradas, o melhor de tudo é que temos comida para um batalhão inteiro”. Victor ria alto daquela cena, seu riso ecoava na casa inteira, talvez até no bairro inteiro. De repente aparece Nicollas na sala, lembra-se dele? Ele foi o cara que interrompeu a conversa íntima que estava tendo com meu namorado, então ele aprece na sala assobiando alto, com uma cara que parecia não estar surpreso com nada e totalmente despreocupado. Sem dar nenhum sinal que iria fazer isto grita para todos o ouvirem:

\_ Vocês estão se comportando como animais, vocês sabiam disto? Até parece que nunca viram uma casa de praia antes. Vocês parecem pobres na chuva, Deus me livre...

Ao dizer isso deu uma gargalhada tão alta e sonora que chamou a atenção de todos, no eco de sua gargalhada, podia-se ouvir o som de passos largos e pesados oriundos de todos os lados, pessoas descendo a escada abruptamente e correria na cozinha. Quando vi já estavam todos reunidos na sala falando ao mesmo tempo, então me sentei no sofá e comecei a cantar novamente aquelas velhas canções de marujo em alemão. Passou alguns minutos para todos pararem de falar e prestarem atenção em mim, portanto, quando já estava com a palavra iniciei mais um de vários discursos que aconteceriam ali naquele mesmo local. Que foi mais ou menos assim:

\_ Tudo bem. Eu entendendo a euforia de todos para com nosso prospero futuro juntos, todavia não tiro a razão bastante elucidada de nosso companheiro, Nicollas, que rispidamente pontou e classificou nosso comportamento com animalesco. Dito isto, poderíamos fazer o seguinte: alguém vai á um bar mais próximo e compra algumas garrafas da bebida escolhida pelo grupo, (não pode ser em quantidade exagerada ou uma bebida muito forte já que nem todos estão com saúde para isto), depois nos reunimos aqui, como ninguém parece cansado, para trocarmos algumas palavras pessoais de nossa história de vida, a fim de conhecermo-nos melhor. O que vocês acham disto, pessoal?\_ e antes que todos falacem ao mesmo tempo acrescentei\_ UM DE CADA VEZ.

\_ Ok\_ disse o primeiro a levantar a mão\_ nós somos mais de dez pessoas, portanto, uma garrafa de vinho para cada um não pesará para ninguém...

\_ AHA\_ interrompeu Carlos do seu mesmo jeito eufórico de sempre\_ alguém tá achando que estamos mortos. Só pode. Uma garrafa de vinho não enche nem a metade do meu estomago; eu sei que estamos em condições precárias de saúde, mas pera lá, né.

Novamente a confusão se instaurou, todos davam sua opinião ao mesmo tempo, mas dessa vez não precisou de gritos ou canções de marujo em alemão para acalmar a euforia de todos ali presentes, pois conscientemente eles se calaram e para minha surpresa olhavam diretamente para mim, esperando que eu, (logo eu), organiza-se a bagunça. Respirei fundo, tirei do bolso da minha nova jeans usada o maço de cigarros que tínhamos comprado na rodoviária e durante o ato de pegar o cigarro e acendê-lo, disse com ele na boca.

\_ Não cabe a minha pessoa decidir nada sozinho, pois somos agora um grupo e tudo deve ser decidido em grupo. Dito isso, li em algum lugar que grupos sociais funcionam como o corpo humano. Não me olhem assim, o autor só queria fazer uma analogia e acho que a mesma caberá como luva para melhorar a organização desta nova comunidade. Bem, ai vai à teoria. Numa comunidade, precisa-se de alguém para ser a cabeça do grupo, ou seja, o cérebro, a pessoa que dá as ideias, precisa-se também dos braços fortes de alguém que executará o que o cérebro sugerir, mas logicamente não se esqueceu, nesta teoria, do coração que junto ao cérebro, porém com funções diferentes, interpelará pela vida emotiva do comboio.

\_ AHA\_ você provavelmente já sabe quem está falando e sabe que o mesmo que tem a palavra saltava de um lado para o outro\_ Está tudo muito bem, está tudo muito bom, mas tenho minhas desconfianças que esse tal autor era um liberal de primeira que se enchia de drogas de um modo aloprado e sem escrúpulos. Não quero dizer que sua teoria esteja errada, pois dependendo do ponto teórico de cada um, o certo e erra é bem relativo. Desculpe-me meu querido baby pelas minhas palavras eloquentes e vividas, mas como um anarquista eu ainda acho que liderança não nos levará a lugar algum.

Parecia-me que as coisas estavam indo até saudáveis para um grupo diversificado, não só em teorias sócio-políticas, todavia na visão prática da vida. Estávamos conseguindo nos comunicar de modo coerente e civilizado, apesar da conversa rodear, rodear e chegar a lugar algum. Foi à vez de um rapaz, que se chamava Odélio, com sotaque francês falar, ele fora o único que levantou a mão para falar e iniciou sua fala assim:

 \_ O negócio é o seguinte. Acredito que todos nós temos liberdade, (sabe como é), como diz meu querido Raul Seixas “faça o que tu queres há de ser tudo da lei”, mas antes disso “Amor é lei. Amor sobre vontade” e como sou da turma do Thelema (acho que alguns aqui conhecem essa religião\filosofia)\_Falou ainda mais a citação\_ “TODO HOMEM E TODA MULHER É UMA ESTRELA”.

 Quando ele grita com orgulho sua última citação do que posteriormente fiquei sabendo serem leis do Thelema, fez com que alguns, que provavelmente também acreditavam nestas leis, o aplaudissem e gritassem “Viva Aleister Crowley”. Nós outros que desconhecíamos tal religião\filosofia ficamos calados esperando uma explicação. Após eles se acalmarem, Nicollas esclareceu-nos de modo rápido e superficial a teoria de Aleister Crowley, somente o suficiente para entendermos melhor o que estavam dizendo. Não preciso dizer que nossos diálogos levavam horas afio e esse como todos os outros não fora diferente. Foi tão extenso que resolvemos ir dormir e voltar a discursão pela manhã. Então fomos cada um para nossos respectivos quartos. Dormimos Carlos e eu agarrados como verdadeiros namorados e o mais interessante disto tudo era que nós não formávamos os únicos casais alternativos do ambiente, existiam vários como nós, numa relação aberta, mesmo que a maioria não tivesse discutido tal assunto, pois acontecera naturalmente. Amanheceu uma manhã linda e ensolarada, os que acordaram primeiro tomaram seu café da manhã e foram se banhar na praia e os que dormiram até um pouco mais tarde estavam reunidos na cozinha fazendo um desjejum caprichado. Ninguém da mesa do café da manhã pronunciava uma palavra sequer, os casais serviam seus respectivos namoradas ou namoradas cordialmente e com um belo sorriso no rosto, a cena que parecia mórbida, não tinha nada deste aspecto, pois, na verdade, eu a lia como uma cena linda e amigável nas quais companheiros, sem precisar de uma palavra, conviviam harmoniosamente.

Chegou a tarde e com ela uma chuva intensa do inverno capixaba, o grupo que vinha da praia trazia consigo uma quantidade substancial de vinho barato que em sua embalagem de plástico se lia o nome “cantinho da serra”. Eles diziam ter gastado apenas quarenta reais naquilo tudo de vinho e tinham mais coisas na sacola, eles traziam consigo uma quantidade boa de maconha. Explicaram que ao verem pessoas fumando na praia, o que, na verdade, consistia num número considerável de fumantes, perguntaram onde poderiam comprar. “Olha só camarada” exclamou um rapaz barbudo e com uma voz rouca de tanto fumar cigarro “nossa sorte foi que o primeiro a quem nos perguntamos, foi também o anjo que nos vendeu essa quantidade maravilhosa de um Cannabis e tem mais ele disse ser Cannabis de verdade, ou seja, nada industrializado”.

É! Parece-me que de nada aprendemos com a experiência que tivemos naquela pequena cidade de Minas Gerias, porque pequenas festas foram montadas e, além disto, havia nestas um consumo exagerado de álcool e Cannabis. Todavia, tais festas eram limitadas ao nosso bando, na maioria das vezes, que aos poucos se fechava de um modo firme e coeso, além do mais, dentre poucos meses todos nós já tínhamos um emprego e\ou escolas e\ou faculdades para frequentar. Portanto, você, meu filho, não nos julgue tanto assim, pois evoluímos um pouco mais e aos poucos saíramos de uma libertinagem feroz para uma mais branda. Voltemo-nos, então, a narrativa daquela tarde chuvosa, pois a mesma foi muito importante, não só para tornar o grupo ficar mais forte, mas também para entendermos como funcionava a cabeça de cada integrante da manada. Bem, aquele dia seguiu mais ou menos assim: Após todos nós termos nos alimentado nós nos sentamos em círculo no chão da sala, puxamos uma mesa de vidro pequena para o centro da roda e lá depositamos as bebidas, o Cannabis, uma tesoura e papeis para enrolar a droga. A ideia primaria de fazermos aquela comunhão foi minha, portanto todos esperavam calados e ansiosos pelas minhas instruções.

\_ Bem, essa brincadeira, entre aspas, como disse anteriormente, fará com que nós nos conheçamos de verdade, por isso, espero sinceridade de todos. As regras são muito simples: eu gostaria que todos nos contassem sua história de vida, começando pela família, que tem, quer queria ou não, um grande impacto em nossas vidas atuais, terminando suas narrativas no nosso ponto de encontro, isto é, como foram parar naquela casa que nos encontramos e por quais motivos foram parar lá.

\_AHA\_ levanta meu namorado novamente empolgado\_ parece-me uma tarefa fácil, porém árdua, mas enfim vamos ao que interessa e acho nada mais justo começar esse jogo pela pessoa que nos uniu. AHA\_ berrou indo ao encontro de Nicollas, pulando entre o círculo. Puxou-o pelo colarinho e deu-lhe um abraço apertado e então prosseguiu sua narrativa\_ ele, o magnifico, o unificador dos excluídos, dos vagabundos mais vagabundos de todos aqui presente e maluco de nascença. Nicollas...

A galera juntou-se a eloquência de Carlos, agora todos batiam palmas, reverenciava-o como um deus dos marginais e ele, Nicollas, aderiu a essa loucura, agradecia como um verdadeiro rei enquanto seu nome era clamado num só voz. Quando cessou a euforia, ouvimos a porta ser aberta. Era Paulo que vinha ver se estava tudo bem conosco. Antes que ele desse sua opinião do que estava se fazendo, meu namorado correu em direção ao seu tio para explicar com suas palavras o que estava acontecendo. Ele agarrou seu tio pelos ombros, puxou-o sala adentro e em um tom exaltado, apesar de não ter usado nada, explicou assim:

\_ Olha só, meu querido tio, para toda essa gente aqui. Cada um mais vagabundo que o outro, porém não nos julgue assim tão rápido, porque, na verdade, chegou na hora certa. Estudado como o senhor o é, eu tenho certeza que entenderá que não somente o âmbito familiar, mas também o social, fez com que cada vagabundo que aqui se encontra se transformasse em pessoas boas, porém capciosas e fã da libertinagem. Lógico que sei a diferença entre liberdade e libertinagem, portanto também sei que ultrapassamos tal linha tênue há muito tempo. O que quero dizer é: cada um aqui irá contar sua história de vida, ou seja, o que nos levou a escolher, entre aspas, a vagabundagem e a libertinagem que hoje aderimos fielmente.

Seu tio era mais parecido com Carlos do que eu imaginava, ele fazia também discursos longos e eloquentes, usava um léxico muito rico, o que não era de se esperar já que meu namorado me disse em confidencia que este tem três doutorados em áreas diferentes, mas para um senhor de idade, eu não esperava que tal semelhança estivesse baseada na loucura de ambos os parentes. Você vai entender o que quero dizer. Paulo ouviu atenciosamente o discurso do sobrinho, engoliu palavra por palavra, olhou bem para cada rosto, que com medo de uma repressão, o encarava, seus olhos naquele momento passavam pela mesa no centro repleta de coisas que poderiam nos colocar num par de sinucas, mas para o alivio de todo bando o discurso de Paulo foi brando e gentil. Ele disse mais ou menos assim:

\_ Então, meu querido sobrinho, eu entendo perfeitamente a sua fala e, não somente compreendo de onde ela vem, ou seja, as referências pela qual a mesma está baseada, mas entendo também que, com base em autores renomados na literatura da psicologia, que acho irrelevante menciona-los um por um, as escolhas individuais não devem ser pautadas, isto é, escoradas somente nos âmbitos por ti mencionados. Vai muito mais do que imagina. Todavia minha curiosidade de pesquisador está aguçada e se possível gostaria de participar como apenas um ouvinte desta belíssima aula de vida. Se assim todos me permitirem.\_ acrescentou casualmente\_ e tem muito tempo que não me utilizo do Cannabis, talvez se não for pedir muito gostaria de ter essa experiência com vocês.

Ele esperou em pé enquanto decidíamos. Bem, teoricamente faríamos isto em grupo, porém, na prática foi um pouco diferente. Já vou lhe explicar o porquê. Foi bem assim: Nicollas levantou antes que podássemos dizer alguma coisa, posicionou-se no centro do círculo, pegou uma garrafa de vinho e nela deu vários goles, o que me pareceu ser um ato para tomar coragem. E então, de modo completamente teatral e com um tom autoritário, mesmo que já sabíamos que não tinha nada de arrogante em seu discurso, prosseguiu dizendo:

\_ Caros amigos aqui presentes, como eu fui nomeado Rei dos vagabundos pelo nosso camarada ali\_ apontou para meu namorado que ainda se encontrava do lado de seu tio\_ acho nada mais justo eu começar e talvez terminar essa discussão. Nosso querido e bondoso anfitrião e dono desta linda casa tem um desejo árduo de presenciar nossas histórias de vida e, corrijam-me se estiver errado, nenhum daqui presente tem o que chamaremos de vergonha pelas suas histórias de vida. Não mesmo, pois os mesmos já as contaram milhões de vezes para diversas pessoas, independente do estado de tais pessoas ou das suas no momento da fala. O que quero dizer aqui é o seguinte: porque negaríamos a curiosidade empírica de nosso anfitrião, além do mais ele fará uso de Cannabis, ou seja, não se lembrará de muita coisa para assim criar um livro com nossas histórias.

 \_ Eu não posso falar por todos aqui presentes\_ disse eu, me levantando\_, mas, com todo respeito ao nosso anfitrião e tio de meu namorado, essa é um manada que foi criada recentemente, portanto acho justo que levantemos a mão que concorda com nosso Rei e depois quem discorda.

Após uma apuração minuciosa, e para minha surpresa, Paulo foi aceito unanimemente pelo grupo. Sim, nenhum de nós o rejeitou, por conseguinte, aquele assuntou estava enterrado. O anfitrião acomodou-se no sofá para observa a cena que iria começar e nosso querido Rei lhe passou o vinho que tinha aberto e assim iniciou-se uma longa e sincera conversação. Como havia sido combinado anteriormente Nicollas impulsionaria o monologo e assim foi feito. Mas antes de tudo foram designadas tarefas importantes entre nós, por exemplo, um enrolaria o Beck, outro ficaria responsável pelas bebidas e assim por diante. Enfim, sem mais delongas, vai ai os monólogos. Já me desculpe, pois serão colóquios bem extensos e que nos levou duas manhãs e uma noite inteira para terminá-lo.

Capítulo sete:

\_ Oi eu meu nome é \_ disse ele num tom como se estivesse em uma reunião do AA, o que respondemos no mesmo tom e em conjunto “seja bem-vindo Nicollas”.\_ Ah. Agora é sério...\_ berrou ele, pulando para o meio da roda e se sentando lá\_ sem mais delongas direi a todos vocês o que me fez escolher, sem aspas, essa vida árdua e maluca de um libertino solitário. Bem, como todo lunático que se preze, também tive um lar totalmente desequilibrado. Ora, como não ser diferente, eu penso que nossas histórias, ou a maioria delas, tem seu início em um lar que nunca irá nos aceitar pelo que somos, e ainda mais específico, pelo gênero que sentimos atração não só sexual, mas também emotiva. Dito isto, não vou negar que meu progenitor, já que ele nunca foi um pai de verdade, foi totalmente ausente na minha criação e minha progenitora, por sua vez, consentia calada com as decisões de seu marido, seguirei os chamando assim e desculpem pelo ato falho se os dirigirem nomes diferentes. Não posso culpá-los por nada, pois entendo que minha progenitora que era muito ligada à religião Católica, concordava com seu marido porque o padre lhe ensinava assim e meu progenitor agia como macho alfa devido sua criação. Agora vamos para outro quadro que o tentarei pintar de modo mais coerente possível. Imaginem vocês, uma criança muito, mas muito afeminada, tão afeminada que desde cedo vestia os vestidos da mãe, jogava sua maquiagem aleatoriamente no rosto, por não saber usa-la corretamente, e sem vergonha nenhuma desfilava pela casa como uma perfeita mulher. Às vezes ia até a rua desfilar, achando que estava fazendo um show. Acho que todos sabem como é esta linda fase infantil quando percebemos que não somos iguais à maioria da população brasileira. Bem, não preciso dizer que meus progenitores me repreenderam bastante pelos meus atos fora do comum e é quase redundante dizer que resisti até o fim. Mas que fim. Acabei em reformatórios diversos: militares, Evangélicos, de todo tipo de denominação, e etc. Logico que resisti e por isso fui expulso de todos esses lugares repressores. Os motivos da expulsão eram: ou por uso de drogas ou\e de cigarros e\ou por atividades sexuais que para eles eram pecaminosas ou\e repugnantes. Tudo isso juntamente a um grupo de pervertidos e revoltados com a vida que seus pais escolheram para eles. Moral da história: meus pais literalmente desistiram de me educar de acordo com a sociedade padrão brasileira e ao ser expulso do último reformatório, eles não foram me pegar de carro como sempre o faziam. Para ser claro, estava lá eu em frente a um reformatório no interior de Minas Gerais, sozinho, sem dinheiro ou nada além de minhas roupas e pertences pessoais.

\_ OH e o que você fez em seguida querido amigo? \_ perguntou um de nós.

\_ Olha. Primeiro eu sentei no meio fio fumei alguns cigarros enquanto esperava minha carona habitual. Enquanto isto alguns desses meus amigos, que me introduziram o cigarro, a maconha, dentre outras coisas, saia do reformatório. Alguns deles também foram convidados a se retirar para sempre do recinto, outros estavam apenas saindo escondidos para festejar na capital. Vocês já sabem muito bem qual foi minha escolha. Já estava esperando horas e não achei uma má ideia ir a Belo Horizonte fazer uma farra da boa. Um deles tinha um carro escondido na mata, disse ser um carro de família, porém descobri de pior jeito que era roubado. OK. Tentarei ser o mais breve possível. Resumindo, fomos com o tal carro para capital mineira cheio de esperança no coração. Não me atrevo a negar que me diverti muito nesses dois meses intensivos de festas sem pausa alguma para respirar. Sabe como é? Né, galera. Nós dormíamos jogados em qualquer lugar que achássemos seguro, (Tá. Vou mudar essa frase), nós apagávamos totalmente alterados em qualquer sarjeta que achávamos. Fomos presos por vários motivos e inúmeras vezes e todas elas nossas famílias pagavam a fiança, contudo antes de sermos soltos, eles sumiam para suas vidas pacatas, sem se preocupar conosco. Acho que molhavam a mão dos tiras, porque, certa vez, um verme me falou que não constava nenhuma prisão em nossas fichas e aquela devia ser a décima de muitas outras prisões. Tá. Tá. Vou resumir mais ainda esses longos dois meses. Em suma, eu vi meus amigos serem consumidos pelo exagero e morrerem de overdose e\ou coma alcoólico, a maioria para conseguir uma grana extra, fazia programa, outros roubavam mesmo. Vi de tudo, até suicido eu presenciei. Bem, não sei se conta como suicídio, pois a pessoa estava tão alterada que achou que podia voar, (e o que ela fez?), se jogou do sétimo andar.

\_ Vem cá. Pode parecer óbvia minha pergunta, mas como continuou nesta vida, tendo presenciado tudo isso?\_ indaguei curiosíssimo.

\_ ORA, ORA. Meu caro gringo. Não classifico sua pergunta como óbvia nem ordinária, diria que esta é bem pertinente a minha história. Contudo, Não tenho uma resposta concreta para lhe dar neste exato momento. E como diz um personagem da história do alto da compadecida, que não lembro agora seu nome, “só sei que foi assim” \_ todos riram de sua referencia\_ Agora, para alivio geral, minha história finaliza num belo dia de uma data qualquer e de uma estação menos importante ainda, quando encontrei uma pessoa que também estava jogada aos trapos nas ruas da capital mineira. Essa mesma pessoa me indicou a tal festa que nos encontramos. FIM.

\_ OK. OK\_ disse\_ belíssima história Nicollas, agora vamos ver o próximo...

\_ Ora, se não é a minha vez, de quem mais séria?\_ Disse Carlos.

\_ Tudo bem, eu acho isso válido\_ concordei com ele.

\_ Para quem não me conhece pelo nome sou Carlos e para iniciou de conversa minha vida foi, provavelmente, bem diferente da maioria. Bem, ela foi sim diferente até certo ponto\_ nesta hora ele olha para mim fixamente\_ E esse ponto que minha vida começou a igualar a da maioria, tem nome, todavia só o conheço pelo seu sobrenome. NÃO É SENHOR BÜRGEN. Longe de mim, culpa-lo pelas minhas próprias escolhas, no entanto, ele mais um rapaz esquisito chamado Lucas, foram meu primeiro contato com a vida da libertinagem\_ então, ele se virou para mim e disse\_ Desculpa mencionar tal nome\_ eu dei os ombros como se não me importasse muito, ele compreendeu e continuou sua narrativa\_ É... A vida é uma caixinha de surpresas mesmo, porque eu vim de um lar muito amoroso, meus pais me davam de tudo do bom e do melhor, aceitavam minha orientação sexual e tudo que os progenitores têm como dever, entre aspas, de fazer para seu filho crescer saudável e responsável. Mas, meus caros, nem tudo são flores, o amor que meus pais me deram, vinha com uma condição. No começo, eu não via essa condição como um peso, porém ao decorrer da minha vida universitária, ainda muito correta, ou melhor, normal, eu senti o peso da cobrança que essa condição significava.

\_ AH, mas que suspense, homem. Desembucha pra nós, que condição era está?\_ interpelou nosso amado francês.

\_ Sim, gosto de fazer suspense\_ continuou, após as risadas cessarem\_ Bem, sem mais delongas direi o que aconteceu. Meus queridos e amados pais me fizeram cursar medicina. Nos primeiros períodos, como era tudo muito novo para mim, eu achei interessante, mas quando entendi a responsabilidade de ser um Médico, compreendi que eu não daria conta do serviço. Não acho de preciosidade alguma enumerar os motivos. É bem simples, tem gente que nasceu para ser Médico, tem gente que aprende ao decorrer da vida a ser médico, todavia eu não era nenhuma dessas pessoas. Fiz atendimentos supervisionados em diversos hospitais e muitas vezes, porque fazia parte do currículo escolar. E num desses atendimentos encontrei-me com Paulão, um velho homem já fadigado de lutar contra o câncer, que gerava consequências graves para sua saúde, como falência dos rins, mau funcionamento do pulmão e coração, dentre outros problemas, ou seja, sua vida estava por um fio e ele não via mais saída para sua situação. Ora, ele não podia pedir por misericórdia a eutanásia, porque tinha uma neta na universidade para sustentar, portanto, sem escolha, começou a vender seus remédios que ganhava gratuitamente pelo SUS. Agora vão entender o motivo de estar dando detalhes e atenção demasiada a esse velho homem. Eu me tornei íntimo dele, sem obrigação alguma, frequentava sua casa todos os dias, pegava seus remédios, até organizava seus negócios ilegais, ocasionalmente fazia seu imposto de renda e em troca ele me ouvia reclamar de barriga cheia. Ele era sempre muito compreensivo e me ensinou muito sobre a vida, me contava, às vezes, sua história de vida. Resumindo a minha história, foi nessa situação que me encontrei com dois brasileiros que moravam desde criança na Alemanha e é redundante dizer que ambos eram muitos, e digo isso com tudo amor, vagabundos libertinos, cheio de amor pela vida.

\_ Também te amo\_ o interrompi.

\_ É. Eu sei disso\_ riu alto e continuou seu monologo\_ Para finalizar\_ todos em conjunto gritaram “Ahhh” desapontados por ele já está finalizando sua história\_ Sim, tenho que finalizar para dar oportunidade para o próximo. Enfim, junto a estes dois malucos, eu participei de uma festa privada num barraco caindo aos pedaços, neste mesmo local participei do meu primeiro sexo a três e cativado pela energia de vida dessas duas almas perdidas, fui parar na capital do estado de Minas Gerais. Quero deixar bem claro que fui por livre espontânea vontade. Dito isto, passamos por poucas e boas nesse lugar. Até encontramos uma professora de artes que fazia programa anoite e um vagabundo, que se encontra aqui, Victor, que nos levou a festa que nos encontramos. Dou fim ao meu monólogo, lembrando a todos, que a vida é boa demais para nos preocuparmos com futilidades.

\_ Depois colóquio, eu acho difícil alguém o superar\_ eu disse com um tom de orgulho.

\_ Fala isso, porque me ama\_ replicou Carlos.

\_ Eu tenho uma pergunta muito pertinente a nosso atual colóquio\_ interveio uma pessoa não binaria, vestindo um vestido rosa, barba longa no rosto e olhos negros como a noite que dava contraste a sua pele branca como a neve\_ acabou o vinho.

Depois da pausa para comprar mais vinho, cigarros e Cannabis, a brincadeira continuou noite adentro. (Você deve estar ouvindo isso, meu filho, com um pouco de desanimo, pensando “São mais de dez pessoas para contar sua história”, contudo, acalme esse seu coraçãozinho, porque como disse existem vários casais e pessoas com o mesmo parentesco, o que reduz o número de histórias. Vai entender isso ao decorrer da história. Enfim, deixe-me voltar ao conteúdo que estava expondo). Agora podíamos ouvir com maior intensidade o barulho da chuva batendo nas janelas e telhado, a fumaça dos vários Becks ali queimados trazia uma leve neblina gostosa e foi neste ambiente que continuamos a aprender com a história de vida de cada representante desta manada.

\_ Eu sou uma pessoa que me considero não binária e acho que não preciso explicar o que isso significa, certo?\_ entabulou rispidamente seu monólogo, Carolina que pediu por mais ferramentas mentais, ou seja, vinho e etc.\_ Olha, peço lhes desculpas\_ e deu segmento a sua fala, sem ninguém ter tempo de protestar o jeito grosseiro que abriu seu discurso \_ Mas estou cansada (e sim gosto que me tratem no feminino) de pessoas me perguntando uma coisa mais estupida que a outra sobre o assunto.

\_ Calma, irmã, esse círculo é somente do amor e da compreensão. Não precisa jogar pedras quando não tem ninguém te atacando e apesar de entender o motivo que o faz, pois eu faria o mesmo se tivesse em sua pele, não precisa se armar quando somos todos iguais aqui\_ tentei tranquilizá-la.

\_ Bixas unidas jamais serão vencidas\_ Meu namorado gritou, criando uma comoção geral, berravam essa frase em coro por alguns minutos. Depois de todos se acalmarem e a pessoa que estava com a vez de fala respirar fundo, prosseguiu esta dizendo num tom sério e mais ameno.

\_ Entendo que o uso da palavra bixa aqui usada por nosso colega, Carlos, estende a todos os LGBTs. Compreendo também que fui grossa demais com pessoas que me acolheram sem me cobrar nada. Mas por meio da minha história de vida entenderão o motivo de eu estar sempre com um pé atrás, sempre desconfiada de tudo e todos, e como vocês mesmos disseram, cheia de pedras na mão. Antes de começar e me apresentar quero lhes dizer que estou aqui com uma pessoa muito querida e minha história se coincide com a desta pessoa\_ ao dizer isso, olhava fixamente para rapaz como todo jeito de um *geek* americano, ele se levantou e se apresentou, seu português tinha um sotaque de quem morou ou nasceu nos Estados unidos.

\_ Desculpem-me pelo meu português fajuto. Aprendi com essa linda pessoa\_ e pontou para Carolina\_ Bem, eu sou Brian e sim sou americano, nasci na Califórnia, Los Angeles, a famosa cidade dos anjos e pensei que morreria lá\_ todos riram de sua piada\_ Vou tentar ajudar ela a lembrar dos fatos direitinhos e acho que não vou precisar contar minha história...

\_ *Let me do that for you*\_ ela disse num tom amoroso\_ Bem, acho que muitos aqui entendem o inglês, pelo menos um pouco, mas eu disse traduzindo, “deixa-me fazer isto para você”. Tá... Meu nome é Carolina e minha história começa quando era um bebê de apenas seis meses de idade. (Quero adiantar-lhes que eu não só escutei esta história várias vezes, mas a presencie. Vou chegar lá). Bem, como estava dizendo tinha apenas seis meses de idade, minha família era paupérrima, meu pai, um bêbado que vivia jogado nas ruas da comunidade que morávamos e obviamente não parava num emprego seque e ainda não presta para nada. Imaginem vocês uma mãe sem escolaridade alguma, morando na comunidade mais perigosa do Rio de Janeiro, com doze filhos passando fome e um marido inútil. O que fariam?\_ um silêncio absoluto pairava no ar\_ É a vida não é um mar de flores\_ ao dizer isso ironicamente, olhou direto para Carlos, mas antes de deixá-lo falar alguma coisa, continuou\_ É... O quero dizer e jamais justificar a ação de minha mãe é que ela me vendeu para uma família muito rica de americanos, a família que Brian, aqui presente, era o único descendente e eles deixavam este fato bem claro por meio de suas ações e palavras. Sentia-me rejeitada, porque Brian, era o filhinho querido, quanto a mim, faltava-me carinho, amor e afeto. Eu me perguntava todos os dias o motivo de terem me adotado e quando os interpelei sobre o assunto, eles me respondiam que tiveram pena de mim, justificavam ainda sua ação, dizendo que me davam de tudo e melhor, que eu era ingrata e acrescentavam com essas exatas palavras “tiramos você da fome e da miséria, o que mais você quer?”.

Depois dessa história emotiva, estávamos todos em prantos e todas as atividades adjacentes foram cessadas para ouvir o resto de sua história. Carolina tirou abruptamente a garrafa de vinho da mão de alguém e exclamou brincando “acho que vou precisar disto mais que você, meu caro”. Não conseguimos rir de sua piada, pois chorávamos em grande abundância, até nosso anfitrião chorava de soluçar. Ao perceber isto Brian interveio:

\_Que galera maluca...\_ disse tentando nos animar, mas não conseguiu e quando percebeu isso continuou\_ ok. Acho que deve pular paras partes mais felizes de sua história, amor.

\_ É... Acho que o clima pesou, meu amor. Não fiquem assim tão tristonhos, até a moeda tem dois lados, então enxuguem suas lágrimas, pois vou contar o lado bom de ter uma família que não liga para você. OPS, eu acho que muito sabem o que isto significa\_ desta vez conseguiu tirar alguns risos entre lágrimas\_ Ok. Parei com as piadas infames, já que sou péssima para piadas. Voltando ao assunto, eu fui alfabetizada em inglês antes de aprender português com um colega de escola e acho que nosso colega Herr Bürgen sabe muito bem como é ser um estrangeiro num país muito xenófobo. Por que estou dizendo isso? Simples e eu lhes responderei. Como refúgio dos valentões eu passava horas na biblioteca, por motivos óbvios, os fanfarrões jogadores de futebol americano, nunca colocariam o pé na biblioteca. Um por não saberem ler, dois por não gostarem de ler e três para eles ler era coisa de perda de tempo. Na biblioteca aprendi muito com os livros, mas agora isso é irrelevante, pois o que direi agora mudará o rumo da vida de duas pessoas aqui presente. Sim, estou falando da minha e de Brian. Devo continuar eu ou você, *Honey*?

\_ eu posso continuar se vocês não incomodem de o fizer em inglês\_ esperou por uma resposta, mas como só obteve nosso silêncio\_ Ok. O silêncio consente\_ começou em inglês\_ Eu sempre fui fã de jogos em geral, gibis e essas coisas, sabem como é\_ o silêncio era absoluto, somente podia-se ouvir sua voz e ocasionalmente alguém traduzindo uma palavra ou outra para quem não tinha entendido.\_ bem, eu ficava preso no meu quarto por horas jogando sozinho ou com um grupo de *geeks,* lendo gibis e quando chegou o computador na nossa casa, ficava vidrado nele por horas e mais horas. O que quero dizer com isso é que infelizmente na minha agenda não incluía Carol, mas um belo dia, essa mesma pessoa que se sentia excluída e que eu ajudava a se sentir marginalizada, bravamente entrou no meio de dois brutamontes que enchiam meu saco e deu uma surra tão bem dada neles que fiquem exatamente como vocês estão: de boca aberta. Antes que eu pudesse agradecer ela virou as costas para mim e voltou para biblioteca, sentou-se no banco e voltou a ler como se nada tivesse acontecido. Eu sei disso, porque a segui até a biblioteca.

\_ Foi isso mesmo\_ continuou ela em inglês\_ ele não merecia minha ajuda, porém os valentões escrotos mereciam uma surra bem dada. Vocês devem estar se perguntando: “como essa garota pequena e raquítica conseguiu desmontar dois armários de gente?”. Fácil é a resposta, lembram que meus pais adotivos tinham dinheiro e não ligavam por onde eu andava ou que horas chegava a casa? Então, após as aulas frequentava uma academia que ensinavam somente para mulheres como se defender. Usando técnicas infalíveis e apertando no ponto franco do corpo humano, eu podia e posso desmontar qualquer um e só o faço quando necessário, porque isso também é um ensinamento que tivemos nas aulas.

\_ Foi o que ela me contou\_ interrompeu-a Brian\_ Naquele dia aprendi tudo que podia aprender sobre minha meia-irmã, era como ainda a via, só depois tivemos uma relação mais... Como posso dizer... Romântica, mas vou chegar lá... Foi o primeiro dia que perdi um dia inteiro de aula, só para ficar ali a ouvindo contar sobre sua vida. Falou em detalhes sobre suas amigas da classe de autodefesa e como saiam todo dia depois da aula para beber vinho na casa de uma delas. Contou-me do garoto que estava saindo, ele era da escola e ainda estava no armário, por isso não me disse o nome, só posteriormente fiquei sabendo que era um jogado de futebol americano da escola. Relatou-me seu uso constante de Cannabis com o filho do nosso vizinho que também tinha relações sexuais...

\_ Esqueceu que tinha um romance com uma das meninas do grupo de autodefesa, Honey.\_ acrescentou ela sorridente.

\_ Isso mesmo, Jennifer o nome dela. Quando a conheci tive muito nojo dela. Provavelmente já se consistia em ciúmes. Bem, ouvi aquilo tudo fascinado e comecei a deixar meus amigos para andar mais com Carol e sua turma. Uma coisa levou a outra, e então já estávamos tendo uma relação amorosa e sexualmente ativa. Para não prolongar a história vou direto para o drama. Sim, tem mais drama nesta narrativa de vida. No verão mais quente de Los Angeles, estávamos eu e Carol num quarto de hotel tendo nosso momento íntimo, quando nossos pais entram e nos pegaram pelados na cama. Não preciso dizer que eles tinham uma mente muito limitada e não viam a homossexualidade com bons olhos, além do mais, eles compreendiam aquilo como incesto. Bem, como eram ricos e não queriam causar uma cena daquelas de novela mexicana, saíram pela mesma porta que entraram sem dizer uma palavra sobre o assunto.

\_ Ah eu gosto desta parte... Posso?\_ disse Carolina cordialmente e com um sorriso no rosto\_ naquela situação nos parecia sem volta, então tive uma ideia de que vou classifica-la como brilhante, porém não foi tão brilhante assim...

\_ Eu iria sacar tudo\_ interrompeu-a Brian novamente\_ da poupança que meus pais fizeram para minha faculdade e fugiríamos para o Brasil. Teríamos que ser rápidos, porque logicamente sabíamos que o bancário ligaria para meus pais para lhes avisarem, mesmo sendo minha poupança. Saímos correndo para o banco mais próximo e acho que sacamos Mil e quinhentos ou dois mil dólares, não sei bem, mais em reais era um dinheiro em abundância.

\_ Está se esquecendo de uma coisa, amor\_ interveio ela\_ no banco o bancário ligou para seus pais antes de fazer a transação, eles não só aceitaram que pegássemos o dinheiro, como também lhe deu o recado que não tinha mais um filho e que podíamos usar esse dinheiro, como um presente, para sumirmos da vida deles.

\_ AH sim, isso é importante\_ concordou ele\_ bem, não tinha como viajarmos sendo menores de idade e sem um passaporte. Mas, ao conversarmos sobre o assunto com as amigas de Carol, do seu grupo de autodefesa, tomando um vinho na casa de uma delas, surgiu à ideia de usarmos passaportes falsificados. Jessica confessou estar saindo causalmente com um cara que fazia esses serviços, então talvez conseguisse um desconto. Olha bem para mim, não estou mentindo\_ e casualmente disse em português\_ me passa o Beck, por favor.

\_ Bem, para terminar nossa história, dormimos na casa de Jessica naquela noite. Não tenho muito que dizer do o cara que fez o serviço, pois ele era muito profissional e perfeccionista. Cobrou-nos metade do preço habitual, que coincidentemente era meta da nossa grana. Para nos ajudar, Carla, uma das garotas, nos pagou como presente, uma passagem de ida e volta para o Brasil, que posteriormente vendemos nossa passagem de volta para um bêbedo que acho que nem sabia o que estava comprando. Foram cem Reais de graça\_ riu sozinho, ainda segurando o Beck.

\_ E esse Beck vai ficar preso ai, tem mais gente pra fumar, bro\_ indagou alguém do grupo.

\_OH desculpe-me, bro\_ disse ele usando o mesmo tom e em português, todavia quando voltou a sua narrativa fala em inglês\_ onde nós estávamos mesmo? AH SIM, passagem compradas, viagem feita com sucesso e sem nenhum problema. Tudo saiu perfeitamente bem, assim chegamos são e salvos em Belo Horizonte. Escolhemos essa cidade, por seu índice de criminalidade na época ser mais baixo do Brasil, o que não diz muito coisa, por motivos claros o índice mais baixo ainda é alto, como todo respeito. Ficamos hospedados numa espelunca qualquer da cidade e saiamos para baladas todas as noites. Foi à época que eu realmente comecei a usar drogas sintéticas, já que maconha fumava com os amigos de Carla. Nosso dinheiro terminou na nossa segunda semana, obviamente, porque gastávamos em festas. Sem vontade alguma de procurar um emprego, pedimos aos amigos de Carol, lógico que fomos maliciosos e pedimo-los individualmente. E conseguimos uma quantia que nos sustentou por mais duas semanas, o que me fez procurar um emprego de professor de inglês e ela fez o mesmo. Vou tentar resumir aqui essa longa história de vida: éramos professores responsáveis de dia e vagabundo pela noite, foi quando um aluno que me encontrou em uma boate junto a minha namorada, nos delatou para a escola e fomos demitidos por justa causa. Sabe lá Deus, o que justificaram como justa causa. Sem dinheiro para pagar o hotel, ficamos morando de favor na casa de um maluco que tinha conhecido na escola. O mais interessante disto tudo era que ele foi um ex-aluno meu ou dela. Enfim, esse mesmo maluco nos convidou para festa que nos conhecemos. Fim.

\_ Para organizar melhor essa conversa quantos já foram: Nicollas, Carlos e agora Carolina e Brian.\_ quem é o próximo?

\_ pode ser nós três?\_ levantaram três pessoas e se dirigiram ao círculo sem eu dizer se podiam ou não, não me importei\_ eu sou Paolo, este é meu namorado Teodoro, e esse meu irmão de sangue, porém não do sangue que estão imaginando. Vocês vão entender melhor posteriormente. Seu nome é Lucas.

Paolo era um rapaz de estatura mediana, olhos claros, pele escura, cabelos enrolados e enormes, estilo Black Power. Seu namorado era também de negro, de olhos castanhos escuros e cabelo raspado. Lucas, por sua vez, era um rapaz caucasiano, de olhos azuis e um longo cabelo liso e loiro.

\_ Bem, conheci Lucas e Paolo na faculdade. Eu cursava música, meu namorado direito e meu irmão medicina. Vim de uma família pobre, diferente de Lucas e Paolo, mas não tinha nada de errado com minha família, só não tínhamos dinheiro. Eu fui o único da família a chegar à faculdade e ninguém ficou feliz por eu escolher o curso de música, pois eles achavam que era curso de vagabundo e maconheiro...\_ deu uma pausa para os outros falarem.

\_ Sou Lucas vim de uma família rica, mas quando falo rica eu estou dizendo bilionária. Meus pais são donos de uma franquia de fast food brasileira, que não vem ao caso mencionar o nome. Não preciso dizer que tive de tudo do bom e do melhor e uma educação finíssima, porém no ensino médio eu andava com uma turma que gostava de festas e como meus pais viajavam muito as festa era na minha casa. Não os culpo e não digo que eles me influenciaram a ter comportamento contrários ao que me foram ensinados. Bem, com eles conheci a cocaína, o estilo Grunge de viver e outras coisas mais. Meu comportamento mudou por completo, já estava viciado na cocaína e meu estilo foi de mauricinho para grunge. Meus pais não entendiam essa mudança brusca, mas pensaram ser uma fase. Quando fiz dezoito anos foi forçado a fazer uma faculdade pública e morar numa república a fim de aprender a viver, essa era a lição de vida que queriam me dar, mas foi um tiro no pé, além disso, eles escolheram meu curso. Vou explicar por que foi um tiro no pé: lá, na minha república, eu dividia o quarto com Lucas que me ensinou tudo sobre a vida. Eu digo que era um rebelde sem causa e agora depois de conhecê-lo me tornei um rebelde com causas sócio-políticas e assim por diante.

\_ Para falar a verdade, achei ele\_ interrompe-o Paolo\_ um garoto mimado fendendo a leite. E demorou um ano inteiro para nos aproximarmos de verdade. Durante esse um ano nosso ritmo era assim: enquanto eu tocava algumas melodias no violão, que ele gostava muito de ouvir, ou fumava minha maconha, ouvindo Rage Against The Machine, ele andava pelo quarto, que não era grande, de um lado para o outro em largos passos alterado de cocaína. Falava tantas asneiras que comecei a concertar seu discurso, ou melhor, moldá-lo para uma realidade mais inclusiva. Assim nos tornamos amigos.

\_ Já eu sou Teodoro, como Paolito disse curso direito, pelo menos, é isso que meus pais pensam. Conheci-o num dia quente de verão quando nos banhávamos no lago da faculdade, lembro-me disto como se fosse ontem, ele estava escorado numa árvore tocando violão e com um Beck na boca e com ele se encontrava Lucas, que impaciente andava de um lado para o outro. Aquela cena me chamou atenção, eles conversavam freneticamente sobre marxismo verso anarquismo e me parecia que Lucas tinha acabado de ler todos os volumes do livro Capital de Karl Marx, deixa eu me corrigir, eu estava ouvindo a conversa e tenho certeza desta informação\_ os dois o olharam como se esse fato fosse uma surpresa\_ olha, eu estava na água que estava perto da árvore, então pude ouvir tudo que diziam, enfim, sai da água bem atrás de Lucas que se assustou e gritou “você quase me fez dispersar meu pó, maluco”. Desculpe-me, cheguei bem perto de Paolo, puxei o seu Beck da sua boca e dei um longo trago. Se acharem que fui ousado, esperem para ver o que estar por vir. Ele me olhou surpreso por um estranho ter coragem de fazer tal coisa, por isso disse de um modo totalmente sarcástico. “conheço-te?”. Respondi “Não, mas pode conhecer”. “quer que eu te conheça e quer meu Beck, você quer mais o que, senhor estranho?” continuou ele em seu tom sarcástico. “Pode ser você?” respondi com um sorriso malicioso. Ele me riu muito alto, me olhou de cima a baixo e perguntou a Lucas “será que lhe dou uma chance?” Lucas olhou para mim, olhou para Paolo, deu um trago num linha grande da sua cocaína e disse “acho que porque ele foi tão direto devemos lhe dar uma chance sim, porque é difícil achar alguém assim que sabe o que quer e corre atrás do prejuízo”.

\_ foi assim mesmo\_ concordou Paolo\_ graças a Lucas tenho este belíssimo companheiro.

\_ Mas eu não terminei de relatar a conversa por completo\_ interrompeu-o Teodoro\_ foi quando meu namorado disse “está me chamando de prejuízo, Lucas?”, ele riu, deu mais um trago na cocaína e disse “não, mas se a carapuça serve?”. Agora riam os dois de rolar no chão enquanto eu fumava o Beck em pé, esperando para ser convidado a me sentar. Quando terminaram de rir, foi Lucas quem fez o convite assim: “vai ficar ai em pé, senta, maluco, e passa o Beck, por favor.”, passei o Beck para quem me convidou a sentar que logo o rejeitou, dizendo “não fumo mato, não, meu negócio é as sintéticas.” Foi quando Paolo o repreendeu dizendo que isso o mataria um dia, então Lucas levantou e gritou “morrer? Todos nós moremos um dia”. Após berrar essa afirmativa eloquente saiu nos deixando sozinho por uma hora inteira.

\_ Depois disso é historia\_ acrescentou Teodoro\_ tornamo-nos um grupo unido. Nós três éramos infalíveis, andávamos para todos os cantos juntos e conversávamos de tudo. Contei-lhes que ainda não tinha contado para meus pais ainda sobre minha sexualidade e depois de uma longa discussão sobre o assunto combinamos de irmos até minha comunidade, para não dizer favela, para contar para meus pais. Foi quando tudo desabou, contei para eles juntos na presença de meus companheiros, estávamos na sala assistindo o jornal e quando deu o intervalo casualmente disse que Teodoro era meu namorado. A cena, que era serena, se transformou no pandemônio, minha mãe chorava copiosamente, ela chorava tanto que seu corpo todo tremia, meu pai ameaçou agredir fisicamente meu namorado e meu irmão se não saíssemos já de sua casa, eu disse que iria com eles, mas meu pai não quis deixar. Ficamos naquele impasse até conseguirmos todos sair correndo morro abaixo para nunca mais voltar.

\_ Minha família sempre soube, mas o assunto nunca fora dito verbalmente\_ disse o namorado.

\_ A minha eu nunca tive tempo de dizer nada\_ Lucas falou, adicionando num tom tristonho\_ então depois disso, continuamos nossas vidas juntos e prometemos sempre estar um do lado do outro, fizemos planos para o futuro como morarmos juntos na capital da cidade que morávamos e arranjar empregos fixo, mas os planos foram por água a baixo quando descobrimos por meio de um conhecido nosso que teria uma festa muito doida, a mesma festa que encontramos vocês. Não o culpo por nada, já que fomos com nossas próprias pernas. Bem, nós iriamos num ônibus que os estudantes alugaram e não é preciso dizer que a festa começou no ônibus, estendendo-se até a casa. Passamos essa linha, que Carlos disse de um modo tão bonito, (Como é mesmo Ahhh), a linha tênue da liberdade para libertinagem e posso falar com toda certeza de que gostamos disso, até os três adquirem o vírus do HIV como consequência da libertinagem. Percebemos que estávamos ali num cidade longe da nossa, sem dinheiro algum, porque gastáramos tudo na tal festa e ainda no hospital, cativados pela energia de nosso amigo Carlos, decidimos nos juntar a ele. Fim.

\_ Obrigado pelas belíssimas palavras e acho que posso falar por todos\_ começou Carlos comovido com o discurso dos três\_ aqui presentes sejam bem-vindos nesse grupo de excluídos e de pessoas fadigadas por nadar contra a maré e contra as forças do capital. Uma Salma de palmas para eles, camaradas.

Depois de todos se levantarem e cumprimentar os novos integrantes da nossa nova manada, alguém perguntou por mais vinho como se fosse um marujo em alto mar. Rimos juntos daquilo e apesar de tudo que passáramos, o ar era muito fraternal e de muita alegria. Eu me sentia jubiloso com daquela cena, logo eu que não tinha ninguém no mundo, além do meu namorado, que também poderia me abandonar a qualquer momento por vários motivos como acontecera com Lucas, lembra-se dele? E se me dissessem que um dia eu teria uma alcateia inteira ao meu redor para me ajudar a seguir em frente e me sentir amado, eu seria incrédulo a tal fato, todavia essa alcateia estava se formando aos poucos, tornando-se, cada dia, mais forte e coesa e a origem de tudo foi neste dia que lhe estou relatando. Portanto, esse capítulo é muito importante para minha história e por isso estou sendo tão meticuloso com o que acontecera. Bem, voltando ao que estava dizendo. Após cada um colaborar com a quantia que podia, Carlos foi correndo para o bar, que ficava ao lado de casa, para comprar mais vinho barato, porém voltou com algo a mais no bolso, esbanjava um sorriso malicioso e largo no rosto que demonstrava sua satisfação na curta viagem que fizera ao bar. Antes de dizer o que tinha escondido nos bolso é claro que ele fez seu discurso habitual cheio de mistério, com um léxico impecável e com o tom teatral de sempre. Disse ele:

\_Camaradas, minha viagem sucinta até o bar mais próximo, que por sinal a esta hora da madrugada ainda se encontra lotado de pessoas ébrias, falando asneiras e gritando para quem quiser ouvir coisas intimas de suas vidas, foi muito produtiva. Digo isso porque ao conversar com o dono do bar, que foram por apenas alguns minutos, eu senti que nossas almas se ligaram de um modo surpreendente. Foi incrível, camaradas, a nossa compreensão de mundo parecia ser a mesma e de um vagabundo para o outro ele me deixou trazer, sem eu pagar um centavo, as bebidas. Calma, pois tem mais coisa a ser dita sobre nosso encontro...

\_ fala logo, homem, vou morrer de curiosidade aqui, mesmo sabendo que você tem algum tipo de droga escondida no bolso que trouce do bar\_ interpelou nosso querido francês.

\_ Acalma-te, homem, e me deixa terminar o que comecei. Além do mais, não é apropriado tirar de homem ébrio seu único gozo que é discursar, usando todo seu vocabulário extenso e esbanjando o mesmo de um modo totalmente pedante.\_ depois que os risos cessaram ele prosseguiu\_ Bem, como estava dizendo, o dono do boteco me informou que um grupo de ébrios, que estava em seu estabelecimento, esquecera um produto muito valioso e de uso diário para nós no banheiro. Acrescentou com palavras comoventes que não usava nada disso e me prometeu que tentaria com todas suas forças ludibriar os ébrios em questão para assim não tentarem nada contra nosso grupo. Sei que estamos tentando conquistar nossa liberdade de uma maneira mais justa, todavia a noite promete ser longa. Dito isto, pensei que alguns estimulantes variados seriam de bom proveito para todos nós. Além do mais, não deixaria o tal dono do bar desperdiçar esgoto abaixo uma quantidade desta de produtos.

Ao terminar seu longo e cansativo discurso tirou um saco médio cheio de êxtase e duas buchas que deveriam ter cada uma cinco gramas de cocaína. Como era de seu feitio fazer suspense, ele escondia no bolso de trás da jeans mais uns dez pinos de um grama cada de um pó amarelo que significava cocaína industrializada até demais por meu gosto, mas como diz o ditado “cavalo dado não se olha os dentes”. O povo, que já estava cansado não somente por aquele discurso extenso do meu namorado como também pela quantidade de vinho e Cannabis ingeridos, excitou-se ao ver tanta droga. É... Uma brincadeira que tinha como intuito de nos conhecermos melhor e aprendermos por meio das histórias de vida de cada um, a diferença entre liberdade e libertinagem, tomaram proporções espoliantes. Todavia, eu seria muito hipócrita ao dizer que fiquei desapontado com meu namorado por estragar minha brincadeira. Ora, viciado que eu era, fiquei feliz pela ajuda que havia chegado a fim de acrescentar um valor amais para conversação. Olhei bem para Paulo, tio de meu namorado, e ele estava com uma expressão de desapontado. Parecia-me que ele estava a ponto de sair correndo daquele recinto para não ter problemas futuros nem com a lei nem com os vizinhos, mas eu estava completamente equivocado, porque ao levantar ele nos informou que estava indo ao banheiro, acrescentou com um sorriso no rosto “Não se esqueçam de mim, não. Quero uns tecos dessa parada aí”, mas antes de sair, sem ninguém perguntar nada explicou “tem muito tempo que não sei o que é uma festa de verdade”.

Capítulo oito:

Quando todos já estavam de mentes cheias, (Desculpe-me pelo trocadilho), Paulo, que se transformara por completo devido a quantidade de cocaína ingerida por ele, tentou sem sucesso algum pular para dentro círculo que ainda mantínhamos. Ele acabou caindo em cima de Paolo, que mesmo sendo a vítima se desculpou e o ajudou a chegar onde ele queria. Já no centro e um pouco machucado, começou a bater palmas alto para chamar atenção de todos, que falavam ao mesmo tempo. Não demorou muito para nós olharmos para ele com intuito de descobrimos o que ele queria. O silêncio total pairou pela sala de estar e se estendeu por alguns minutos, todos esperávamos nosso anfitrião iniciar seu discurso, ele o fez com bastante fervor. Saiu mais ou menos assim:

\_ Eu tenho consciência que seria apenas um mero observador, todavia, senti-me a vontade pra contar minha história de vida também. O que vou dizer agora pode ser um choque para meu sobrinho e eu nunca disse isto em voz alta, mas sou bissexual. Sou divorciado, porque minha ex-esposa, na verdade, me pegou na cama com outro homem. Mas para família\_ adicionou ele, olhando para Carlos\_ contamos outra história que não vem ao caso. Eu vim de uma geração totalmente diferente de vocês, nasci no começo da ditadura e tive minha juventude nos anos oitenta. Meus pais sempre amaram o militarismo brasileiro, diziam constantemente como era a melhor época do Brasil e os mesmos me criavam a rédea curta, por isso tive que portar como o filhinho perfeito. Eu não tinha a opção de me rebelar, pois como disse eram tempos diferentes, então eu fui para universidade estudar direito e dentro da faculdade fiz muitas amizades, dentre elas fiz amizade com o reitor que era um cara muito afrente do seu tempo. Formei-me em direito e depois de muita conversa conseguiu convencer meus pais que entraria na faculdade e de novo para fazer um curso de minha escolha. Foram várias semanas de argumentação, chantagens emocionais e tudo que tem direito. Finalmente os convenci, contudo, existia a condição de eu ter que trabalhar no fórum da cidade como ajudante para aprender e seguir a carreira de advocacia. Deixa-me explicar melhor, meu pai tinha seus contatos dentro do fórum e conseguiu um estágio para mim, por isso foi feito assim: eu estudaria de amanhã e trabalharia no fórum. Trabalhei por muitos anos neste mesmo lugar infernal e enquanto isso continuava minha escolaridade, isto é, trabalhava de manhã e a tarde perseguia meus sonhos de obter mais conhecimento.

\_ Deixa ver se eu entendi\_ interrompeu-o um de nós, curioso com a história de nosso anfitrião\_ você fez direito e trabalhou para satisfazer seus pais num lugar que não gostava, enquanto enchia seu cérebro de conhecimento cientifico e valioso, ao contrário do conhecimento do direito que é puramente técnico e maçante? \_ acrescentou antes de obter uma resposta\_ minha pergunta é o que estudou nesse tempo?

\_ Primeiramente\_ ele começou com um sorriso no rosto\_ você teve um poder de síntese maravilhosa da minha história e aconteceu exatamente isso, aos meus trinta anos, que não faz muito tempo, meus pais faleceram, com isso recebi uma herança substancialmente boa que tem me sustentado até hoje. Larguei o emprego maciço no fórum da cidade, vendi tudo que meus pais possuíam e me mudei para Vitória, comprei essa casa e um prédio inteiro no centro da cidade, ou seja, não fui ingênuo, investi o dinheiro e hoje além da herança em dinheiro, vivo dos aluguéis. Além do mais, para não ficar no ócio eu abri um consultório que sempre quis de psicologia, atendo às pessoas lá. Voltando a sua pergunta eu não gosto muito de dizer isto, pois não acho valido me gabar de meus títulos já que são apenas papeis. Dito isto, fiz psicologia, depois mestrado em psicanálise e tenho três doutorados que são respectivamente em sociologia, literatura psicanalítica e sociologia.

\_ AHA\_ indagou Carlos do seu mesmo jeito empolgado\_ História comovente e desculpe-me por pular para o próximo tão rapidamente, mas somos mais de dez pessoas e se eu não apressar as coisas vamos ficar aqui um tempão\_ então gritou\_ PRÓXIMO.

\_ Faltam cinco pessoas para falar. Nós e Herr Bürgen. Se você não se importar\_ ele se virou para mim e continuou\_ nós quatro gostaríamos de começar e como nossas histórias se entrelaçam vai poupar o tempo de todo mundo\_ concordei com a cabeça e ele prosseguiu\_ Eu sou Adrien, nasci na França, este\_ virou-se para a pessoa a sua direita\_ é Jean Paul, meu namorado\_ Deu um giro para esquerda e disse\_ e por fim lhes apresento meus irmãos Odélio, o caçula da família e Remy, o mais velho de nós. Vou começar contando os fatos e depois vocês podem completar. Ok?\_ falou ele se virando para os outros que concordaram com um sim em francês\_ Nossa história se iniciou na França, Paris e como quase todos, nós tivemos uma família que posso classificar de peculiar. Nossos pais eram cirurgiões e ambos casados com o trabalho, ou seja, eles viviam mais dentro do hospital que em casa e quando eles estavam em casa dormiam em quartos separados. Vocês ainda vão entender o motivo, paciência. Então, camaradas, como nossos pais não tinham tempo para nós, eu e meus irmãos, fomos criados por uma Baby-sitter, (como se fala isso mesmo em português, Ahhh sim, babá...) Enfim, ela era brasileira e foi com ela que aprendemos português.

\_ Não foi só português não\_ interrompeu Odélio\_ aprendemos tudo que hoje sabemos e ainda muito mais.

\_ Perdoe a ingenuidade de meu irmão\_ exclamou o irmão mais velho de modo repreensivo, porém gentil\_ ele a perdoou por ter não só transado com nosso pai, mas também por ter dois filhos dele.

\_ Essa é uma velha discursão familiar e não vamos entrar no mérito de quem tem culpa de que aqui na frente de todo essa gente.\_ interveio Adrien, prosseguindo sua história\_ bem, como foi dito, nosso pai teve dois filhos com nossa baby-sitter, Carla, e esses filhos moravam conosco. Essa parte é a mais interessante da história e acho que muitos já captaram a mensagem, mas vou dizer assim mesmo. Pasmem-se, meus caros amigos, mas SIM um desses filhos fruto da infidelidade de meu pai é Jean Paul cujo nome lhe foi dado em homenagem a nosso avó e essa briga por quem tem culpa do deslize, que eu particularmente acho que ambos têm culpa, não afetou nossa relação, pelo contrário os filhos de Carla com meu pai foram muito bem aceitos por todos nós desde o começo. Talvez Remy, por ser mais velho, teve uma resistência maior, todavia logo se enturmou conosco. Éramos um quarteto fanfarão, só queríamos saber de boêmia, festejamos como senão houvesse amanhã, por isso fomos expulsos da escola várias vezes e por motivos variados.

\_Lembra-se do dia, Mano,\_ exclamou Remy, rindo tanto que mal conseguia dizer o que desejava\_ que nós chegamos tão bêbados a escola e apagamos literalmente sob a mesa e acordamos somente no final do período escolar, para depois sermos chamados para conversar com diretor e Odélio vomitar a sala dele inteira\_ e caia numa gargalhada gostosa relembrando o passado\_ ou a vez que Odélio alucinado de tanto LSD que tinha tomado que entrou numa paranoia muito louca e acho que um garoto da escola o estava ameaçando, aquele dia foi genial\_ ria ele de cair no chão\_ Ele bateu naquele garoto com tanto fervor que tivemos que intervir. Ou aquele dia...

\_ Tudo bem, irmão, acho que todos já entenderam os motivos pelos quais fomos expulsos das escolas regulares. Sem muitas opções, como podem ver, meus pais e Carla decidiram que eles pagariam professores particulares para nós\_ continuou Adrien\_ e assim foi feito. Nós concordamos em colaborar e em troca ganharíamos anualmente férias de um mês com tudo pago para onde desejássemos ir, o que significava festas regadas á tudo que tivéssemos direito por um mês inteiro. Isso durou um ano inteiro e particularmente achei que durou muito. Quando voltamos de férias, isso deveria ser em dezembro de dois mil, Carla não estava mais morando conosco e meus pais só nos informaram que ela tinha se mudado para o Brasil.

\_ Nós, seus filhos, continuaríamos a morar\_ completou Odélio\_ com nosso pai na França. Foi neste momento que tudo desandou, quebramos nosso acordo de paz e voltamos gradualmente às festas. Ora, nós éramos muito ligados a minha mãe já que era ela quem acobertava todas nossas transgressões, além de cobrir o romance entre Adrien e eu. Acho que posso falar por todos que ela era muito querida entre nós e a perder assim, sem nenhuma explicação, fez com que tentássemos preencher o vazio que ela deixou com festas e drogas. Aos poucos, por causa da vida boêmia, assustamos todos nossos professores e nossos pais sem saber o que fazer nos internou compulsoriamente num hospital para dependentes químicos onde fomos submetidos a procedimentos barbáricos e torturantes como eletrochoques no cérebro dentre outros. Enfim, para resumir a história, voltamos para a casa de nossos pais curados, entre aspas, e continuamos nossas atividades habituais com professores particulares e tudo mais. Tudo muito bom, tudo muito bem. Isso se estendeu por um ano e foi em dois mil e um que ganhamos o direito a férias por bom comportamento, no final do ano juntamos nossas coisas e viemos ao Brasil atrás de minha mãe Carla. Procuramo-la por todos os cantos possíveis, usando as informações que ela nos passara sobre sua vida, e pôr fim a achamos em São Paulo joga na Rua augusta tão bêbada que demorou um tempo para nos recolher. Aquela foi realmente uma caça ao tesouro, pois fomos perguntando a todos que sabíamos que a conhecia até chegar num homem, que era, na realidade, o alcaiote dela.

\_ Sem muita delonga\_ prosseguiu Remy agora num tom sério e melancólico\_ Juramos cuidar dela, arranjamos um emprego qualquer num shopping da cidade e a demos uma vida de princesa que merecia por um ano inteiro. Chegamos, finalmente, na data do ano da festa que é o ano de dois mil de dois, quando nos mudamos para Belo Horizonte, porque o alcaiote, isto é, ex-cafetão da minha mãe estava a perseguindo e mesmo o delatando para a polícia, que não fez nada sobre o assunto, ele persistia no erro. Nesse tempo que moramos em Belo Horizonte nós ainda curtíamos a noite, frequentávamos boates e usávamos alucinógenos variados, todavia de modo controlado, já que tínhamos um emprego para procurar e Carla para sustentar. Mas após semanas sem conseguir nada, a mãe de Odélio voltou a se prostituir e nós vivíamos com o que ela ganhava.

\_ Essa história não está nada linear e vocês se esqueceram de um monte de informações importante\_ indagou Jean-Paul\_ deixa que eu a término. Eles se esqueceram de dizer que nosso pai veio ao Brasil, quando ele percebeu que não iramos voltar para sua casa, mesmo que demorou um mês para ele descobrir isto, queria nos convencer que o Brasil e que Carla não nos levaria a lugar algum, fez um discurso tosco, preconceituoso, desmerecendo minha mãe, ele a rebaixou, além de menosprezar o país. Sabem como é. Ao perceber que não nos venceria, ele deixou uma quantia boa para nos sustentar, que foi tudo gasto em comida, aluguel e drogas. Vocês se esqueceram de dizer também que o outro filho da minha mãe de Odélio, veio com ela para o Brasil e se perdeu no mundo das drogas, foi preso e até hoje não sabemos por onde anda. Agora sim as coisas estão organizadas cronologicamente\_ ele concluiu aliviado\_ Bem, em Belo Horizonte, minha mãe bela como sempre foi, achou um cafetão descente que a transformou numa prostituta de luxo e do dia para noite, de pobres subimos para classe média alta. Sem precisar nos preocupar com dinheiro, nós três continuamos com nossa vida boêmia e o mais aliciador disto tudo era que como todos os boêmios da cidade nos conheciam devido a nossa mãe, ou eles eram seus clientes fixos ou conhecidos dela, conseguíamos entradas gratuitas para muitas das festas mais badaladas da cidade.

\_ Ah bons temos foram esses\_ Remy relembrou\_ passamos de janeiro a julho, mais ou menos, nessa regalia, até a mãe deste maluco aqui\_ ao dizer isso abraçou seu irmão mais novo de um modo carinhoso e bem apertado\_ ser convida para festa que nos encontramos. Já estou finalizando a história, não se afobem\_ disse ele esboçando um sorriso tristonho\_ a festa foi, para nós, muito excruciante, pois nela perdemos nossa mãe e amiga. Digo mãe, pois ela se tornou nossa mãe de verdade. Ela teve uma overdose e a levamos para o hospital, que nos encontramos. Mas, enfim, ela não resistiu e foi a óbito. Carlos viu tudo, tentou de todo jeito nos tranquilizar com suas palavras doces. Isso aconteceu antes de todos acordarem de seus respectivos comas alcoólicos e\ou overdoses. Como gostamos da companhia de Carlos e não tínhamos para onde ir ficamos no hospital.

Diante desta história comovente nós fizemos um minuto de silêncio em respeito à perda dos irmãos e logo em seguida eu me dirigi ao centro da roda para fazer um breve discurso e começar a minha história, que era a única que faltava ser contada, porém antes dei um abraço caloroso em cada um dos irmãos. Falei:

 \_Ora, caros camaradas, eu acho que devemos fazer um brinde, não somente a perda destes irmãos, mas também a todos que perderam a saúde, a sanidade, alguém querido ou\e a si mesmo naquela festa.

Disse eu com a voz tremulo e chorosa. Depois disto com um gesto simbólico joguei um pouco de vinho do meu copo no chão e levantei meu copo, me preparando para o brinde, não demorou muito todos seguiram meus passos e assim foi criada uma tradição entre nós que consistia em toda vez que morria alguém do grupo, que não era uma situação esporádica, fazíamos o mesmo brinde. Ainda sobre essa festa, nós em conjunto fizemos o que chamarei de acordo, já que a palavra lei tem uma conotação muito pesada, no laptop que Paulo quadrava escondido debaixo do sofá, sabe lá Deus o motivo. Redigimo-lo várias vezes depois para que todos tivessem de acordo com as regras da nossa comunidade, imprimimos o documento e assinamos cada página. Claro que usamos o conhecimento que Paulo obteve na faculdade de direito para fazer com que o documento ficasse o mais perto de algo oficial e real. Além disso, planejamos nosso futuro que com a ajuda de Paulo que faria uma carta de recomendação, arranjaríamos um emprego fixo e nos mudaríamos da casa de verão dele para um prédio qualquer onde nós poderíamos ter mais privacidade, cada um moraria num apartamento com seus respectivos cônjuges e\ou irmãos. Isso tudo estava redigido no documento também.

PARTE DOIS: BUSCA PELO EQUILIBRIO.

Capítulo um:

Nós iniciamos essa complexa tarefa do título, procurando um emprego e se encaixando levemente na sociedade brasileira. Falo levemente, pois não deixaríamos de nos divertir do jeito que gostávamos, somente diminuiríamos o ritmo para assim conseguir ter uma visão mais ampla da vida como um todo. Dentre um mês o grupo inteiro já estava empregado, cada um num canto da cidade, eu trabalhava como porteiro no prédio do tio do meu namorado no centro da cidade e isso me deu uma chance de conhecê-lo um pouco mais, porque nos horários vagos em seu escritório e toda manhã ele passava para conversar um pouco, contudo acabávamos ficando horas conversando, ás vezes ele descia com café para mim e para ele e ali começava uma longa conversa teórica ou sobre a vida. Suas conversas sempre rodeavam o mesmo assunto, mas de maneiras diferentes. Um dia chegou sem me dar bom dia nem nada e já soltou uma bomba em forma de uma pergunta teórica “o que é o bem e o que é o mal?”, para esquentar a conversar e mantê-lo por mais tempo, já que ficar na portaria fazendo nada o dia todo que era muito maçante, eu o respondi com outra pergunta “quem dita o que é bem e mal? Ou melhor, será essa dicotomia fora criada a fim de apenas sustentar o sistema?”. Ele me olhou surpreso, entregou-me meu café e seguimos nesta discussão até o almoço, porque ele tinha um cliente há uma hora e não podia desmarcar. No outro dia ele fez isso de novo, primeiro largou uma pergunta teórica e somente depois da réplica ele me deu o café. Quando ele chegou no dia seguinte eu disse num tom sério “Olha, não sei se estou vendo coisa ou não, mas não sou rato de laboratório, nem sou seus pacientes para receber o café somente como um estímulo positivo toda vez que lhe agrado com minhas respostas. Ainda mais acho muito reacionário da sua parte se utilizar das velhas teorias de Skinner.” Ele riu e dessa vez meu passou o café sem compromisso, acrescentando “É pode ser isso mesmo. Eu faço isso sem perceber”.

Mais do que o emprego fixo, que garantia nossa sobrevivência, cada um obtinha dinheiro, de maneira alternativa, para financiar as festas de final de semana ou dia de folga. Calma que darei exemplos. Eu conheci um aluno de artes, que me viu desenhando um dia no parque Moscoso no horário da minha folga, ele gostara tanto dos meus desenhos que comprou alguns, pois precisava apresentá-los na faculdade federal. Isto me deu uma ideia, que foi frequentar a faculdade federal em frente o prédio de artes com intuito de vender mais desenho, e foi o que fiz por um longo tempo até um professor descobrir a origem dos desenhos de seus alunos e me expulsar do meu local de trabalho, mas isso levou pelo menos dois anos para ele efetivamente conseguir me enxotar de lá. Teodoro, por exemplo, comprou um violão usado e ganhava seu troco tocando nas ruas de Vitória, sempre com o litro de cachaça o acompanhando onde estivesse. Carolina ensinava de modo clandestino alto defesa para mulheres transexuais da cidade, ganhando um valor razoável pelas aulas e seu cônjuge, Brian, desenhava sua própria coleção de gibis infantis e vendia para uma clientela até que fixa.

Carlos procurou muito para achar um trabalho perto do meu e ele o achou no supermercado chamado EPA também no centro da cidade, ele era caixa lá. Em seu horário de almoço ele passava comigo conversando, às vezes seu tio também estava presente e quando aquele comparecia tomava conta da conversa com seus diálogos longos e teóricos. Parece que estou sendo ingrato, porém, para falar a verdade, no princípio eu tive um grande apreso por Paulo, devido a alguns motivos, que são, por exemplo, ele nos ter ajudado muito, me deu um emprego quando mais precisava, além do mais, ele parecia ser uma pessoa muito boa de coração, inteligente e interessante. Mas ao decorrer da caminhada, eu senti que ele parecia querer sabotar minha relação com seu sobrinho e não acho isso somente pelo fato dele dominar as conversações, eu até o achava isso aliciador, todavia seu comportamento para comigo se modificou da água para o vinho, ele parou de ir com frequência na portaria e a parecia somente no horário de almoço do meu namorado. O estopim de tudo isto foi quando Paulo inventou que eu estava tendo um caso com o porteiro da noite, por isso chegava tarde a casa e ainda por cima teve a audácia de dizer que eu estava matando aula para traí-lo, isto é, que eu estava quebrando nosso acordo de seguirmos algumas das cartilhas sociais. A traição não foi o problema entre nós e sim o faltar à aula para esses fins. Discutimos muito aquela noite, eu lhe mostrei chorando todas as provas possíveis de que estava frequentando a escola e não tinha razão alguma para ele duvidar de mim. Nós ficamos uma semana sem nos falarmos direito até que numa sexta feira meu namorado foi até minha escola com presentes na mão, era um bolo e refrigerante que comprara com desconto no supermercado que trabalhava, nós comemos ali mesmo sentados no meio fio. Paulo tentou fazer com que mais casais do grupo se separassem, usando-se da mesma psicologia perversa e das histórias que ele nos ouvira contar. Eu acho que ele sentia inveja de termos uma alcateia e ele ser um lobo solitário, mas isso é somente uma teoria. Voltando ao que estava dizendo, aos poucos e sem precisarmos fazer uma reunião sobre o assunto como sempre fazíamos, nós nos afastamos dele, por exemplo, se nos encontrávamos na sala bebendo num final de semana e ele chegasse dispersávamos para os outros cômodos da casa, ignorando assim sua presença ou o deixávamos falando sozinho ou íamos para o bar sem chama-lo para ir conosco e assim por diante. Isso perdurou por uma ou duas semanas até ele entender que não era mais bem vindo em nosso grupo e parar de tentar se encaixar nele. Se tivesse que culpar alguém por sua “expulsão” do nosso grupo, eu diria que foi ele quem procurou e achou o devido resultado de suas experimentações psicológicas em nós.

Enfim, foi neste contexto, que após uma longa reunião, achamos melhor nos mudarmos dali, Paulo não exigiu nada e eu até me mantive o meu emprego de porteiro em seu prédio por quase dois anos inteiros, mas já não nos sentíamos a vontade com sua presença e a casa pertencia a ele, não podíamos tranca-lo do lado de fora da sua própria casa. Portanto, em dezembro de dos mil e três nós conseguimos um negócio perfeito e caímos fora da casa de praia de Paulo para morar num condômino de casas no bairro laranjeiras. Nós, na verdade, com nosso dinheiro não podíamos pagar o aluguel, todavia foi acordado entre o dono da casa e Victor num preço razoavelmente baixo que podíamos pagar e continuar nossas vidas boemias, sem o menor prejuízo para ambas às partes. Deixe-me explicar isso melhor e para fazer isto devo voltar a fevereiro de dois mil e três, quando todos de uma forma “milagrosa” conseguimos quadro dias livres seguidos do trabalho, (não vou entrar em detalhe como fizemos tal proeza, porque é muito complicado, mexe com abonos e doenças não existentes), enfim, o que importa é que nós estávamos livres para curtir o carnaval por quatro dias e o faríamos num local chamado “Pedreira”, na cidade de Guarapari e lá participaríamos de uma Rave. Era nossa primeira vez, ficamos deslumbrados com a praia, a pedra no cume que dava para ver a festa inteira, dentre vários outros aspectos espetaculares que o lugar nos proporcionava. Mas o ponto crucial desta festa foi quando conhecemos um rapaz riquinho chamado Giovanni Pellegrini ou mais conhecido somente pelo seu sobrenome, Pellegrini, ele ficara tão cativado pela energia de Carlos e Victor que acabou financiando êxtases e um tanto bom de água ou cerveja para todos nós do grupo. Nossos dois camaradas tinham essa característica peculiar, eles conseguiam fisgar a atenção de todos que os vissem de verdade e com uma lábia esplendida conseguiam cativar ainda mais a pessoa, que sem perceber caiam em sua teia.

 Após o evento na Pedreira ter se encerrado, fizemos um pós-festa na casa de verão de Paulo, era para ser uma confraternização pequena, entretanto nosso novo amigo se empolgou um pouco, ele chamou alguns amigos que chamaram alguns amigos e assim por diante e quando nós fomos ver tinham umas duzentas pessoas dentro da casa, elas traziam consigo garrafas de todo tipo de bebida e uma quantidade assustadora de fardos de cerveja variadas. Estavam Carlos, Victor, Pellegrini e eu na entrada do lado de fora observando aquela cena, assustado eu exclamei “eu trabalho amanhã”, Victor que se localizava a minha direita, bateu em minhas costas e com um sorriso no rosto disse “eu também” e saiu para ajudar um grupo de meninas que carregavam dois fardos de cerveja um sob o outro. Pellegrini se desculpou, dizendo “achei que seria toda essa gente, foi mal”, deu os ombros como se não tivesse controle e entrou. Eu fiquei do lado de fora com meu namorado. Já dentro de casa, sentamos no sofá para fumar muitos Becks e observar a festa que se estendia pela casa inteira, Paolo, seu namorado, Teodoro, eu e meu namorado, Carlos, e no chão junto a nós estavam sentados Brian, sua namorada, Carolina e Lucas. Nós sete naquele momento podíamos somente observar o que acontecia, pois não tínhamos poder algum para deter toda aquela multidão de ébrios. Ficamos ali sentados, fumando e conversando, sempre tentando evitar o assunto que envolvia a nossa “situação atual”. De vez em quando aparecia alguém para tentar nos convencer a participar mais ativamente da festa, mas logo desistiam e voltavam a fazer o que estavam fazendo, deixando-nos em paz. No decorrer da festa nosso cantinho se tornou o lugar aonde as pessoas iam para descansar e depois voltarem ao divertimento. Na realidade, nós sentíamos que o lugar tinha se tornado uma forma de confessionário, onde nós nos transformávamos em padres, que ouvíamos seus pecados sem julgamento algum, e eles eram os confessos, que após admitirem seus sacrilégios, voltavam a cometê-los bem na nossa frente, ou seja, como acontece na vida real. Nesse momento a história fica interessante, pois é à vez de eu contar o que Pellegrini confessou para nós no nosso sofá barra confessionário. Ele chegou cheio de si, tirou o Beck da minha mão sem pedir licença, deu um longo trago e se expressou, sem ninguém ter perguntado nada, mais ou menos assim:

\_ Vocês sabiam que comecei a trabalhar com dez nos de idade. Minha família era muito pobre, bem pobre mesmo. Hoje sim eu tenho dinheiro para gastar em baladas e tudo mais. Antes eu não tinha nada\_ ele fala assim mesmo pausadamente, usando poucas conjunções e de um jeito que tínhamos que decifrar, de vez em quando, o que dizia\_ É... A vida é cheia dessas coisas, não é, rapaziada.\_ disse ele um pouco tristonho e finalmente passando o Beck\_ Enfim, passei alguns anos trabalhando honestamente no nordeste. Depois consegui me mudar para São Paulo. Lá eu entrei para o crime. Graças a Deus e minha nossa Senhora\_ e ao expor sua fé, tirou duas medalhas que ele trazia consigo no pescoço como um amuleto da sorte, uma era da nossa senhora e outra de São Jorge\_ Nunca, mais nunquinha eu fui preso. Eu juro por tudo que é mais sagrado. Comecei nessa vida como mula, o que significa que eu transportava cargas grade e medias da Bolívia, Peru e Colômbia para o Brasil. Assim foi indo até eu fazer muito dinheiro com isso e sair fora dessa vida antes de acontecer o pior\_ fez o sinal da cruz e prosseguiu\_ Nunca entrem para o crime, porque depois que você entra não tem mais volta. Eu consegui mais ou menos sair por sorte.

\_ Como saiu do crime, senhor Pellegrini\_ perguntou Lucas que parecia ser o único realmente interessado na história e o mais ligado nela, talvez devido ao uso de LSD, já que não fumava Cannabis.

\_ Eu fiz um acordo com os meu ex-patrão. Sabe como é... Não é, rapaziada? Molhei a mão dele e ficou elas por elas\_ riu e adicionou\_ Depois disso investi meu dinheiro. Comprei um monte de casa num condomínio fechado, uma sala que aluguei para uns doidos aí e com o resto da grana eu enviei para minha família\_ e antes que Lucas pudesse indagar, ele acrescentou\_ Era muito grana, maluco\_ e bateu no ombro de quem o escutava mais veemente, continuando seu discurso\_ Mas sabe como é. Malandro que é malandro não para só dá um tempo. Hoje vendo de leve para uma clientela fixa.

O rumo da história de nosso novo amigo estava ficando cada vez mais intrigante, quanto mais para nós que procurávamos uma casa ou um apartamento próximo um do outro que coubesse a nossa alcateia inteira. Carlos que estava quase dormindo no meu ombro e cansado de ouvir os pecados alheios, ao ouvir as palavras mágicas, “comprei” e “casa”, acordou tão abruptamente que até Pellegrini se assuntou. Mas como meu namorado era muito querido por todos, ele conseguiu reverter à situação, utilizando-se somente de sua magnífica lábia, que Deus a tinha lhe dado de bom grado, e ele se beneficiava dela para controlar á seu favor situações diversas como esta. E falando em pessoas com o dom divino para usar a palavra a seu favor, chega ao confessionário, Victor, que pede um doce a Lucas que mesmo vendo o estado precário de nosso amigo o oferece prontamente o doce. Porém, antes de Victor voltar para o meio da festa (e para nossa sorte), Pellegrini o puxa pelo braço e resumi sua história, o que chama a atenção nesse momento de dois malandros, (e aqui uso malandro sem conotação de bem e mal, até porque eu vejo essas dualidades como Nietsche e outros pensadores as descrevia). Finalmente cheguei aonde queria, na união da malandragem, onde Carlos, Victor e Geovanni se encontram e fazem o acordo mencionado anteriormente. Esse encontro foi elevado, não pela oratória notória tanto de Carlos como de Victor, no entanto aconteceu, de fato, o contrário as escolhas dos léxicos foram bem simples e de uma grandeza digna de se ver. Não sei se era pelo o fato de eu estar aloprado de tanto Cannabis e doce ou realmente foi isso tudo que estou falando, contudo “só sei que foi assim”. Não sei de qual forma, eu posso me expressar fielmente os fatos que aconteceram naquele dia, pois não só ganhamos um fornecedor de entorpecentes e um locador descente, também naquele dia encontramos uma alma que se unia a do grupo como um todo. E ademais ele se tornaria um “agregado” já que não era oriundo da festa que iniciou o grupo. Até piadas fizemos posteriormente sobre este fato. Bem, A conversa foi longa, por esse motivo, descrevê-la-ei de modo corrido. Começou mais ou menos assim: Meu namorado e nosso camarada alternando suas falas explicaram para nosso futuro agregado à situação que nos encontrávamos, eles explicaram, primeiramente, como fomos parar em Vitória e terminaram esclarecendo o beco sem saída que o tio do meu namorado tinha nos deixado.

 Neste ponto da história, Geovanni já estava cativado o suficiente para iniciar suas perguntas que ambos dos nossos camaradas responderam sem excitação. Aos poucos Pellegrini e nossos irmãos, sem mencionar diretamente o que queriam, foram chegando num acordo e foi ajustado o valor do aluguel, que valia muito mais do que oitocentos reais e além de virarmos sua clientela fixa, “descolaríamos” uma parte do dinheiro do negócio de Carolina que de acordo com ele, com sua ajuda alavancaria muitas “verdinhas”. Ao mencionar o negócio clandestino de nossa companheira ali presente a conversa que era totalmente amigável e cheio de vigor, tornou-se um pouco hostil, pois aquilo significava, na prática, que ele estava a tempo de olho em nós e tudo não passava de uma trama armado por ele a fim de nos “dar o bote”. Depois de uma longa explicação as coisas se acalmaram. Ele disse ter ouvido falar por intermédio de amigos que havia uma escola de autodefesa para transexuais nas comunidades de Vitória e ouviu o nome de Carolina, todavia não sabia quem ela era. Ficou sabendo por esse mesmo amigo que estava na festa e inclusive corroborou com sua história mesmo não estando em bom estado para entendê-la direto. Acreditamos nele e a conversa, agora mais direta, foi parar o modo em que fariam o negócio de nossa companheira progredir. Após uma longa conversa, sempre perguntando a ela o que ela achava e como se sentia sobre o assunto, foi concordado que ela largaria seu emprego fixo e ficaria tempo integral na função de ser professora de autodefesa para pessoas transexuais e LGBTs em geral. Ela não quis abrir mão de ensinar somente para pessoas que sofriam diariamente com a homofobia e o investidor achou que isso faria uma mina de dinheiro. Chamo-o de investidor, porque ele injetaria um bom dinheiro para tornar aquele negócio legal, profissional e lucrativo para ambas as partes. Assim foi feito e realmente Carla e Geovanni ganharam muito dinheiro.

Capítulo dois:

Devagar fomos entendendo com muito diálogo entre a gente que podíamos ser livres e nos encaixar levemente na sociedade capitalista sem ferir nossos ideais. Apesar de nós entendermos quais eram os mecanismos de controle do capital nós tínhamos que o seguir, porque a maioria ditava nosso comportamento, pelo menos do lado de fora do nosso círculo, exemplo claro disto é, nós éramos livres para fazer uma festa, todavia teríamos que respeitar o horário de silêncio. Estou cheio de exemplos na cabeça nesse momento em que lhe relato este prolóquio. Não precisávamos viver nas extremidades e ao mesmo tempo podíamos manter nosso coração malandro intacto. Nós teríamos uma conversa sobre este assunto e eu acho que você, meu filho, se aproveitará bastante dessa conversação, sendo assim, transcrevê-las-ei do modo mais eficiente possível, porque como sempre estávamos alterados quando isso ocorria. Tudo começou numa tarde quente de primavera de dois mil e quatro, nós já estávamos na nossa casa nova, quando os mais literatos, por assim dizer, do grupo estavam tomando um café da manhã que intitularei de “café da manhã socrático” por motivos óbvios. Estávamos eu, Carlos, Victor, Brian e Carolina, cada um tinha uma área de conhecimento, eu na sociologia e pouco de filosofia, Carlos estritamente na filosofia, Victor na literatura, Brian como era nerd um pouco em todas elas e Carolina era nosso pilar empírico, além de ter um conhecimento vasto na literatura mundial.

\_ Eu sei que não querem ouvir o nome dessa pessoa, no entanto,\_ quebrei o silêncio e iniciei o café da manhã socrático\_ ela me fez pensar muito.

\_ fala do meu tio, não é?\_ perguntou meu querido amor.

\_ Sim. Ele me perguntou o que seria o bem e mal. \_ e antes que alguém respondesse, eu adicionei\_ Essa pergunta me parece pertinente para nossa situação atual, pois somente agora estamos levando em consideração o sistema no qual vivemos. O que quero dizer e não me interpretem erroneamente, é que antes tentávamos romper por completo com o capitalismo e nessa etapa da nossa vida estamos aderindo a ele, mesmo que não integralmente. Deixa-me esclarecer onde quero chegar com isso tudo. Como Nietsche e outros autores descreveram muito eloquentemente, as dualidades como bem e mal, são construções sociais e estas mudam de acordo com o tempo, o grupo sociocultural, socioeconômico e assim por diante. Além de muitos sociólogos, concordarem com meu pensamento que as dualidades são mecanismos de controle, ou seja, o bem e o mal, por exemplo, fiscalizam e ditam nossos comportamentos qualificando-os como bem e mal. Ou estou exagerando?

\_ Meu caro amado, eu acho que está com toda razão\_ enquanto discursava, tirou de uma cartela que estava em seu bolso com doce e em silêncio colocou a droga em nossos copos de café e nós só consentíamos com a cabeça\_ muitos filósofos perpassaram por essa questão. Como Sócrates que disse e repito suas palavras “Existe apenas um bem, o conhecimento, e o mal, a ignorância”, Epicuro uma vez ousadamente expôs sua ideia de que repito aqui novamente suas palavras “Deus deseja prevenir o mal, mas não é capaz? Então não é onipotente. É capaz, mas não deseja? Então é malevolente. É capaz e deseja? Então por que o mal existe? Não é capaz e nem deseja? Então por que lhe chamamos de Deus?”, e assim por diante. Eu poderia fazer citações pertinentes a esse assunto o dia todo, porém vou poupá-los disto...

\_ Suas citações, na realidade, somente perpassam pelo assunto.\_ Carolina colocou á mesa suas ideias eloquentes e apropriadas.\_ Eu Não estou as criticando, estou apenas apontando. Eu também leio, como disse em minha história passei horas na biblioteca.\_ ela adicionou como sempre em modo de defesa\_ Bem, se for para citar eu ficaria aqui também muitas horas, não obstante, o mais importante é o que pensamos sobre o assunto.

\_ É lindo o discurso de uma pessoa culta e prática ao mesmo tempo.\_ replicou Carlos e acrescentou no mesmo tom despreocupado\_ tem cantinho da serra ainda? Como não trabalharemos amanhã não vejo problema em transcender os limites ditados pela sociedade.

\_ Na geladeira.\_ informou Carolina que continuou seu discurso\_ Desculpem-me se meu discurso soa ser de maneira grosseria, eu ainda estou me acostumando com a amabilidade de todos do grupo. Estou acostumada a ser a chacota do lugar. Bem, voltando ao que estava dizendo \_ mudou de assunto antes que fizéssemos algum comentário sobre o que acabara de diz\_ é uma tarefa muito excruciante definir bem e mal, mas acho que o uso de um exemplo vai nos esclarecer melhor. Peguemos a homofobia como exemplo, para nosso grupo social ela é errada, porém para outro grupo social, que chamaremos de “reaças”, é correto...

\_ Exemplo, então, casa com a teoria inicial, não é meu amor?\_ disse Brian que não deixou tempo para resposta e adicionou\_, entretanto se a homofobia é certa para os reaças e errado para nós... Isso me confundiu a cabeça, porque para mim é muito simples o bem é a ausência do mal, ou seja, a violência é mal, logo não é boa. Parece ingênuo da minha parte, mas prejudicar a vida de alguém é passar da sua liberdade, o que define o mal.

\_ Esse é o ensinamento limitado que teve, as escolas americanas nos ensinam somente o que lhes convêm, querido\_ ela respondeu seu namorado que concordou calado.

\_ Mas, vamos voltar a nossa reflexão.\_ entrando Victor na conversa. Nesse ponto do diálogo já tínhamos tomado uma garrafa de vinho\_ todos concordamos então no que é o bem e o mal? Pelo menos em parte? Recapitulado: o bem é a ausência do mal e o mesmo é mutável através do tempo, das classes socioeconômicas e do regime socioeconômico. É isso? Mas que diacho isso tem relação com a gente?

\_ Ora,\_ foi minha vez de falar e usei o mesmo exemplo que lhe dei anteriormente\_ se quisermos viver na sociedade capitalista temos que seguir suas regras que são ditadas por esta pelo o bem e o mal, por exemplo, somos livres para fazer uma festinha em nossa casa, todavia é MAL que fiquemos com o som alto até mais tarde. Fiz-me entender?

\_ Fez perfeitamente, meu amoreco, e como nos apontou nosso querido Brian, nossa liberdade vai até onde vai o limite da outra pessoa.

Quando terminamos o assunto estávamos no auge do nosso devaneio por causa do doce que tomamos, por isso, fomos para frente da casa e ficamos deitados na grama. Para ser mais verdadeiro com o evento que se seguiu, eu estava sentado fumando cigarro e desenhando, Carlos deitado no meu colo, Brian debruçado na sua namorada e Victor jogado na grama. Paolo chegou com um violão velho e uma garrafa de cachaça, cinquenta e um e pela metade debaixo do braço. Não achou aquela situação estranho, até se juntou a nós e começou a tocar umas músicas interessantes, em sua maioria jazz modernos. Daí foram aparecendo mais gente do grupo que se uniu a nós, contudo não dava para expormos o que tínhamos discutido, porque eu tinha uma reunião mais a noite com um artista da cidade que queria colocar meus desenhos em exposição, (vou explicar isto mais a frente) e meu namorado iria comigo. Brian estava envolvido nessa jogada, portanto também faria parte da reunião, já que ele desenhava também muito bem, seus desenhos seriam expostos na parte infantil da galeria de artes, enquanto os meus por serem um pouco mais com cunho sexual e gay, iria para parte LGBTs do local. Logicamente Carolina iria para acompanhar seu namorado e nos proteger se for necessário, pois eu não conhecia o rapaz direito e o encontro seria na “enconlha”. A origem desse acontecimento em nossas vidas foi logo quando nos mudamos para casa nova.

Eu e Brian andávamos juntos pela praça do centro da cidade chamado Parque Moscoso e no momento em que fumávamos um Beck sentados num banco tosco de madeira da praça, um rapaz alto, bem vestido com um terno sob medida, um sapato preto social que combinava com seu terno, (pareciam vestimentas legitimas e novas em folha), ele tinha cabelo rente, provavelmente cortado recentemente, olhos claros e um cartão que dizia ser dono da galeria de artes no centro da cidade que não vou falar o nome para não expor o colega, pediu para fumar conosco e começamos a conversar. Ele nos falou que estava precisando de alguém para desenhar para ele, quando nós o informamos que éramos artista, ele ficou interessado e pediu para ver nossos desenhos e após uma análise minuciosa deles, disse que os compraria na próxima reunião que seria no parque. O nosso comprador deu várias desculpas para o nosso encontro não ser num local mais apropriado e nos informou que faria a transação em dinheiro vivo, porém queria os créditos pela nossa arte, ainda no esclareceu, sem ninguém perguntar, que fazia muito tempo que ele não desenhava e carecia de alguma produtividade, pois seria mal visto se não o tivesse. Para nós era muito dinheiro, na época, era em certa de três mil reais cada um. Aceitamos sua proposta indecente. Eu e Brian desenhávamos freneticamente para completar a cartilha que o freguês queria. Resumindo, ganhamos a quantia em dinheiro vivo, cada um num envelope. O dinheiro ficou quinze por cento para caixinha de despesa do grupo e o resto nós gastamos com comida e drogas. Infelizmente nunca mais vimos aquele homem e não fomos a sua exposição para não arrumarmos confusão com ele. Ele não foi o primeiro nem o último a nos explorar e usar nossos desenhos, sem nos dar o devido crédito. Pela nossa história de vida percebe-se que nós fomos abusados várias vezes e de graça, agora eles nos pagavam por isso, estávamos no lucro. Na realidade, queríamos o dinheiro e não reconhecimento e sei que é hipócrita de nossa parte, todavia precisávamos do dinheiro para financiar nossa vida como um todo.

Capítulo três:

Nesse ano seguinte aconteceu tanta coisa. (Então, se prepare para um capítulo mais longo). Eu me formei e me tornei finalmente maior de idade. No mesmo ano passei para faculdade federal capixaba (UFES) para o curso de arte, consegui um emprego numa galeria de artes no centro de laranjeiras, que exponha minhas artes com os devidos merecimentos e créditos. Entraria na faculdade somente no ano seguinte, mas estava muito feliz e empolgado com isso. Carlos também fez conquistas substanciais em sua vida, como terminar a faculdade e passar num mestrado de filosofia. Nós estudaríamos na mesma universidade, porém em prédios diferentes. Como pode ver foi um ano agitado, mal tivemos tempo para sairmos de casa, porque eu estudava como um aloprado as teorias de artes para chegar à faculdade com tudo na ponta da língua e Carlos fazia o mesmo com seus livros indicados como leitura obrigatória e extracurriculares. Além de outros acontecimentos no meu trabalho. Vou começar pela ordem cronológica das coisas, ou seja, eu ainda estava terminando o terceiro ano, já que a prova do ENEM foi em agosto e me formei no final do ano. Consegui o emprego no início do ano por intermédio de Pellegrini que frequentava nossa nova casa. Ele me apresentou ao dono da galeria de artes que após analisar em silêncio e com muita cautela meus desenhos, contratou-me de imediato, dizendo que ganharíamos muito dinheiro com meus esboços.

Senti-me muito orgulhoso na inauguração do minha primeira exposição que foi no dia três de janeiro de dois mil e cinco. Uma data que nunca vou me esquecer na minha vida, principalmente, porque a alcateia inteira estava presente para prestigiar meu trabalho árduo. Foi lindo o evento e todos trajavam roupas elegantes e novas, a maioria bebia champanhe pela primeira vez e se divertirem muito, apesar de um maior número de pessoas acharem esses eventos maçantes por serem muito formais. Eu fui, por exemplo, em todos os eventos de inauguração das academias de autodefesa da Carolina e todos os shows solos que Paolo fizera nos bares de Vitória, eu também tive a oportunidade de presenciar suas vitórias, essa troca é recompensadora, saber que tem alguém ali por você. Eu ganhei até um bônus por ter vendido todos meus desenhos, estava me sentindo, na verdade, como o rei do mundo. Muitas pessoas vieram me cumprimentar e elogiar meus desenhos, alguns fizeram suas criticas fundamentadas pelas teóricas de arte moderna, para ser mais especifico, e como eu tinha começado a estudar teoria das artes somente posteriormente, para ser mais exato logo depois de eu fazer o ENEM, não entendia grande parte dessas críticas, por isso só concordava com a cabeça. Eu acho que faziam isso de propósito, já que sabiam que eu ainda era um estudante do ensino médio. Esse foi o evento mais importante de Janeiro e em Fevereiro iniciou o meu último ano escolar, estudei muito e meu namorado formou finalmente na faculdade o que foi mais um evento que uniu a família. A festa de formatura como era de se esperar vinda de uma alcateia de lobos ébrios e *junkies* foi muito insana mesmo. Meu namorado avisou que nos comportássemos antes de saímos de casa, no entanto nem ele se controlou, exagerou no uísque caro e tomou duas balas, deu em cima do pai de uma da sua colega de sala, causando confusão e o mais interessante disso tudo é que a mesma colega foi no pós-festa em nossa casa. Não podia faltar um *after-party* entre nós, não é mesmo?

Mas o motivo para sairmos da festa de formatura de Carlos foi por que alguém da festa, que até hoje não sei quem foi, pois estava no banheiro usando cocaína, disse umas coisas bem rudes para Carolina, ela aguentou calada por um tempo até essa pessoa vir e a empurrar forte, gritando “aberração” em um tom muito alto para todo mundo ouvir, não satisfeito ele derramou vinho na sua roupa novinha. Não é preciso dizer que ele tomou uma surra merecida e assim à uma hora da manhã fomos expulsos. Mas antes de deixarmos a festa com sague de um homofóbico derramado no chão, convidamos todos para ir a nossa casa. Achamos que não iria aparecer ninguém, contudo o trabalho de boca a boca lotou a casa outra vez e a festa se estendeu até o domingo, ou seja, durou de sexta anoite á domingo de manhã, porque segunda feira era feriado. Do mesmo modo que a pós-festa anterior, o confessionário estava aberto e com as mesmas pessoas sentadas no sofá, fumando uns Becks e “dropando” uns doces. Por nós passaram diversas pessoas, em sua maioria estudantes da UFES de cursos variados. Um grupo de três universitários parou no nosso cantinho, provavelmente, porque viram Lucas tirando uma cartela cheia de doce do bolso da jaqueta fina, e perguntaram se podiam tomar um também, foi quando Lucas teve a genial ideia. Ele disse “Claro que sim, mas vocês têm que escolher da boca de quem vai tomar esse doce”. E foi assim que se espalhou rapidamente a noticiada brincadeira, não sei quantas bocas eu beijei, entretanto sei que foi a brincadeira mais divertida da festa. Quando foi a vez de Pellegrini, que dessa vez, por algum milagre, só trouxera um amigo mal encarado, ele excitou bastante e finalmente escolheu Carlos por sua afinidade. Eu fiquei desapontado por não poder “tirar uma casquinha” do nosso agregado heterossexual que naquela noite confessou ser seu primeiro beijo gay. Com essa informação em mãos, meu namorado exagerou no beijo, “lascando-lhe” um beijo gostoso. Não se preocupe, foi tudo consistido e ele que decidira entrar na brincadeira por escolha própria. Seu amigo mal humorado não tentou nenhuma gracinha para cima de nenhum dos convidados, ele ficou no canto dele o tempo todo, com cara de tacho balançando só os pés com a música e bebendo a cerveja que trouce. No domingo e último dia da festa, tinha pessoas jogadas por todo canto da casa, elas literalmente dormiam, ou estavam apagadas, no entanto nenhuma delas precisou de um médico, só de um empurrãozinho caloroso para acordarem. Utilizamo-nos dessas pessoas para ajudarem a limparem a casa, que foi uma tarefa árdua e até segunda feira ainda tinham poucos resquícios da festa.

No dia quatro á cinco de março acontecera outra Rave nas “Pedreiras”, Guarapari na época de Carnaval, todavia do grupo ficou em casa Carolina, eu, Lucas e Carlos. Meu namorado estava estudando para o mestrado, eu estudando para a prova do ENEM, Carolina tinha que trabalhar e Lucas, eu não sei o que fazia em casa. Carlos e eu estávamos tão absortos na tarefa de estudar cada um na sua área que só nos víamos depois de longas horas de estudo para fumarmos Cannabis na sala e tentar tirar um tempo para o devido descanso. Assim passou fevereiro inteiro, nesse ritmo frenético e só foi terminar mesmo no dia trinte um de agosto que foi o dia da prova. Logicamente continuei trabalhando, houve mais algumas exposições minhas nesse tempo, mas eu estava muito mais ligado ao ENEM, pois queria entrar na faculdade de artes de qualquer jeito. Esse desejo não tinha relação com meu emprego, não diretamente, porque, na realidade, eu queria fazer o curso por interesse próprio, para me dar satisfação de ter passado na faculdade federal apesar das minhas dificuldades que passei na vida.

Você se lembra de Nicollas? O rapaz que uniu nossa alcateia? Então, ele ainda morava conosco, mas desde que nos mudamos para Vitória, ele andou muito debilitado, passava longos períodos no hospital e quando estava em casa vivia na cama. Nós estávamos muito preocupados com ele. Íamos visitá-lo no quarto de tempos em tempos para ver se ele precisava de alguma coisa. Às vezes, nós o víamos andando pela casa, mesmo que não podia. Ele estava magérrimo, arrastava os pés para cá e para lá, ele parecia desorientado e tudo isso era por causa do maldito HIV que deixa nossa imunidade muito baixa. Ele tinha pegado uma pneumonia muito forte e os médicos disseram que já tinha se transformado em tuberculose. Por esse motivo, ele deveria ficar isolado e quando íamos visitá-lo tínhamos que usar máscara e tudo mais. Numa noite triste e chuvosa do dia trinta de agosto, um dia antes da minha prova, nós fomos ao seu leito para lhe dar suporte e conforto, todavia quando chegamos ao leito encontramos Nicollas dormindo, pelo menos foi o que achamos, esperamos para ver se ele acordava, mas se passaram horas e nada de ele acordar. Tentamos acordá-lo, contudo nossos esforços foram em vão. Constatamos, então, que ele realmente não estava respirando e antes de chamar a ambulância ou qualquer outra autoridade por assim dizer, nós fizemos nosso ritual. Colocamos no copo um uísque que eu tinha ganhado de presente, derramamos simbolicamente parte do líquido no chão e fizemos um brinde ao nosso camarada que jazia ali na cama. Foi nossa primeira perda e a pesar de ele não ter participado em nenhuma das nossas atividades de confraternização, somente na primeira, pois ainda estava sem sintomas e se sentia bem, eu vivenciava um profundo vazio e acho que todos partilhavam do mesmo sentimento. A casa que sempre foi alegre e cheia de vida, porém se transformou em algo nebuloso e por um longo tempo todos nós paramos de frequentar festas, ficávamos mais em casa fumando Cannabis na sala enquanto Paolo tocava músicas brasileiras e com melodias melancólicas no violão. Mas como dizem por ai “malandro não para malandro dá um tempo” e foi justamente isso que aconteceu num belo dia que nós estávamos reunidos na sala meu namorado como sempre começa seus discursos eloquentes assim:

\_AHA\_ levanta em um pulo e disse\_ Prestem bem atenção no que direi agora para vocês. O que estamos vivendo neste exato momento já ultrapassou dos limites e senão fizermos nada acabaremos definhados numa depressão profunda. Dito isto, eu proponho que todos levantem desse sofá, do chão e de onde estiverem jogados e assumam para si mesmos que assim não pode ficar. A despensa de comida está cheia, vocês andam comendo? A despensa de alucinógenos sintéticos está cheia também, o que significa que vocês não estão se comportando de acordo com a nossa normalidade e isso me preocupa.

\_ O que propõem para nos tirar dessa melancolia sem fim?\_ perguntou Paolo

\_ Uma festa em homenagem a Nicollas\_ ele teve dificuldade em pronunciar o nome.

\_ Mas essa festa seria fechada, somente entre nós, ou chamaríamos mais gente?\_ perguntou Carolina ainda num tom tristonho e com pouco interesse em saber a resposta.

\_ Bem, isso teria que ser discutido em conjunto.\_ respondeu.

\_ OK. OK. Concordo em fazermos uma festa grande e ter um momento de silêncio a perda de nosso amigo.\_ empolgou-se Victor com a ideia.

\_Sim. Sim. Carolina pode chamar suas clientes e chamamos Pellegrini que obviamente chamará mais gente.\_ Carlos deu a ideia.

\_ Não sei sobre chamar minhas clientes, não gosto de misturar as coisas\_ disse Carolina num tom sincero\_ e chamando só Pellegrini a casa vai encher de pessoas, ele conhece Deus e o mundo.

\_Mas alguém avisa á Pellegrini para trazer umas pessoas mais decentes e avisa á ele o motivo da festa também \_ expressou-se Lucas.

\_ Deixa comigo\_ exclamou Victor, saindo com seu celular novo na mão.

Quando ele voltou, tinha um sorriso de ponta a ponta no rosto, logo sabíamos que houve algum acordo entre os malandros e que envolvia todos nós. Victor fez seu suspense de sempre, ainda expondo um sorriso malicioso no rosto, sentou-se no chão em frente à mesinha de centro, enrolou um Beck, acendeu-o e ficou ali fumando sem nos dizer o que estava acontecendo. Ele esperava alguém perguntar o que foi acordado entre eles: Victor e Pellegrini. Quando não aguentava mais participar do jogo no qual ele estava fazendo eu perguntei:

\_ Que merda, Victor, fala logo o que aconteceu?

\_ Vocês querem mesmo saber o que nosso agregado disse?­\_ e acrescentou antes que disséssemos alguma coisa\_ Não sei se vocês concordarão, porém Pellegrini me falou que conheceu um grupo grande de jovens estrangeiros oriundos de diversos países europeus. Esse pessoal nesse exato momento está bebendo na praia justamente com quem? Pellegrini. Acho que vocês já compreenderam aonde quero chegar.

\_ Há muito tempo, meu caro, desde o momento que mencionou Pellegrini e o grupo de estrangeiros.\_ Disse Carolina\_ Mas e aí quanto vamos ganhar nessa história? Porque tudo que envolve Pellegrini e você, pode saber que tem dinheiro na jogada.

\_ Bem, enganada você não está\_ falou após rir da colocação da nossa companheira­­­\_ Eu sei que precisarão de contexto, todavia o que sabemos é que são cem estrangeiros que vieram para uma palestra na UFES e esse mesmo grupo de europeus estão sedentos por uma festa de verdade, sabe como é. Aquela festa que somente nós brasileiros sabemos dar. Em falar nisso, para funcionar bem a festa, vou pedir para aquele grupo que fica fumando Cannabis no sofá para continuar a brincadeira de passar o LSD por meio do beijo, pois na festa passada fez muito sucesso\_ concordamos com a cabeça, então ele prosseguiu\_ Enfim, camaradas, pensem comigo são cem pessoas se cada pessoa pagar cem reais para entrar na festa, e Pellegrini com certeza convencê-los-á de pagar essa quantia, vão ser dez mil reais limpinho em nossas mãos. Podemos tirar da nossa caixinha algum dinheiro com a intenção de comprar cachaça suficiente para esse povo todo e comprar também uns limões para fazer caipirinha e além do mais nosso agregado disse que as drogas vão ser por sua conta, ele vai querer cinco mil de despesas, mas mesmo assim ficaremos com cinco mil para nossa caixinha.

Aquele acordo tinha saído totalmente do que pensávamos inicialmente, todavia a ideia de ganhar cinco mil reais para organizar um evento, ainda mais para gringos, foi aceita prontamente por todos. Falo isto, pois nós que moramos fora do país estávamos ansiosos para praticar a língua do nosso país de origem e a maioria deste grupo faria parte do confessionário, ou seja, praticaríamos a língua no dublo sentido da palavra. Mas os irmãos franceses, que ficariam como barmen por serem os únicos que sabiam misturar bebidas não estavam tão empolgados de utilizar sua língua nativa como nós outros que éramos naturalizados no Brasil e fomos cedo, ou ainda quando crianças, para outro país. Começamos a distribuir as tarefas que cada um ficaria responsável durante, antes e após a festa. Enquanto conversávamos, os irmãos franceses, que eram Adrien, Odélio, Jean Paul e Remy, conversavam entre si em francês. Eles tinham essa mania irritante, pois na grande maioria das vezes, eles decidiam entre si o que eles iriam fazer, muitas vezes eles sumiam das festas que íamos juntos e apareciam tempos depois, eles eram os únicos que não seguiam a risca o acordo que digitamos e assinamos juntos. E eu tinha a impressão de que eles achavam que não entendíamos francês, eles estavam muito que enganados. Para não criar atrito entre nós do grupo, relevamos por muito tempo tal fato, contudo eu já estava incomodadíssimo com aquilo, então em francês disse-lhes:

\_ Olha aqui\_ eles me olharam assustados por eu estar usando a língua deles\_ Sim, eu falo Francês perfeitamente bem, na realidade, sou fluente em mais de cinco línguas e não vêm ao caso como as aprendi\_ eu tinha ganhado a atenção completa e talvez o respeito deles por saber falar Francês\_ Eu estou por aqui com vocês\_ e elevei minha mão sobre minha cabeça\_ Não aquento mais vocês ignorando totalmente as decisões democráticas feitas pelo grupo. Nessa festa estamos contando com vocês para fazerem as bebidas necessárias e espero que não decidam sair para outra festa qualquer, deixando-nos na mão.

\_ Sim, e tem mais...\_ acrescentou Carolina ainda em francês\_ Eu não sou a única do grupo que sabe francês, a maioria que morou fora do país além do inglês, teve aulas de francês. Ah...\_ disse fingindo se esquecer do mais importante\_ essa casa não é somente um dormitório, então, tratem de se encaixar nessa linda alcateia que formamos e se um dia não foram lobos solitários, saem à francesa. O que quero dizer com essa metáfora: ou vocês estão conosco ou contra nós? Qual é a de vocês?

Os únicos que não moraram fora e, portanto, não entenderam muito bem o que estava acontecendo, apesar de terem uma leve noção, eram Carlos e Victor. Meu namorado ficava puxando meu braço o tempo todo, tentando fazer com que eu parasse de arrumar confusão atoa e Victor se sentou no chão perto a mesinha de centro e enrolava vários Beck como se nada estivesse acontecendo. Enquanto isso, os irmãos olhavam para nós fixamente, seus rostos estavam vermelhos de vergonha, foi Remy quem quebrou o silêncio e com respeito o fez em português.

\_ Não existe uma desculpa que os convencerá do motivo pelo qual agimos assim e por esta razão só tenho que lhes pedir desculpas. Nós não vemos, e posso dizer isso por todos meus irmãos, esse grupo, ou melhor, essa alcateia como um mero suporte para continuarmos em nossas vidas boêmias. Ou como um mero local para descansarmos.

\_ O que meu irmão está querendo dizer é que podem contar conosco para esta festa\_ interrompe-o Odélio\_ estávamos justamente discutindo aqui que está festa vai ser no mínimo interessante.

\_Perdoem meu querido irmão caçula\_ falou Jean Paul antes que seu irmão se expressasse de modo equivocado\_ ele tem boas intenções, todavia ainda é muito novo, tem apenas dezessete anos de idade. Ele é a caçula da alcateia\_ riu sozinho e quando percebeu que ainda estávamos sérios acrescentou\_ Não se preocupem, nós comportar-nos-emos de acordo com a regra do grupo, nós prometemos.

\_ Primeiro teremos que ler as regras\_ Odélio indagou baixinho e em francês.

\_ Pelo menos ele é sincero\_ brincou os irmãos, rindo novamente sozinhos.

Após esse assunto que me incomodava muito foi resolvido, voltamos para os acordos acerca da responsabilidade de cada membro antes, depois e durante a festa. Como seria uma quantidade grande de bebida alcoólica iriamos todos ao supermercado, ao voltarmos os irmãos franceses montariam um bar improvisado na cozinha enquanto isso os padres, ou seja, Teodoro, Paolo, Carlos, Brian, Carolina, Lucas e eu organizaríamos a sala e Victor ficaria na porta para receber os convidados e avisá-los-ia do confessionário e outras regrinhas/brincadeiras que criamos para tornar a festa mais atrativa. Por um milagre conseguimos organizar tudo antes dos gringos chegarem junto a Pellegrini. No momento que nossos convidados chegaram Victor já tinha colocado uma música Techno bastante alta por sinal e dançava sozinho na sala, saindo totalmente do programado. Ao perceber que os convidados tinham chegado ele baixou o som e pediu a atenção de todos em inglês, era, na realidade, a única coisa que sabia nesse idioma, por isso puxou-me do sofá e me fez de tradutor. Como sempre fez um discurso longo e com palavras difíceis que eu as traduzi de modo simplificado e menos elaborado. Ele começou mais ou menos assim:

\_ Povo europeu seja bem-vindo ao Brasil e a nossa humilde casa. Tentarei ser breve em meu discurso, todavia me perdoe se eu o estender muito. Bem, na cozinha encontrarão um grupo de franceses que será o barman da festa, aproveite-os, pois eles são muito bons no que fazem. Neste sofá acontecerá um jogo para quem quiser usar LSD e este entorpecente será distribuído gratuitamente somente neste sofá. Para mais informações perguntar as pessoas que ficarão encarregadas desta tarefa e Cannabis será também distribuído somente no sofá, contudo poderá ser usado pela casa inteira. Nosso querido Pellegrini ficará responsável pelos demais entorpecentes. No mais tenham uma boa festa e a partir das dez horas da noite, infelizmente, a música terá que ser interrompida, mas a festa não. Obrigado.

Dito isto, os gringos, que pareciam empolgados até demais para meu gosto, dirigiram-se para cozinha que os irmãos organizaram de modo que ficasse parecido a um bar. Eles colocaram uma mesa grande na porta da cozinha que servia de balcão para eles darem as bebidas que pediam. Eles fizeram até um cardápio improvisado e colocaram na porta para os clientes verem todas as opções, ao decorrer da festa eles riscavam a caneta o que tinha acabado, porém Odélio era responsável por correr até o mercado e comprar as bebidas que faltavam. No começo eles, os gringos, pareciam tímidos, mas à medida que foram bebendo a festa foi ficando mais agitada até seu estopim que contarei posteriormente. Depois de beberem o suficiente para inibir a parte do cérebro que nos faz sentir vergonha foram abertas as atividades festivas do confessório. Primeiro eles vinham até nós somente para pedir Cannabis, não falavam muito e logo saiam com o Beck para o meio da festa, evitando, com isso, conversar conosco. Nós já estávamos acostumados com o jeito fechado e frio dos europeus, portanto Victor, que estava responsável por enrolar a droga, fazia seu trabalho bem feito e os dispensavam. Contudo, de madrugada, e tínhamos consciência que levaria tempo para eles se acostumarem conosco, chega à primeira vitima querendo LSD. Ele era sueco, um rapaz muito gentil. E nossa conversa começou assim: ele chegou e em inglês pediu um Beck, então se sentou no chão ao lado de Carolina, deu uns tragos, passou o Beck corretamente para sua esquerda e esperou o Cannabis rodar por todos até chegar nele novamente. Todos nós ficamos assustados com sua educação e do conhecimento de como nós brasileiros fumamos Cannabis. Aquilo foi totalmente atípico e nos pegou de surpresa. O Beck passou pela roda duas vezes sem ninguém dizer uma palavra, foi quando eu não aguentei e perguntei:

\_ Como você sabe que o Cannabis tem de ser passado da esquerda para direita?

\_ Bem,\_ ele disse após rir bastante da minha pergunta \_ eu sou sueco e no meu país se estamos fumando em grupo passamos da esquerda para direita também.

\_ OK. Eu acho que meu amigo por vergonha não fez a pergunta principal que é o motivo de ter se sentado? Porque todos os seus colegas vêm até nós, pedem e vão fumar sozinho num cato da casa\_ Perguntou Brian.

\_ Sim. Agora entendo o espanto nos seus rostos quando me sentei. Primeiro eles não são meus colegas, apenas nos encontramos no simpósio de medicina na UFES. Segundo eu me sentei por ser educado, diferente da maioria que se acha superior e mais inteligente por morar ou ter nascido na Europa. E finalmente, o terceiro motivo de eu ter sentado com vocês é\_ ele deu um longo trago no Beck para tomar coragem de dizer a real razão de estar ali e passou o Beck\_ Então, eu fiquei sabendo que aqui tinha doce e eu gostaria de experimentar.

\_ Para.\_ exclamou perplexa nossa querida Carolina.\_ Você nunca usou LSD na vida?\_ ele negou com a cabeça e ela continuou\_ OK. Se for usar, use direito e fique conosco, caso tenha alguma alucinação estranha estaremos aqui para ajuda-lo.

\_ Está se esquecendo de uma coisa, querida Carolina,\_ disse Carlos com um sorriso no rosto\_ para obter o desejado alucinógeno\_ ele olhou para mim a fim de que eu traduzisse e foi o que fiz de modo mais simples\_ você deverá escolher uma pessoa desse renomado grupo que colocará a droga na boca e passá-la-á por meio de um beijo. Esse é o jogo.

\_ Mas só tem homens aqui.\_ exclamou ele, deixando claro sua orientação sexual: heterossexual.

\_ EI E EU? SOU NÃO BINARIA\_ Carolina se exalta com a colocação do sueco que se desculpou.

\_ *Game is game, play or no*\_ Tenta Carlos balbuciar “esse é o jogo, se quiser brinque ou não”.

\_ *if you can’t stand the heat, get out of the kichen.*\_ o sueco exclamou, dando os ombros.

\_ Isso significa o que? Ele vai brincar ou não?\_ perguntou meu namorado aflito por não entender nada.

\_ Sim, ele vai brincar. Ele disse um ditado popular em inglês que se equivale em português “quem tá na chuva é pra se molhar”.

Carlos riu de cair no chão ao entender a resposta que o sueco dera e quando Richard, era o nome dele, decidiu tomar o LSD da minha boca, meu namorado que além de um tanto devasso, era também brincalhão disse “threesome?” e novamente para nossa surpresa, sem droga alguma em minha boca, Richard com a mão direita puxou para si Carlos, que já estava em pé ao lado dele, e com a outra fez o mesmo comigo, que estava em pé para pegar com Lucas a droga, assim aconteceu o primeiro, de muitos, beijos triplos daquela festa. Enfim, eu ganhei dois beijos, sendo o primeiro tripulo e o outro não. Passando o tempo para o doce fazer efeito Richard começou a se expressar “Não sei se isso está fazendo efeito...” deu uma pausa e acrescentou sorrindo “retiro o que disse. Vocês sempre tiveram cores vivas envolta de seus corpos?” “Acho que é a droga que está fazendo com que veja cores...” começou Lucas. “Deixa-o curtir a onda dele” Paolo repreendeu seu amigo de anos. Um rapaz de estatura mediana atrapalhou nossa conversa e sem perguntarmos nada a ele, afirmou ainda no idioma de inglês “eu sou escritor, só faço o curso de medicina para agradar meus pais”. Para mostrar que não éramos mal-educados, perguntamos o que ele escrevia, ele respondeu que estava escrevendo um livro sobre a vida impudente de dois franceses e contou-nos a história completa de seu livro. Pediu-nos um LSD como se estivéssemos fazendo não mais que nossa obrigação. Lucas demostrando que não gostou do tom que ele tinha usado conosco, colocou o doce na boca e falou “vem pegar”. Thomas, esse era eu nome, ficou parado como um estatua perplexo com a situação, Lucas engoliu o doce e fez novamente o mesmo procedimento, Carolina percebendo que ele não iria agir conforme a música e tentando prevenir que Lucas tomasse outro doce, explicou para ele que era o jogo da casa, para tomar o alucinógeno teria que tirar da língua de um de nós. “Mas eu sou heterossexual” protestou ele indignado com a brincadeira. Paolo do seu canto dava gargalhadas, fazendo Thomas ficar ainda mais vermelho de vergonha, Teodoro manteve-se calado e eu cheguei a sentir um pouco de pena dele, mesmo que ele tivesse sido rude com todos. Foi então, quando Richard repetiu o ditado popular que dissera anteriormente e ainda adicionou “Cara, até ontem eu nunca beijei um homem e hoje minha contagem são dois e ainda foram os dois de uma vez só”.

O recém-chegado, que deixou a impressão de ser rude, se transformara da água para o vinho e o gesto simbólico e talvez banal que foi o beijo dado em Lucas, fez com que ele diminuísse seu ego inflado pela sua origem, pelo curso de medicina e por ter a impressão de que ser um escritor europeu o tornasse mais culto que nós. Essa mudança foi tão visível que posterior ao beijo, que foi sensacional, Thomas adicionou em um discurso tão comovente que nos fez desejar sua presença e não inventar qualquer desculpa para ele voltasse à festa sem nos perturbar mais. Ele disse mais ou menos assim. Eu traduzia simultaneamente para Carlos que perdeu o interesse e foi conversar com Pellegrini que estava num canto da casa contando o dinheiro repetidamente enquanto distribuía cocaína em pequenos pinos para os gringos

\_ Isso não foi um bicho de sete cabeças (big deal) como a sociedade prega e não vai me fazer gostar menos ou mais do sexo feminino.\_ deu um sorriso amarelo e continuou ao perceber que ainda não estávamos convencidos de que ele valia a pena\_ Efetivamente a sociedade nos ensina a viver num padrão surreal. Peguemos nós, europeus, como exemplos, querendo ou não aprendemos que o Brasil é um país subdesenvolvido, ou seja, que a educação, cultura, arte, dentre vários outros aspectos são no mínimo precários, por conseguinte pensamos ERRONIAMENTE que os brasileiros são ignorantes e assim por diante. Dá para entender aonde quero chegar?

\_ Infelizmente eu sei exatamente o que quer dizer, pois morei desde criança na Alemanha e muito de nós aqui moramos fora. Brian é americano e Carolina praticamente é também americana, porque foi para lá com alguns meses de vida. Mas, não pode generalizar, já que temos exemplos aqui de pessoas que não residiram no exterior e são intelectuais de primeira. Paolo mesmo aqui presente, ele tem um belíssimo dom da música, Lucas também, esse fanfarão, descobri a pouco tempo conversando com ele que ele tem a inteligência para línguas\_ me virei para Lucas e disse\_ Perdoe-me por expor algo que me contou em confidência, contudo precisei usá-lo como exemplo.

\_ Não faz mal, não era um segredo tão íntimo assim. Só queria evitar que me usassem como tradutor ambulante\_ e sorriu.

\_ Entendo perfeitamente.\_ concordei com ele\_ E temos o exemplo como Carlos e Victor que são inteligentíssimos, o primeiro sabe muito sobre filosofia e o segundo de literatura. Além de que ambos têm um dom da palavra, um sendo inerente a ele e o outro adquirido com o decorrer da vida. Então, o que quero dizer é que não pode generalizar.

\_ Além do mais, existem várias áreas de conhecimento e todas elas são igualmente válidas e o conhecimento empírico é um deles. E desse conhecimento Victor tem de sobra\_ Paolo riu de sua fala.

\_ You’re preaching to the choir, sister\_ Richard gritou. O que significa de modo descontraído “isso não é novidade nenhuma”.

Novamente nossa conversar foi embargada, dessa vez por um alemão e quando ele disse que era alemão, eu falei em seu idioma que tinha morado na Alemanha por muito tempo e desde minha infância. Eu esperava uma reação diferente dele, porque eu conhecia bem a maioria dos alemães e estes ao ouvirem um estrangeiro, tentando falar sua língua natal faria uma expressão de desprezo, mudando a conversa para o habitual inglês, todavia, ele foi muito simpático, encheu-me de perguntas que respondi alegremente e ficamos um tempo conversando em alemão até alguém nos lembrar de que o inglês era o idioma que todos entendiam. Pedi desculpa pela minha empolgação de ter com quem falar alemão e deixei espaço para Klaus, o alemão, falar. Como todo bom e velho alemão, ele foi direto ao assunto sem rodeios. “É aqui que tá tendo LSD?”. Levantei-me, claro que tinha más intenções, e explique a ele as regras da casa, mas para minha surpresa ele escolheu Brian para beijar, vendo minha decepção que estava devidamente estampada em meu rosto, Klaus me agarra pelo colarinho e me lasca um beijo molhado. Novamente friso o quão destoante esse alemão em específico era dos demais, porque em seguida do beijo que me deu, ele fez algo que poucos alemães fariam nesta situação, que foi uma brincadeira, “alguém mais quer um beijo”. No entanto Klaus perguntou isto para o grupo errado, porque todos levantaram querendo um beijo. Em seguida a distribuição de beijos, chega naquele instante um grupo relativamente grande de ingleses, querendo mais beijar na boca do que o alucinógeno em si e isso estava claro nas suas expressões devesas. Observando isso Carolina que estava mais alterada de nós todos, levantou-se, puxou, sem pedir, uma cartela cheia de doce do bolso da jaqueta fina de Lucas e foi até o mais bonito do grupo de ingleses que achou aquilo sedutor o suficiente para abrir sua boca sem ela falar nada, ela depositou a droga em sua boca e o puxou para o beijo, ao terminar disse “agora é sua vez de receber” e repetiu a ação. Para espanto de todos, Brian, que era o mais tímido sob o efeito de drogas, na verdade, ele só fumava Cannabis, raramente LSD ou êxtase e esses exclusivamente em Raves, seguiu os mesmos passos da namorada.

\_ Bem, meus colegas aqui também querem um LSD e como disseram por ai\_ reedificou o primeiro a ser beijado\_ que só ganha doce por meio do beijo.

\_ Quem disse?\_ perguntei interessado\_ se todos que passaram por aqui ainda permanecem aqui.

\_ Um carinha meio estranho que mal fala inglês. Ele disse e repito suas palavras “kiss, drugs, there” e apontou para cá.

\_ Estanho nada. Ele é meu namorado...\_ disse sério.

\_ Perdão. Eu não quis usar a palavra estranho com uma conotação negativa, na realidade, tento usar as palavras sem sentido de bem e mal. Esse negócio de dualidade está muito ultrapassado.

\_ Devo concordar com você e por isso merece um beijo meu.\_ falei e acrescentei de modo paliativo\_ Ele não liga com quem me deito ou beijo, desde que me cuide.

\_ Moderno, mas já ganhei um LSD.

\_ Quem disse que precisa de LSD para nos beijar.\_ meu tom era malicioso.

\_ E se eu quiser outro LSD desse junto com seu beijo?

\_ Vosso pedido é uma ordem\_ Fiz o mesmo procedimento da minha amiga e assim o beijei.

Não tinha tanta boca no nosso grupo para distribuir todos aqueles beijos, então além de termos que beijar muito mais que somente um inglês, eles mesmo se beijaram e até Richard entrou na brincadeira. Quando a chuva de beijos se encerrou, como os outros, eles se sentaram no chão e mais um Beck rodou. E antes que conseguirmos ouvir os ingleses, pelo menos nós tivemos tempo de conhecer seus nomes, chegou, como esperado já que virou padrão, outro grupo, desta vez eles eram noruegueses e um pouco tímidos. Eles vieram levemente alterados de cocaína, o que fez com que eles rapidamente se enturmassem com o Lucas, obviamente pelo fato de ambos usarem bastante a droga em questão. Após inalarem uma quantidade excessiva do entorpecente predileto do grupo e de nosso companheiro, os recém-chegados começaram a expor melhor o motivo que estavam ali. Harry que era u homem alto e esquio, de cabelos lisos e ruivos e olhos esverdeados, teve primeira palavra “Bem, entendo que aqui tem que ter o interesse de tomar um doce para ter um beijo, todavia nós gostaríamos de saber se não poderíamos ter um beijo mesmo assim”. Os outros com estavam muito desassossegados para falar alguma coisa, somente concordaram com a cabeça. Finalizando os beijos que foram muitos e de boa qualidade, Harry senta encostado entre minhas pernas, eu as abro o deixando se encaixar melhor entre elas. Ele inclina seu corpo para trás, fazendo com que sua cabeça escorasse no meu colo. Passei levemente minha mão em seus cabelos, meus dedos deslizavam com facilidade nos seus cabelos ruivos, o seu cheiro era de uma testosterona lasciva e seus olhos quando olhava para mim tinha um tom libidinoso. Ao perceber que suas intenções eram das melhoras possíveis o puxei pelo queixo e o fiz sentar de frente para mim e comecei a beijá-lo intensamente. Minha mão percorreria todo seu corpo, eu o puxava para mais perto de mim na mesma intensidade que ele se jogava para meu corpo. E assim ficamos até o próximo grupo vir nos pedir doce. Foi no momento em que ele sentou de frente para todos, pedindo desculpas pelo inconveniente, todavia ele não saiu do meu colo.

E assim por diante fomos incomodados e interpelados por mais outro grupo e outro, até que no momento, que tivemos que diminuir o som e fizemos mais bem mais tarde que deveríamos, já estavam todos da festa reunidos a nossa volta. Eu e nem ninguém sabíamos o que fazer, porque eram cem cabeças sentadas numa sala, olhando para nossas caras. Pellegrini e Victor que viam a cena deprimente de longe, queriam arrastar os gringos para o triangulo das Bermudas. Mas eles queriam ficar na nossa casa, esperar amanhecer para assim terem o direito de ouvir música alta e continuar assim o rock. O único problema do seu plano era que já passava das duas da manhã, por isso eu perguntei o que queriam fazer durante esse tempo. Um deles gritou “que tal uma brincadeira que envolva bebermos algo?”. Todos aceitaram e dai começou uma chuva de ideias e brincadeiras variadas, até chegarmos ao jogo que faríamos. Pegamos a mesa grande que fazemos como balcão depois nós colocamos copos descartáveis cheios de bebidas diversas e meio que unidos de cada lado da mesa. O jogo era simples, duas pessoas ficavam uma em cada lado da mesa e tentava acertar o copo, quem fora acertado no copo da sua frente bebia, se errasse o copo a pessoa quem jogou que iria beber, faria uma pergunta teórica no âmbito da medicina para quem errou e como punição se a pessoa errasse a resposta ela bebia, se acertasse quem perguntou bebia. Era uma versão universitária dos jogos que víamos muito na televisão. Contudo, antes de começarem Pellegrini os informou por intermédio da minha tradução que eles teriam que pagar mais cinquenta reais se quisesse continuar a festa por mais um dia. Explicou que teríamos gastos com a bebida, água e luz. Ele não estava mentindo, além do mais, acordei com Pellegrini que daríamos uma porção do dinheiro para os irmãos franceses que estavam se matando na cozinha para distribuir todos os coquetéis e me parecia que todos os gringos estavam felizes com o serviço dos meninos. Mais tarde, até contei para eles o que tinha acordado com Geovanni e eles ficaram muito satisfeitos com a notícia.

Os estrangeiros aceitaram, pagaram e mantiveram em sua brincadeira a noite inteira, lógico que alguns foram dormir ou apagaram de ébrios num canto da casa no decorrer da noite. Enquanto eles se entretinham com seu passatempo na cozinha acontecia uma reunião para novos acordos já que a festa se estenderia para sábado e talvez domingo. O dinheiro foi distribuído como combinado e após um silêncio de respeito a nossa perda, pois foi o tempo que achamos para fazer isto, quem começou o discurso foi Brian, que aos poucos foi se abrindo cada vez mais e parecia que com o tempo ele se sentia mais a vontade para agir como pensava perto de nós. E como todas as bebidas estavam na sala com nossos convidados, eles só nos perturbariam quando acabasse e levaria um tempo para isso acorrer, então podíamos falar livre e abertamente. Brian disse:

\_ Eu sou americano e conheço muito bem esse *drinking game*...\_ ficou um tempo para achar a palavra, quando não conseguiu, acrescentou\_ vocês me entenderam. Eles vão ficar nessa por um longo tempo, provavelmente até amanhecer. Eu, particularmente, não vejo sentido algum nesses jogos, porque se quer beber, beba é simples assim.\_ todos nós concordamos com ele\_ *oh well*, eles estão pagando e ainda pagando um dinheiro bom e que estamos precisando muito. Então, deixe-os. *Boys being boys.\_* acrescentou.

\_ Sim, garotos sendo garotos.\_ acrescentei, traduzindo o que tinha dito em inglês\_, ou melhor, dizendo, heterossexuais sendo heterossexuais.

. \_ Já parou para pensar que estamos sendo preconceituosos como ele\_ e Paolo acrescentou antes dos protestos\_ Eu sei que não existe heterofobia e sei que eles estão agindo como heterossexuais tipicamente agem, mas não podemos julga-los por serem diferentes de nós. Nesse aspecto que estou falando.

\_ É, podíamos dormir sem essa\_ brincou Odélio.

\_ Em falar nisso podíamos dormir um pouco\_ Victor disse.

Fomos dormir, mas Pellegrini permaneceu para auxiliar os convidados se eles se entediassem do jogo. Acordamos cedo com a música no último volume, fizemos nosso desjejum em pé, pois ainda estavam usando a mesa para entretimento dos convidados e o fizemos entre gritos dos irmãos franceses que estavam ocupados fazendo os drinks. Depois do caos que foi nosso café da manhã fomos para o sofá e lá Harry me achou fumando um Beck, ele chegou perto de mim sentou entre minhas pernas novamente e deixou-me afogar seus cabelos por um tempo, depois sentou em meu colo e eu podia sentir o seu odor de testosterona com suor excitar-me, então ele sussurrou em meu ouvido “vamos para o quarto”. E lá fomos nós para o quarto. Eu acabara de acordar, por isso demorou um pouco para meu cérebro entender o que estava acontecendo. Nós passamos a festa quase toda dentro do quarto e só saímos para pegar bebida, Cannabis e cocaína para ele. O resto do ano foi tranquilo, no natal fizemos um ceia juntos e os irmãos franceses foram visitar seus pais e voltaram um pouco no inverno, dizendo que tiveram de fugir mais uma vez de um manicômio. Mas essa história eu contarei cronologicamente, se me lembrar dela.

Capitulo quatro:

Esse ano, dois mil e cinco, foi também um ano cheio de acontecimentos, por exemplo, eu entrei na faculdade federal capixaba em março, Carlos começou seu mestrado na mesma data, fizemos uma festa de comemoração da volta dos irmãos franceses, conheci outro lobo solitário e profano na faculdade e acabei me apaixonado por ele, ou melhor, pelo seu cérebro, pois ele não era tão bonito assim, dentre outros acontecimentos, como a habitual Rave de carnaval nas “Pedreiras” onde nós encontramos Klaus que tirou um ano sabático e etc.

Nosso ano começou turbulento, porque foi à vez de Paolo passar mal, ele teve febre altíssima e os médicos disseram que era somente uma gripe e iria passar logo, no entanto por ele ter HIV, isso podia se transformar em algo pior, por isso ele deveria ficar em repouso absoluto, ele tirou esse tempo para compor umas músicas que depois formaria seu primeiro álbum. Deixa-me tentar explicar melhor, apesar de eu não estava em todas as conversas, Lucas me contou uma boa parte do que aconteceu. Eu estava na cozinha em mais um dia quente de janeiro e Lucas estava andando de um lado para o outro, quando chega Teodoro gritando com Lucas:

\_ O que você fez cara?

\_ Eu achei um produtor para publicar as músicas de seu namorado que por sinal está sendo um ingrato\_ respondeu Lucas.

\_ Você acredita que ele foi a todas as produtoras do estado mostrando a música de meu namorado, Herr Bürgen\_ disse olhando para mim que estava quieto no meu canto.

\_ Sim. Mas qual o problema? \_ tentei defender Lucas.

\_ O problema é que agora tenho que convencer o cabeça dura do meu namorado que isso é uma coisa boa, que sua música não vai sofrer por ser publicada. Ele acha que os produtores vão alterar a música dele ou algo do tipo para ficar mais popular.\_ explicou Teodoro.

\_ Quer ajuda na tarefa?\_ perguntei.

Ele negou gentilmente e disse que era o único que conseguiria convence-lo disto e saiu para sala, deixando Lucas e eu sozinhos para uma conversa mais elaborada. Foi quando fiquei sabendo que Lucas tinha conversado com Pellegrini sobre o assunto, porém não queria que ninguém soubesse, e como ele conhecia todo mundo na cidade, ele indicou alguns produtores, Lucas até me disse que Pellegrini fez uma carta de recomendação e tudo. Eu o informei que esses produtores provavelmente eram seus clientes, ou seja, compravam drogas com ele. Lucas sabia disso, mas o mais importante era que tinha conseguido com um produtor famoso de Vitória e no meio da conversa aparece Paolo se apoiando em seu namorado e ainda fraco para perdoar Lucas. No final da história, Paolo melhorou antes do carnaval, ele aceitou ser produzido e tudo ficou bem.

Os únicos que não compareceram ao evento da “Pedreira” foram Paolo e namorado, porque eles não queriam expor Paolo. E claro que por não terem chegado ainda os irmãos franceses não podem ir. Foram eles que perderam uma Rave maravilhosa, cheia de música boa, êxtase, danças e encontros. Não aconteceu nada interessante e fora do comum neste evento, além de revermos Klaus que se divertiu bastante conosco, ele tomou tanto êxtase que teve que voltar para nossa casa para se acalmar. Demorou alguns dias para ele ir embora, todavia não ligamos para isso já que ele era uma boa companhia. Eu sou muito suspeito para falar sobre o assunto por ele ser alemão e tudo mais.

Vou pular fevereiro e vou direto aos fatos mais importantes que aconteceram em março. Quando finalmente entrei na faculdade de artes e eu estava tão empolgado que eu andava com o livro que tinha lido de cabo a rabo de Gombrich cujo titulo era “a história da arte”, para cima e para baixo. Um dia antes do trote, que consistia em humilhar os recém-formados sem motivo algum, um veterano me viu fumando Cannabis na cantina, (eu só fazia isso, porque já tinha visto muitos fumando lá), e veio falar comigo. Abriu seu discurso dizendo:

\_Os calouros tem que oferecer a erva para os veteranos. É a cota de vocês.

\_ Mas se quisesse fumar é só pedir, eu não negaria a erva a ninguém.\_ falei quebrando seu ego ao meio e passando o Beck para ele.

\_ Sou Alessandro

\_ Todos me conhecem por Herr. Bürgen

\_ Sério? Que nome...

Ele se desculpou pela sua grosseria inicial e ao poucos eu fui o conhecendo melhor. Ele não era bonito, não para os meus padrões de beleza, porém lá para o terceiro Beck, percebi que ele tinha um cérebro muito atraente e muito além do nosso tempo. Ele elaborava questões complexas de um modo tão simplório, como se fossem questões de uma obviedade surpreendente, e fazia discursos longos sobre a espiritualidade, que ainda me encontrava muito leigo no assunto, com uma propriedade espetacular. Ele era umbandista e me explicou por alto sobre a religião quando soube que eu era brasileiro, porém morar na Europa desde criança. No dia em questão eu fui à aula, contudo não teve por algum motivo do qual no me recordo agora. Nós ficamos horas conversando e somente no momento que começou escurecer é que cessamos o papo e fomos comer alguma coisa na cantina num silêncio absoluto, ao ver que estava com o livro mencionado acima, começou uma rodada de perguntas e respostas, isto era o jeito dele testar se realmente eu tinha lido o livro. A conversação se estendeu tanto que foi parar na LAMA, uma rua perto da universidade cheia de botecos, e lá ele colocou um Beck que fumamos no próprio bar. Achei aquilo um pouco estranho, mas ninguém falou nada sobre o assunto, então continuamos, nós estávamos num estado tão ébrio que começamos a confabular teorias aleatórias sobre como o Estado atual cairia. Nesse exato momento no qual incitávamos teorias de como o Capital cairia, chega Carlos junto á Victor. Eles estavam rodeando a faculdade para conhecer melhor os perímetros. Meu namorado tinha aulas pela manhã, entretanto ficou para esperar Victor que saíra do trabalho mais cedo. Estavam de passagem pela LAMA e me viram, decidindo parar para me dar um oi e beber conosco. Aconteceu exatamente isso, bebemos, rodou mais um Beck na mesa e às duas da manhã esperávamos todos os quatro pelo ônibus que passava somente de hora em hora, em Vitória o chamam de BACURAL.

No dia do trote Alessandro me acobertou e não precisei passar por ele, o que me acarretou problemas futuros, porque os calouros pensaram que eu estava dormindo com um dos veteranos somente para não passar pelo trote. Esse foi o boato que acorreu após o trote, alguém fez questão de espalha-lo para UFES inteira, todavia essa fofoca me tornou, na realidade, muito popular entre os veteranos, já entre os calouros eu tinha dificuldade de me aproximar, o que afetou meu desempenho escolar por não conseguir entrar em grupo algum para os trabalhos. Enfim, não ligava muito para isso, conseguia fazer os meus trabalhos de modo individual e nunca me queixei disso para meus amigos veteranos, mesmo sabendo que eles podiam fazer algo sobre o assunto. Enquanto isso minha amizade com Alessandro crescia de um modo assustador, eu descobri que ele era pansexual, portanto, existia uma chance de um romance, todavia teria que envolver Carlos nisto. Meu plano era criar uma relação á três e aos poucos eu fui criando essa narrativa, chamava ambos para beber na LAMA após as aulas, estávamos sempre juntos fumando um Beck na cantina de artes ou anterior aos almoçarmos, perto do restaurante universitário, por eu vir para faculdade mais cedo a fim de almoçar com meu namorado que estava saindo da aula. E assim foi, já em julho do mesmo ano, nós éramos como unha e carne, andávamos sempre junto e eu sabia que ambos, tanto Carlos como Alessandro, já tinha entendido meu plano, contudo ninguém dizia diretamente nada.

 Ainda no inverno nada frio de Vitória, estávamos eu, meu namorado e Alessandro, exatamente nessa ordem, sentados no sofá de casa, fumando um Beck quando Lucas chegou e sentou conosco por alguns minutos. Acho que ele percebera a tensão sexual que pairava naquele ambiente, e por isso, tirou uma cartela de doce do bolso e disse “penso que isso vai ajudá-los.” e depois disso saiu como se nada tivesse acontecido. Permanecemos no mesmo lugar, fingindo que não existia a tal tensão sexual, mas sabíamos que a droga que acabáramos de tomar surgiria seu efeito, inibindo nossa vergonha. Dito e feito. Exatamente meia hora depois, tempo de a droga fazer seu efeito, eu percebo que a perna de Carlos estava grudada com a perna de Alessandro e ambos estavam de mãos dadas, acariciando-se timidamente. Eu deixei a cena acontecer naturalmente. A mão de Carlos perpassa levemente pela minha virilha, como se dizendo “eu sei que está ai”. Eles se afagavam a fim de se conhecerem sexualmente e o auge desta ação, e o momento mais excitante para mim, foi quando eles se beijaram. Depois disto eu já estava no colo de meu namorado, virado de frente para ele, de repente sinto a mão de Alessandro me puxando para um beijo gostoso e molhado. Eu podia sentir o falo ereto de meu namorado sob a calça jeans e durante o beijo minha mão levemente passou pela virilha de Alessandro e seu falo também estava excitado. Nessa ocasião entra Lucas gritando com Carolina, ele tentava a impedir de entrar na sala, mas ela não queria saber, pois berrava de volta “eu vou entrar sim porque preciso pegar a erva para levar um pouco para uma cliente que sofreu de homofobia e ela está precisando mais do que a gente”. Não sei se por educação ou por estar interessando, Alessandro pergunta se estava tudo bem com ela. E recebe a resposta rude de sempre que Carolina está acostumada a dar á estranhos. “Conheço-te por acaso?”. E antes que ele pudesse se apresentar ela sai da sala correndo com o restante do Cannabis que na verdade era metade nosso e metade de Alessandro. Desculpamo-nos por ela e dissemos que reporemos o Cannabis dele. Ele não se importou em ter perdido uma quantidade que para nós dava uma semana e nós fumamos muito. Lucas se retirou, prometendo guardar a porta com mais veemência. E ao se retirar, nós não estávamos mais no clima para nada. Sai do colo de meu namorado e fomos “gastar a onda” na grama do lado de fora. Eu mostrei meus desenhos á Alessandro que de modo brincalhão falou “nada mal para um calouro”. Compramos mais Cannabis com Pellegrini de acordo como combinado, demos a parte de nosso novo amigo e conversamos muito sobre um possível namorado entre nós três, o que achei muito válido. Ficamos alguns minutos discutindo como seria e seu funcionamento, chegamos até redigir no computador, que compramos juntos para casa, um conjunto de regras para esse relacionamento. Gostávamos de tudo explicando certinho, redigido e documentado.

Oficialmente éramos o que as pessoas chamam de “trisal”, já na prática só tivemos aquela oportunidade de ser sexualmente um casal á três, somente em janeiro do outro ano que tivemos efetivamente uma relação sexual. Enquanto isso, passávamos grande parte do nosso tempo livre juntos, nossos camaradas tiveram tempo de conhecê-lo e até no natal ele veio para ceia que fazíamos todo ano, mas vou chegar lá. O que importa é que o trisal passava admiravelmente bem e ninguém da nossa alcateia estranhou o recém-chegado, pelo contrário, eles o aceitaram com louvor. Foi muito gratificante para eu saber que o grupo que pertencia o tratou com muita educação e o aceitou. Nesse meio tempo, chega os irmãos franceses mais magros que já eram. Estávamos todos reunidos na sala num sábado do inverno capixaba, chovia torrencialmente lá fora e os irmãos estavam secos. Após cumprimentá-los e dizer que estávamos com saudades deles, eles começaram sua história, explicando o motivo de terem demorado a voltar de viagem. Odélio foi quem iniciou os longos fatos que ocorreram com eles durante nesse tempo na Europa. E foi mais ou menos assim:

\_ Passa o Cannabis, por favor, que estou precisando mais que vocês e vão entender logo o que estou querendo dizer.\_ passamos o Cannabis para ele e então ele continuou \_ Aquilo foi horrível, nós vimos cada coisa naquele lugar Umbralino que vocês não tem ideia. Pessoas tentando comer o próprio corpo, outros estavam tão dopados de remédios que ficavam parados, babando e vendo televisão o dia todo. Ainda tem mais, alguns pacientes que sofriam de ansiedade, falavam tanta coisa no seu ouvido que você chegava a ficar tonto, esses corriam de um lado para outro também.

\_ Dessa vez, meu querido irmão não está exagerando.\_ acrescentou Adrien\_ aquele lugar era realmente uma forma muito esquisita de um umbral, mas temos que começar a história do início para todos entenderem o que estamos falando.

\_ Tudo bem, deixe-me contar a história, então, meu amor.\_ Jean Paul disse\_ Estava tudo bem nossa casa, nós saímos com nosso pai quando ele estava de folga e íamos á algumas festas aqui e ali durante o tempo que ele estava ocupado com seu trabalho de médico, até o dia que de repente as coisas deram um salto, no dia nosso pai estava trabalhando e somente à mãe deles estava. Aconteceu assim: nesse dia estávamos no quarto jogando videogame e provavelmente a vaca da mãe deles, desculpa, mas ela é uma vadia.\_ pediu perdão olhando para os irmãos que concordaram com ele em francês\_ que ligou para o manicômio e eles vieram nos buscar. Imaginem cinco enfermeiros do tamanho de um armário, o braço deles dava pelo menos três vezes a minha cocha. Mesmo assim nós lutamos em vão, porque eles tinham uma injeção que chamavam de “mata leão”. Acordamos somente muitas horas depois amarrados á uma cama.

\_ Nossa, eu já fui para o manicômio uma vez é horrível\_ falou Alessandro\_ sei como é e fui por causa de eu ser bipolar\_ explicou ele se virando para Carlos e eu.

\_ É horrível mesmo, cara.\_ concordou Adrian de modo educado mesmo não conhecendo quem estava falando\_ Então, ficamos presos à cama por alguns dias depois nos soltaram. Planejamos nossa fuga por mais alguns dias, mas não tivemos sucesso em nenhuma de nossas fugas foi quando Odélio teve a ideia de nos machucarmos o suficiente e conseguirmos chamar a atenção de nosso pai. E assim foi feito.

\_ Eu arranjei uma briga com um dos pacientes mais raivosos da ala que estávamos\_ explicou Odélio\_ e então, nossos pais foram chamados, porque o grandalhão que briguei tinha quebrado minha perna e tal... Eu passo bem, o importante foi que como desconfiávamos nosso pai não sabia de nada e ele ficou muito furioso quando soube, quis nos tirar imediatamente do ambiente, porém eles tinham uma regra que não sei qual era, mas tínhamos que ficar um mês inteiro naquele lugar infernal. Já em casa, não queríamos ficar mais um minuto lá, então viemos para o Brasil, porém antes passamos pelos Estados Unidos e México.

\_ Foram fazer o que lá?\_ perguntou Brian.

\_ Sabe como é. Aproveitamos a grana de nossos pais para viajar e fazer umas festas por aí.\_ respondeu Remy com um sorriso no rosto\_ o que eu perdi?

Atualizamo-lo do que ocorrera enquanto eles estavam fora. Chegou à vez que eles contaram sobre o trisal, os irmãos falaram que isso era comum na França e tentou nos tranquilizar, falando que tinham dois amigos que respectivamente tinham relações a três e estavam muito felizes. Ao término desse assunto, os irmãos franceses casualmente nos informaram que um grupo de amigos deles vindo da cidade de Paris, alguns dos Estados Unidos e uns do México viriam para visitá-los daqui a um mês e eles gostariam que montássemos uma festa para eles. “vocês fazem uma festa como ninguém” acrescentou Odélio “aqueles americanos elogiaram muito vocês e a festa”.

A festa teve início na sexta-feira à noite e terminou na segunda feira a atarde, eu tive que mentir no meu trabalho, dizendo estar doente, porque estava muito alterado para conseguir ir trabalhar ou ir para faculdade. Era a primeira vez que não ia trabalhar por isso minha gerente deixou passar, e a faculdade foi o único dia que faltei. O confessionário abriu e com um novo membro, Alessandro, além disto, tinha novas regras que eram: só participaria da brincadeira quem aceitassem entrar na diversão, caso não quisesse os convidados receberiam o doce de qualquer jeito, nós protestamos, contudo ele explicou que seus amigos da França eram cheio de manias e provavelmente se eles não gostassem da nossa atitude ficaram sem o doce. Aceitamos as regras nada felizes com a mesma.

O rock foi parecido com o anterior, porque primeiro eles tiveram que beber o suficiente para liberar o cérebro á fazer o que quisessem sem inibições, depois algumas pessoas começaram a vir para pedir Cannabis e saírem para fumar em qualquer canto da casa, mais tarde iniciou-se a busca por LSD e diferente do que os irmãos franceses falaram todos aceitaram tomar o doce da boca de um de nós. De repente chega uma moça bonita, alta, de olhos castanhos claro, seis pequenos, cabelos longos e avermelhados. Ela trazia consigo uma sacola da farmácia e disse desolada em francês “que merda”, Paolo que não falava francês, mas entenderá o que ela dissera, replicou em inglês “o que aconteceu, minha querida?”. Então ela iniciou sua história ainda no idioma de francês, que me fez ter que traduzir simultaneamente e mesmo ela percebendo o que eu estava fazendo não mudou de idioma.

\_ Eu estou grávida, ainda por cima grávida de Odélio, aquele pirralho. \_ informou-nos a garota que acabara de chegar.

\_ Como isso é possível?\_ perguntei pasmo.

\_ Nós fizemos sexo em Paris quando ele estava lá e antes de sumir e depois aparecer dizendo que foi parar num manicômio.\_ respondeu ela.

\_ Você tem certeza?\_ perguntou Carolina, a moça balançou a cabeça afirmando que tinha certeza e nos mostrou o teste que acabara de fazer.

\_ É... O que vai fazer agora?\_ eu falei.

\_ Eu não posso ter esse bebê, por isso vou fazer o que toda mulher faz quando está na situação que eu estou. Vou abortar.\_ a moça disse melancólica.

\_ Mas você não acha que Odélio e seus irmãos gostariam de saber essa informação?\_ tentei ser sensato.

Ela saiu antes de responder minha pergunta e como estávamos sentados no sofá, na realidade, estávamos mais para grudados nele que esperamos Odélio ou algum dos irmãos passarem por nós. Foi quando Odélio passou, nós berramos tanto seu nome que ele chegou a se assustar. Informamos á ele o que estava acontecendo e para nossa surpresa ele sentou no chão ao lado de Brian e começou a chorar. Isso chamou atenção dos seus irmãos que estavam do outro lado da sala e que vieram correndo para saber o que estava acontecendo. Quando o irmão caçula se acalmou ele mesmo explicou a situação. Nós achamos melhor deixar ele mesmo falar o que tinha ocorrido.

\_ olha aqui, não fiquem chateados comigo, não, por favor\_ começou ele se desculpando e deixando os irmãos mais ansiosos para saber o motivo dele estar chorando\_, mas Natalie está gravida e eu vou ser, ou não vou ser o pai, porque ela vai abortar.\_ ao terminar voltou a chorar copiosamente.

\_ Desde quando você quer ter um filho, mano?\_ indagou o irmão mais velho e sensato.

\_ Desde quando ele gosta de mulheres? \_ perguntou Carolina curiosa para saber o que nós do grupo ainda discutíamos as vezes que era a sexualidade dos irmãos franceses.

\_ EU SOU BI\_ disse e voltou a chorar intensamente.

Após conseguirmos acalmá-lo, um dos irmãos foi chamar Natalie, a mãe, para participar da discussão, que foi mantida no lugar como se não fosse algo particular. Ao chegar, ela tenta negar toda a situação, porém recebe uma resposta ríspida de Odélio, dizendo que além de termos descrevido a pessoa que passara por aqui, falando estar grávida dele, também era a única pessoa que tivera relação sexual do gênero feminino há tempos. “Então, não poderia ser mais ninguém a não ser você” o concluiu. “olha, bem pra nós, eu tenho quinze anos e você dezessete” argumentou ela e ele a concerta “agora tenho dezoito”. Ela tentar racionalizar novamente “grades merdas, ainda somos bebes para ter um bebe”, mas ele ainda insiste em bater na mesma tecla, dizendo que os irmãos podem ajudar, todavia não a convenceu de nada, por fim ela a fim de finalizar a discussão “O corpo é meu e faço dele o que quiser. Se quiser abortar eu aborto. Ok?”. “Eu sei disso, não sou um ogro qualquer, mas pensa na possibilidade de termos esse filho. Só por um minuto” tentou alegar ele, porém em vão. “Eu sei que não é um ogro, mas tá parecendo que não está me entendendo, eu mão vou passar por uma gravidez para ter um filho com quinze anos de idade. Farei o aborto assim que chegar a Paris e está decidido.” Argumentou dando um ponto final na conversa.

Ela disse isso com tanto veemência que ninguém falou mais nada e o silêncio pairou no ar por alguns minutos, o clima ainda estava muito pesado e o ar raro-efeito, nós do confessionário somente observávamos a cena que se estendia na nossa frente, eu pelo menos estava aliviado por ser homossexual e não ter esse problema e pela expressão dos rostos dos outros colegas nós estávamos todos na mesma situação, aliviados, mas não podíamos dizer nada a respeito. Somente quando eles foram embora, cada um para seu lado, foi que demos um pontapé inicial a uma leve fofoca, o primeiro a fazer fui eu mesmo, admito, eu estava muito surpreso com o ocorrido e até fizemos uns comentários um pouco de péssimo gosto sobre a garota, Julie, contudo nada demais. Nesse clima entra Klaus na festa desesperado a minha procura. Nós criamos certa intimidade e para sermos sincero, um com o outro, nós sabíamos que foi a língua alemã que nos uniu de verdade, apesar de usarmos pouca, pois a maioria das vezes, nós estávamos no meio do grupo, por isso usamos mais o inglês. Ele veio correndo em minha direção a me ver sentado no sofá. Ele tinha um aspecto de sujo, parecia ter ficado preso num lugar sem higiene por muito tempo e o que quer que ele tenha que me falar era privado, pois ele me puxou para o canto, mesmo sabendo que todos podiam ouvir. Iniciou o diálogo em alemão:

\_ Você não vai acreditar o que me aconteceu.\_ exclamou ele surpresa e continuou antes que eu perguntasse\_ três policiais fardados, porém sem identificação alguma, até o carro deles eles riscaram a identificação. Eles estavam no morro provavelmente fazendo uma operação ilegal.

\_ Que tipo de operação\_ perguntou Alessandro de onde se encontrava no sofá, eu tinha esquecido que ele falava alemão.

\_ Tudo bem?\_ Ele disse olhando para e prosseguiu\_ eles estavam lá pra matar o dono do morro, mas antes nos falaram que nos dariam uma surra por estar ali comprando drogas àquela hora da noite. Eu não soube o que fazer, então quando o terceiro e o segundo policial saíram para matar supostamente o traficante, eu dei um soco no policial que ficou, deu tempo de capturar seu radinho e sai correndo. Para falar a pura verdade, só tinha um muro com um buraco que pude me esconder...

\_ Calma respira e me conta isso de forma cronológica.\_ tentei acalma-lo.

 \_ Tá. Eu estou um pouco melhor agora.\_ disse após um longo exercício de respiração e sentar conosco para partilhar sua história no idioma de inglês, mas apesar de tentar pela segunda vez sua narrativa fez só um pouco mais de sentido\_ Olha, pessoal, a coisa foi séria. Nós podíamos ter morrido ou sair de lá muito machucado pelos policiais. Foi assim, eu chegue e avistei dois carros pretos cruzados na rua, tampando a entrada, esse seria o primeiro aviso para sair correndo, como eu não tinha conhecimento algum entrei e quando entrei os policiais me puxaram pelo colarinho para literalmente me jogar no chão colocado com a parede, enquanto isto com a mão livre ele me socava com um marrete\_ Klaus mostrou as manchas rochas\_ Entretanto, meu medo não foi o suficiente para me fazer submisso a eles, por isso eu calculei friamente qual daqueles policiais eu conseguiria derrotar. Para minha sorte quando eles foram matar supostamente o dono do morro deixaram para nos vigiar o policial que eu achava o mais “fraco”. Dai quando ele veio próximo de nós, eu usei meu cotovelo, porque estava algemando, e acertei bem no nariz do policial, antes que ele pudesse reagir eu peguei a chave e o radinho dele para chamar ajuda. Não sei como, foi muito rápido.

\_ Afinal eles mataram o traficante ou não?\_ Perguntou Teodoro.

\_ Eu ouvi os tiros, mas não sei se realmente o mataram e não ficaria lá para saber o final da história. Enfim, a história não termina muito boa para mim, porque tinham dois muros longos, um deles era onde nós estávamos algemados e no outro havia um buraco mediano que dava para eu passar, e esse buraco levava a uma mata que parecia ser infinita, pois eu a rodava, o que me pareciam dias e realmente eu fiquei ali por um dia inteiro provavelmente. Ah o radinho estava desligado ou estragado, sei lá qual dos dois e foi isso que aconteceu.

\_ O que quer primeiro?\_ ofereci ao nosso convidado, todavia nem precisei dar as opções.

\_ Cannabis depois eu quero pizza!!!!\_ falou com a autoridade de alguém que acabou de merecê-la por contar sua história.

Capítulo cinco:

Klaus novamente ficou hospedado nossa casa e tanto na primeira vez que foi no momento que saímos da Rave do carnaval de dois mil e quatro, como agora ele dividira conosco qualquer coisa seja alimento, bebida ou drogas. Era o mínimo, contudo não precisava ser obrigatório, apesar de ele achar que seja sim uma gentiliza dividir os gastos da casa enquanto ele estava dormindo lá. Bem, ele ficou no nosso lar por exatamente dois anos e nenhum de nós NUNCA reclamou da sua presença, nem para ele nem entre nós. Ele dormia no sótão que era o único local vazio da casa, pois até o sofá estava sendo ocupado por Alessandro que não estava mais aquentando seus colegas da república que morava com ele. Ele reclamava que as pessoas da sua república comiam a comida alheia sem a repor.

Como o sótão não tinha nada e Klaus iria dormir lá, aos poucos ele foi transformado o lugar completamente vazio num quarto descente que após tê-lo desocupado meu namorado, Alessandro, foi morar nele, mas isso aconteceu depois de dois anos, voltemos à época atual. Era dezembro de dois mil e quatro e nosso novo namorado já era mais um residente de nossa humilde casa, não digo isso com pesar, já que Carlos e eu gostávamos de sua companhia. Nossa alcateia iria cear mais um natal e Klaus participaria pela primeira vez de uma festividade do grupo que não fosse uma festa, porém o que seria um dia alegre no nosso lar tornou-se um dia de muito medo para mim e para todos os presentes, porque no dia trinta de Dezembro eu acordei completamente amarelado, com febre alta, dor de cabeça, uma dor excruciante nas panturrilhas e uma náusea irritante. Visto que eu não queria ir ao hospital permaneci no quarto isolado, pois meus companheiros achavam erroneamente que era uma doença contagiosa.

Era mais um dia em que meus dois namorados e eu estávamos tomando nosso café da manhã sozinho na cozinha. Eu já estava me sentindo um pouco melhor e a minha aparência de amarelada voltou ao estado comum, na realidade, a doença somente tinha entrado em remissão, todavia eu não sabia disso. Como estava dizendo estávamos á só tomando nosso desjejum, mas não por muito tempo, porque chegaram Paolo, Lucas e Teodoro. Foi mais um café da manhã “socrático”, com muita filosofia e reflexões profundas que provavelmente você se beneficiará dela, por isso, irei explicar melhor e detalhar a conversa que foi inteiramente sobre liberdade.

 Dessa vez, foi Lucas que abriu a conversa, de modo indignado:

\_ Já estou de saco cheio de trabalhar!!! E tenho mais a dizer: eu não sou nada livre ou independente trabalhando, se for possível, o trabalho me torna cada vez mais dependente do Capital que me torna mais dependente do trabalho e assim transformando-se num ciclo vicioso.

\_ Não tinha refletido ainda nesse ciclo.\_ indaguei curioso, pensando nisto com mais cautela.

\_ Parece-me uma coisa obvia\_ disse Alessandro\_ Todavia, nunca seremos livres completamente se ainda vivermos no mundo capitalista.

\_ O que é ser livre?\_ perguntou Teodoro, mas antes que nós o respondêssemos, ele argumentou\_ Antes de responder tal pergunta filosófica, precisamos de Cannabis e um doce para cada um, não é mesmo moçada?

Após tomarmos com café, o doce, e enquanto fumávamos um Beck na sala, chegou para adicionar a conversa, Brian e Carolina, Teodoro esperou alguns minutos e comentou:

\_Bem, agora que estamos abastecidos, podemos responder o que é liberdade?

\_ Ah é essa simples. Existe o conceito de liberdade que é: o direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade, desde que não prejudique outra pessoa; contudo a mesma pode ser contestada por causa do sistema no qual vivemos, por exemplo, para Bakunin liberdade e igualdade tinha uma correlação, na mesma linha de pensamento Sá Carneiro cita “O valor essencial da liberdade sem a igualdade torna-se aristocrático privilégio de uns quantos”; ainda numa linha mais filosófica José Martín diz “A liberdade custa muito caro e temos ou de nos resignarmos a viver sem ela ou de nos decidirmos a pagar o preço”. Sem mais delongas, eu sim estou dizendo que para mim a liberdade está sim relacionada ao regime vigente que nos oprimi tanto que nos tira por completo a liberdade.\_ discursei eu.

\_ Se sabe disso, por que estranhou a fala de Lucas? \_ Perguntou Alessandro.

\_ Nem eu sei para ser sincero.\_ Indaguei sem realmente saber o que acontecera. Já era a doença se manifestando na minha cognição\_ Enfim, hoje entendemos que não conseguiremos ser totalmente livres, por isso, temos empregos e etc., Lucas, pode ser enfadonho, todavia precisamos dele para sobreviver.

Não pude mais falar por ter começado a tossir compulsivamente, foi tão intenso que vomitei muito. Em poucos segundos, meus olhos começaram a doer tanto que pedi para que apagassem as luzes, em seguida as dores musculares voltaram com grande força e meu corpo tremia com um frio que me senti no inverno europeu. Não tinha mais como adiar minha ida ao hospital mais próximo. Chamaram uma ambulância e fui parar no hospital chamado Hospital das clínicas que ainda é um hospital universitário. Essa seria a primeira de muitas viagens á hospitais públicos de Vitória. Já no hospital eu esperei por algum tempo que não posso determinar com exatidão por causa do meu estado. Eu cheguei a vomitar duas vezes no corredor onde esperava para somente depois disto ser atendido com mais pressa por um universitário cheirando a leite, ele estava acompanhado de um professor que ao ouvir meu status de soro positivo prontamente tomou frente da consulta. Após tirar sangue a fim de fazer alguns testes para confirmar as suas suspeitas, ele me levou á uma salinha que os pacientes tomavam medicamento. Eu fiquei ali por um longo tempo até o médico vir falar comigo. “Olha bem, garoto, minhas suspeitas foram confirmadas, você está com leptospirose” disse o médico firmemente.

Não sei se aquilo foi uma sentença de morte ou apenas um sonho, eu não conseguia discernir, mas o médico me tranquilizou, explicando tudo que ele podia sobre a doença e me informou que no meu caso a doença não tinha causado nenhuma consequência grave até aquele instante, apesar de que, tinha um resultado que estava preocupando o médico e poderia ser algo sério, era bom demais para ser verdade. Ele não me contou o que era, todavia disse que faríamos outra bateria de exames de sangue e depois de uma longa espera, o médico confirmou que eu tinha uma insuficiência renal aguda. Eu fui duramente nocauteado por uma nova realidade que não sabia como eu iria me adaptar á ela. Fui informado que tinha mais coisa a vir pela frente: eu faria para o resto de minha vida ou até conseguir um novo rim hemodiálise e para isso acontecer teria que passar por uma cirurgia, na qual eles colocariam em mim uma fistula que serviria como canal para fazer a hemodiálise. Devido a tal procedimento cirúrgico além dos cuidados higiênicos eu não poderia carregar peso algum na mão que ficaria a fistula. Sim, tudo isso era demais para mim e foi o suficiente para eu me sentir desgastado física e mentalmente, precisava de um momento a sós, então antes de ser transferido pedi de modo educado que todos se retirassem. Quando pensei que estava só na minúscula sala de medicamento, ouvi uma voz que me contou um pouco da sua história de vida.

\_ Tu sabes, Garoto, que olhando bem pra ti, eu vejo a mim mesmo vinte anos atrás!\_ antes que eu pedisse silêncio ele adicionou\_ Eu sei como está se sentido nesse exato momento. Eu também sou portador do vírus HIV e como tu, eu tive insuficiência renal, por outro motivo que não vem ao caso. Eu ouço muito bem, garoto!\_ ele insistia em me chamar de garoto e aquilo me incomodou um pouco\_ É! Eu sei perfeitamente que tu cometerás o mesmo erro que eu. Mas espero que com esta história que te contarei tu percebas umas coisas. E agora, garoto, vou te dar a oportunidade de escolher entre o silêncio ou minha história.

 \_Bem, vamos passar um bom tempo nesta salinha, não é mesmo?\_ Eu indaguei\_ Então desembuche logo essa história.

\_ ´É assim mesmo, garoto, os jovens sempre acham que são invencíveis e nós, os velhos, temos apenas uma única certeza que é “nada e ninguém, além de Deus é para sempre”. Isso é uma citação direta da minha falecida mãe. É, garoto, um dia eu fui jovem e um dia eu também ignorei as regras sociais. Acha que adquiri HIV como?\_ Uma enfermeira chegou perto de mim e me informou que demoraria mais de uma hora para minha transferência, o que sem perceber respondi com um sorriso\_ Como estava dizendo, garoto, eu vivi nos anos oitenta e se for contar tudo que passei nessa vida, vamos ter que ficar muito tempo papeando e acho que não temos todo esse tempo do mundo, nem tu nem eu. Estudei na faculdade federal de minha cidade o curso de ciências sociais no final da ditadura, lutei nas ruas pelos meus ideais, usei todo tipo de drogas, da erva as drogas sintéticas em festas que hoje chamam de Rave. Fui um libertino e aposto que tu também vias o mundo colorido, fora da caixinha e não um mundo preto e branco, cheio de dualidades, regras e etc...

\_ E me deixa adivinhar! A doença foi à benção que abriu seus olhos para o mundo real e menos utópico?\_ disse eu com um tom sarcástico.

\_ Tu és engraçado, garoto.\_ ele riu entre tosse\_ O HIV não abre olho de ninguém, garoto, no máximo faz com que sintamos injustiçado, com ódio e muitos outros sentimentos ruins, porém um amigo que hoje tu chamarias de amigos colorido me falou que “Todo tipo de doença é uma forma de seu corpo te informar que não aquenta mais”. Tu sabes de uma coisa, garoto, eu tenho que concordar com ele, apesar de ter morrido na segunda onda do HIV com leptospirose também.

\_Você tá me enrolando! Eu gostaria de saber como de revolucionário foi para reacionário?\_ perguntei curioso.

\_ É simples, a idade. Ela me ensinou inúmeras coisas que posso citá-las uma a uma, porém ficaríamos aqui muito tempo para fazer tal tarefa. Devo resumir o que ela me ensinou, não achas, garoto? Então, aí vai um resumo do que a idade me ensinou, em poucas palavras posso ti dizer que ela me ensinou a ter resignação.

\_ Como assim? \_ indaguei curioso.

\_ Tu prestes muita atenção no que vou ti contar agora, garoto, na doença existem fases e a aceitação é a última delas. Eu, na realidade, leio essa última fase diferente, eu a vejo como a fase da resignação.\_ E antes que eu questionasse a razão para ele estar me contando aquilo, ele adicionou\_ Você vai entender onde quero chegar com isso tudo. O importante é que tire proveito dos conteúdos dos meus discursos. Ora, se aprendi resignação por causa da doença, então foi à doença que me ensinou a ter resignação? Respondo-te prontamente que quem me ensinou foi o tempo, ou seja, a idade, pois não chegaria a ser quem sou hoje se não fosse à caminhada como um todo por todas as fases. Não sei se estou me fazendo entender. Eu estou me fazendo entender, garoto?

\_ Deixa-me ver se entendi! A doença faz parte da sua vida, por isso, ela fez com que passasse por várias fases que são elas: a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Por meio deste caminho aprendeu a resignação. Corrija-me se estiver errado.

\_ Tu tá certíssimo, garoto, partindo dessa premissa a doença foi uma facilitadora e não quem efetivamente me ensinou alguma coisa.

\_ Gostaria de ver desse modo.\_ falei um pouco tristonho.

\_ Baby! Baby!\_ Entram Carlos e Alessandro gritando de empolgação\_ Nós conseguimos convencer os médicos do hospital que vai ficar que nós éramos suas únicas opções de acompanhantes.

\_ E isso significa que vamos ficar com você durante sua estada no hospital.

\_ Falem baixo, pessoa!

\_ Porque se somos os únicos aqui!\_ Avisou Alessandro.

\_Claro!\_ Tentei fingir que eu sabia daquela informação e continuei para disfarçar\_ muito bom saber que teria a companhia de duas pessoas muito querida por mim. Espero poder ter um papel e um lápis também.

\_ Não sabe ficar sem desenhar, não é mesmo, garoto?

Ouvi novamente a voz do amigo velho, contudo tentei ignorar. Quando olhei de onde vinha à voz, eu vi um velho que tinha dialogado comigo até aquele instante. Ele era magérrimo, ele estava sentado numa cadeira de ferro simples tomando somente soro na veia, em frente a um ventilador, sua pele era cheia de feridas, tinha cabelos liso, olhos escuros, ele parecia com o personagem do filme “holding the man”, acho que ele não tinha nome, contudo era o personagem que foi entrevistado e também sofria de leptospirose. Eu tinha que ser realista, se tivesse realmente sozinho como me disseram que estávamos isso significava que esse velho era apenas fruto da minha doença, pelos menos era o que achava, pois os médicos não mencionaram nada de alucinações. Eu não queria alarmar os meus namorados ainda , por isso não disse nada e quando me perguntaram o que eu estava olhando, falei “nada”. Quando o enfermeiro chegou para me levar, perguntei discretamente se estávamos sozinhos naquela sala minúscula, ele somente afirmou com a cabeça, todavia eu ainda podia ver aquela pessoa magérrima em frente ao ventilador e de pele comidas por muitas feridas.

Achei aquilo estranho, então ao chegar ao Hospital Santa Casa da Vitoria, perguntei para o médico se eu poderia ter alucinações, ele disse ser comum em pacientes com leptospirose e indagou o motivo da pergunta. Eu me senti na obrigação de contá-lo o que tinha corrido e então, foram feitas uma bateria de exames no meu cérebro para ver se tinha alguma lesão nele. Para minha sorte o médico o médico foi muito discreto, esperou eu estar sozinho no quarto para me informar que minhas alucinações não tinham nenhuma ligação com meu cérebro, estas aconteceram por causa da febre muito alta. Todavia, disse também que se eu tivesse alguma desses sintomas era para comunicá-lo imediatamente. Eu sabia que ele tinha mais o que fazer, contudo pedi para que ficasse mais um tempo até meus namorados voltarem, pois não gostava de hospital. Não demorou muito e o médico ficou um pouco desconcertado e acabou ficando comigo em silêncio.

Quando os dois chegaram perguntaram por que o médico estava ali, respondi que me fazia companhia, o que não deixa de ser uma verdade. Eles não se importaram muito com aquilo, pois traziam coisas para eu fazer enquanto estivesse internado. Eles carregavam uma mochila cheia e aos poucos para fazer um suspense, de sempre, iam tirando dela minhas roupas e dois cadernos de capa dura para desenho novinho em folha, além de vários tipos de lápis, sendo eles lápis H, HB, B e 2B. Falaram que tinham juntado um dinheiro com intuito de comprá-los. Esbanjei um longo sorriso e os lembrei de que não era necessário, porque eu tinha meu caderno velho e alguns lápis já usados, mas eles fizeram questão de que eu tivesse um material descente para trabalhar.

Eu olhava sem querer ver nada específico através do vidro fosco da janela do hospital e pensava comigo mesmo: “eu com apenas dezoito aninhos fiz coisas que muitas pessoas não têm coragem de fazer e eu sei disto pelo único fato de ter conhecido várias pessoas que ao ouvirem minha história elas não somente sentiam pena de mim, o que eu ignorava tal sentimento, mas também sentiam orgulho de eu ter passado por cima do patriarcado e seguido em frente”. Nesse momento tentei encher meu ego a fim de me fortalecer perante a doença, mas uma rajada de raiva tomou conta do meu peito e senão me controlasse quebraria tudo que visse pela frente. Respirei fundo e fui descontar minha ira no caderno de desenho. Chegara Alessandro sozinho no momento em que eu estava desenhando freneticamente, eu estava tão concentrado e excitado que não percebi sua presença, ele, por sua vez, percebendo meu estado eufórico sentou no sofá mudo, abriu um livro de Gombrich cujo título era “simbolismo na arte” e esperou ser notado. Levou uma hora para eu perceber sua presença, desculpe-me por estar tão absorto na arte de desenhar, “Tudo bem, muitos artistas entram nesse loop criativo” explicou-me ele calmamente. Em seguida me perguntou como eu tinha entrado no tal loop criativo, o que levou a conversa para um lado triste, todavia não podia esconder meus sentimentos por muito tempo então falei:

\_ Sabe, a vida é cheia de curvas. E nesse pouco tempo que estou nesse hospital, confinado, por assim dizer. Não me entenda mal, porque talvez eu precisasse estar preso em algum lugar para ter tempo de refletir.

\_Não estou gostando nada disso\_ reclamou Alessandro.

\_ Calma! Pois tal discurso está longe de ser um término.\_ Disse sorrindo\_ Bem, como estava dizendo, esses dois d ias no hospital me fizeram pensar muito na minha vida e na fé que nós temos na ciência. Isto é, se a ciência que avança cada dia mais pode trazer uma cura para essa doença infernal, então porque eu, um libertino nato, deixaria de viver minha vida? Por que logo eu passaria a aceitar as regras impostas por um Capital imundo e cheias de preconceitos? Por que logo eu devo mergulhar no patriarcado sem acha-lo repugnante em suas ações e pensamentos?

\_ Terminou, meu querido?\_ falou Alessandro\_ Não quero desmerecer seu belo discurso, todavia, pelo que eu observei até o momento você rapidamente passou por duas fases, sendo elas a raiva, que de modo esplendido a transformou em arte, e agora pela fase da barganha, ou seja, utiliza-se da nossa fé pela ciência para assim não somente continuar, mas também justificar nosso estilo devasso de vida.

\_Discursas tu, portanto,\_ comecei imitando o amigo velho\_ que terei que me alinhar á pessoas como meus pais?

\_ Meu querido, Mateus, desculpe-me dizer tal coisa, mas, está hiperbolizando a situação na qual se encontra...

\_EU?\_ interrompi-o frustrado\_, MAS NÃO É VOCÊ QUE ESTÁ NESSA SITUAÇÃO, PELO CONTRÁRIO SUA VIDA SEGUE NORMALMENTE, SEM ALTERAÇÃO ALGUMA.\_ Berrei tão alto que os enfermeiros vieram ver o que estava acontecendo.

Por entender que eu estava passando novamente pelo segundo estágio, raiva, por isso tudo o que eu disse não era para ser levado para lado pessoal, meu namorado não acrescentou mais nada á conversa, simplesmente voltou a ler seu livro. Aquilo me deixou com mais raiva ainda, pois queria uma reação dele e como não a consegui, comecei a andar de um lado para o outro, arrastando o metal que dava suporte ao medicamento que estava tomando, após alguns minutos, quando compreendi meus atos, pedi desculpas á ele e aos enfermeiros que ainda estavam á porta. Voltei para cama como os enfermeiros queriam e fiquei mudo o resto do dia. Não tinha vontade de comer, desenhar ou fazer qualquer outra coisa senão dormir. Parece que estava entrando no estágio da depressão.

Foram longos dias de internação, provavelmente o resto de dezembro todo, o que pra mim significa um período extenso de confinação. Passei as duas semanas dando muito trabalho para os enfermeiros, meus namorados e os médicos, porque passei esse tempo inteiro numa depressão profunda. Não sei ainda como funciona para pacientes graves, irei descobri isso ao começar a fazer hemodiálise, pois lá conhecerei outros doentes e farei a eles essa pergunta “como foi para você às fases de aceitação da doença?”, para mim do jeito que podem perceber, eu oscilei entre a raiva e barganha, porém cai rapidamente na depressão e nesta fiquei por um bom tempo, mas tudo mudou quando fui para nossa casa. Chegando á nossa casa a alcateia tinha preparado uma surpresa para mim. Por sinal, um jeito bem americano, com cartazes, balões, bolo que fiquei sabendo depois de comer que era feito com Cannabis e muito mais. Colocaram uma música de mixagem de vários artistas do mundo pop numa altura considerável e fomos todos para sala gastar o efeito que é triplicado quando se ingere o Cannabis. Eu estava muito feliz de estar de volta, pode-se dizer até aliviado, apesar de que durante a festinha meus namorados estavam com os dois olhos em mim, vigiando cada passo que eu desse. Eu sabia que eles o faziam com intuito de me proteger de mim mesmo, ou seja, dos meus impulsos mais “sórdidos”.

Contudo, eles não tiveram êxito na sua tarefa de regular minha ações “heréticas”, porque, primeiro, eu esperei com toda paciência do mundo que Lucas fosse ao banheiro a fim de correr atrás dele e conseguir um doce que ele sempre carregava na sua jaqueta fina e posso acrescentar que não foi nada complicado obter o doce; em segundo lugar, dessa vez foi mais trabalhoso, a atividade era ganhar território e chegar à cozinha sem ser visto, por isso pedi Victor que distraísse meus namorados, o que ele aceitou prontamente o tralho. Antes de tudo, eu posso lhe afirmar com toda certeza de que eu estava me divertindo, pois aquela “brincadeira” tinha tirado toda a atenção da doença. Já na cozinha, peguei uma garrafa de vodca e me escondi no quarto, contudo, não no meu quarto, porque seria obvio demais. Mas em pouco tempo os meus namorados me acharam, eu estava deitado na cama, olhando fixamente para o teto e abraçado à garrafa de vodca. Para meu espanto, eles não gritaram comigo ou fizeram um discurso moralista, eles apenas se deitaram na cama cada um de um lado, seguraram firme minha mão, deram um gole longo na vodca e ficamos ali, observando sem enxergar o teto. Aquilo para mim tinha um significado muito grande, pois o silêncio e o gesto carinhoso falavam mais alto do que qualquer discurso amoroso. Eles diziam sem uma palavra saírem das suas bocas que eles estavam comigo e me amavam não importava a circunstância. Aquele silêncio, todavia, também tinha um peso, pois abria para um diálogo vasto sobre como seguiríamos nossas vidas comigo doente. E foi Carlos que quebrou o silêncio.

\_Então, tivemos duas semanas para falarmos do elefante na sala (original: elephant in the room) e por razões obvias como a raiva excessiva ou a depressão profunda de Mateus e não estou usando aqui como razões sem conotações ou qualificações alguma, porém nos impediu de iniciarmos tal discussão...

\_ Talvez agora não seja o momento para falarmos disso já que nosso querido e amado Mateus está mais alto que uma pipa (original: higher than a kite).\_ virou-se para mim e perguntou\_ Você está sob o efeito de qual droga, além do Cannabis que todos ingerimos?

\_Eu consegui um LSD com Lucas e bebi um pouco de vodca, mas estou em perfeito estado de elaborar qualquer questão que vocês achem adequado\_ e acrescentei\_ Não é porque estou doente e drogado que não possa fazer isto.

\_ Nenhum de nós disse isso\_ Carlos tentou acobertar a fala de Alessandro\_ e além do mais está ficando tarde, poderíamos discutir isso amanhã no desjejum.

Concordamos de fazer o nosso habitual café da manhã “socrático”, todavia desta vez seria mais, uma DR com tons filosóficos sobre a vida e a doença. Enfim, dormimos naquela cama mesmo, estávamos tão ébrios e alterados de entorpecentes variados que pensamos que estivéssemos no nosso quarto e o dono dele pareceu ter se importando muito de termos apagado em seu quarto. Acordamos cedo com o sol nascendo e fomos fazer nosso desjejum, estávamos sozinhos em casa, porque todos foram trabalhar ou estudar. Dirigimo-nos a cozinha sem trocarmos uma palavra e continuamos assim por um bom tempo até que Carlos começar seu discurso:

 \_ Bem, como combinamos ontem iremos discutir o futuro de nossa relação e espero que este não seja o fim dela. ­\_ riu ele sozinho de sua piada\_ Para começar eu quero deixar claro, mas bem claro que eu não vou a lugar algum e\_ ao falar as próximas palavras, ajoelhou-se e pegou em minha mão\_ Eu prometo estar contigo na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, riqueza, que acho muito difícil, e na pobreza, amo-te e sendo-te fiel, na medida do possível, em todos os dias da minha vida, até que a morte nos separe. ­

E subitamente tirou um anel de ouro do bolso e colocou na minha mão esquerda. Nesse momento eu já estava em prantos, olhei para Alessandro e ele também chorava copiosamente, contudo suas lágrimas aumentaram ainda mais quando Carlos ajoelhou novamente e lhe entregou também um anel de ouro, dizendo “Foda-se o que a sociedade pensa, pois agora nós estamos unidos por meio desses anéis e esse simbolismo vai além de meras promessas. Posso garantir-lhes.”. Alessandro, numa tentativa de ser engraçado e cobrir as lágrimas de felicidade, indagou “quero festa de casamento. Vai ser a primeira festa de um casamento tripulo na história.” Rimos juntos daquilo, todavia não durou muito tempo já que tínhamos de continuar a conversa de origem.

\_ Como estava dizendo antes de mim mesmo me interromper\_ riu Carlos novamente de sua própria piada\_ O que eu quero dizer mesmo? Esse papo de casamento me deixou emotivo demais. Ah sim! Eu gostaria de frisar que devido à enfermidade de meu esposo, (é muito bom falar esposo), nós três deveríamos rever alguns conceitos básicos. E entendam que estou me referindo somente à insuficiência renal, deixo de lado o HIV e a leptospirose, porque para pontuar o que desejo um exemplo só será o suficiente.

\_ Lavamos nós\_ disse.

\_ Sim, lá vamos nós.\_ afirmou Carlos com um sorriso no rosto\_ Gostaria de dizer de antemão que não possamos ser os libertinos que sempre fomos. E não me olha com essa cara Ale, você sempre negou sou viés anárquico e libertino, mesmo tendo ideias muito próximas a ambos os conceitos.\_ após Alessandro rir alto da colocação de Carlos, ele continuou\_ O negócio é o seguinte. Temos uma visão de vida parecida e isso facilita nosso convívio e devido à doença em questão esses conceitos barra ideias terão que mudar.

\_ Anda logo e diz o que quer dizer \_ falou Alessandro impaciente e antes que Carlos pudesse continuar, ele acrescentou\_ Todos nós sabemos quais conceitos está se referindo. Por exemplo, o clássico conceito de bem e mal\_ Carlos balançou a cabeça para Alessandro continuar\_ não é preciso dizer que vemos tal dualidade como controle social e etc. e como conceituamos a dualidade em questão de modo diferenciado da maioria das pessoas, o uso de drogas, por exemplo, ou o casamento entre três pessoas não são vistos como maus por nó como para eles\_ dessa vez ele não riu sozinho de sua piada\_ ora, o que quero dizer com isso tudo e qual a relação com a doença? A resposta é simples, porque nosso esposo (realmente é muito bom falar esposo) está com insuficiência renal, ou seja, nesta situação quem indica, ou melhor, conceitua o que é bem e mal não somos mais nós...

\_ Esse papo me deu cede\_ fui até a geladeira abri um latão de cerveja e o tomei num só gole\_ o que foi?\_ disse percebendo a cara de espanto dos meus maridos\_ Ora, se eu entendi bem seu discurso é a doença quem dita o que eu devo ou não fazer? *Je ne l'ai* ma amour! Nimals, meine liebe! aldri min kjærlighet! Never, my love! E finalmente me português Nunca, meus amores.

\_ Exibido!\_ rimos todos da piada que ambos meus maridos fizeram ao mesmo tempo.

\_ Enfim, nós veremos com o decorrer do tempo se eu não consigo te convencer! Os deuses me deram o dom do convencimento e o usarei com todas minhas forças no intuito de fazer com que meu esposo deixe de usar drogas e beber álcool até cair. Senão não me chama Carlos.

\_ Zeus agora deve estar rindo de você, meu querido esposo.\_ disse gozando o seu discurso.

PARTE TRÊS: RESIGNIÇÃO

Capítulo um:

Então, estávamos eu e meus novos maridos na cozinha tomando café da manhã. Ao terminar nossa conversa, fomos para sala fumar Cannabis e ouvir música. Eu estava ansiosíssimo para mostrar meu anel para toda a alcateia. Infelizmente éramos os únicos em casa, porque Carlos e Alessandro tiraram uns dias do trabalho e faculdade para cuidar de mim. Parecia que eu não era o único ansioso, porque quando todos estavam em casa e Carlos esperou que todos chegassem pacientemente, ele berrou “tenho novidades muito importante, então parem tudo que estão fazendo para vir à sala, por favor.” Ao conseguir reunir o grupo começou seu discurso:

\_ O amor é uma coisa muito inesperada. Quem diria que me apaixonaria, ou melhor, amaria alguém como Mateus Bürgen. Não que tenha algo de errado com ele, na verdade, me apaixonei pelo seu cérebro encantador em primeiro lugar, depois pelo seu jeito, terminando pela sua aparência belíssima. Em seguida, me apaixonei por outro cérebro magnifico, o de Ale, e pela sua caricia e por tudo que ele representa para nós dois. Dito isso, ocorreu um fato interessante na cozinha hoje e gostaria de compartilhar com vocês.

\_ Posso?\_ disse ansioso\_ ESTAMOS CASADOS!!!!!!!!!!!\_ Gritei mostrando as alianças.

Todos nos parabenizaram, e como todo era motivo de festa, combinamos uma festa grande de comemoração ao casamento com bolo característico a festividade, álcool, drogas e música da nossa escolha. Dessa vez Carolina iria chamar seus clientes, além de Pellegrini, que estava no dia, iria chamar um pessoal dele. Teria também uma cerimônia de casamento na qual Victor, simbolicamente, nos casaria, faria um discurso e tudo certinho. Eu não via o motivo daquela formalidade, mas era o que Alessandro queria. Ficou combinado que eu entraria com Carolina e ambos ficariam me esperando para me receber no “altar”. Paolo ficaria responsável em tocar no violão durante minha entrada.

Eu não sei se você conhece a letra da música “I will surive”, porém quando vi Lucas novamente, essa canção passou pela minha mente. Principalmente na parte que ela diz “vá agora, saia pela porta. Apenas vire-se agora, pois você não é mais bem-vindo”. Aconteceu em janeiro de dois mil e seis, dois dias antes de meu casamento, eu o encontrei numa cafeteria no bairro nobre cujo nome é Jardim Camburi, estava sentado no momento em que ele entrou no local. Tentei não fazer nenhum movimento brusco para ele não me ver, mas foi em vão, pois além de me ver, ele se sentou á minha mesa sem ser permitido. Ao ver meu anel de ouro perguntou:

\_ Está casado, agora?

\_ Com dois homens maravilhosos e muito mais homem que você já foi.

Antes de ele me responder levantei-me. Contudo ele não achou que fosse o suficiente e foi atrás de mim. Falou que estava muito arrependido de não ter me acompanhado mais, todavia tinha compromisso com seus pais e com a sociedade de cursar uma faculdade e conseguir um emprego. Ouvia apenas desculpas. Ele explicou que achou ter capacidade e força para seguir a vida como eu queria. Interrompi-o dizendo que não o tinha forçado a nada, o que ele respondeu que eu tinha o pressionado sim a usar drogas, por exemplo. Ri na cara dele por achar tal coisa e inventei que estava com pressa para pegar o bolo de casamento. Sai dali correndo, sem olhar para trás, não aguentava mais ouvir mentiras sobre minha pessoa. Ele não conseguiria estragar minha semana que estava sendo perfeita e para completar eu me casaria na sexta anoite.

Realmente a semana foi mágica, apesar de eu ter me enfurnado dentro do quarto, lendo ou desenhando com intervalo somente para nosso primeiro sexo a três. Tudo começou com uma reclamação de Carlos e ele tinha razão estava muito tempo concentrado nas minhas atividades, portanto não dava atenção que eles dois mereciam. “tenho uma ideia de uma atividade que podemos fazer juntos” disse eu num tom astucioso “sente-se aqui cada um do meu lado” adicionei. Ao sentarem, dei um beijo quente na boca de cada um deles, minha mão esquerda acariciava a virilha de um e a mão direita a do outro. Abri espaço para que ambos se beijassem e aquilo me excitou bastante. Tirei a camisa de um, depois a do outro, deitamos na cama e como eu que estava no meio subi no corpo de Alessandro, Carlos chegou mais próximo e demos um beijo tripulo. Eu conseguia sentir o falo ereto de Ale, nós o chamávamos assim, então com minha mão esquerda apalpei seu falo com uma intensidade e Carlos fez o mesmo. A mão de Ale foi parar a virilha de Carlos que desabotoou sua jeans, deixando livre para a mão de Ale entrar em sua cueca. Tirei minha jeans, Carlos repetiu minha ação. Eu ainda estava sobre Ale somente de cueca. Ele aproveitou a situação para sentir mais de perto meu falo ereto e de Carlos também. No momento que pulei para cima do corpo de Carlos e comecei a beijá-lo freneticamente, Ale tirou minha cueca e com ajuda conseguiu tirar a do Carlos também. Fiz uma longa felação em quem estava em cima, enquanto fazia Ale acariciava meus cabelos gentilmente, após isto eu e Carlos colocamos Ale no meio, tiramos sua roupa e fizemos em conjunto uma felação nele até ele gozar. Carlos colocou a camisinha e me penetrou com veemência, com isso gozamos ambos.

Após exaustiva relação amorosa, fumamos calados um Cannabis e alguns cigarros. Não precisava ser mencionado quão bom fora, porque estava estampado na nossa cara de felicidade e alívio. Carlos, olhando para o Beck em sua mão, fala, quebrando o silêncio, “você sabe que o Cannabis faz com que seus rins produzam mais que o normal para absorver todo o THC”. Essa era sua primeira tentativa de me fazer para com as drogas, mas como disse não será uma tarefa fácil. “Tá, e ai?” disse de um modo abusado. “e ai que seu corpo está ditando regras e se não acompanha-las eu vou acabar, ou melhor, nós vamos acabar por te perder” exclamou ele emotivo. “Nós todos perderemos um ao outro, faz parte da vida e a morte é inevitável, por tanto, vou vive-la o mais intenso possível para depois quando passar a minha vida em meus olhos eu não me arrepender de nada” disse terminando o assunto e me levantado.

Na quinta feira daquela semana especial, já que eu era o melhor dos três em escolher roupa, levei meus maridos para as compras. Eles odiaram a ideia, mas depois de eu argumentar: “Eu não me casarei com uma pessoa vestida de camisa indiana ou de bandas aleatórias, sandálias masculinas iguais à de Jesus e jeans surrada, porque me parece que são essas as roupas que Ale possui”. Carlos riu de cair no chão e rolar quando ele finalizou acrescentei: “Acho engraçado que a pessoa que vive com um Crocs e apenas um tênis, que têm mais furos que uma peneira e bastante sujo, que essa mesma pessoa veste unicamente camisas lisa, shortinho curtíssimos e barra ou jeans também surrada, está rindo.” Agora quem ria era Ale. Percebe que essa tarefa foi árdua, todavia consegui conclui-la. Comprei na loja chamada “Cia do terno” os ternos nos quais nos casaríamos e aproveitei para comprar no brechó roupas de frio para lua de mel, você vai entender logo o motivo. A razão de ir á uma loja chique e gastar um dinheiro que não podíamos, foi porque era nosso casamento e eu achava que deveríamos nos portar da melhor forma, isso incluía o uso de um terno. Lembra-se de que fiz vários desenhos na fase de raiva no hospital, então, vendi a metade deles porque precisava de dinheiro imediato e com meu patrão somente veria a cor do dinheiro depois de uma exposição. A outra metade eu guardei para fazer uma futura exibição da minha arte, talvez eu quisesse imitar Cazuza no último show da sua carreira, por isso guardei a metade dos desenhos. Eu comprei ternos de acordo com os gostos de meus maridos, ou seja, casual, mas sofisticado. Para Carlos comprei um blazer cinza claro que intencionalmente ficou justo e curto suficiente nas mangas, o que soava casual, moderno e ao pontuar isto ele adorou seu novo blazer, com o propósito de continuar o look no mesmo tom descrito a cima, ele usará por baixo do blazer uma camisa social fina e com uma estampa que pareciam pequenas manchas, e para finalizar ele vestirá uma jeans justa, nova e apropriada para trajar com terno ou blazer. Já Alessandro, por gostar de cores, casará vestindo um blazer azul bem claro, calças da mesma cor e uma camisa social fina e lisa da cor vermelho escuro. Eu adorei minhas escolhas, pessoalmente eu sempre tive um dom para moda, porém nunca o usei como naquele momento, na realidade, o mais importante é que os dois também amaram as suas roupas novas, falaram até em usá-las no jantar romântico que planejamos na lua-de-mel.

Demorou, mas chegou sexta-feira. Era de manhã e durante o desjejum estavam todos reunidos em volta da mesa conversando trivialidades da vida, foi quando os irmãos franceses pediram a atenção de todos e iniciaram dizendo: “Não vamos aguentar até a noite para dar este presente para nossos queridos amigos que vão se casar hoje. Espero que gostem“. O regalo era um envelope e nele tinham dois mil euros e uma passagem para três com destino á Irlanda do Sul, Dublin, por uma semana. Não acreditamos nisso, aquilo era demais, porém antes que negaceemos, eles acrescentaram “cortesia dos nossos pais que enviaram um dinheiro para nós e compramos esse presente”. Nós ficamos totalmente sem graça, mas não podíamos realmente recusar uma viagem com praticamente tudo pago para um lugar tão bonito como Dublin. Agradecemos e ao terminarmos o desjejum já no quarto eu falei:

\_Vocês vão amar Dublin. A vida noturna daquele lugar é fenomenal e, além disso, tem parques muito lindos para fazer piquenique e coisas românticas. Podemos economizar o dinheiro ficando em um albergue...

\_ Albergue? Ah não! Quero ficar num hotel...\_ Exclamou Alessandro.

\_ Deixa-me pesquisar aqui os preços de hotéis, porque teremos somente os dois mil euros para gastar já que não temos mais nada para acrescentarmos.\_ falou Carlos, pegando o computador de Alessandro.\_ Bem no centro da cidade, perto de um conjunto de bar famoso e sofisticado chamado *temple bar* a diária está cinquenta euros um quarto. Não sei se vão ser aceitos tão bem assim, mas... Enfim, cinquenta multiplicado por sete dias ficam trezentos e cinquenta, o que sobra mil seiscentos e cinquenta para torramos em comida e diversão.

\_ Não quero atrapalhar nada, porém existe a possibilidade de Mateus passar mal e ele tem que fazer hemodiálise.\_ disse preocupado Alessandro.

\_ Lá tem hospital como em todo lugar.\_ indague o obvio.

Estava tudo planejado, passamos a tarde inteira fazendo um itinerário detalhado, com hora para acabar e terminar, de cada dia que passaríamos em Dublin. Ao terminarmos eu já podia ouvir música lá embaixo, Paolo ensaiava para a abertura, e pelo visto ele estava em dúvida entre “I’m coming out” da cantora Diana Ross e “True Colors” da cantora Cyndi Lauper, eu diria que ambas as músicas são boas para abertura do casamento. E foi isso que eu fiz, desci correndo as escadas e dei minha opinião “porque não inicia o casamento com ‘I’m coming out’ e na hora que eu for entrar com Carolina você canta ‘true colors’”. Ele gostou da minha ideia, mas quando Lucas me viu me enxotou para cima, exclamando “vocês são impossíveis mesmo. Nem começam a se arrumar ainda. Só a noiva que atrasa, sabia disso?”. Ri de um modo sarcástico da sua piada sem graça e me adiantei para cima a fim de informar Carlos e Ale que estavam quase todos prontos, por isso, nós já deveríamos estar prontos. Enquanto estava lá embaixo, dei uma espiada na decoração. Colocaram um número considerável de cadeiras de plástico na sala agrupados em dois de modo que deixasse um corredor que era para nós passarmos, a mesa grande da cozinha estava na lateral da sala com o bolo. Tinha um púlpito que durante a festa descobri que eles roubaram da igreja, contudo eles devolveriam após o uso, vários rosas estavam espalhados pela sala e um cartaz sob o púlpito que diziam “felicidades ao trisal”. Tinham balões por toda parte e de todas as cores. A festa seria no porão já estava tudo organizado e fui também lá ver como estava antes de subir e me arrumar. O espaço era mediano, porque tiraram tudo que Klaus comprara para seu quarto e substituíram por uma mesa de plástico com bebidas diversas, na lateral dessa mesa tinha outra, formando um L e esta estava cheia de balas, doces e Cannabis. Num canto tinha um aparelho de som, que fiquei sabendo que pertencia a Pellegrini e ele chamou um grupo de profissionais que isolaram acusticamente o ambiente, o que significava que não tinha hora para festa acabar.

Finalmente já arrumados Ale falou “estou me sentindo uma nota de um milhão de dólares”, com o objetivo de ser mais verdadeiro possível, ele originalmente disse isso em inglês que fica assim “*I’m feeling a million dollar bill*”, o que traduzi para Carlos e este concordou ele. Rimos bastante juntos e a cena como pode perceber era de muita alegria. Parecia-me que os convidados já estavam aos poucos chegando e Paolo cantava á todo vapor a música chamada “ovelha negra” da Rita Lee. Mas como alguém muito sábio um dia declarou “Nem tudo na vida são flores”, agora não me recordarei quem foi esta pessoa, todavia essa máxima eu levarei para o resto da minha vida, porque naquele momento de relativa rosa, representando a flor do amor, se transformou em cactos secos. Deixe-me elaborar isto de modo que fique mais claro, eu vi novamente aquele amigo velho da salinha de medicamento do hospital das Clinicas, ou eu vi o personagem do filme “Holding the man”, o que importa era que eu sabia que ele era apenas um fruto da minha imaginação, ele representava meu inconsciente. Poso adiantar-lhe que durante toda a trajetória da minha doença ele esteve presente e tive vários diálogos, em sua maioria eram de cunho filosófico, com o meu inconsciente que por sinal era muito puritano, porém tento ignorar que esse é um lado meu. No momento em que lhe escrevo esse diálogo ele se encontra sentado na poltrona de visitante e apesar de reacionário ele é muito questionador, Johan, dei-lhe esse nome alemão.

Voltando ao momento do casamento, eu ouvia Paolo cantar “meninos e meninas” da banda legião urbana, contudo quando chegava à parte da música que falava “eu gosto de meninos e meninas” ele trocava para “meninos e meninos”, eu achei aquilo genial. Sim, eu estava ignorando Johan, apesar de estar curioso para saber o que ele queria, porque como disse anteriormente, ele não aparecia sem um motivo. Esperei com toda paciência do mundo alguém vir nos chamar e aconteceu rapidamente, foi Carolina que chegou perguntando se estávamos prontos e respondemos que sim, ela nos conduziu até a sala, porém no meio do caminho menti, falando que tinha esquecido alguma coisa que não me lembro do que agora. Voltei correndo para o quarto, tranquei a porta e para meu alívio Johan ainda estava lá no mesmo local, sentado na cadeira de pernas finas cruzadas, as suas mãos machucadas estavam levemente descansadas sob as pernas, posição completamente ereta e fumava um cigarro.

\_ Boa noite, meu caro, Johan.\_ cumprimentei-o cordialmente.

\_ Você sabe muito bem que nossas conversas são apenas modos de você expressar algo que esconde de você mesmo, certo?\_ ele disse e adicionou sem me deixar responder\_ logo tudo que disser tem relação direta com você mesmo e com seus ideais mais obscuros e íntimos.

\_ Não temos tempo para discutir tecnicalidades, pois se não percebeu me casarei em alguns minutos, todavia tenho curiosidade de saber a razão de estar aqui. Pode adiantar seu discurso e ir rápido ao ponto?\_ falei impaciente.

\_ Claro! Mas é obvio! Longe de mim, querer segurá-lo num dia tão importante! Vá imediatamente casar com seus dois maridos, porque o assunto é a tecnicalidade na qual mencionara acima.

Deixei Johan sozinho no nosso quarto e fui para porta da sala onde encontrei Carolina me esperando para entrar comigo, ela me informou que a troca de anéis seria substituída por trocas de doce por meio do beijo. Sorri e perguntei de quem seria àquela ideia genial. “Lucas é claro” respondeu ela, virando os olhos. De acordo com o combinado Paolo tocou “True colors”, entrei acompanhado da Carolina que estava esplendida no dia, usava um vestido longo vermelho e estava cheia de joias. Encontrei meus maridos no altar improvisado e Victor, que estava irreconhecível com um blazer azul marinho, calça social preta, um colete da mesma cor que o blazer e uma camisa vermelha escura social por baixo, ele iniciou seu discurso, que ele copiara da internet, por isso não vale apena reproduzir aqui. Fizemos os votos corretamente e trocamos doce por meio do beijo como Caroline me alertara. Cortamos o bolo e esparramamos uns nos outros o pedaço cortado como em qualquer cerimônia de casamento. Mas para quem observa de fora percebe que aquela não era uma celebração totalmente típica e um dos exemplos disto era o bolo que como o anterior tinha Cannabis em abundancia, pois quem fez o bolo foram os irmãos franceses, eles eram profissionais na cozinha por terem aprendido com sua mãe na França. Alguns convidados foram embora antes de jogarmos o buque de rosas, contudo a maioria estava somente esperando ansiosamente pelos acontecimentos do porão. Entretanto, repito “nem tudo são flores” e desta vez comecei a ter alucinações e delírios infames, eu vi na minha frente meus pais e eles falavam comigo em alemão que eu era um porco por estar me casando com dois homens imundos e que não era real meu casamento, eu tentei ignorar, contudo as palavras que estavam usando me afetaram muito e junto à alucinação eu estava com delírio que os psiquiatras chamam de “influência” ou de “controle”, isto é, eu achava que meus pais que para mim estavam presentes, controlavam minhas ações por intermédio das suas palavras de ordem. Por esses motivos eu não consegui me conter e inicie uma discussão com eles em alemão no meio de todo mundo. Eu estava muito agitado também fisicamente, gesticulava com uma energia surpreendente. Ninguém sabia o que fazer, Klaus tentou falar comigo em alemão, porém estava tão concentrado que não o ouvia, os convidados e a alcateia, ficaram sem ação, meus namorados foram os únicos que agiram corretamente nesta situação, chamaram ajuda necessária da ambulância e médicos, que chegaram e me viram naquela situação precária, agiram bem rápido, sedando-me, pelo menos foi o que me contaram depois. Mais uma vez, fui para o lugar que se tornaria meu segundo lar: o hospital. Lá descobri que eu sou um caso raro, porque adquiri a esquizofrenia devido à leptospirose. Até agora tive “sorte”, pois as duas consequências da enfermidade secundariam, não eram sentenças de morte.

Capítulo dois:

Desta vez passei na ala psiquiatra, o que significa que não podia ter lápis, porque alguém poderia se machucar com ele, e não podia ter acompanhante, assim passei longos dias lendo livros que meus maridos trouxeram, em sua maioria livros de psicologia, autores como Freud e Lacan sobre a diferença entre a esquizofrenia e a paranoia, Foucault com a história da loucura e um livro que até hoje não me lembro de quem era, mas sei que eram casos clínicos de esquizofrenia e delírio. Eu tive interesse de entender os motivos do meu delírio e como funcionava essa nova doença que adquiri, por isso, os livros desse assunto específico. Eu posso lhe garantir que tive tempo hábil para ler já que passei um mês inteiro de janeiro e início de fevereiro na clínica psiquiatra, só sai para fazer hemodiálise no CTI.

Não tinha como saber naquele lugar se era dia ou noite, qual dia da semana era, a não ser que perguntasse aos enfermeiros, porém eu não estava ligando para o tempo, pois eu tinha livros para ler. Numa noite acordei suando bastante e vi John sentado na mesma posição de sempre, fumando seus cigarros. Eu não podia fumar, estava usando um adesivo de nicotina que não funcionava para nada. E John não ajudava, porque eu podia sentir o sabor do cigarro que Johan fumava, que por sinal era mentolado, “que alucinação do meu inconsciente mais fajuta, eu nunca fumaria cigarros mentolados” pensei comigo mesmo, ele logicamente ouviu meu pensamento riu baixinho para não incomodar ninguém. E ainda sussurrando disse:

\_ Você já aceitou que sou uma imagem do seu inconsciente?\_ balancei a cabeça afirmativamente, então ele continuou\_ Bem, diferente das outras alucinações, na realidade, eu odeio essa palavra, melhor trocar para fruto da sua imaginação, deixa para lá, você odiou. Enfim eu venho somente dialogar com os conceitos e tentar torná-lo uma pessoa melhor, ou seja, é você mesmo tentando se modificar e provavelmente o faz pelos seus maridos que o amam muito.\_ Pense nisso!

\_ Se você é uma alucina... Não, um reflexo do meu inconsciente\_ indaguei\_ por que sussurra?

\_ Ora, quem fala aqui sozinho é você e não eu.\_ respondeu-me com certo humor.

Nossa conversa cessou quando o enfermeiro abriu a porta do quarto e perguntou se estava tudo bem. Aproveitei para conversar um pouco com ele. Nossa conversa foi bem aberta, todavia antes pedi que não contasse o que iria expor para ninguém. Ele me prometeu, parece-me que cumpri e isso nos aproximou um pouco mais do que os outros que trabalhavam ali. Ás vezes, ele quebrava as regras, me dando cigarros para eu fumar escondido, além de algumas outras regalias no seu turno. Ele era estudante de medicina, já estava no oitavo período, trabalhava como enfermeiro somente no turno da noite para poder estudar e estagiar durante o dia. Ele era diferente dos outros enfermeiros até no âmbito físico, pois ele era magro, negro, de olhos castanhos claros, a meu ver muito atraente. A nossa conversa foi assim:

\_ Vem cá, você faz medicina, não é mesmo?\_ perguntei

\_ Sim, como você sabe disto?\_ indagou Junior, esse era seu nome, curioso.

\_ Não é minha primeira nem a última viagem para o hospital e fofoca corre mais rápido que vírus em hospitais\_ antes que ele falasse algo eu continuei\_ Bem, eu sei que é estudante de medicina, então se for possível tem como me responder uma pergunta?

\_ Claro! O que deseja?\_ disse num tom como se soubesse de tudo.

\_ Eu sou esquizofrênico, certo? Logo, tenho alucinações, contudo minhas alucinações não são todas ruins, uma delas quer modificar meu ponto de vista. Você já viu algum caso parecido?

\_ Olha, eu vi muita coisa, mas uma alucinação boazinha eu nunca vi não\_ estranhou ele minha colocação.

\_ Mas, se as alucinações são criadas pelo seu inconsciente, ainda por cima, são moldadas pelos meus sentimentos, então elas podem querer me beneficiar. Ou estou alucinando?

\_ Pode, podem, contudo eu teria cuidado\_ ao dizer isso saiu sem deixar tempo para uma réplica.

Segui meus dias debruçados nos meus livros e tentava em vão, durante as leituras, fazer anotações mentais. As medicações estavam afetando minha memória e o médico disse que isso aconteceria mesmo. Graças a minha insuficiência renal eu não estava tomando muitos medicamentos. Enfim, fora o que já contei não aconteceu nada de interessante amais para relatar aqui sobre minha estada na ala psiquiátrica. Em vista disso, transcreverei o mês de fevereiro que caberá neste mesmo parágrafo, por também não ter acontecido nada de importante na minha vida. O único fato de fevereiro foi o carnaval que perdemos por razões de eu não estar ainda me sentindo forte o suficiente para ver tanta gente assim. Eu fiquei em casa terminando a leitura do livro de Foucault, dessa vez o título era “História da sexualidade”, Carlos lia Hemingway e Alessandro lia “On the road” de Jack Kerouac de tanto eu falar sobre esse livro. Como pode ver, nosso mês foi de muita leitura e pouca criação, nós parávamos de ler para sentar e fumar alguns Beck, para a conversa ficar organizada cada um tinha um tempo para falar sobre o que lera até aquele momento e depois conversávamos por uma hora sobre aquele assunto, depois o próximo e assim por diante. Sim, as pausas levavam mais de três horas em uma dessas conversas.

Março foi mais um mês que passei mais no hospital que em casa mesmo. Primeiro tive uma febre altíssima e eu estava sozinho em casa, por isso me cobri com bastante roupa e cobertor, quando chegou alguém minha febre não tinha passado e mais que isso, estava vomitando sangue, meu corpo estava com pontos vermelhos como se estivesse com catapora e meu cateter estava sangrando. Novamente chamaram a ambulância e lá vou eu para meu segundo lar. Lá tive mais uma conversa com meu amigo, Johan, que por incrível que pareça eu ouvia mais a ele do que meus maridos, mas, nosso tempo de conversa era sempre breve, porque sempre tinha alguém me observando. Ele veio do mesmo jeito que ele aparece todas às vezes, só que desta vez ele iniciou um tique nervoso de coçar suas feridas. Começou seu papo dizendo:

\_ Ora, olhe para nós aqui novamente, firmes e fortes no propósito de fazê-lo ter um olhar mais holístico e ir além dos fatos...

\_ ir além dos fatos concretos?\_ indague, achando um absurdo.

\_ Eu não disse fatos na visão de quem? Tenha educação, por favor, e quando a inconsciente fala, o home consciente escuta. Acho que leu isso em algum lugar, enfim, anda lendo muito livro de psicologia. Tu sabes garoto que para além da sua doença os alucinógenos que usa podem levá-lo a loucura?

\_ Louco já sou. Por exemplo, eu estou te vendo, sentindo seu cheiro, do seu cigarro que por sinal está me desconcentrando e ouvindo sua voz, ou seja, essa barreira eu já ultrapassei.

\_ Tu estas certo, garoto, e não que eu esteja errado. Contudo usarei outra abordagem contigo. Pensas que estas em uma floresta bem grande e florida e nela exista uma caverna que tu encontras. Dentro dela existem homens com costumes, mas falam a mesma língua que você como será aceito pelos demais e até conviver com eles se não sabes seus costumes? Tu sabes muito bem onde quero chegar.

\_ Para conviver em sociedade devo seguir seus costumes?

\_ BINGO! Com isto em mente, eu gostaria de voltar ao assunto da loucura para fazer um adendo. Eu quero dizer com isso é que vai te levar para o hospital psiquiátrico por tempo maior e tu, garoto, eu sei, que tu não gostaste de parar aqui.

\_ Verdade! Talvez tenha que diminuir no LSD.

Foi àquela conversa comigo mesmo que percebi o que Carlos tanto discursava, ninguém como nós mesmos para convencer-nos de fazer algo, não é mesmo? Sai do hospital e uma semana certinho eu voltei com febre alta como era apenas uma febre alta desta vez fiquei nos quartos. Quando meus maridos saíram para almoçar eu recebi meu almoço, mas não almocei sozinho Johan estava lá sentadinho na mesma posição de sempre esperando eu comer para depois começar nossos diálogos que infelizmente eram curtos. Dessa vez foi sobre meus ideais e foi mais ou menos assim:

\_ O que acha que é libertinagem?\_ perguntou-me ele

\_ Eu vou entrar na brincadeira\_ disse sussurrando para ninguém vir incomodar-me.

\_ Tu sabes, garoto, como eu que tu sentes gozo por nossos diálogos filosóficos.\_ ele disse sorrindo.

\_ Tudo bem, temos tempo... Meus maridos vão passar em casa ainda\_ falei\_ Olha, Johan, eu vejo libertinagem como um ideal que tem base em conceitos fora do padrão. Clássicos como bem e mal, além de ter correlação com anarquia. Enfim, tem muitas pessoas que acham que libertinagem é o uso errado da liberdade, todavia eles confundem esses dois termos por classificarem a libertinagem como algo ruim e as linkam de modo limitado com drogas, festas sem fim e sexo com múltiplas pessoas.

\_Tu disseste tudo, garoto, e gostaria de frisar a parte da confusão que fazem com liberdade e libertinagem, mais específica a parte da limitação da conceituação de libertinagem. Vou ser direto ou tentar, pelo menos, porque os médicos podem aparecer a qualquer momento. Dito isto, aí vai à declaração número um: libertinagem vai além da droga, sexo e rock and roll. Declaração número dois: Talvez exista essa confusão, porque os próprios libertinos por fazerem uso contínuo de drogas e etc. confundam as pessoas de fora.

\_ Você está me convidando a ser um libertino diferente? \_ indaguei curioso

Dessa vez eu estava falando alto de excitação pela conversa o que fez com que os enfermeiros viessem com a intenção de me sedar, porém os convenci de não fazer isto. ”Foram vários anos de observação da lábia de Carlos e Victor que me serviram bem” pensei um pouco alto quando os enfermeiros saíram. Entretanto, não foi uma vitória completa, porque de acordo com os médicos eu era perigoso para mim mesmo devido a minha doença psiquiatra, portanto eles me amarraram ao leito. E naquela posição prossegui na meditação de como eu seria um libertino diferente dos outros. Carlos e Ale chegaram e tentei fazer as mesmas considerações de Johan sem mencioná-lo ou parecer insano. Abri o diálogo dizendo:

\_ Meus amores, eu tive muito tempo para pensar já que moro no hospital. Essa já é a terceira vez em menos de um ano. Não vejo isto como ruim ou bom e é lógico já que não acredito nas dualidades do jeito que todo mundo as vê. E não estou sedado, pois eu consegui ludibriar os enfermeiros e isso se deu, porque após longos anos de observação de Carlito e Victor usando a lábia eu aprendi alguma coisa.

\_ Que bom que aprendeu algo conosco, pois aprendemos muito contigo\_ disse Carlos de um modo meigo enquanto fazia caricias em meu cabelo.

\_ Obrigado, baby. Mas me parece que eu não tive total excito no meu aprendizado sobre a malandragem.\_ eles riram da minha piada\_ por motivos óbvios\_ e mostrei as cordas que me prendiam os pés e as mãos\_ aonde quero chegar com tudo isto? É muito simples. Andei pensando no motivo, no qual as pessoas que vivem fora do nosso mundo libertino, limitam tal mundo com drogas, sexo e festas infinitas e a conclusão desta pequena e profunda reflexão está em nós mesmo, isto é, talvez e eu digo somente talvez, nós, devassos, temos culpa nisto. E eu sei que estão me olhando com cara torta, todavia deixe-me terminar para entender o que desejo abrir como reflexão. Desculpa-me, não quis ser grosso\_ e antes que eles falassem algo, adicionei\_ Bem, talvez nós tenhamos culpa parcial, pois usamos muitas drogas mesmo, fazemos rock como se não houvesse amanhã e a luxúria como diz o ditado popular “come solto”. Não preciso dar exemplos, não é mesmo?

\_ AHA\_ Carlos começou do mesmo jeito empolgado de sempre\_ Deixa-me ver se eu entendi corretamente. Você está me dizendo que sexo, drogas e rock não são ações de um libertino, ou melhor, vou reestruturar minha fala. Você conceitua que tais ações não são somente o que define um libertino. Correto?

\_ Então, a fim de encurtar a discussão\_ fala Alessandro impaciente\_ E quero deixar claro que não acho que seja um bom momento para discutirmos nada. Eu concordo em partes com Mateus. Nós e a sociedade somos igualmente culpadas por usarmos drogas, fazer luxúrias e festejarmos como se não houvesse amanhã, além disto, existem outros fatores como o psicológico e etc.

\_ Eu preciso de um tempo para pensar sobre isso\_ menti, eu queria conversar isto com Johan, ou minha consciência escondida.\_ Posso acrescentar uma coisa?\_ esperei\_ vocês têm que falar, pois eu não os vejo.

 \_ Sim, amor, pois se isto é importante para você é importante para nós\_ disse Alessandro mais calmo.

\_ Por qual motivo não pensamos nisso antes? Por qual motivo ainda seguimos uma maioria, mesmo essa maioria não ter o mesmo sentido sociológico da palavra?

Silêncio ensurdecedor pairou no quarto, eu não podia vê-los, contudo acho que os fiz pensar com intensidade. Naquele dia ocorreu tudo como sempre ocorre no hospital, técnicos de enfermagem vieram tirar meus sague, enfermeiros para ver se eu estava bem, médicos fazendo a ronda noturna com suas perguntas, desprenderam-me de madrugada quando reclamei que não conseguia dormir assim e meus maridos dormiram lá como sempre, todavia estávamos muito reflexivos. Amanheceu e aquele cheiro de hospital estava me incomodando e continuaria a me incomodar todas às vezes. Como já era previsto o médico da manhã entrou no quarto fez mais perguntas sobre minha noite e essas coisas de médico, o enfermeiro o acompanhava, mais sangue tirado pelos técnicos de enfermagem e assim sucessivamente. O silêncio perdurou até chegarmos á casa e sentarmos no sofá para fazer o de sempre: fumar Cannabis. No segundo Beck Carlos se levantou e disse “concordo em pararmos de usar drogas e sermos uns libertinos mais limpos de todos os libertinos desse mundão”. Parecia que ele estava sendo sarcástico, porém falava sério. Continuou, “mas isso” apontou para o Beck em sua mão “é apenas mato e não faz mal a ninguém”. Eu ri alto da sua colocação e expliquei “não falei para ninguém parar de usar drogas por causa de mim, e um doce de vez em quando e uma bala na Rave não vai me fazer mal”. Percebi que o que eu tinha causado era uma tensão entre meus maridos e ao explicar isto suas expressões eram de puro alívio. Era óbvio que nós estávamos completamente dependentes da droga e para sai desta não é muito fácil, apesar de eu concordar com John, ou comigo mesmo, porém o vício é um caminho de uma mão e volta é muito estreita.

Bem, eu tinha faltado muitos dias no meu emprego e como eu não sabia que podia me aposentar por invalidez, meu patrão me demitiu por justa causa. Mas, as portas não estavam completamente fechadas, se eu tivesse mais desenhos eu poderia mostrá-lo e ele avaliaria se ele poderia fazer uma exibição com eles. Lembra-se dos desenhos que fiz no hospital? Eu ainda tinha a metade dos desenhos e fiz mais alguns desenhos envolvendo drogas e sexo. Deixa-me dar exemplos: um dia alegre na nossa casa desenhei Carlos e Ale fazendo amor, logicamente nós estávamos alucinados de LSD e eu somente observei, sentado na cadeira ao lado da cama enquanto desenhava. Outro exemplo, eu desenhei Carolina e Brian pelados fumando Cannabis no sofá da sala, eles foram bastante simpáticos comigo e aceitaram de prontidão quando os pedi para pousarem nus, eles disseram “tudo pela arte” e riram. Pintei também Paolo, vestido um lingerie transparente e calcinhas vermelhas, esse eu realmente usei tinta e um cavalete velho que achei na lixeira. Lucas foi o único que não aceitou ser pintado nu, portanto, o desenhei de cueca com a bandeira de Cuba estampada nela, achei bem válida a ideia. Os irmãos franceses eu os bosquejei juntos e eles ficaram de falo ereto o tempo todo, após ilustra-los unidos, eu desenhei o casal Jean Paul e Adrien, eles não tinha pudor algum, no sofá, na frente de alguns da alcateia que observavam, eles pintaram e bordaram nas posições completamente eróticas. Para eu ser sincero, eles foram os mais realistas de todos.

Mostrei os desenhos á meu ex-patrão que amou e afirmou que ele era a única pessoa que em tempos como o nosso tinha coragem de exibir desenhos com temática depravada, e ao dizer isso batia em minhas costas rindo. Eu não fui á exibição por estar com sintomas de uma gripe muito forte, contudo ganhei um bom dinheiro com a venda dos desenhos, isso foi em julho de dois mil e cinco, que aconteceu este evento e como o dinheiro pude me sustentar até a próxima exposição das minhas artes. Eu não sabia ainda, mas minha arte mudaria drasticamente, porque com essa gripe veio também uma depressão aguda que perdurou até o natal e por causa dela eu perdi muito peso, faltei à hemodiálise duas vezes, o que aumenta em vinte e dois por cento o riscos de morte, e percebendo isso meus maridos fizeram o certo, chamaram a ambulância e fui internado no CTI do hospital Santa Rita de Cássia e depois que me estabilizei da insuficiência renal fui para a ala da psiquiatria. Eu permaneci de julho a agosto no CTI e esse período todo eu fiquei sem falar direito com meus maridos, nós nos comunicávamos apenas o necessário. As atividades, hospitalar, ocorreram normalmente, os dias passavam arrastados e mesmo eu raivoso com Carlos e Alessandro, eles continuaram indo todos os dias ao hospital, às vezes dormiam comigo, naquela poltrona dura de hospital. Já na ala psiquiatra passei de agosto á dezembro e esse tempo relativamente longo foi por causa de que meu caso, no espaço de tempo em que fiquei no CTI, agravou-se intensamente. A minha depressão transformou-se no que eles chamam de “depressão psicótica”, meu estado era tão crítico que foram suspensas as visitas por tempo indeterminado.

Um enfermeiro, que se tornou meu amigo, me contou tudo que eu aprontei naquela ala e vou te contar neste instante o que aconteceu. Apesar dos médicos insistirem para que eu ficasse amarrado à cama, os enfermeiros me deixavam livre para passear pelos corredores e interagir com os outros pacientes, eles fizeram uma escala entre eles com o propósito de organizar a vez de quem iria me vigiar. Achei aquilo engraçado até. Porém, o funcionamento da escala não deu certo, porque na maioria das vezes sobrava para um enfermeiro tomar conta de mim. Seu nome era Mike e, como eu, ele morara na Alemanha por dois anos, todavia em cidades diferentes. Estou dizendo isto, porque durante minhas alucinações vívidas e meus delírios erotomaníacos, nos quais eu achava que ele era uma pessoa famosa, nós conversávamos muito em alemão, apesar de não me lembrar de muita coisa. Isso eram os momentos nos quais eu não estava agitado, pois quando eu começava com minhas alucinações, que ele me disse normalmente serem meus pais, andava de um lado para o outro, gritando em alemão “vocês são meus pais, mas não podem me controlar”. Durante essas oscilações de humor era quando Mike aplicava uma injeção no músculo da minha perna ou do meu braço, na realidade, onde pegasse para me acalmar, então, eu sentava á mesa de artes e desenhava por horas com giz de colorir por ser a única coisa que podia entrar nesta ala e contava minha vida para Mike em alemão. Até o efeito da droga se esvair daí voltava tudo de novo. Lembro-me de que um enfermeiro que não gostava de mim contara para o médico o que os outros enfermeiros estavam fazendo comigo, recordo disto porque, no momento que isso aconteceu eu estava parcialmente sedado. Mike convenceu o médico de que estava tudo sobre controle.

No dia que estava mais estável pude ter conversas longas com Mike, apesar de sua inteligência ser mais empírica do que teórica, conseguimos manter diálogos interessantes sobre a vida e todas estas em alemão. Foi ele quem me explicou que eu estava em risco de vida por não fazer hemodiálise e ficar muito tempo sem se alimentar, dentre outros exemplos. Naquele momento entendi que eu ajustiçara a ação correta de meus maridos, ao perceber isto fiquei ansioso para revê-los e não demorou muito, pois as visitas voltaram em novembro. Na hora em que eu os vi entrando pela porta da frente, eu corri para seus braços, feito uma criança ao ver a mãe, e pedi-lhes perdão. Eles entenderam o porquê eu agira assim e se comportaram com muita gentiliza e amor comigo e com Mike por ter cuidado de mim. “*they are the real deal*” pensei comigo. (a tradução fica mais ou menos assim “eles são autênticos, ou um dos melhores” é difícil traduzir uma expressão em inglês e quis usa-la nesse idioma, porque pensei na hora na língua em questão).

 Mais um mês naquela espelunca, eu já estável e estava em casa, sentando no sofá como sempre fumando um Beck para não perder o costume. Naquele dia em especial, fumava sozinho na sala, porque meus maridos tiveram alguma emergência no trabalho ou faculdade, o importante era que estava sozinho na casa toda. A tarde era bem quente, por isso vestia poucas roupas e nesse dia chovia lá fora, o que deixava um mormaço muito maior do que já estava. Foi quando vi Johan sentado na cadeira que apoiava o pé e ficava sempre na frente do sofá. Desta vez ele esperou com serenidade que eu começasse nosso diálogo. E foi o que fiz prontamente.

\_ Talvez tu esquecesses meu velho, de alguns fatores durante nossa conversa anterior\_ disse ele imitando\_ os libertinos para se tornarem os devassos que são passaram por uma história de vida muito complicada e este é um fator o social, além do psicológico e etc.

\_ Eu não me esqueci de nada, garoto, eu apenas isolei um de vários fatores, porque as pessoas nunca se responsabilizam pelas suas ações. Acho que tu deves não só se responsabilizar pelas suas ações, mas admitir que tu gostes delas.

Antes de poder responder Lucas entra na sala e pergunta com quem eu estava conversando, eu o expliquei quem era Johan e pedi para que fosse nosso segredo. Ele quis saber mais sobre minhas alucinações, por isso, “dropamos” um doce e fumamos outro Beck. A conversa foi extensa a perpassou por todas minhas conversas com Johan, esclareci-lhe que dei nome a “meu amigo imaginário” por ter criado uma afeição por ele. Com a chegada de Paolo do trabalho continuamos nossa conversa, porém em códigos, enquanto isto Paolo pegou o vilão e ficou fumando no chão da sala, ele ficou interessado na conversa, por isso tive que explicar de novo quem era Johan, no meio da explicação o namorado de Paolo aparece para fumar um Beck na sala e assim por diante. Quando todos estavam informados de toda história, menos Carlos e Ale que chegaram mais tarde cheirando a vodca barata e cigarros, discutimos a última colocação de John.

\_ Eu não tiro a razão de John\_ Brian iniciou o papo\_ não quero dizer que não exista um prazer ao usar qualquer droga. Talvez o que nos atraiu primeiro na droga foi sair do padrão, mas se ela não fosse prazerosa não cairíamos no erro de usa-la.

\_ o que você anda ensinando para esse garoto, Carol? \_ perguntou Victor que recebeu somente um olhar mal humorado de Carolina.

\_ Olha! Eu acho o seguinte disto tudo.\_ tentou defender seu namorado\_ Nós temos que ser mais responsáveis pelos nossos atos sim. Não foi apenas a sociedade que nos moldou, influenciou ou como querem dizer, ou o mesmo com o fator psicológico. Não como totalidade, tivemos uma parcela de culpa entre aspas.

 Dito isto ficou um silêncio de reflexão na sala. Alguém trocou o assunto completamente, tentando evitar o de origem e conseguiram. Aquele dia eu causei certo desequilibro na estrutura mental dos lobos da alcateia. Eles foram dormir e eu fiquei esperando meus maridos chegarem e ao colocarem o pé em casa, eles vieram dizer que precisavam conversar comigo e admitiram ter bebido sozinhos com intuito de discutirem sobre mim. Sentaram cada um de um lado, seguraram minha mão como gesto de carinho, o que me fez perceber que a conversa era séria, mas não era um término. “Desse jeito não está funcionando, nós te amamos e vemos você aí usando drogas o tempo todo, se definhando e sem comer” disse Carlos de um modo carinhoso, contudo ainda sério. “Temos que fazer um acordo que fumaremos somente Cannabis que dá fome mesmo e esquecermos as outras drogas, porque assim vai morar literalmente no hospital ou pior na ala psiquiatra do hospital” acrescentou Ale preocupado comigo. Durante a conversa eu fiquei mudo por entender naquele momento que estava errado e estava deixando-os preocupados demais. Talvez, eu levá-los-ia a loucura comigo se eu continuasse a viver daquele jeito. Expressei para eles o que estava realmente sentindo, falei “eu não quero deixá-los doentes junto comigo e se eu prosseguir desse jeito eu vou conseguir, por isso prometo usar somente Cannabis”. Concordamos todos com a minha colocação e ainda ficamos um bom tempo acordados já que o outro dia era domingo.

O dia estava melancólico, chovia torrencialmente naquele dia e foi naquele clima que recebemos uma vista inesperada, era uma mulher magérrima, vestia um vestido amarelo fosco e parecia ser bem usado, tinha um cabelo longo preso, olhos verdes e pele pigmentada clara. Ela procurava por Mateus e o povo da casa que me conhecia somente por Herr. Bürgen demorou um tempo para entender que ela queria falar comigo. Encontramo-nos na sala eu e meus esposos sentados no sofá e ela na cadeira que pegamos da cozinha. Ao cumprimentá-la com o habitual dois beijinhos no rosto, eu senti um cheiro intenso de cigarro, cachaça e lubrificante vindo dela. Bem, ela começou o diálogo assim:

\_ Eu demorei a achá-lo, perguntei para todo mundo que talvez o conhecesse e finalmente um médico do hospital da cidadezinha da festa em que nos encontramos me disse que veio para Vitória, Espírito Santo, então vim para cá. Os clientes aqui são bons, porém não tão quanto em Belo Horizonte\_ ela falava pausadamente e com esse vocabulário que estou transcrevendo\_ Vim te dizer que fizemos a três eu, você e seu namorado aí e estive grávida. Mas já dei luz e a criança para um casal de homens ricos de Belo Horizonte. O que venho dizer-lhe é que um de vocês dois é o pai da criança.

Desse jeito casual sua mãe nos contou que eu ou Carlos éramos pais e do mesmo jeito que entrou, ela saiu, sem explicar muita coisa. Ficamos ali sentados sem trocarmos uma palavra por um bom tempo, ainda estávamos processando a informação. Ela deixou o endereço do local onde você se encontrava e onde mandei esse texto. Ainda não pude visitá-lo não somente por estar doente, mas por vergonha. São apenas desculpas e não tem razão lógica para eu estar te contando tudo isso pessoalmente. Contudo agora, nessa altura do campeonato, estou preso no quarto de um hospital psiquiátrico por tempo indeterminado, usando o computador para redigir esse texto para você. E eu vou chegar lá. Como estava dizendo, nós não sabíamos como reagir àquela situação, por isso evitamos o assunto por muito tempo. Anos, na verdade, só voltamos falar disto quando eu os informei que estava redigindo a história da minha vida para passar primeiramente á você, depois ao público. Não nos entenda mal, todavia éramos muito jovens e sem responsabilidade alguma, além de que tínhamos um quê egoísta. Perdoe-me por continuar o texto, mas prefiro não comentar coisas infames e dar desculpas esfarrapadas, então, vou voltar aos fatos.

Capítulo três:

Finalmente era o natal de dois mil e cinco que foi muito diferente, porque fizemos uma festa de despedida de Klaus que estava voltando para seus estudos no seu país de origem. Eu tinha saído do hospital antes do natal, por isso consegui chegar a tempo para esse fechamento de um ciclo, contudo essa festa foi um dos arremates, que eu precisava, era a última lição, foi o momento que entendi que ou eu realmente perdia por completo minha sanidade ou receberia o beijo da morte. Aprendi com o tempo que realmente as palavras não significam nada perto das experimentações e eu sempre tive como ideia fixa na minha cabeça, que você só sabe o que é o bem se experimentar o mal, só entende o que é certo quando experimentar o errado e assim por diante. Eu precisava beber o vinho amargo da vida para entender isto melhor, todavia, dei tantos tragos que me embriaguei. De antemão quero dizer que não culpa ninguém por nada, estou me responsabilizando inteiramente pelo ocorrido na festa. Segundo esclarecimento é que contarei á você as partes que me recordo, o restante da história será o que Brian me contou, pois em festas desse calibre deve sempre perguntar ao mais sóbrio da festa o que aconteceu na noite anterior.

Dito isto, vamos à comemoração. O lugar estava tão cheio que tinham duas festas acontecendo, uma na sala e outra no porão, meus maridos e eu oscilávamos entre festas. Deixa-me explicar melhor, Pellegrini chamou pessoas para festa, mas como sempre essas pessoas chamaram outras e assim sucessivamente, contudo não tinha espaço físico para compor tanta gente, portanto dividimos os heterossexuais ficaram na parte de cima e os gays na de baixo, não foi exatamente isto, porém aconteceu gradualmente. A festa dos heterossexuais tinha as melhores drogas, por isso ficávamos subindo e descendo o tempo todo. No começo da festa ficamos no porão e depois que meus amores beberam mais do que o habitual deles, foi que o acordo desandou e foi Ale que me deu o primeiro doce, colocou na sua boca e passou para mim pela língua, depois foi à vez de Carlos fazer o mesmo. Então, Um rapaz alto, bonito, com pigmentação clara, olhos verdes e cabelo cacheado caído até os ombros olhava para mim por um bom tempo, eu fui até ele e eu, que já estava ébrio e tinha tomado dois doces, perguntei se ele queria dançar comigo e meus maridos. Ele aceitou, iniciou-se ali o jogo de sedução pela dança. Carlos e Ale observavam tudo até então sem interferir. Quando finalmente eu e esse rapaz, que se chama Pedro, finalmente nos, beijamos, ambos meus maridos falaram “e a gente? Também queremos um beijo”. Pedro ficou sem saber o que fazer por alguns minutos, porém no momento em que meu marido, Carlos, tirou um doce do bolso e colocou na boca e disse para Pedro “vem pegar” ele foi sem vergonha alguma. A segunda vítima foi Carlos quem fisgou, era um jovem lindo, caucasiano, olhos castanhos escuros, cabelo da mesma cor dos olhos e uma boca muito carnuda. Ele veio para nosso grupo e aconteceu o mesmo: ao se beijarem, pedimos um beijo também, mas esse não precisou de incentivo. Naquele momento estávamos eu, Ale, Carlos, Pedro e esse jovem que não disse o nome ou não me lembro dele. Dançávamos juntos, bebíamos muito e teve algumas rodadas de Cannabis.

Subimos todos para festa de cima, lá encontramos Pellegrini que nos ofereceu cocaína, e como estávamos em condição de negar, cheiramos algumas linhas da droga, não lembro a quantidade, todavia não acho que foi muita. Eu estava completamente anestesiado, do pé a cabeça, não sentia nada. Nem me importava com nada, já tinha esquecido que eu era soro positivo e podia infectar outras pessoas, estou dizendo isto, porque alguém falou para continuarmos a festa nos nosso quarto e fomos, contudo essa foi à gota que esborrou o meu vinho amargo da vida. Você vai entender mais para frente o que estou dizendo. Bem, fomos para o quarto e lá provavelmente fizemos sexo, porque essa parte eu não me lembro disso. O que eu sei é que acordei pelado com o corpo de todos jogados na cama, um cheiro forte de sêmen, cigarro, Cannabis e lubrificante tudo no misturado, fazendo-me até ter dificuldade para respirar, o ar estava pesado, mas eu não sabia do motivo ainda. Quando todo mundo acordou nós percebemos que o jovem estava ainda dormindo profundamente, mas ele não estava respirando, porque não víamos seu Tórax levantar e abaixar. Tentamos acordá-lo a força e seu corpo estava rígido e frio, aparentava-me que ele já estava morto há algum tempo. Chamamos a ambulância que confirmou que ele morrera há algumas horas, aquilo ficou na minha mente, vimos na sua identidade que ele a minha idade. Foi realmente terrível e isso ajudou também para que eu percebesse que seria meu fim se continuasse a viver assim. Aquela imagem me persegue até hoje do seu corpo nu frigido e cálido. Esse ainda não foi o estopim para minha resignação parcial, este foi em abril de dois mil e seis.

Depois daquilo entrei numa depressão leve, eu ainda ia à hemodiálise e lá eu conheci um homem muito excitante, eu fiquei amigo dele desde a primeira sessão, mas ele demorou em criar intimidade comigo, no início somente falávamos de assuntos imparciais, ou seja, que não envolviam sua vida pessoal ou suas ideias, apesar de eu tentar muitas vezes, mas ele se esquivava muito bem. Normalmente falávamos de filmes, livros e temas como esses. Ao decorrer do tempo ele foi se abrindo e contou um pouco da sua história de vida, todavia somente falava por pouco tempo e me prometia contar o resto no outro dia e assim foram indo as minhas hemodiálises. Como ele foi me contando aos poucos só nesse momento tenho a história completa, portanto, contar-lhe-ei agora a história de vida do jeito dele.

“Mateus, eu tive uma história de vida muito louca. Eu sou diabético tipo um desde criança e posso te falar que passar a parte da raiva foi muito difícil, posso te falar que ainda a tenho até hoje, só não faço mais o que eu fazia, porque não quero morrer. Sabe, Mateus, a vida é cheia de curvas e voltas. Um dia você tá aqui no outro não tá mais. Eu perdi tanta gente que eu gostava por causa da merda da cocaína e da pinga. Eu sei que você gosta também dessas coisas (disse ele baixinho), mas não tem problema não. Eu sei disto, porque um doido conhece o outo pelo cheiro. (ele riu da própria piada). Você já deve ter perdido alguém por causa disso, eu sei que sim, porque dá pra ver no seu rosto quando falei sobre isto. Então, não é nada bonito. Pra mim a gota d’água foi quando perdi um amigo do peito. Ele era da pinga só, mas sempre estava junto comigo, na pobreza e na riqueza, na alegria e na tristeza, no copo cheio ou vazio, deu pra entender, né? Então ele bebeu tanto um dia que foi pra vala, o desgraçado. Deixou-me aqui sozinho. Daí tomei jeito e eu vim pra hemodiálise pela primeira vez sóbrio. Antes eu vinha bêbado feito um gamba, minha creatinina chegou a estar dois e era pra estar pelo menos seis ou sete sei lá. Eu começava a beber na sexta e parava na segunda de manhã, fui demitido de vários empregos por chegar bêbado, não parava em um emprego sequer. Pra você ter noção eu bebi toda minha herança que ganhei dos meus pais ainda vivos, eles me deram uma grana boa pra sobreviver e olha o que eu fiz, bebi e cheirei tudo. Meu negócio era pinga mesmo, às vezes eu misturava com cerveja, mais gostava da pinga. Eu só não morei na rua, porque meus pais sempre ajudaram. Me internaram várias vezes até meu parceiro morrer como te disse e aí eu mesmo me internei, parei de usar tudo graças a Deus. Tem três anos que estou sóbrio e foi pela misericórdia Divina que não acabei como dizem por aí soro positivo. Já acordei inúmeras vezes na cama com mulheres cis gênero, mulheres transexuais, homens e tudo ao mesmo tempo. Eu sabia fazer uma festa e não tenho vergonha disto, talvez um pouco. Que eu me recorde eu nunca paguei para fazer sexo e não estou me gabando disso até porque olha pra mim sou um rapaz branco e de uma aparência normal, em falar nisso eu sei muito bem dos meus privilégios e usei-os a meu favor várias vezes. Lembro-me de um dia que estava numa festa de Swing, na verdade, fui eu quem me meti na do casal que era um homem e uma travesti. Durante o sexo a polícia nos enquadrou, porque o vizinho filho da puta ligou para o polícia, dizendo que tinha uma orgia acontecendo com menores de idade, ele nem sabia que era somente um a três. Mas enfim, na realidade, tinha um menor de idade mesmo na festa, o rapaz tinha dezessete anos. Conversei muito com os policiais que foram nada educados, mas consegui convencer eles de não me levarem para a cadeia. Usei o que Deus me deu em abundância que foi o poder da malandragem. Claro que tive que molhar a mão dos guardas e estou pra te dizer que não foi a primeira vez que fiz isso, quero dizer, subornar oficiais da lei. Uma vez me dei mal e quase rodei por causa disto. Um policial encrencou com o fato de eu estar tentando subornar ele e me ameaçou me levar em cana por causa disso, mas chegamos a um valor que ele acabou aceitando. Eles levaram o dinheiro todo do mês. Dessa vez me pegaram com uma quantidade boa de cocaína no bolso. Você também está nessa vida sabe como é? Não estou dizendo que passou o mesmo que eu, mas foram coisas parecidas, pelo menos algumas delas. Enfim, acho que acontece com todo mundo o... Como vocês intelectuais chamam isso... Estopim, ou mais bonito ainda, arremate. E isto pode também acontecer com você, sabe como é? Como eu disse inicialmente a vida é cheia de curvas e voltas, amigo.”.

Depois daquela história refleti bastante, pois quando ele a terminou eu já tinha passado pelo o que ele chamou de estopim ou arremate e nossas histórias tinha uma correlação muito grande e isto me assuntou um pouco, contudo voltemos aos fatos de janeiro de dois mil e seis. Após aquela festa insalubre, a depressão que era leve foi se agravando de modo que não tinha vontade de sair da cama e aos poucos eu mesmo pedi para que me internassem, porque estava com medo de entrar em depressão maníaca. Eles ligaram para meu psiquiatra e explicaram á ele tudo que tinha acontecido na festa. Eu achei aquilo um pouco incômodo, pois eles contaram exatamente todos os fatos de que se lembraram do mais sórdido ou mais ordinário. Na verdade, eu tinha é que agradecer, porque meu psiquiatra mesmo sendo do SUS era muito atencioso, recebia-me muito bem e ainda toda vez que ligávamos para ele, ele prontamente nos atendia. Falo isto, porque Paolo também tem um psiquiatra por causa de sua depressão e ele reclama muito do profissional e do sistema único de saúde brasileiro.

Fui internado no mesmo lugar de sempre onde Mike trabalha, lembra-se desta pessoa? O que conversava comigo em alemão e nos meus momentos de delírio achava que estava falando com um pop star alemão. Então, ao chegar Mike estava lá e brincou comigo “de novo você por aqui. Assim vou perder todas as apostas”, ele se referia ao bolão que os enfermaram faziam toda vez que eu saia, eles tentavam adivinhar quando seria a próxima vez que eu voltaria á ala. Pode ser que ache um jogo de mau gosto, contudo eu via aquilo apenas como uma brincadeira e levava para o lado cômico da coisa, eu até tentei entrar nas apostas, mas eles disseram que seria parcial demais se eu o fizesse. Bem, minha estada foi muito turbulenta, porém não tanto como a última vez. Eu passei as duas primeiras semanas, enfurnado na cama, sem força tomar banho sozinho, sem vontade alguma de conversar ou fazer qualquer outra coisa. Neste momento eu só ia até a CTI para dialisar e lá eles me davam um banho no leito, o que é bastante humilhante por sinal, mas eu não me importava com nada. Para entender melhor a depressão é como se meus sentimentos estivessem anestesiados, eu sentia um vazio imenso dentro do meu peito e uma cede constante por causa dos remédios.

No momento em que as drogas antidepressivas e antipsicóticos fizeram o efeito desejado, que é me estabilizar e serenar os pensamentos trevosos, apesar de me deixar também um pouco apático, eu comecei a participar “ativamente” das atividades da ala na qual me encontrava. Eles mudaram muitas coisas desde minha última vez, colocaram cavaletes e liberaram lápis e pinceis. O que eu adorei, porque eu utilizei todos os materiais de maneira frenética, joguei-me na arte com o mesmo objetivo que usava drogas, com a finalidade de esquecer a realidade. Eu sei que não era esse o motivo terapêutico de ter aqueles materiais ali, todavia não me importava muito, pois eu estava num estado maníaco, ou seja, as drogas não fizeram exatamente o efeito desejado. Então, pintei. Desenhei tudo que via naquele lugar árido de sentimentos e vida. Enquanto desenhava Mike espiava sobre meus ombros, perguntando o que significava isso ou aquilo já que meus desenhos iam além do que eu via, perpassava também pelo que eu sentia ao ver a cena da qual desenhava. Os médicos rapidamente perceberam meu estado maníaco não somente através da terapia obrigatória para todos os pacientes, como também pelo fato que acabei de te contar. Por isso me proibiram de desenhar e aumentaram a dose da minha medicação. Eu briguei veemente para conseguir minha arte de volta, até greve de fome eu planejei, os enfermeiros lutavam comigo para conseguirem me dar a medicação e quando um dia numa dessas guerras insalubres para ver quem ganhava os enfermeiros ou eu, um deles quebrou meu nariz, então Mike tomou a frente se antes pontuar que eu estava agindo como uma criança e realmente eu estava. Ele fez um acordo comigo que era eu poderia desenhar escondido de madrugada se eu tomasse os remédios sem escândalos. Eu concordei apesar de ainda achar que os medicamentos atrapalhariam minha criação, isto é, meus desenhos. Esse acordo foi até eu sair do hospital e eu fiquei no hospital até final de janeiro, o que deu uma quantidade substancial de desenhos. Apesar de não estar completamente muito satisfeito com eles, eu já podia sentir a cor do dinheiro que iria ganhar com todos aquelas artes e realmente ganhei, contudo não com a exibição dos mesmos. (Vou chegar lá, tenha calma com pressa e pressa com calma). Exprime-se, portanto, a ideia de que eu tive um tempo produtivo na ala psiquiátrica e se for ver, eu realmente fui produtivo, todavia como já foi dito anteriormente, os motivos pelos quais criava não foram nada saudáveis.

Em fevereiro já em casa uma professora de linguagem do desenho um e dois veio me visitar, seu nome é Sofia, e ela soube, um pouco tardio, por intermédio de Alessandro que eu estava muito doente, por isso não frequentava as aulas. Eu fiquei um pouco amuado por ela ter demorado tanto á vir me visitar, pois eu era muito próximo dessa professora, pelo menos eu achava que era. Ela explicou que pensou que eu tivesse abandonado o curso e somente teve conhecimento do meu estado quando se encontrara com Alessandro na cantina e como ele não estava indo á aula com frequência e ele também não tinha mais aulas com Sofia, ela não tinha como ter conhecimento do fato de eu estar enfermo. Eu acabei por entender os motivos dela e ao me dizer isto eu somente acrescentei com um sorriso amarelo “vida que segue”. Ela compreendeu minha colocação e não a levou para o lado pessoal. Nós conversamos muito, eu contei a ela minhas aventuras artísticas, a exibição que participara e por motivos óbvios não mencionei nada sobre minha vida libertina até o momento. Foi ela quem pediu para ver alguns de meus desenhos e eu expliquei que a maioria dos meus desenhos no passado contemplava mais a nudez e luxúria e que como não pude manter meu viés dissoluto, no sentido metafórico da palavra, eu usei o que podia, na medida em que via a realidade dissolver em meus olhos naquele hospital psiquiátrico. Ela riu de minha explicação e falou de modo carinhoso “deixe de desculpas, senhor artista”. Ao pegar meus desenhos Sofia agiu como se estivesse analisando uma obra de Frida Kahlo e não estou aqui, não mesmo, me igualando á uma artista tão completa como esta mencionada acima, o que quero dizer com isto é que ela analisava meus desenhos de modo profissional, esquecera-se da nossa amizade. Eu podia sentir isto nos meus ossos. Outra vez pensei em inglês e o original seria “feeling in my bones”.

Quando terminou seu estudo minucioso, ela ainda no seu personagem indagou “quanto você quer por todos esses desenhos?”. Eu fiquei desconcertado com aquela pergunta, mas rapidamente entrei no jogo e entrei com ganância de ganhar. Dito isto, já recomposto e pronto para faturar, eu respondi “três e quinhentos”, ela riu, fazendo-me achar que minha avareza fora um pouco além do esperado, todavia eu não transpareci isto e mantive a pose de um jogador confiante. O famoso “*poker face*”, ou seja, rosto de jogador de poker ao blefar. Esperei ela terminar de rir para ouvir sua resposta que me surpreendeu, ela disse “Assim eu lhe passarei a perna!”, saindo da sua interpretação de uma crítica de artes e voltando a ser a professora por quem eu tinha certo afeto. Após ter se expressado livremente, ela tirou os três mil e quinhentos da carteira, tudo em nota de cem reais. “Quem anda com tanto dinheiro na carteira” pensei e ela ligeiramente me respondeu como se lesse meus pensamentos, “você me pegou no dia de pagamento” e adicionou de um jeito brincalhão “sortudo”. Transação feita com sucesso, agora nós podíamos voltar à assuntos mais íntimos e foi nesse clima que Carol me contou sua história de vida, após eu lhe confiar com a minha. Você deve estar pensando “outra história de vida?” e perante tal colocação desanimada e também hipotética, dir-lhe-ei (adoro usar mesóclise) o porquê dessas histórias paralelas a minha, a resposta para isto é simples: Por que quanto mais exemplos de vidas “fora do padrão moralista” que eu puder coletar a fim de esclarecer-lhe melhor, e aqui repito o que transcrevi no começo desse texto, a diferença entre libertinagem e liberdade, além de ensinar-lhe a não julgar o próximo. É com esse objetivo em mente, transcrevo usando as palavras da minha professora, Sofia, sua história.

\_Mateus, meu querido, você se espantará com as coisas que vou lhe dizer neste instante e sua visão de minha pessoa se modificará com certeza, talvez isto nos torne mais próximos, além disto, penso que isto explicará a razão de eu ter comprado seus desenhos pelo preço no qual me pediu. Portanto, neste clima amigável e retribuindo sua confiança em mim, eu contarei minha história de vida. Fique à vontade para fazer perguntas. Bem, eu também fui uma artista antes de ser professora, mais que isto, eu fui uma artista renomada não só no submundo da arte.\_ fez uma pausa e continuou\_ Ao dizer tal fato sobre meu passado, eu espero que não o interprete como uma tentativa minha de inflamar meu ego ou diminuir o de ninguém, estou apenas expondo uma realidade. Você vai entender a razão de eu ter mencionado minha fama, porque, na verdade, esta é importante para o contexto da história.

\_ quando foi isso, professora?\_ disse com respeito

\_ AH! Meu filho,\_ falou de modo carinhoso\_ Isso faz uns dez anos atrás! Por acaso um dia eu estava no centro de São Paulo numa galeria qualquer e encontrei Paula, nós estávamos sentados num banquinho de madeira observando a obra cujo título era “morro da favela” de Tarsila do Amaral. Fizemos uma reflexão histórica, cultural e técnica da obra, ela era inteligentíssima e muito bela, apesar de até então achar que gostasse somente de homens. Depois ela me convidou para irmos a uma festa que estava acontecendo ali próximo, explicou-me ser uma comemoração com vários artistas e era uma festa particular, mas ela tinha me convidado mesmo assim.

\_ E você foi com uma estranha a uma festa assim?\_ perguntei interessado em sua história.

\_ Eu fui por vários motivos sendo eles: a energia dela era cativante, sua boca vermelha clara chamou-me atenção, seus seios mediados e carnudos e primeiramente seu intelecto. Estas foram às razões iniciais para eu ter ido com ela, contudo depois de á caminho da festa eu ter tomado um LSD da sua boca e ainda por cima no meio da rua eu comecei a perceber os outros aspectos que mencionei. Era a primeira vez, que tomava um LSD, por isso eu fiquei absorta nos meus pensamentos o tempo inteiro da festa, não falava muito e percebendo isso ela me ofereceu cocaína a fim de ativar a parte comunicativa do meu cérebro, após algumas linhas da droga, minha mente começou a girar e girar de um modo muito acelerado, então eu disparei a fazer o que fazia de melhor, a teorizar as coisas em minha volta e normalmente as pessoas me veem como prepotente por eu fazer isto, até demais e ela, ali naquela festa, me ensinou por intermédio de longos diálogos que a teoria era uma parte, mas não o todo. Assim à meia noite, nós fomos beber na Rua Augusta só eu e ela. Após eu mostrar meus desenhos para ela, já que naquele dia em especial eu estava com meu portfólio em mãos, ela me falou de um grupo de artista que moravam no meio da Floresta Atlântica e se eu quisesse visitar poderia ir tranquilamente, ela acrescentou “vai ter uma festa amanhã a noite lá e posso te pegar na rodoviária as sete”.

\_ E você foi?\_ indaguei curioso.

\_ Não só fui como passei dois anos lá! Mas vamos por partes. Paula foi me buscar com um vestido bem hippie da cor verde, usava uma colar de cipó com uma pedra avermelhada, pulseira do mesmo material e sandálias de couro já muito velho por sinal. Ela estava um espetáculo de mulher, pelo menos na minha visão, e as traças de seu cabelo mostravam seu pescoço tatuado. Sim, eu me esqueci de falar que ela era toda tatuada. Enfim, a viagem foi longa, mais ou menos cinco horas para chegarmos ao local e mais uma caminhada em floresta densa de meia hora para conseguirmos alcançar o acampamento. Senti certo medo, porém aos poucos podia ouvir uma música diferente de todas que já ouvi. Quando cheguei tinham pessoas tocando tambor, arpa, um violão e um violino, o restante estava dançando a música agitada em volta de uma fogueira enorme. Deveriam ter umas doze pessoas e todas elas eram mulheres e todas alucinadas. Ao me verem uma mulher que teria seus dezoito anos me cumprimentou e ofereceu o chá que fiquei sabendo depois que era chá de ayahuasca, sabe o que é?\_ balancei a cabeça negativamente, então ela explicou\_ Este chá são usados em alguns rituais religiosos e é um alucinógeno poderoso, mas ali estávamos usando somente para entretenimento. Bem, eu posso dizer que vi coisas maravilhosas e coisas repugnantes nessa onda da ayahuasca. Acordei encostada em uma árvore.

\_ E como foi morar lá?\_ perguntei ansioso.

\_ Calma eu vou chegar lá. Fui para casa e esqueci ou pelos menos fingi esquecer-me do que se passara naquela floresta, pois o alucinógeno em questão faz com que você questione sua vida como um todo. Todavia, um mês após esse acontecimento eu encontro de novo Sofia numa galeria de artes. Desta vez nós analisávamos uma obra de Di Cavalcanti e foi mais uma vez uma discussão saudável sobre a arte e a vida. Ela me falou de sua vida na floresta e como todas aquelas mulheres sofreram com o patriarcado, por isso moravam isoladas da sociedade. Eu a contei como fui violentada pelo meu próprio pai quando criança, um tio descobriu e acabou matando meu pai. A ideia de viver isolada com um grupo de mulheres começou a esquentar minhas ideias. Eu decidi passar um mês lá, então peguei minhas malas e fui com ela para a floresta.

\_ E como acabou ficando lá por todo esse tempo, professora?\_ indaguei ainda ansioso.

\_ Calma que vou chegar lá. Não é você quem diz calma com pressa e pressa com calma\_ nós rimos alto de sua piada e ela prosseguiu\_ olha, foi um mês intenso de muito aprendizado sobre o feminismo. Além de eu aprender muito sobre mim mesma com o chazinho sagrado. Sem contar às orgias que participei e as que eu fiquei como Voyeur, desenhando o que acontecia. Na realidade, eu passei boa parte do meu tempo lá como uma pesquisadora, isto é, observando e registrando por meio da pintura, tudo que eu via. Eu levei um tripé e vários quadros pequenos para justamente descrever por intermédio da arte tudo que eu iria presenciar. Essa é uma parte da minha história.

Fizemos uma pausa para fumar um Beck na sala e eu a ofereci um uísque que tinha ganhado de Lucas e ela aceitou, em seguida fomos para o quarto com a garrafa e os copos com a intenção de terminarmos nossa conversa. Meus maridos tinham deixado a casa para que eu e Sofia tivéssemos privacidade e a alcateia estava fazendo seus afazeres enfastiosos que eu graças à doença estava livre. Nesse momento do diálogo ela já estava sentada na minha cama à vontade e com o pé descalço descansando na cadeira. Ela ria bastante, repetindo que havia muito tempo que ela não fumava Cannabis e foi difícil fazer com que ela se concentrasse. Todavia, quando ela voltou à sua história, estava mais eloquente e bem mais extrovertida. Não demorou muito para ela se lembrar do momento no qual parou na sua narrativa, desse modo, ela prosseguiu sua história.

\_ Então, passou o mês e eu me descobri com uma mistura de sentimentos, criando um peso em minha mente, porque ao mesmo tempo em que eu percebi que eu encontrara um grupo no qual eu me encaixasse, existia comigo a ideia de contribuir com a sociedade, não exatamente do modo que está pensando, eu queria ser uma artista renomada, fazendo a diferença no mundo artístico do Brasil e para isso acontecer não podia ficar morando isolada do mundo. Contudo, Paula argumentou que eu poderia passar um tempo maior com eles, coletando ideias, pintando, participando do grupo de feminista e depois que já tivesse um número suficiente de desenhos, eu poderia publicá-los. Ainda disse que eu tiraria muito proveito da alcateia, e aqui uso sua metáfora. Assim passaram-se dois anos. Mas como nem tudo são flores, como você mesmo diz, nós vivíamos na floresta, ou seja, não havia nada do que uma casa tem, conseguintemente, o banheiro era a mata, comíamos o que a natureza nos dava, somente ás vezes alguém fazia compras na cidade próxima e assim por diante.

\_ Como ficou famosa? \_ indaguei novamente querendo me adiantar.

\_ Ah! Aconteceu deste modelo: um dia qualquer do ano de mil novecentos e noventa e sete, chovia copiosamente e fazia um frio ensurdecedor, eu me encontrava sozinha na barraca e o momento era bastante entediante para mim, ficar ali sem nenhuma atividade e sentindo frio, assim sendo, eu abri a mochila de Sófia e procurei por algum alucinógeno, foi quando achei dois LSD perdidos. Tomei-os e durante a onda eu um velho que me disse e repito suas palavras “Sua hora de brilhar chegou, deixe este lugar maravilho que lhe ensinou muito e vá para cidade, lá mostre seus desenhos a Alex Pinheiro, ele vai saber o que fazer”. Eu ainda sobre o efeito da droga em questão peguei minhas coisas e sai correndo pela chuva para esperar o ônibus que me levaria até a rodoviária.

\_E a alucinação estava certa?

\_ Sim. Eu procurei esse nome na lista telefônica e liguei duas vezes para casa dele, na primeira ele não se encontrava, mas na segunda ele me atendeu. Eu expliquei que eu era uma artista e tinha vários desenhos feitos num floresta junto a um grupo de feministas. Ao me perguntar como soube sobre seu nome, eu menti dizendo ter pesquisado na biblioteca municipal. Ele comprou minha mentira, falou que estava cursando doutorado em história e justamente sua dissertação era sobre o feminismo. Olha que coincidência e tem mais, ele me disse conhecer um dono de várias galerias que está querendo trabalhos com esse tema. Combinamos de nos conhecer e ele era espetacularmente lindo, com ele veio o dono das galerias paulistas. Tentando resumir ao máximo nosso encontro, o dono das galerias, Pedro, gostou muito dos meus desenhos, disse ser uma obra de arte e que, como todos falam, ganharíamos muito dinheiro juntos, mas desta vez ele não estava exagerando, eu ganhei muito dinheiro com meus desenhos, eram mais de trezentos desenhos, acho que bem mais. Foram muitas exposições e em todas eu consegui vender todas as minhas obras. Com o dinheiro, mudei-me da casa dos meus pais para um apartamento num bairro nobre de São Paulo, fiz algumas viagens internacionais, não me esquecendo das festas libertinas e, além disto, eu tive um namoro aberto com Pedro e namorava Alex, o primeiro sabia do segundo, contudo o segundo não sabia do primeiro.

\_ Isso durou quantos anos?

\_ Bem, duraram três anos. No ano de dois mil eu perdi Alex para cocaína, foi quando percebi que se continuasse a viver do jeito que eu quisesse, eu acabaria como ele, por conseguinte, eu me internei num hospital psiquiátrico a fim de me desintoxicar das drogas. Passei nesse hospital um ano inteiro e depois fiz mestrado e estou terminando o doutorado em artes. Fim.

\_ Então quando foi para a floresta já era formada em artes?

\_ SIM! Já era formada e estava desempregada.

Capitulo quatro:

Março foi um mês de criação e de um fato inusitado na minha vida. Aconteceu no dia em que nós, eu e Ale, estávamos sozinhos em casa, ele começou a falar sem parar sobre a religião umbanda, e que, na verdade, começou a me deixar muito curioso para saber como eram as suas cerimonias que de acordo com Ale se chamavam giras. Entretanto esperei pelo convite para não parecer muito intrometido e logo ele veio. Eu aceite, então, num sábado de março fomos para tal gira. Mas antes de explicar isto tudo eu tentarei resumir para você alguns conceitos que o ajudará a entender o que descreverei antes, durante e depois da gira. É crucial que preste bastante atenção aos fatos históricos e teóricos da religião, contudo não se preocupe não vou me estender muito nas explicações. Primeiramente, devo explicar que existe uma grande diferença entre o Candomblé, que é também uma religião afro-brasileira, e a umbanda. Por essa diferença ser extensa e não terei tempo de esclarecer-lhes todas elas, portanto, eu elucidarei somente que a religião da umbanda é uma religião urbana e cristã, influenciada pelas práticas religiosas das senzalas e traz consigo o sincretismo, isto é, como os escravos não podiam cultuar seus deuses que são chamados de orixás, eles fingiam estar cultuando os santos católicos, mas estavam mesmo cultuando um orixá. Por exemplo, ao cultuarem nossa senhora, cultuavam mesmo iemanjá.

Bem, num sessão Kardecista ou de mesa branca, que é outra religião cristã e eles seguem os ensinamentos de uma pessoa chamada Kardec, Zélio Fernandinho de Moraes, fundador da umbanda, recebeu um espirito, que consiste em alinhamento dos chakras do espirito e da pessoa, e este o pediu que saísse para pegar uma flor, quando ele voltou muitos médiuns, quem intermedia entre o mundo visível e invisível, estavam incorporados com espíritos de preto velhos e índios, o dirigente os repreendeu por achar que aqueles espíritos tinham pouco conhecimento, o que não é verdade, portanto, Zélio serviu de instrumento para um espirito, que era classificado como caboclo, criar a umbanda com intuito da caridade por meio desses espíritos que não foram aceitos na mesa branca.

Vou começar descrevendo o local e passo posteriormente para meus sentimentos durante o evento. O local era grande, já na entrada você deveria fazer o sinal da cruz para entrar e se ajoelhar para desenhar a cruz com as mãos no chão, ele disse que era o modo de pedir licença aos guardiões do terreiro, depois virando para a esquerda tinha a imagem de Ogum, ou para você entender melhor, o sincronismo desse orixá é São Jorge, e ao redor da imagem tinham flores, era muito lindo, lá pedíamos licença á esse orixá, do ladro de dentro bem na frente tinha um espaço grande de areia onde ficavam os médiuns da casa, ou seja, os membros que iriam incorporar, atrás tinham cadeiras de plástico para os consulentes e eram divididos entre homens e mulheres, por causa das suas energias serem diferente, foi isto que Ale me contou. Do lado de fora tinha um jardim muito bonito e mal acabado.

A gira era fechada somente para os médiuns da casa, porém como eu conhecia um deles e após pedir permissão anteriormente eu fui. Por ser, como disse, uma gira fechada eu fiquei sozinho na assistência, sentei na primeira fileira da frente. Começou a gira e o médium que a abrira recebeu o espirito que todos o chamavam de Zé, depois através de Ale soube que era Zé Pelintra e ele era um espirito da falange dos malandros, não é o que está pensando, significa que ele conseguia entrar e sair de qualquer situação sem prejudicar ninguém. Depois que ele se serviu de um copo de cachaça e de charuto, veio em minha direção. Eu curiosamente não senti medo, eu mesmo sem entender muito bem como um espírito poderia estar ali, consegui conversar com ele sem titubear. Ele me perguntou o que eu estava fazendo ali e eu o expliquei que vim conhecer, então ele saiu, foi orientar os outros para tocar em frente a gira, e quando estavam alguns já incorporados e outros cantando cantigas que eles chamam de ponto, Seu Zé voltou para conversar comigo. Nossa conversa foi extensa e aprendi muito sobre o universo espiritual com ele. Não que eu acreditasse em tudo o que ele me falou, todavia no instante em que a conversa foi para o lado pessoal eu pude entender que ali estava realmente um espirito e que não podia ser uma pessoa, porque ele sabia coisas da minha vida que ninguém sabia, passou pela minha cabeça de Ale ter contado algo, entretanto descartei logo essa possibilidade por ser improvável. Para entender melhor, ele, o espírito, era carioca em vida, por conseguinte seu sotaque era bem puxado para o carioca. Bem, a conversa homérica foi mais ou menos assim:

\_ Tu sabe o porquê de eu vir falar contigo?\_ perguntou-me ele

\_ Sei não, Seu Zé\_ disse com respeito.

\_ Porque eu e tu somos farinha do mesmo saco. Em vida, eu era amante da noite, das mulheres e jogos de azar. Ganhava tudo\_ ele ria e a cada gargalhada ele me cativava ainda mais\_ É, moço, e tu não pode culpar seus pais, o mundo ou quem quer que for porque eu mesmo minha família morreu tudo por causa de uma doença e eu fui fazer o que? Viver no meio da malandragem, eu era garoto de recado. E tu, moço, foi pro mundo por outro motivo\_ pegou outro charuto com a pessoa que o acompanhava e prosseguiu \_ Eu vou falar aqui esse motivo porque tu não acredita ainda na gente, mas no dia que tu chorava sozinho na cama por estar com saúde fraca eu estava lá pra tentar te consolar e o seu amigo John sou eu disfarçado porque tu não ia aceitar em mim do jeito que eu sou.

Neste momento eu já estava chorando copiosamente, soluçava de maneira constante e sem eu saber que Ale estava incorporado no Exu chamado Marabô, pois ele veio sem dizer uma palavra e enxugou minhas lágrimas com um pano que ele carregava nos ombro, pediu permissão ao Seu Zé para ficar na conversa, daí foi no momento em que ele falou que percebi que não era ele, porque sua voz estava completamente grossa e roca. Seu Exu Marabô se apresentou, disse que o menino dele, ou seja, Ale, não iria se lembrar de nada do que nós conversaríamos e eu acreditei, porque depois da conversa com Seu Zé não conseguia mais ter dúvidas sobre o assunto: espiritualidade, e ele me perguntou o motivo de eu estar tão emocionado. Contei a ele o que eu e Seu Zé conversáramos. Seu Marabô, então, de modo sempre pausado e muito educado pontuou o seguinte:

\_ Filho, Seu Zé não é o único que acompanha você. Porque você tem uma relação com meu menino e eu faço umas rondas quando meus companheiros estão trabalhando em outro lugar. O mundo espiritual não dorme meu filho, e quem protege você também não dorme. Nós, espíritos mais densos, andamos por todo lado, seja ele o da treva ou o da luz e por isso, meu filho, somos guardiões da lei divina. Por que estou te dizendo isso tudo? Porque todas essas doenças que você tem aí faz parte da lei de retorno e felizmente tal lei te deu mais uma oportunidade de viver. Dá pra entender, meu filho, o que estou dizendo? E digo mais. Posso continuar companheiro?\_ Depois que Seu Zé concordou, ele continuou\_ se você, meu menino e seu outro companheiro continuar a viver do jeito que vocês vivem a lei do retorno vai ser mais dura e ela pode levar para o mundo espiritual, vocês tudo e de uma vez só.

\_ Devo ti alertar.\_ foi á vez de Seu Zé falar\_ Moço, que não adianta ir pra esses lugares que trabalham os homens de branco\_ ele se virou para quem o acompanhava e para me explicar o que ele queria dizer com aquilo, que era hospital\_ Isso! Esse lugar ai mesmo! Então, não adianta ir sem a firmeza no coração e na mente de mudar, porque não vai valer de nada. Tu tem que ir com a certeza de que realmente quer mudar. Tu tá me entendendo, moço?\_ eu balancei a cabeça afirmando que o entendia perfeitamente­\_ Moço, não vou nem perguntar pra ti se tu quer mesmo mudar, mas tu promete uma coisa pra Seu Zé? Se tu realmente for pedir ajuda aos homens de branco, escreve um livro contando sua história de vida. E não ti esquece de falar do Seu Zé e seu companheiro Marabô, não\_ e deu uma gargalhada roca e bem alta

\_ Acho importante, meu irmão, \_ Acrescentou Exu Marabô\_ de que você é um malandro até hoje e tem muito orgulho de ser malandro, conta isso ai pra gente.

\_ É bem lembrando, meu irmão,\_ começou Zé Pelintra\_ eu aprendi a duras penas que eu não precisava machucar ninguém nem a mim mesmo pra ser um malandro. A arte do malandro e entrar e sair de qualquer situação seja ela boa ou má, mas sem danificar ninguém. Estar entre os que não têm luz e não se contaminar com suas ideias trevosas e estar entre os que têm luz e com eles aprender cada vez mais para galgar mais um degrau da evolução. O que quero dizer é: você não precisa apagar sua essência pra mudar algumas ações tuas. Tu pode andar entre as pessoas que tu ama e fazem coisas que tu não faz mais. É isso, moço, que eu tinha pra ti falar.

Eles voltaram para gira, eu não me lembro do que aconteceu e desta vez não por estar sobre efeito de drogas, porém por estar refletindo nessa conversa homérica que acabara de ter com as entidades. Minha cabeça estava ainda processando tudo aquilo, principalmente a parte de que John era, na realidade, Zé Pelintra. Não seria possível ele ter esse conhecimento já que Ale não sabia da existência dele e eu só chorara uma vez por causa da minha doença, foi na semana que descobri que estava infectado com o vírus do HIV, após isso aguentei firmemente sem soltar uma lágrima sequer. Aquele diálogo foi um dos arremates para minha resignação e eu realmente fiquei um longo tempo sem usar nenhuma droga pôr o mês de Março inteiro e frequentei mais cinco eventos religiosos da umbanda com Ale.

Como disse anteriormente, eu produzi baste neste mês, mas meus desenhos eram todos voltados à umbanda, pois em seguida a minha ida ao terreiro fiquei tão impressionado com tudo aquilo que acabei ficando fissurado pela religião. Eu lia livros sobre o assunto e usando minha imaginação e usando como base as descrições dos livros, eu fiz pintura dos orixás e entidades. Cheguei a pedir a Ale para conversar com Seu Marabô novamente, porém ele me explicou detalhadamente o motivo de não poder se incorporar fora do terreiro. Compreendi e pedi a ele para irmos novamente e nós fomos, só que dessa vez tinha muitas pessoas e eu iria fazer uma consulta com preto velho, entidade que em sua maioria foram escravos em vida, e vou especificar aqui minha conversa que novamente teve um impacto imenso em minha maneira de ver o mundo. O espírito, que se chamava Pai José de Aruanda, foi como sempre muito educado e tinha um jeito específico de falar e vou tentar transcrevê-lo com intuito de tentar fazer você sentir o mesmo que eu.

\_ fio, vosmecê teve uma vida muito difícil, não é mesmo, fio\_ disse preto velho ao me sentar no banco tosco em frente ao médium incorporado\_ e não vai adiantar esse nego velho pedi vosmecê tomar os banho necessário, né, meu fio. Esse nego velho sabe que prosa com os Exus foi boa pra burro e fez o fio pensá na vida que vosmecê leva, Mar também deixô um monte de miolos na sua cabecinha. Conta pra esse velho o que está passando nessa cabecinha sua. E troque Zambi por Deus tanto faz qual é tudo a merma coisa.

\_ Vô, eu fiquei perturbado com a ideia de Seu Zé ser o companheiro que sempre achei que fosse minha imaginação. Além do mais, eles disseram sobre a lei do retorno, eu gostaria que me explicasse um pouco sobre ela.

\_ Oiá, fio, vosmecê tinha é de estar feliz por ter um Exu como Zé Pelintra ao lado de vosmecê e para vosmecê entender a lei do retorno esse véio vai tentar explicar o que ele sabe que não é muito, viu fio. “O que se faz aqui na terra se paga”, essa é a lei. É assim no mundo espirituar e é igual no mundo da terra, os homens da lei, como chama mesmo, Fugão\_ perguntou ele ao seu combono, pessoa que acompanha a entidade, e ela respondeu policial\_ Isso. Os homens da lei é como o Exu, eles fiscaliza as pessoas que não estão seguindo a lei. O que esse véio quer dizer é: se vosmecê faz o mar vosmecê paga e se fizer o bem vosmecê recebe o bem. Essa é a lei do retorno.

\_Mas eu não fiz mal a ninguém?\_ indaguei.

\_ Você fez mar a si mesmo, não fez, meu fio? E Zambi te deu mais uma chance, não deu, meu fio? E porque vosmecê tá ainda no erro? Vosmecê tá desperdiçando a chance que Zambi te deu, esse veio que vos fala também ficou muito doente e esse véio sabe que fio ficou nervoso e achou que Zambi tinha se esquecido de vosmecê. Quando, na verdade, Zambi te deu uma oportunidade para muda. Tá na hora do fio aceita e tomar as rédeas da vida do fio. Vosmecê é o único responsaver por ela e só vosmecê quem controla a vida de vosmecê. A vida é preciosa e Zambi deu ela pra todos fio de terra pra eles aprender com ela. Esse véio fica triste quando os fio de terra não aprende e cai no mesmo erro um, duas, três...\_ neste instante percebi uma lágrima cair dos olhos do médium\_ Liga pra esse véio não, né fugão\_ disse olhando para o combono que consentiu com a cabeça\_ Mar fio, ouve esse véio, procura os homens de branco, esse povo pode te ajudar.

\_Vô, o que acontece comigo se eu morrer e for para o mundo espiritual?

\_ Nem queira saber, fio. Mar esse véio pode te dizer uma coisa: você é um suicida, meu fio e coisa boa não acontece com suicidas do lado de cá.

\_ Suicida? Como assim, vô?

\_ Sua ação, meu fio, é merma de um suicida. Vosmecê entendeu, meu fio?\_ consenti com a cabeça\_ Esse veio recebeu autorização pra te dizer, fio, que não é a primeira vez que vosmecê é suicida, em outras vidas vosmecê também foi suicida. Esse veio só esta dizendo isso pra vosmecê desta vez aprender e receber de braços aberto essa oportunidade que Zambi está te dando.

\_ Minha relação com Deus não é tão boa assim\_ fui sincero com a entidade.

\_ Oxe fio, como tá sua relação com suas entidades?\_ perguntou ele

\_ Não sabia que tinha.

Antes que eu acrescentasse algo, o espirito por meio do médium pegou em minhas mãos firmemente, chegou bem perto do meu ouvido e falou algumas palavras em outra língua que depois fiquei sabendo ser ioruba, eu comecei a sentir um peso muito intenso em minhas costas, então, comecei a curvar meu corpo, estava sentindo um calor sobrenatural e minhas mãos estavam geladas, ao me curvar completamente, minha voz tinha se transformado completamente, percebi, pois agradeci, na realidade, o preto velho que trabalha comigo, agradeceu. Já montado em mim, o preto velho por meio do meu corpo iniciou um passe, que consiste em energizar a pessoa, ele eslava o dedo ao redor de meu corpo todo, sacudia as pernas da minha calça veemente e passava a mão na minha cabeça, arrastando meus dedos pelos meus cabelos, como se estivesse tirando algo e realmente estava. Terminado os trabalhos, ele desmontou de mim e voltei ao normal.

\_ nego veio não precisa nem te dar um passe, né fio? Vosmecê tá bem?­\_ disse que sim e ele continuou\_ Bom, meu fio, esse nego veio fez tudo que ele pode pelo fio. falei até demais. \_ e riu uma risada gostosa.

Fui para casa sentindo-me completamente aliviado, parecia que o preto velho, que trabalha comigo, tirou um peso das minhas costas e a conversa com Pai José de Aruanda foi bastante esclarecedora. Eu estava tão imerso neste mundo que não duvidava de nada do que acontecera, achei prazeroso incorporar e as conversas com as entidades sempre eram de bom proveito para mim. Para ser bem sincero eu me sentia em casa no terreiro, porém não me ligaria ao mesmo sem mudar meus comportamentos por completo, eu não via como Ale conseguia fazer isto, mas respeitava-o.

 Capítulo quatro:

Chegamos finalmente em abril e acho que se lembra de que foi o mês da gota d’água, o mês que disse basta para a vida que estava levando. Isso aconteceu um dia antes de eu ter uma exposição importante que acabei não comparecendo devido ao ocorrido, pois me abalara muito, portanto resolvi ficar em casa meditando no episódio. Antes de relatar o sucedido, quero dizer-lhe que não foi somente este fato que me fez mudar de vida e tentar sair das drogas por completo, também se deve levar em consideração a morte do garoto que morreu em nossa cama, todas as conversas que tive com as entidades da umbanda e minha ligação profunda com a religião em questão. Tudo isso também teve um peso na minha decisão, porém o que vou lhe relatar foi para mim de uma profundidade, que até perco os sentidos das palavras. Foi penso ver uma pessoa com tudo na vida, perdê-la assim por minha causa. Talvez eu esteja exagerando, contudo, foi o que eu senti na hora.

Lembra-se de Pedro da festa? Então, ele veio me visitar em uma noite de três de março de dos mil e cinco, lembro-me da data como se fosse ontem e ele queria conversar com os três, Carlos, Alessandro e eu. Disse ser uma conversa particular, por tanto, fomos ao nosso quarto. Sentamos na minha cama e Pedro na cadeira que ficava na frente da cama. Oferecemos-lhe Cannabis e ele negou, pediu para que não fumássemos, porque o assunto era de muita gravidade. Ficamos um pouco tensos por não sabermos ainda o que era. Ele foi muito direto no que queria dizer e pontualmente falou “Eu sou soro positivo e peguei naquela festa”.

Eu sabia que tinha mais gente na nossa cama aquele dia, porém a possiblidade de eu ter infectado ele ou mais pessoas que participaram da orgia era um fato perturbador. Eu fiquei um bom tempo sem saber o que dizer, Carlos pontuou que tinham mais pessoas na cama conosco e ele respondeu que a outra pessoa que estava na cama conosco estava morta. Aquilo intensificou a conversa, ele tinha razão, fui realmente eu quem o infectara. Eu estava me sentido muito mal, meu corpo estava todo gelado, experimentava uma dormência no meu corpo inteiro e não conseguia falar nada, mesmo que tentasse dizer algo, não saia nada da minha boca. Comecei a chorar copiosamente sem me importar com Pedro ou meus maridos e diante desta cena Alessandro pediu para que o nosso convidado se retirasse.

Eu não conseguia me segurar entre choros pedi para que ligassem para meu psiquiatra com objetivo de me internar novamente por depressão. Eu sabia que ela estava à espreita e como estava num momento frágil da minha vida não deixei que ela tomasse conta do meu estado mental, pensando nisto queria ser internado. A ambulância veio após algumas horas e eu ainda estava chorando. Entre choros pedi para que trouxessem o computador para mim. Por causa do choro, os enfermeiros tomaram a decisão de me sedar. Acordei somente no outro dia no mesmo quarto da mesma ala psiquiatra de sempre. Acordei com Mike berrando “Vamos acordar, cinderela”, ele abriu o as cortinas e ainda meio tonto falei em alemão “você não trabalha anoite?”. Ele riu e explicou que tinha trocado de turno para ir a uma festa de casamento.

Olhei o arredor e percebi que o computador de Alessandro estava na mesa do quarto, sorri. Eu não levantei da cama aquele dia, estava me sentindo muito indisposto. No momento em que Mike saiu do quarto, apareceu sentando na cadeira que ficava ao lado da cama, Seu Zé Pelintra, agora ele vestia-se como eu o via nas fotos dos livros de umbanda, usava um terno todo branco, uma gravata vermelha e um chapéu arredondado, com uma fita ao redor dele, continuava fumando seu cigarro e com um copo de cachaça na mão. Perguntou se eu gostara de seu novo visual e acrescentou aquele estava muito macabro. “e aí, moço, como tu passa?” ele indagou, eu respondi que não estava indo muito bem e que a notícia de eu ter infectado alguém foi muito penosa para mim e por esse motivo estava ali.

“Moço, não há vergonha nenhuma em pedir ajuda aos homens de branco” ele tentou me confortar. “Tô vendo a máquina de escrever dos homens está aqui, pensa em fazer aquilo que lhe pedi?” ele falou num tom carinhoso, eu afirmei com a cabeça positivamente, ele deu sua gargalhada e adicionou “então tu pensa em mudar de vida?”, explique-lhe que falaria com os médicos para também tratarem da minha doença que era o vício, esperaria pelas respostas deles. Ele bateu palmas e fez uma reverência, tirando o chapéu literalmente para mim. Em seguida manteve-se ao meu lado, fumando seu cigarro, sem dizer uma palavra por um bom tempo e antes de ir embora me informou que iria ficar um tempo sem aparecer, mas não explicou o motivo. Falou também que minhas entidades estariam comigo e talvez aparecessem para mim.

Eu falei com os médicos no dia seguinte o meu desejo de me livrar das drogas e dei todos meus motivos de modo honesto, eles me informaram que teria que ir para um hospital particular, pois eles não faziam aquele tipo de trabalho. Agradeci e teria que conversar com meus maridos para conseguir que eles ajudassem a pagar meu tratamento. Esperei ansiosamente o dia de visita e quando este dia chegou, sentei com eles e disse que estava com o desejo de me “curar” das drogas, esclareci todas as razões pelas quais queria para de usar e eles foram muito compreensivos como sempre.

Foi acordado que eles pagariam uma clínica particular para mim, usariam um pouco do dinheiro que ganhei com a exposição de arte e o restante eles pagariam, também sairíamos da casa que estávamos por motivos óbvios, o uso de álcool e entorpecentes era em abundancia e não poderia ficar num ambiente como este se realmente estava disposto a não usar mais. Desta vez eu saí rápido do hospital e rapidamente foi para uma clínica psiquiatra particular. Lá as regras eram diferentes, eu podia fumar, podia levar papeis e o computador, essas são as normas que mais me chamou atenção.

Todo dia nós somos obrigados a levantar ás seis da manhã, tomar café da manhã, depois ir para o estúdio de artes, ao terminarmos temos uma sessão com o psicólogo do local, à tarde ficamos livres e nesse momento eu redigia esse texto até a noite na hora da janta e como eu estava redigindo um texto sobre minha vida, os médicos acharam isso tão interessante que me deixaram dormir um pouco mais tarde que os outros. No final de semana o ritmo é diferente, nós acordamos às oito, tomamos nosso desjejum, fazemos ioga com uma profissional, após a atividade física vamos para o estúdio de artes e como sempre temos a tarde livre. Agora que estou acabando este prologo não tenho a mínima noção que vou fazer com meu tempo livre, talvez escreva outro livro com a continuação da minha vida.

Bem, esse é o fim da jornada longa e tenho a esperança de que ela não fora fatigante para você, meu filho, tenho a expectativa de que tirou algum proveito desta história e alguma lição da mesma. Prometo ao sair dessa clínica ir visitá-lo e até lá já recebera e lera esta história. Estou ansioso para saber o que pensa sobre isso tudo que eu vivi. Por enquanto é isto que tinha a lhe dizer e vou encerar com um parágrafo curto, pois já posso sentir as lágrimas escorrendo em meu rosto. Mas antes que me esqueça: fique com Zambi e que ele te protege a guarde.

Ass: com amor, seu pai.